



# CONVERSÃO

STANLEY JONES

*Que é conversão?  
Como se dá a conversão?  
Quais são os seus efeitos duradouros?*

Imprensa Metodista 1984

Título desta obra em Inglês: CONVERSION.  
Copyright da Abingdon Press, Nashville, Tenn., E. U. A.

Traduzido e publicado em português com a devida autorização.

Tradução:  
*Messias Freiree Alice Gerab Labaki*  
Capa: *Lair Gomes de Oliveira*  
*Marta CerqueiraLeite Guerra*

Composto e Impresso na IMPRENSA METODISTA  
Av. Sen. Vergueiro, 1.301 - São Bernardo do Campo – SP

## ÍNDICE

### Prefácio

- I - A necessidade da conversão
- II - A natureza da conversão
- III - A conversão do eu
- IV - A conversão do Nosso Amor Próprio
- V - Os casos reais de conversão
- VI - Os frutos da conversão
- VII - O efeito da conversão sobre a saúde
- VIII - A conversão de Nossas Palavras
- IX - A conversão e a Educação Religiosa
- X - O Como da conversão
- XI - Podem os que se desviaram converter-se novamente?
- XII - O cultivo da conversão
- XIII - Como ajudar aos outros a se converterem?
- XIV - O Espírito Santo na conversão
- XVI – Epílogo

## PREFÁCIO

Perguntei a Srinavasa Shastri, um dos grandes homens da Índia , talvez o maior homem da atualidade na Índia , depois de Mahatma Gandhi e Jawaharlal Nehru: "Senhor Shastri, participa o senhor do ceticismo de Poona?" A cidade de Poona e os seus arredores são a parte mais cética da Índia . Ele me respondeu: "Não sou religioso, mas não sou irreligioso. A religião não é real para mim. Eu gostaria que fosse. Não tenho uma centelha divina para dar aos Servos da Sociedade Hindu, da qual sou o cabeça. O meu coração é cinza. Mas parece-me que a religião é real para o senhor. Como se torna ela real?". Então contei-lhe a minha conversão; e, quando terminei, ele me disse, pensativamente: "Sei qual é a minha necessidade; necessito de conversão. Preciso encontrar a conversão para mim, ou então aquecer o meu coração junto ao de alguém que já foi convertido."

Esta revelação feita por um grande e nobre hindu é o tirar do véu que cobre a alma do homem moderno tanto no Oriente como no Ocidente. O quadro da alma do homem atual foi pintado por Jesus, quando disse que o espírito imundo deixou um homem, e, quando voltou, achou-o "varrido e guarnecido" - e "vazio". A alma do homem moderno está varrida de muitas superstições, guarnecida com muitas coisinhas do conhecimento científico e de muitas utilidadezinhas que a ciência lhe proporciona, mas vazia de vida real. Ele sabe tudo a respeito da vida, exceto como vivê-la. Ele está cheio de confusão mental e num caos espiritual. Ele está vazio de um meio positivo de vida. Ele necessita de conversão.

Esse mesmo Sr. Shastri, presidindo uma reunião de cristãos e não-cristãos em que eu falei, disse na abertura: "Sempre sabemos de onde parte Stanley Jones. Se ele começar com o teorema do binômio, ele começará na parte da conversão".

Duas coisas se destacam nestas afirmações do Sr. Shastri: |  
1) Os homens modernos, mesmos os mais elevados e mais nobres, estão, na maior parte, vazios. Passou-se o que era velho e o que é novo ainda não lhes nasceu. 2) A inevitabilidade da Conversão. Comece-se ande se quiser neste assunto chamado vida, até mesmo no teorema do binômio, e ter-se-á, de começar com a necessidade da conversão. O que o homem, não o

oriental ou o ocidental, mas o homem como homem em si, precisa é de conversão.

A tese deste livro se fundamenta nestas duas coisas. O homem da atualidade está vazio e necessita de conversão e a conversão é inevitável.

A urgência da conversão se encontra na velocidade em que a vida se dirige para a construção ou para o caos. Todos os antigos horários estão antiquados. Quando perguntaram ao meu neto Stanley, aos três anos de idade, que queria ele ser quando crescesse, ele respondeu sem hesitação: "Quero ser um chimpanzé, sentar-me numa árvore e comer bananas". Quando aos seis anos lhe fizeram a mesma pergunta, ele respondeu novamente sem hesitação: "Quero ser um astronauta. Quero descobrir o que está lá no espaço". A vida moderna avança na velocidade em que se vai de chimpanzé ao astronauta em três anos. A dificuldade é que o astronauta, com toda a sua, inteligência, ainda tem a alma de um chimpanzé. Ele está manejando vastas forças, com grande mas não está preparado moral e espiritualmente para manejá-las. O astronauta jogou fora a banana e está agora mascando estopins de dinamite. Ele pode fazer explodir a si mesmo e a nossa civilização. Ele precisa de conversão.

Estamos cada vez mais convictos de que a conversão é uma necessidade, mas será necessário um outro livro sobre isso? Têm aparecido alguns grandes livros sobre a conversão; por exemplo "*O fato da conversão*", por George Jackson, e "*Homens nascidos duas vezes*", por Harold Begbie. Mas os livros de Jackson foram escritos com base numa cultura existente há mais de uma geração. Essa cultura mudou agora, e somos tentados a dizer que mudou completamente. As necessidades básicas são as mesmas, os fatores do ambiente em mudança produzem áreas de necessidades não sonhadas por uma ou duas gerações passadas. O que pensávamos que era seguro nos dias passados está completamente ultrapassado; não somente nos ácidos do pensamento moderno, mas também nos ácidos dos fatos dos nossos dias, como, por exemplo, a descoberta da energia nuclear. O homem atual sente-se despido, nu, sozinho, destituído de amparo cósmico. Tem a conversão qualquer relevância para ele?

O livro de Begbie se baseia na teoria das conversões das pessoas arruinadas e transviadas. E é uma teoria gloriosa! Mas enquanto que

essa área de necessidade ainda existe, essa necessidade transferiu-se para as camadas chamadas dos respeitáveis - entre os desviados lá de cima. A necessidade desta classe é tão grande ou ainda maior do que a daquela classe que está em necessidade visível. Pois atrás desta fachada de respeitabilidade existem conflitos e temores e apenas um vazio completo que é aterrorizante. O homem atual recusou-se a viver com Deus, e agora não pode viver consigo mesmo. Os consultórios médicos estão cheios de pessoas desmanteladas, que estão transportando as doenças da sua mente e da sua alma para os seus corpos. Os consultórios dos psiquiatras vivem ainda mais cheios, incluindo muitas vezes o próprio psiquiatra. Disse um proeminente cirurgião: "Aquele psiquiatra é o único psiquiatra realmente integrado que já vi". Esta é uma afirmação obviamente exagerada. Mas o homem descrito arruinou-se e esgotou-se e foi para um sanatório quando a experiência religiosa que o havia sustentado se desmantelou. A psiquiatria pagã está mostrando mais e mais ser inadequada para tratar daqueles que estão em ruína mental, para curá-los de maneira completa e duradoura. Os psiquiatras cristãos estão levando a melhor.

Quando nos voltamos para os assistentes sociais profissionais descobrimos que eles estão, na maioria das vezes, tratando com as pessoas e procurando curá-las através desse profissionalismo. Esse método fracassa. Falei a cerca de 500 desses profissionais, e quando lhes fiz a pergunta: "Não são os senhores problemas lidando com problemas?", eles tanto riram como me perguntaram: "Como descobriu o senhor isso?" Foi fácil; os seus rostos mostravam mais conflitos do que tranquilidade. Podíamos ver que pertenciam mais à doença do que à cura. A duração média do serviço da assistente social profissional é de cerca de sete anos. A sua motivação e os seus recursos, a menos que sejam sustentados pela experiência religiosa, à medida que enfrentam, dia a dia, as necessidades humanas aterrorizantes. Então abandonam esse trabalho e vão fazer alguma outra coisa. Usando os seus próprios recursos eles perdem a batalha. Conhecimento eles têm, mas não possuem os recursos internos.

Quando nos voltamos para a Igreja encontramos uma situação melhor, pois, ela é, apesar de todas as suas falhas, a maior instituição servidora sobre a terra. Ela merece muitas críticas, mas não tem rivais na obra da redenção humana. Ela possui uma motivação e um poder que a sustenta na sua marcha em face da oposição, da indiferença e da falta de apreciação. Peguei o meu jornal na Índia e o cabeçalho dizia: "Necessita-se do Espírito Missionário". E isto vinha do prefeito comunista

de uma grande cidade hindu. Na inauguração de um *Kshatriya*, um colégio, o presidente disse: "Precisamos torná-lo um colégio realmente cristão." Um governador hindu disse a um médico, também, hindu, encarregado de um leprosário: "O senhor está fazendo um pouco do serviço realmente cristão aqui". Repito que a Igreja é susceptível de muitas críticas, mas não encontra rivais na obra da redenção humana. Mas - e esse "mas" é grande - e importante! Cerca apenas de um terço dos membros das igrejas é responsável por este ataque redentor à alma da humanidade. O resto está passeando. Tenho dito freqüentemente a congregações, no país e no exterior, que esses grupos podem, provavelmente, ser divididos em três classes: um círculo interior para quem a religião ocupa o 1º lugar, é vital e capaz de mudar a vida. Ela dá um alvo e o poder para alcançá-la. Ela purifica a culpa do passado, concede recursos adequados para o presente e confiança no futuro. Faz a vida ter sentido e valor. Deus não é um nome, mas uma realidade viva. Eles chamam Jesus de Salvador, pois Ele os salva agora do pecado e daquilo que não querem ser para aquilo que querem ser. A religião liberta o seu amor para com as necessidades humanas, dá-lhes uma alegria indizível e cheia de glória e uma paz eterna em meio à mudança das circunstâncias. A sua conversão é real e está operando.

Ao redor deste grupo interior está um segundo grupo para quem a religião não ocupa o 1º lugar e sim o segundo. Eles tiram a sua fé das coisas que os cercam: dos livros, do trabalho, dos parentes e dos costumes sociais. Tirem-se-lhes estas coisas e eles fracassarão. Por que é, por exemplo, que nos Estados Unidos a porcentagem média das pessoas que pertencem à Igreja é, em geral, de 62% no interior do país, enquanto que na costa ocidental essa média é apenas de 24%? A resposta é simples. As pessoas que foram da costa oriental e do interior do país para a costa ocidental tinham, em muitos casos, um tipo de fé de segunda mão. Quando os fatores ambientais que sustentavam a sua fé lhes foram tirados, eles não possuíam contato com Deus, de primeira mão, suficiente para sustentar-lhes na força da transplantação de maneira que sucumbiram. Um pouco mais de um em três tinham o que se chama espiritualidade. Esse grupo com fé de segunda mão não tinha aquilo que precisa ter. Eles criam em Deus, mas não o conheciam. Tropeçavam de evento em evento, guiados apenas por meia luz sem liderança. Sentiam-se frustrados e vazios. Um banqueiro ficou cego. Era membro de uma igreja, mas a sua religião era apenas de segunda mão, superficial. De maneira que ele ficou frustrado. Ele me disse que era igual a uma caricatura (que ele havia visto) de um macaco montado num cachorro segurando uma bengala em cuja ponta estava amarrado um

pedaço de carne que ele mantinha à frente do nariz do cão. O cachorro estava exausto. Assim ele também estava, disse-me, na sua busca de Deus, mas sem jamais encontrá-lo. Este segundo grupo está frustrado, insatisfeito.

O terceiro grupo está ainda mais distanciado da realidade. Eles não têm fé, quer de primeira, quer de segunda mão. Mas ficam na Igreja, completamente vazios. Alguém disse com humorismo que a Igreja, está cheia de pessoas vazias. Há um pouco de exagero nisto, mas a afirmação contém verdade suficiente para ferir. Isso é certamente verdade com referência a este terceiro grupo, e isso é sério. Pois quando Deus se afasta, o alvo desaparece; quando o alvo, o objetivo vai-se embora, o sentido também vai; quando o sentido vai, o valor também vai. Então a vida fica morta nas suas mãos. Vivem como almas mortas num universo morto; e, no entanto, são compelidos a viverem aparentemente.

De modo que apenas cerca de um terço das pessoas dentro da Igreja sabe o que é conversão num sentido vital. Os outros dois terços precisam de conversão.

Nestes dois terços que necessitam de conversão encontram-se pastores, professores da Escola Dominical, oficiais e bispos. O Metropolitano da Índia, o bispo chefe da sua denominação, disse numa das minhas reuniões: "A vida começou para mim aos 72 anos de idade". Até aos 72 anos ele era um clérigo respeitável, de moral, devotado, mas não convertido. Os dez anos seguintes da sua vida foram de frutos incomensuráveis; foram mais frutíferos do que os 72 anteriores. Um outro bispo de uma denominação disse, após a sua aposentadoria:

"Estou vazio e frustrado". Tirado da situação de publicidade e na qual ele era o centro das coisas, descobriu que nada possuía para sustentá-la. Ele necessitava de conversão.

Nos nossos Ashrams, no oriente e no ocidente, nessas ocasiões de retiro espiritual, começamos com aquilo que chamamos de "A manhã do coração aberto", na qual dizemos as nossas necessidades. Perguntamos: "Por que vieram? Que querem? De que necessitam realmente?" Nós lhes dizemos que eles não são obrigados a dizer as suas necessidades, que não estarão fora da nossa comunhão se não o fizerem, mas que tanto eles como nós seremos mais pobres se não o fizerem. Além disso, chamamos-lhes a atenção para o fato de que se

eles agirem como se não tivessem necessidades, então ficamos sabendo de que têm a maioria delas. Eles necessitam de ver e confessar as suas necessidades. De maneira que os vemos confessá-las alegremente numa comunhão de confiança. Damos 4 ou 5 horas a esta catarse. A reação de um membro que escutou isso pela primeira vez foi esta: "Céus! temos todas as pessoas desmanteladas do país aqui presentes?" A minha resposta foi: "Não, aqui está uma parte ruim da vida da Igreja revelada honestamente". Na igreja comum, isso é suprimido pela respeitabilidade, pelo desejo de parecermos melhores do que realmente somos. Aqui nos Ashrams temos aprendido a sermos simples, honestos e reais. Mas espere até o último dia: "A manhã do coração transbordante", e o Senhor pensará que temos aqui todas as pessoas transformadas do país. Pois de 95 a 98% saem transformadas e radiantes - convertidas!

Parece que, neste prefácio, desviamos a necessidade de conversão para o respeitável, começando com um hindu altamente respeitável, e terminando com uma fila de membros e líderes da igreja. Será que nos desviamos das necessidades dos que estão arruinados? Não, este livro estará cheio de casos de conversão dos arruinados nas baixas camadas, tanto quanto de casos de convertidos dos arruinados das altas camadas e daqueles que permeiam estes dois extremos em todos os seus graus, incluindo jovens e crianças. Uma jovem, babando de alegria por ter encontrado há pouco a experiência da conversão, perguntou-me recentemente: "Não vai o senhor escrever um livro para os jovens?" Ao que respondi: "Não estou certo se poderei fazê-lo. Isso exige inteligência! Mas no meu próximo livro - o livro sobre a conversão - levarei em conta os jovens". Ela saiu satisfeita com isso.

Este livro é dirigido na direção da necessidade humana da conversão onde quer que ela se encontre: dentro e fora da igreja, entre os respeitáveis e os miseráveis, os cristãos e os não cristãos, os moços e os velhos, os intelectuais e os não intelectuais, os de moral e os imorais; ele é dirigido à necessidade humana e essa necessidade é universal.

Estes casos de conversões e estas observações a seu respeito e as deduções tiradas dos mesmos foram colhidos em quase todos os países e classes sociais do mundo durante um ministério evangelístico durante mais de 50 anos. De maneira que esta não é uma discussão abstrata a respeito da conversão e da sua necessidade teórica; é uma revelação de como essa experiência opera maravilhas nas vidas

humanas mudadas em todos os climas, em todas as classes e em todas as raças. Ela vai dos intelectuais, dos milionários e dos diplomatas aos canibais da África e a todos os tipos entre esses dois extremos. O fato da conversão somado a tudo na vida abre uma possibilidade estonteante. Não somos destinados pela hereditariedade, pelo ambiente, pelos hábitos, pelo nosso subconsciente ou pelo nosso passado a permanecermos naquilo que somos. Podemos ser mudados, convertidos, aqui e agora, em qualquer idade, com qualquer cultura, em qualquer ambiente, e com seja o que for que haja sido reunido no passado e seja qual for a mistura do presente. Deus tem uma resposta e essa resposta é a oferta da conversão.

Certa mulher disse na "hora do coração aberto": "Estou quase a ser transformada na espécie de pessoa que eu não quero ser". Alguns já foram transformados, alguns estão para ser, e alguns estão na iminência de serem. Mas ninguém precisa permanecer no que é ou no que está para ser, pois a porta da mudança está aberta - conversão. E nenhuma pessoa ou coisa pode impedi-la de entrar por essa porta, exceto se você mesmo recusar a fazê-la. A conversão é a necessidade de Deus para a necessidade do homem.

E. Stanley Jones

## Capítulo I

# **A NECESSIDADE DA CONVERSÃO**

Dividimos a humanidade em muitas classes: brancos e de cor, ricos e pobres, educados e não educados, americanos e não-americanos, orientais e ocidentais. A juventude japonesa atual divide as pessoas em "molhadas" e "enxutas". As "molhadas" são aquelas que observam os costumes e a moralidade e as "enxutas" são as que se comportam como querem. Mas Jesus traçou uma linha através de todas estas distinções e dividiu a humanidade apenas em duas classes: os não convertidos, e os convertidos, os que nasceram uma vez e os que nasceram duas vezes. Todos os homens vivem num ou no outro lado dessa linha. Nenhuma outra divisão tem importância; esta é uma divisão que divide; é uma divisão que vai através do tempo e da eternidade.

"Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus. (Jo 3.3). "Se não vos converterdes e não vos tornardes como criancinhas, de modo algum entrareis no Reino do Céu." (Mt 18.3).

Que queria Jesus dizer por "nascer de novo" e "converter-se"? Ele, certamente, queria dizer alguma coisa muitíssimo importante, pois, o tê-la ou não tê-la divide os homens, todos os homens, no tempo e na eternidade. Faremos num outro capítulo uma exposição sobre a conversão e o novo nascimento. Antes de prosseguirmos precisamos desfazer uma confusão que existe em muitas mentes entre proselitismo e conversão. Eles são a mesma coisa para muitas pessoas, mas, no pensamento de Jesus, não se pode ir além disto: Ele rejeitou um e insistiu sobre a outra. Ele disse aos líderes religiosos daquele tempo "Rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós". Ele rejeitou esse esforço por conseguir números que apenas se somavam ao seu egoísmo coletivo - um processo essencialmente irreligioso. Pois o proselitismo é o mudar-se de um grupo para outro sem qualquer mudança necessária de caráter e de vida. É uma mudança de rótulo e

não de vida. A conversão, do outro lado, é mudança de caráter e de vida seguida por outra mudança exterior de fidelidade correspondente à transformação interior. Um hindu me disse um dia: "Eu me batizarei se o senhor me der 20 mil rupees e um bom emprego". Então lhe respondi: "Meu irmão se o senhor me colocasse 20 mil rupees nos pés e me dissesse: batize-me, por favor, eu o recusaria; mesmo o senhor!". Proselitismo e conversão são pólos opostos, e o confundi-las é degradar a conversão - a coisa mais preciosa que a vida mantém. É o mesmo que confundirmos o amor com a lascívia, a beleza com a feiúra, a vida com a morte.

Além disso, o confundirmos o se ser convertido com o estar dentro da Igreja e o não ser convertido com o estar fora da Igreja é cairmos no mesmo erro fatal. Pois Jesus frisou esta necessidade de nascer de novo a Nicodemos, um altamente respeitável "professor de religião de Israel". Por que disse Ele isto tão diretamente: "Necessário vos é nascer de novo"? A razão era obviamente que Ele viu Nicodemos vir sorratamente, à noite, olhando deste e daquele lado, com medo de que as pessoas espalhassem que ele havia vindo ver este jovem perturbador do "status quo". Nicodemos tinha como centro o povo ao invés de Deus. Alguns estão centralizados em si mesmos, alguns no povo e alguns em Deus. Nicodemos pertencia a uma combinação dos dois primeiros e não ao último. De modo que Jesus teve de colocá-lo, com gentileza, no lado daqueles que não vêem o Reino de Deus.

Mas foi essa uma divisão arbitrária imposta sobre a vida, imposta por um Fanático Gentil? Ou não impôs Jesus alguma coisa sobre a vida, mas expôs alguma coisa que está fora da vida? Diz a vida também: "Necessário vos é nascer de novo" e "se não vos converterdes não podereis entrar no Reino de Deus?". Está a vida pronunciando o mesmo veredito que Jesus pronunciou há dois mil anos? E com uma insistência e um a pelo crescente?". Vá você escutar o que é revelado nos consultórios médicos onde os desmantelados estão transferindo as doenças de suas mentes e de suas almas para os seus corpos; ao que os pacientes estão dizendo aos psiquiatras aos lhes revelarem a sua confusão mental, emocional e espiritual; ao que jaz atrás da fachada de respeitabilidade nos lares onde os conflitos maritais levam os cônjuges a gangorra à beira da exaustão e da separação; ao que os patrões e os empregados estão dizendo à medida que as suas relações pioram até atingirem a hostilidade e o conflito aberto; ao que pais e filhos dizem quando os pais não-convertidos ficam irritados até o descontrole ao verem os filhos praticarem os pecados que eles mesmos praticam; ao

que os representantes de nações, centralizados em si mesmos e egoístas, estão dizendo inconscientemente à medida que tropeçam de fracasso em fracasso procurando acordos - acordos esses que afetam o destino de todos nós; ao que estão dizendo silenciosamente muitos que estão com o coração cheio de uma caceteação aterrorizante produzida por uma vida vazia; ao que a consciência está dizendo, à medida que é roída dia e noite por um senso de separação através da culpa. Escute a vida como é realmente. E você ouvirá num crescendo: "Necessário vos é nascer de novo. . . Se não vos converterdes não podeis viver agora nem depois".

A vida como um todo é um comentário daquilo que acabo de dizer. Precisamos chamar o rol das testemunhas do fato de que a vida fracassa sem a conversão?

Eis o que H. G. Wells escreveu um pouco antes da morte: "Está existindo uma terrível esquisitice sombria. Até agora os eventos têm sido sustentados por uma certa consistência lógica, assim como os corpos celestes têm sido mantidos pela corda áurea da gravitação. Agora as coisas estão como se aquela corda se tivesse desvanecido e tudo seja dirigido de qualquer maneira e para qualquer direção numa velocidade firme e crescente. O escritor está convencido de que não há saída fora, ao redor ou através do impasse. É o fim".

Aí estava uma grande mente sem uma conversão interior sustentadora, colocada contra o muro branco da futilidade: "É o fim". Mas esse fim; através da conversão, podia tornar-se num começo, como tem acontecido a muitos, a todos quantos o tem tentado.

Um dos maiores estadistas do nosso tempo me disse: "Estou cheio". O seu patriotismo e a sua devoção, sem a conversão, haviam percorrido o seu curso e não eram suficientes para sustentá-la. Um outro grande estadista me disse recentemente: "Alcançamos o fundo". A vida sem a conversão não possui esperança sustentadora. Um outro, de missão elevada, disse: "A minha religião e a minha filosofia me desapontaram. De maneira que odeio o meu trabalho e a vida". A sua "religião" e a sua "filosofia" não lhe proporcionaram a conversão e assim o desapontaram.

Um governante japonês me apresentou com estas palavras: "Sou um homem aqui, nesta noite, sem fé. Eu gostaria de ter fé. Tenho inveja daqueles que dentre vós têm fé. Mas sou uma ovelha perdida. Vim aqui,

nesta noite, para ganhar fé, se possível, através do pregador. E espero que vós a recebais também". E ele era um dos oficiais de um templo budista.

Um médico japonês me disse que a tuberculose havia sido classificada como sendo o matador número UM no Japão vencendo as doenças do coração e a alta pressão arterial. Quando lhe perguntei qual era a causa, ele respondeu: "Intranqüilidade espiritual". No final da guerra, a filosofia de um grande povo havia entrado em colapso - não era um povo divino com um imperador divino que governava por destino divino. Essa concepção de vida se desmoronou em sangue e ruína e deixou um vácuo. Desse modo, esse senso de vácuo tem elevado a pressão arterial de uma nação toda.

Carl Jung, o grande psiquiatra, disse: "A neurose central do nosso tempo é o vazio". A natureza humana simplesmente não suporta o vazio e a falta de sentido. Ela se torna saltitante, amedrontada e se desmorona.

O que é trágico é que esse senso de falta de significado tem se tornado a característica do nosso clima atual. O professor W. T. Stace, da Universidade de Princeton, disse: "A essência da mente moderna é que o universo não tem sentido e objetivo". A mente moderna nos tem dado conhecimento e utilidades - e o vazio!

Um estudante de uma das nossas grandes universidades disse a Sam Shoemaker: "Não sei o que há comigo, mas me sinto perdido". O doutor Shoemaker citou a um certo número dos seus contemporâneos, e nove em 10 responderam: "Sou eu".

Esse senso de se estar perdido tem produzido um senso de cinismo e uma falta de fé em tudo e em todos. Um moço perguntou a um professor de história: "Qual é a sua profissão?". O professor lhe respondeu que era professor de história, e então, lhe perguntou se ele não estava interessado em história, ao que o moço replicou: "Não, quero deixar que as coisas passadas fiquem no passado". Ele não estava interessado em coisa alguma, pois nada lhe dava um sentido básico e um alvo para a vida. Ele precisava de conversão.

Leigh Hunt, falando das semanas finais de Napoleão quando escapou de Elba e foi vencido em Waterloo, disse: "Nenhum grande princípio ficou com ele". Isso está no fundo do senso de pedra na alma

do homem moderno. Nenhum grande princípio o ajuda. Ele sente-se órfão, separado, a sós - terrivelmente a sós. Tem-se definido um ateu como sendo "um homem que não tem meios invisíveis de sustentação". Mas muitos que não gostariam de ser chamados de ateus têm esse mesmo senso de falta de sustentação invisível. Afundam-se sob a pressão das circunstâncias, pois não possuem meios de sustento invisíveis.

Vi um homem andar por uma estação férrea, no Japão, curvado sob o peso de um enorme cartaz às costas, no qual se liam estas palavras: "O Universo". Um indivíduo curvado sob o peso do universo! Isso descreve graficamente o que aconteceu ao indivíduo. Através de livros, de jornais, do rádio e da televisão, o "universo" e os seus problemas são colocados diariamente às costas de indivíduos que ficam inquietos devido ao peso. Eles têm, além disso, de suportar o fardo existente dentro do seu coração. Não é de se estranhar que, sem uma conversão sustentadora, muitos se desmoronem sob esse peso.

Na Índia, um homem falou no Rotary, durante uma hora, sobre o "Nada". Pois este Nada (sunyavadi) tornou-se uma filosofia. Nada tendo para sustentá-las, capitalizaram o nada e se refugiam no mesmo. De maneira que o vazio se refugia no vazio, mas você não pode mudar o vazio em plenitude simplesmente capitalizando-o. O vazio tem de transformar-se em plenitude pela conversão. Um cristão hindu disse de certo homem: "Ele está sofrendo do nada". Muitos estão.

Um filho brilhante de um pastor, que trabalhava numa grande firma, disse a seu pai: "Estou lutando para ser ateu, mas tenho sido provado por isso!" Ele e a sua esposa estão gastando, cada um, 40 dólares por semana, com o mesmo psiquiatra. A conversão tiraria os seus pés dessa areia movediça da preocupação e os enviaria pela vida regozijando-se porque seriam libertos.

Uma irmã contou a respeito do seu irmão que não ia à Igreja e que havia dito que não precisava de dinheiro, mas que trabalhava apenas para fugir de si mesmo, e que a sua esposa havia dito que o fazia para evitar de cometer suicídio. A conversão lhes daria novamente sentido, valor e alvo à vida. Sem ela eles andam confundidos.

O senhor Thomaz Salt, inventor da Alpaca e fundador de Saltaire, ouviu um pregador dizer que vira uma taturana arrastar-se por uma vara pintada acima em busca de um broto cheio de caldo apenas para voltar

atrás pelo mesmo caminho. Há os caniços pintados do prazer, da riqueza, do poder e da fama. Os homens sobem por eles apenas para terem de voltar atrás. No dia seguinte o Barão visitou o pregador e lhe disse: "Eu tenho estado subindo naquelas varas pintadas. Sou um homem cansado. Há descanso para um milionário cansado?". Ele encontrou descanso e libertação através das palavras de Jesus: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei" (Mt 11.28).

Um ateu hindu me disse que ele era como um aparelho receptor de rádio quebrado procurando captar a extensão da onda. Um interessado entrou ao ter eu terminado a minha palestra com este homem, e, então lhe pedi que servisse de intérprete para o que eu ia dizer ao interessado que falava uma língua que eu não conhecia. Ele aceitou alegremente. Um ateu interpretando a mensagem cristã para um interessado! Ele o fez entusiasticamente, enfatizando as minhas idéias. Pela primeira vez na sua vida, entrou em contato com alguma coisa positiva, esperançosa e construtiva. Ele estava apenas transmitindo, mas o sentimento que, ele teve do que transmitia foi bom. O descobrimento disso seria aquilo de que ele estava realmente querendo, no meio de todo o seu ateísmo.

Que diremos daqueles que se refugiam em narcóticos? É uma tentativa para escapar-se da futilidade.

Conversei com um alcoólatra e senti que ele estava concordando comigo em tudo; de maneira que lhe sugeri que nos ajoelhássemos pensando que ele depositaria alegremente a sua vida perturbada aos pés de Cristo. Mas ele recusou, ficou sentado ereto e disse com os dentes cerrados: "Serei um remendado se o fizer". De modo que orei sem ele. Mas fui interrompido por um barulho e abri os olhos e o vi entrar sorratamente no banheiro para tomar um trago que o sustentasse na prova de resistir à salvação. Ele havia sempre voltado ao álcool como um meio de saída, e nas grandes crises da sua vida, volta-se para o mesmo novamente. Ele queria um refúgio para esconder-se da salvação! Mais tarde, no seu leito de morte, ele voltou-se de maneira franca para Deus, submetendo a sua vida arruinada para salvar a sua alma arruinada. E o amor que o havia seguido durante todos os anos abraçou-o e permitiu regozijo no céu. A conversão teria salvado a sua vida tanto quanto a sua alma.

Estavam numa cidade dois letreiros lado a lado: "Vá à Igreja. Ache



força para a sua vida". Ao seu lado estava este: "Onde há vida, há cerveja Budweizer". Esses dois letrados representam duas maneiras de considerarmos a vida. Uma vai do interior para o exterior; a outra do exterior para o interior. Uma se apóia na salvação interna da culpa, dos temores e dos conflitos; a outra se apóia nos estimulantes externos - refrigerantes que o desapontam. O aumento no consumo de narcóticos e de calmantes é o sintoma exterior de uma necessidade profunda de conversão. É o substituto pagão da conversão, com resultados patéticos.

Quando nos voltamos para os filósofos, para os psiquiatras, para os escritores e romancistas, ouvimos o mesmo senso de não haverem alcançado aquilo que é adequado, freqüentemente alcançando o desespero.

O doutor William E. Hocking, filósofo da universidade de Harvard, disse na Conferência de Jerusalém, que o homem se eleva até certo ponto e, então, descobre que não possui os recursos para completar-se a si mesmo. Ele precisa completar-se com alguma coisa de fora, alguma coisa além de si mesmo. Fiquei com a respiração suspensa para ver se ele diria a palavra, mas não o fez. No encerramento eu lhe disse: "Doutor Hocking, por que não disse o senhor a palavra?". "Que palavra?", perguntou ele. Respondi-lhe: "Quando o senhor disse que o homem não tem recursos suficientes para completar a si mesmo, e que precisa fazê-lo com alguma coisa que está fora de si, por que não disse o senhor: "A conversão, o novo nascimento, o nascimento de cima?". Ele respondeu, de maneira pensativa, que era um filósofo, que não podia dizer a palavra e que eu era um missionário e evangelista e podia dizê-la. Mas eu lhe respondi que não estava querendo que ele transferisse para mim a responsabilidade de fazê-la mas, que, se ele a reconhecia, devia dizê-la. A filosofia diz a palavra, quer por silêncio implicador, quer por um revelador e aponta para a necessidade da conversão, de se ser nascido de cima.

Escute esta palavra desesperadora de um filósofo oriental: "Uma tartaruga cega e uma canga estão flutuando num vasto oceano, a tartaruga tem tanta possibilidade de colocar a sua cabeça naquela canga como você tem de nascer de novo como um homem ou como um animal". Bertrand Russel, filósofo ocidental, pensa do mesmo modo quando sugere "um desespero constante" como remédio.

Os homens aceitam o que dizem estes filósofos do desespero

porque isso representa o seu modo de vida. "Quem, então, fala de maneira a mais poderosa aos homens desta geração e por eles? Aqueles poetas, artistas e filósofos que pregam o desespero e cantam Aqueles poetas, artistas e filósofos que pregam o desespero e cantam um encontro frio, desértico, com o silêncio, a futilidade e o não-ser". (1)

Estes escritores podem dizer:

Nas minhas narinas há o odor  
Da Morte e da Dissolução;

Mas somente a fé cristã com a sua crença na conversão pode terminar dizendo:

Mas há também a fragrância  
De uma eterna Primavera. (2)

Quando nos voltamos para a psiquiatria pagã, encontramos esse mesmo senso de futilidade final – o homem não tem recursos para completar-se a si mesmo. Ao estabelecer um centro de Psiquiatria Cristã, o Centro de Psiquiatria Nunnanzil, em Lucknow, na Índia, definimos a relação entre a Psiquiatria e o Cristianismo, nestes termos: "A Psiquiatria levada a efeito sob os auspícios cristãos e com o motivo e o espírito cristãos tem como seu objetivo ajudar os pacientes a se tornarem mental e emocionalmente livres suficientemente para se submeterem, de modo inteligente, a Deus, e providenciar técnicas para a nova vida". O fim de todo o processo é tirar o paciente das suas próprias mãos e colocá-la nas de Deus, pois, a causa básica do seu desajuste mental e emocional é a preocupação centralizada no eu. A Psiquiatria pagã não tem meios para conseguir essa libertação, pois ela não possui o propósito nem o método da rendição a Deus. Espera-se que o paciente se cure por um conhecimento próprio, o que é uma falácia. Se o conhecimento próprio não o leva a render-se a Deus, então o leva a girar em torno de si mesmo, o que é a própria doença, esteja cheia de conhecimento quanto possa estar. Freud, o sumo sacerdote da Psiquiatria pagã, disse: "A verdade religiosa pode ser abandonada, segundo o nosso ponto de vista. Poderes obscuros, fora do sentimento e do amor determinam o destino humano". Suspeito de uma premissa que me leva à conclusão de que "poderes obscuros e fora do sentimento e do amor determinam o destino humano", pois se eu crer nisso, então isso corta o nervo da minha fé na possibilidade de a natureza humana ser transformada. Lança-se fora a conversão, e feito isto, nada mais há a fazer senão mergulhar-se na fatalidade das forças sem sentimento e sem amor residentes no subconsciente.

Um psiquiatra chamou um ministro amigo meu e lhe perguntou: "Pode o senhor ajudar-me? Estes pacientes dependuraram-se no meu cinto como se eu fosse Deus. Chamam-me às duas, três ou quatro horas da madrugada para conversar comigo. Isso está me fazendo ficar nervoso. Não posso suportá-lo". O ministro sugeriu-lhe o livro "O Caminho". O psiquiatra leu sete páginas e converteu-se, ficando gloriosamente convertido. Contou ao pastor que cobrava 50 dólares por hora de tratamento e que quando os pacientes estavam prontos, a terem alta, ele arranjava um outro motivo e lhes cobrava 50 dólares por hora! Depois da sua conversão, ele baixou o preço para oito dólares a hora e ainda não cobrava de muitos. Ele ficou tremendamente entusiasmado com o Cristianismo. Uma nova possibilidade abriu-se diante dele e dos seus pacientes - a conversão. O fatalismo de se estar nas garras de poderes sem sentimento e sem amor quebrou-se; quebrou-se pela conversão, uma conversão que o levou ao contato salvador com o poder da luz, do amor e da vida. Não é de se admirar que um grande psicologista tenha dito a Bryan Green: "Eu preciso de uma experiência religiosa porque os meus clientes necessitam dela, e eu não a posso dar-lhes a menos que eu a possua". Um outro psicologista disse que sempre enviava os seus clientes à Igreja porque lá se prega o perdão de pecados. Um psiquiatra que tratava dos desmantelados de Hollywood, a altos preços, disse que o que aqueles seus clientes precisavam era de se assentarem no banco dos arrependidos.

Estas palavras importantes do doutor Henry Sloane Coffin resumem a tendência: "A psicologia corrente soma-se a estes álibis morais. Os homens e as mulheres são analisados e encontram a emancipação no banir os nomes feios que a religião vigorosa dá aos pecados, onde estes são batizados com rótulos sem nenhuma sugestão de culpa. São mais mal-ajustados ou introvertidos do que desonestos ou egoístas. Um pai de meia idade cansa-se de sua esposa e se envolve com uma jovem com a metade da sua idade, e um psicologista lhe diz que ele está sofrendo de "um espasmo de re-adolescência", quando lhe deviam bater no rosto com isto: "Não adulterarás".<sup>(3)</sup>

Ao nos voltarmos para os cientistas, somos surpreendidos por um sorriso de desapontamento diante da afirmação de Adam Smith nos primeiros dias da ciência moderna: "A ciência é o grande antídoto para o veneno do entusiasmo e da superstição. Quando aprendermos a fazer uso sensato da ciência, o mundo não estará cheio de guerra, de ignorância, de preconceitos, de superstição e de medo". Sorrimos especialmente diante das duas últimas palavras "de medo"! Exatamente

neste momento estamos nas garras de um medo mundial produzido pela criação da bomba atômica pela ciência. Alguns dos fabricantes dessa bomba reuniram os ministros dos arredores de Chicago numa conferência de dois dias e anunciaram: "Francamente, estamos amedrontados. Podemos produzir os meios na energia atômica, mas não podemos produzir os fins para os quais tenham de ser usados. A menos que os senhores ministros possam produzir os fins morais e espirituais para os quais a energia atômica seja usada, soçobraremos". A ciência voltou-se para a religião e clamou: "Salva-nos ou perecemos". E eles o fizeram com seriedade, pois, viram que a menos que uma conversão individual e coletiva - mude o objetivo da energia atômica da destruição para a construção, nós soçobraremos literalmente. A necessidade é simples e profunda - conversão!

O doutor John B. Watson, o fundador do behaviorismo americano, diz-nos que nada mais precisamos do que as leis comuns da física e da química para explicar o comportamento humano. Lembro-me de haver dito ao doutor George Carver, o grande santo e cientista negro, que um professor de química me havia dito que a vida nada mais era do que um clarão de uma chama produzida pela combustão de elementos químicos, ao que o grande químico sacudiu a cabeça e disse: "O pobre homem, o pobre homem!". Era isso mesmo! E era o suficiente. Pois qualquer que afirma que o comportamento e a vida humana podem ser explicados em termos de física e química não passa de um pobre coitado, com uma visão pobre da vida e com um poder pobre para ajudar o comportamento e a vida humana. Esse precisa de conversão, tanto do seu ponto de vista como da sua pessoa.

E a religião organizada, fala ela da necessidade da conversão? Certamente sim, e com insistência cada vez maior. Quando o relatório do Arcebispo sobre evangelismo disse que a Igreja é mais um campo do que uma força, para o evangelismo, ele disse a verdade. Eu disse acima, que provavelmente dois terços dos membros das igrejas pouco ou nada sabem a respeito da conversão como um fato pessoal e experimental. Isso não deve desencorajar-nos com referência à Igreja. Pois os hospitais existem para banir a doença, e, no entanto, estão cheios de pessoas enfermas. Apenas alguns - os médicos e os auxiliares - estão bem. As escolas existem para banir a ignorância, e, no entanto, estão cheias de estudantes ignorantes. A Igreja está aí para banir o pecado e, todavia, está cheia de pessoas pecadoras. Isso não é de se admirar e nem precisa preocupar-nos. O que nos deve preocupar é: estão as pessoas dentro da Igreja sendo convertidas? Ou estão elas,

após vir para a Igreja, acomodando-se a uma meia conversão, vivendo à meia luz, ou pior do que isso, completamente vazias sob o respeitável abrigo da Igreja? O rigoroso teste da validade de uma igreja cristã é se ela pode não só conseguir a conversão de pessoas de fora, mas, também, levar as de dentro a se converterem. Quando ela não pode fazer ambas essas coisas, ela está fora do caminho certo.

Muitos daqueles que estão dentro das igrejas têm os seus motivos e a sua conduta determinados por outras fontes que não as cristãs. Carl Jung diz que os seus motivos, interesses e impulsos decisivos não vêm da esfera do Cristianismo, mas da alma inconsciente e não desenvolvida, a qual é tão pagã e arcaica quanto o foi sempre. Jung diz aqui que o comportamento de uma pessoa descrita é determinado pelo subconsciente e não pelas fontes cristãs.

Um ministro de estado Britânico comentou com um amigo que não podia dizer que o ser ele cristão afetasse seriamente as decisões que tomava, o modo pelo que as tomava ou as suas relações com os outros.

Que podemos: esperar dos leigos se os ministros também necessitam de conversão? Um formando de um seminário teológico perguntou-me: "Que quer o senhor dizer por ser nascido de novo?". Ele não o havia encontrado no seminário. Um estudante recém-formado no seminário me perguntou sobre que queria eu dizer por submissão, e disse que jamais ouvira essa palavra no seminário. O prefácio de um livro sobre conselhos pastorais contém estas palavras: "Ninguém pense que se converterá através da leitura deste livro". Quando deixei o livro, pensei comigo mesmo: "Não há perigo de que alguém se converta através da leitura desse livro. Essa pessoa jamais se aproxima disso". A palavra submissão não foi usada no livro, nem sugerida. Os conselhos giravam em torno de elementos marginais, deixando a essência do eu sem ser tocada e, daí, não convertida.

Um católico polonês estava fazendo a corte a uma jovem americana. Enquanto assistia ao culto numa igreja evangélica, ele levantou-se do lado da moça e foi ao altar. A moça disse consigo mesma: "Aqui estou orando em favor do meu futuro marido católico romano, ele vai à frente, enquanto eu, metodista não convertida, não vou". Ela foi à frente e ambos foram convertidos. Chamaram o pastor metodista para dar-lhe as boas novas. Ele foi frio: "Vocês vencerão isso. Isso acontece freqüentemente". Os dois jovens não conseguiram o que queriam naquela igreja, então foram para outra.

Uma senhora perguntou a um ministro qual era o significado da cruz, ao que ele lhe respondeu que não conhecia outro meio melhor de se adornar o topo de um templo.

Uma senhora resumiu-o nestas palavras: "Você não pode falar daquilo que não conhece mais do que voltar de um lugar em que nunca esteve".

Ministros não convertidos ou meio convertidos no púlpito produzem pessoas não convertidas ou meio convertidas nos bancos. Alguém definiu humoristicamente um metodista como sendo uma pessoa com religião suficiente para fazê-la sentir-se mal num bar, mas que não a tem suficiente para fazê-la sentir-se à vontade numa reunião de oração. Se qualquer um de outras denominações, ao ler isso, estiver para lançar a primeira pedra ao metodista, ser-lhe-á bom que se olhe no espelho primeiramente!

Sam Shoemaker diz enfaticamente que "muitos não são convertidos, mas que se tornaram um pouco civilizados por sua religião".

Peguei o meu vidro de "Viet", meus tabletes de vitamina de verduras. O rótulo do vidro saiu na minha mão, deixando o vidro. Enquanto estava ali com o rótulo na mão, li os vários itens do conteúdo da vitamina. Eu poderia ficar carente de vitaminas lendo o conteúdo sem tomar os tabletes. Muitos ficam com a lista do conteúdo da religião: as suas doutrinas, as suas crenças, mas não tomam a coisa em si - Cristo, o Redentor e Salvador - para convertê-las e salvá-las. Morrem de fome lendo o menu!

Muitos se esquecem dos panelas-quentes que se esquecem de que o maior perigo são os panelas-frias que são em muito maior número do que os primeiros, estando na proporção de 100 para um. Estes membros da Igreja de religião exterior e não de religião interior necessitam supremamente de uma coisa, e somente de uma coisa - conversão. Quando um bispo anunciou um Dia de Silêncio para os clérigos, um deles lhe escreveu dizendo: "O que a minha paróquia precisa não é de um Dia de Silêncio, mas de *um terremoto*". Agostinho descreve os cristãos não convertidos como sendo "*cristãos gelo*". Eles necessitam do brilho quente do poder convertedor do Espírito para degelá-las. Um crente desse tipo orou numa reunião de oração assim: "Ó Deus, se qualquer centelha da graça divina foi acesa nesta reunião, atire água sobre ela". Muitas pessoas têm a ocupação de jogar água nas

centelhas! Para mudarmos a figura, muitos pertencem à "frota dos *cristãos naftalina* - cristãos imobilizados" .

Escute a estas afirmações, feitas não por pessoas de fora, mas por aqueles que estão dentro da Igreja, ditas nos nossos Ashrams, na "Manhã do coração aberto": No Ashram de Sapporo, no Japão: "A Igreja não está tocando nas nossas feridas, não há confissão. Penso que levarei a igreja a confessar - a nos abrimos na presença de Deus".

No Ashram de Sendai, no Japão: "Arrependi-me da minha atitude fria para com a minha família e, na noite passada, tudo se esclareceu. Eu queria ser o patrão dos meus familiares e não tinha amor para com eles".

Um comerciante de ferragens, no Ashram de Sendai, Japão: "Sou cristão há 30 anos, mas vejo que não sou honesto no pagamento do imposto de renda. Tenho de reparar isto. Não quero ficar assustado quando o telefone da recebedoria de imposto me chamar".

No mesmo Ashram: "Tenho muitos defeitos para ser um bom pastor. Quando as pessoas erram, devo sentir mais profundamente. Sou frio para com aqueles que fracassam na vida cristã. Ao invés de um sentimento centralizado no eu, quero ter boa vontade para com todos. Minha pregação tem sido aquela em que a palavra se torna palavra ao invés de a palavra se torna carne. Ainda nesse Ashram: "Estou cansado. Alguém me deu um gravador, de maneira que pude escutar os meus próprios sermões. Fiquei surpreendido. A linguagem, o pensamento, tudo era vergonhoso. Preciso começar de novo".

No Ashram de Hiroshima, Japão: "Preciso de tudo; preciso ser feito. Necessito de um coração que confie nos membros da igreja. Não confio nas pessoas e nada digo porque não tenho fé". No mesmo Ashram: "Estou conseguindo interessados, mas não sei o que fazer com eles. Submissão é a minha necessidade mais profunda".

No Ashram de Fukuoka, Japão: "Estou no ministério há 40 anos e nada aconteceu. Estou com medo. O senso de medo sempre me aborreceu e, também, um complexo de inferioridade. Eu pensava que me havia submetido totalmente, mas aparentemente não havia". No mesmo Ashram: "Quero banir o ressentimento e a luta do meu coração. Quero que a minha igreja deixe de ser uma igreja centralizada no ministro para ser uma igreja centralizada em Cristo".

No Ashram de Amagisanso, Japão: "Quero libertar-me de mim mesmo e ficar cheio do Espírito Santo. Fui salvo de uma moléstia, mas o temor da mesma está no subconsciente e me impede de servir a Cristo". No mesmo Ashram: "Quando ouvi o irmão Stanley não sabia porque ele falava tão depressa. Por que estava ele entusiasmado? Pensei que devia tentar falar depressa, visto que esse era o segredo do seu poder. Mas quando falei a minha fala não tocou às pessoas. Eu queria transformar o mundo, mas eu não podia transformar um grupo de 12 pessoas. Pensei em deixar bigode e tornar os cabelos grisalhos - isso me ajudaria. Agora vejo que é do Espírito Santo que eu preciso".

No Ashram de Osaka, Japão: "Tenho uma idéia destrutiva a respeito de tudo. Disseram-me que eu precisava de misticismo. Mas o conhecimento torna as pessoas orgulhosas, o amor torna-as humildes. O meu negativismo fez-me desentender-me com o meu irmão. O meu orgulho é um muro entre Deus e eu. Sinto o vazio que sou". No mesmo Ashram: "Faz cerca de um ano que comecei a vir à igreja. Compreendo que sou arrogante e orgulhoso e tenho causado muitos problemas aos membros da igreja. Quero libertar-me dos velhos hábitos. Quero nascer de novo neste Ashram".

Ainda nesse Ashram: "Nós, os luteranos, estamos sempre dizendo que temos as melhores doutrinas, mas o nosso evangelismo não está marchando. A nossa Igreja Luterana precisa de uma outra Reforma. Em nossas igrejas temos muitas pessoas procurando, mas não as levamos à conversão".

Disse um dos melhores homens do púlpito americano: "Fui ao altar duas vezes porque eu estava pregando um evangelho insípido. E aqui vem este visitante e prega o evangelho com tanto refrigério e poder que as pessoas tiram o chapéu e ficam em seus lugares".

No Ashram de Keuka, em Nova York, uma pessoa disse lá do seu banco: "Resolvi deliberadamente tornar-me pessoa superficial; acho-o mais fácil. Mas isso fere a minha fé e me fere". Foi dito de uma membro da igreja: "Ela crê um pouco em tudo. E nada em qualquer coisa". Na votação na Índia, com 200 milhões de eleitores potenciais, sendo muitos deles analfabetos, venceram a dificuldade, colocando as urnas de cada partido em fila, contendo o símbolo do partido. Um homem rasgou a sua cédula em pequenos pedaços e colocou um em cada uma das 10 urnas - votou "em todos - e em nenhum! O doutor Samuel Johnson, disse, certa vez, com vigor: "Um homem pode ser tanto de tudo que nada seja

a respeito de qualquer coisa". Muitas pessoas são de mente tão aberta que ela se torna uma peneira; não pode manter uma convicção.

E aqueles que já foram convertidos, mas cuja conversão se desvaneceu? Um homem disse numa reunião de testemunhos: "Converti-me há vinte anos e o meu cálice ficou cheio e desde então nem uma gota entrou e nem uma gota saiu". Então alguém acrescentou: "Nesse caso, tenho certeza de que está cheio de larvas". Muitos necessitam de um renascimento, como princípio geral, aos quarenta. Hazlitt escreveu a respeito de Coleridge, na sua meia idade: "Tudo que ele tinha feito de importância, ele o fez há 20 anos; daí em diante, pode-se dizer, que ele viveu ao som da sua própria voz". Muitos estão vivendo espiritualmente ao som da sua própria voz - ecos do passado ao invés de uma experiência do presente. Harnack, o grande historiador da Igreja, traçando esta evaporação interior, diz: "O entusiasmo original evapora-se e a religião das leis e das formas surge". Disse um alto dignitário da Igreja que "não se importava com o que acontecesse no mundo exterior e assim podia dizer a missa todas as manhãs", Uma missa mas não uma mensagem!

Que diremos da absorção dos deveres triviais da igreja em lugar deste contágio divino? Foi dito de um homem que quanto mais ele perdia o caminho mais ele acelerava o passo. Os negócios tomam o lugar da bênção. Sentei-me ao lado de uma colina, na hora devocional, e observei um cachorro abanando a cauda com entusiasmo e com a cabeça entre os arbustos. Eu esperava que ele saltasse sobre um coelho a qualquer momento; mas ele estava perseguindo apenas grilos. Todo aquele tempo e energia por causa de grilos! Muitas das atividades da igreja podem ser classificadas como atenção a grilos. Estamos atarefados por nada!

Uma grande parte da obra missionária fica por ser feita porque o missionário está absorvido no missionário e nos seus problemas. Perguntei a uma missionária que estava para ser enviada de volta ao lar: "Que pensa você ser a base do seu problema?" Ela respondeu-me: "Estou sentada sobre um barril de pólvora". Quando lhe perguntei qual era o barril de pólvora, ela respondeu:

"Eu mesma. Sou duas pessoas: uma pessoa que não queria vir ao campo missionário e a outra que tinha medo de se perder se não viesse". Eu lhe respondi: "Você não pode ser nenhuma dessas pessoas, pois ambas estão insatisfeitas. Você precisa se decidir a ser uma nova

pessoa, diferente daquelas - precisa ser convertida". Ela concordou em que essa era a única saída. Essa é a única saída para todos, tanto no oriente como no ocidente. Não é de se admirar que um médico dinamarquês, trabalhando num campo missionário na África, me tenha dito que 99% dos missionários que voltam para casa o façam por causa de doenças emocionais e mentais. A mudança de clima não lhes adiantará, mas, a submissão a Deus sim.

Alexander Pope, o escritor, murmurou esta oração: "Ó Senhor, faz de mim um homem melhor", e o seu companheiro espiritualmente iluminado respondeu: "Seria mais fácil torná-lo um novo homem". Ninguém necessita receber algum rótulo, mas ser transformado, convertido e nascido de novo. Um negociante disse a um grupo que queria nascer. A sua experiência da vida levou-o àquela conclusão. O fato é que a vida toda está tomando-nos pela mão e guiando-nos à necessidade de conversão. Alguém perguntou a George Whitefield por que pregava ele tanto sobre o texto "se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus", e ele respondeu fitando-o no rosto: "É porque o senhor precisa nascer de novo". Whitefield havia pregado sobre aquele texto por mais de trezentas vezes, mas a própria vida está pregando sobre o mesmo nos consultórios médicos, dos psiquiatras, nas salas de conferências, nas fábricas, nas conferências internacionais, nos nossos lares e, se nos conhecemos a nós mesmos, os nossos próprios corações. Alguém disse num dos nossos Ashrams que eu seria uma confusão sem o Espírito Santo. E ela estava certa - profundamente certa. Todos nós sem o Espírito Santo estamos em confusão; sem o seu poder que converte e regenera. Os nossos lares são, também, uma confusão. Alguém disse que 90% dos lares têm um problema não resolvido.

Um pagão brilhante disse a um ministro amigo meu: "O senhor não precisa criar a minha procura pelas suas mercadorias. A necessidade é química; ela já existe em todos". A necessidade de conversão não está escrita apenas nos textos das Escrituras; ela está escrita na tessitura do nosso ser e das nossas relações. A vida não pode ser vivida a menos que seja convertida a um nível mais elevado. Ela vai de embrulhada em embrulhada, de confusão em confusão e de problema em problema. A vida total ecoa as palavras de Sir. Philip Sidney: "Ó faze cessar em mim estas guerras civis". Pois existe uma guerra civil dentro de cada pessoa que não está em paz com Deus. Se você não quiser viver com Deus, você não poderá viver consigo mesmo. O psicólogo William James nos diz que o inferno que a Teologia diz que

teremos de suportar mais tarde não é pior do que o inferno que criamos para nós mesmos neste mundo ao habitualmente moldarmos o nosso caráter de maneira errônea.

Todas as coisas que mencionamos neste capítulo, e ainda outras, convergem para uma coisa - a necessidade de conversão dos bons, dos maus e dos indiferentes. Sem ela os bons não são suficientemente bons, os maus são demasiadamente maus para serem transformados e os indiferentes não podem acordar-se. A vida está fazendo ecoar, com ênfase crescente, o que Jesus pregou e ofereceu: "Necessário vos é nascer de novo".

### **CITAÇÕES:**

- 1) Julian N. Hartt: "Visando a uma Teologia de Evangelismo", p. 15.
- 2) Idem, p. 24.
- 3) Henry Sloane Coffin, "Alegria no Crer", p. 96.

## **Capítulo II**

### **A NATUREZA DA CONVERSÃO**

Vimos a necessidade pressionante de conversão, e que esta necessidade não é uma imposição do exterior, mas do interior. Ela é inerente e, portanto, dela não há fugir. Neste capítulo, veremos a natureza da conversão cristã. Eu digo conversão cristã porque esta é de uma espécie específica, possui um certo conteúdo e caráter definido conduzindo a certos resultados definidos na vida.

A lei da vida é a conversão. Todas as coisas estão sob um processo de conversão. A vida neste planeta está baseada sobre a conversão. A fotossíntese é o processo pelo qual a energia da luz solar é usada para transformar a água e o ar em alimento para a planta. Sem essa conversão básica a vida pereceria. De maneira que, aqueles que dizem que não crêem na conversão estão realmente dizendo que não crêem na vida, pois a vida não só depende da conversão, mas é uma conversão.

No momento em que a vida é produzida, ela começa a converter: o alimento em energia, a energia em realização e, mais tarde, uma vida em uma outra vida pela reprodução. Um industrial disse que toda a indústria está baseada na conversão: a conversão da matéria prima em produtos manufaturados. Onde há vida há conversão. Onde não há vida, não há conversão. Todo o processo da vida é a conversão de formas mais baixas em formas mais altas. O mineral é transformado em vegetal, o vegetal em animal, o animal no homem e o homem no Reino de Deus. Em cada caso, a vida na sua forma mais baixa é nascida de cima.

A fé cristã introduziu neste vasto processo universal de conversão um tipo específico: a conversão cristã. Quando você consegue esse tipo de conversão, você é introduzido ao mais alto tipo de vida no céu ou na terra - o Reino de Deus. A conversão cristã é a conversão no seu sentido mais elevado.

Para torná-la clara, precisamos examiná-la e excluir da mesma tudo que lhe foi acrescentado e vê-la como Jesus a apresentou. Já vimos que não podemos confundir conversão com proselitismo, o qual Jesus repudiou, pois o proselitismo é a mudança de um grupo para outro sem a necessária mudança de caráter e de vida. O proselitismo pode ser atingido pelo egoísmo individual ou coletivo num desejo de amparar o egoísmo pelo aumento no número e de provar ser superior. Jesus chamou o proselitismo de uma mudança para baixo. "Vós fazeis (o prosélito) duas vezes mais filho do inferno do que vós mesmos". O unir-se à Igreja pode, e muitas vezes acontece, resultar numa conversão cristã; ou pode resultar daí uma perversão: o uso da Igreja como um meio para os seus próprios fins, os de ganhar o reconhecimento social. Um homem colocou este assunto nestes termos: "Eu examinei a questão de ser membro da Igreja para ver que Igreja ofereceria o melhor campo para vender os meus produtos". Os motivos podem estar tão misturados que a pessoa termine numa mistura - em conflito. Ou a Igreja, como um corpo, pode estar tão não convertida que esteja pronta a aceitar qualquer motivo. Um vendedor de bebidas alcoólicas aproximou-se, irado, de um redator e lhe disse: "Não sabe o senhor que o meu negócio está na "lista aprovada" pela igreja? Aquela mesma "igreja" ofereceu o batismo a um chefe africano que possuía 7 esposas, a ele e às esposas juntamente. O chefe africano respondeu: "Mas isso não seria cristão". Um homem de fora da Igreja dizendo a uma grande instituição religiosa o que é cristão e o que não é! Ele estava certo, pois viu que isso não seria conversão cristã.

Esta passagem nos diz o que a conversão não é: "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus"(Jo 1.12-13). Aqui ele nos diz que o novo nascimento é, antes de tudo, "não do sangue". Você não o consegue através da corrente sanguínea, através da hereditariedade. Os seus pais podem dar-lhe muita coisa, mas não podem dar-lhe isto. O nascer num lar cristão não o torna cristão. "O fato de ter nascido numa caixa de bolachas não faz com que um camundongo seja uma bolacha". Ou como diz alguém: "Deus não tem netos". O nascer num lar cristão pode dar-lhe um impulso interior nessa direção, mas você, como pessoa, tem de decidir e entregar-se para o resto da vida.

Em segundo lugar, ele nos diz que este nascimento não é "através da vontade da carne". Você não o consegue por chicoteamento da

vontade, por esforçar-se um pouco mais, por ser um pouco mais fiel nos exercícios religiosos, por ser mais assíduo na sua freqüência à igreja, por levantar a si mesmo pelos cordões dos sapatos. Ele não vem pelo chicoteamento da vontade, mas pela sua submissão da mesma. Você não acha a Deus através do subir por uma escada, degrau a degrau, para achá-LO no degrau superior da escada da dignidade. Esta é uma busca egocêntrica da salvação. Você O acha no primeiro degrau da escada, pois Ele desce pela escada da encarnação e nos encontra onde estamos como pecadores. "Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores". Esta é a salvação centralizada em Deus. Um interessado hindu disse: "o que fez de mim um cristão foi a pergunta que o senhor fez no seu livro: É a salvação uma procura ou uma oferta? Vi, num relance, que não era uma procura; nada havia que pudéssemos fazer para ganhá-la, mas era uma oferta que Ele nos faz no primeiro degrau da escada, como pecadores. Isso me abriu os portões".

Em terceiro lugar, ela não vem da "vontade do homem". Nenhum homem lha pode dar: nem o profeta, nem o pastor, nem o sacerdote, nem o papa. Se qualquer profeta, ou pastor, ou sacerdote, ou papa lhe disser que lha pode dar, ele mesmo tem necessidade especial da mesma. Ela vem diretamente de Deus ou não vem de qualquer outra parte.

Se a conversão não é nenhuma destas coisas, que é então? "Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (Jo 3.5). Penso que o "nascer da água" significa o entrar-se numa comunhão exterior, a igreja, através do batismo. O "nascer do Espírito" significa sofrer uma mudança no caráter e na vida pelo impacto do Espírito Santo sobre o nosso espírito. Alguns são "nascidos da água" mas não são "nascidos do Espírito".

Esse era o meu caso: experimentei meia conversão sob o apelo do pregador, uni-me à igreja, senti a religião durante algumas semanas e, então, ela se desvaneceu. Voltei ao que era antes; as fontes do meu caráter não haviam sido purificadas. O meu rótulo havia sido mudado, mas não a minha vida. Eu tinha sido convertido horizontalmente, mas não verticalmente. Daí há dois anos enfrentei nova crise. Eu, desta vez, não estava para ser descartado apanhando apenas frases e slogans. Eu queria uma experiência real.

Uma pequena menina branca, na África, numa estação onde não havia outras crianças, adotou um "faça de conta" que seja companheira,

com quem ela conversava e brincava. Um dia, porém, ela disse a sua mãe: "Mamãe, estou cansada desse faça de conta; eu quero uma companheira real". A idolatria é um "faça de conta": "faça de conta" que este ídolo é Deus; muita coisa do ir-se à Igreja é um "faça de conta"; "faça de conta" que estamos encontrando a Deus, quando estamos apenas encontrando nossos iguais, socialmente falando.

Bem, eu também estava cansado desse "faça de conta". Eu queria realmente. Busquei durante três dias, mas nenhuma resposta recebi. O céu era de bronze. No terceiro dia, ajoelhei-me ao lado da cama antes de ir à igreja e orei assim: "Ó Jesus, salva-me nesta noite!". Um pequenino raio de luz penetrou na minha escuridão; surgiu a esperança; quando dei conta de mim estava correndo pelos quase dois quilômetros até a igreja. O anseio da minha alma entrou no meu corpo. Sentei-me na primeira fileira. Eu sentia que se eu apenas pudesse chegar ao altar da oração, eu a encontraria. Sei agora que Ele me havia achado quando eu estava ao lado da cama, mas eu havia sido ensinado que O encontraria num altar de oração. O ministro tinha apenas acabado de falar quando fui à frente. Eu acabara de dobrar os joelhos, e o céu entrou no meu espírito. Agarrei um homem pelo ombro e lhe disse: "Eu o consegui". "O" - que queria eu dizer com "o"? Ele era tudo o que eu queria: a reconciliação com Deus, comigo mesmo, com os meus irmãos, com a natureza, com a própria vida. Eu estava reconciliado. A separação havia desaparecido! O universo abriu os braços e me recebeu. Sentia-me como se quisesse abarcar o mundo com os braços e repartir isso com todos.

Depois de 56 anos, eu ainda quero fazer a mesma coisa. Essa é razão por que não posso aposentar-me. Espero que o meu último sussurro sejam as palavras de Wesley: "Eu lhe recomendo o meu Salvador". Se eu alcançar o céu, espero pedir um descanso de 48 horas, pois compreendo que se você der à natureza um descanso de 24 horas, ela fará o balanço e lançará fora todas as toxinas da fadiga. Se depois de 24 horas de completo relaxamento você ainda se sentir cansado, e não houver doença, então o cansaço está na mente. Bem, eu estarei do lado da segurança. Dobrá-lo-ei e pedirei uma folga de 48 horas. Então pedirei uma licença de 24 horas para andar pelo céu e encontrar os meus amigos. Então irei a Jesus e lhe direi: "Isto é maravilhoso. Mas não tem o Senhor um mundo decaído em alguma parte onde necessitem de um evangelista das boas novas? Envie-me, por favor".

Fui nascido do Espírito naquele abençoado lugar no pequeno

templo em Baltimore. Toda a comunidade ouviu logo a esse respeito. Alguns dos meus companheiros na velha vida não podiam crê-la, de modo que um dia me cercaram e me perguntaram: "Stan, você não está realmente convertido, está?" A minha resposta foi, de acordo com um velho professor: "Mas não, hem!" Usei o velho vocabulário para expressar a nova alegria encontrada!

De maneira que Jesus disse que precisamos nascer internamente - nascer do Espírito, e nascer externamente da água. A vida total, tanto interna como externa, tem de expressar conversão. Pois, se a exterior sem a interior é hipocrisia, a interior sem a exterior é também hipocrisia.

Então disse Jesus: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus" (Mt 18.3). Rabindranath Tagore, o grande poeta e filósofo hindu, disse que esta é a mais bela passagem da Bíblia. Ele citava-a de Marcos 10.15: "Em verdade vos digo: Quem não receber o reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele". Ele tomava o texto que deixa de lado a palavra "converterdes", pois, sendo hindu não gostava de conversão, confundindo-a, como muitos o fazem, com proselitismo. Não podemos deixar de fora o "converterdes" - a raiz - e tomar o "tornardes como crianças" - que é o fruto - e "entrar no reino de Deus" - que é, também fruto. Os três devem ficar juntos.

Os três passos são: 1) ser convertido - uma nova direção; 2) tornar-se como criança - um novo espírito; 3) entrar no reino de Deus - uma nova esfera de vida. Estes três dão a essência da conversão.

Primeiro precisamos achar uma nova direção. A palavra convertido vem de "com" e "vertere" - virar. A grande pergunta na vida é: estou com o rosto ou com as costas viradas para Cristo? O primeiro passo na nova vida é o virar-me com as costas para a velha vida e o rosto para Cristo. Você não faz isso sozinho; existe o "com". No momento em que você põe a sua vontade na Sua direção, Ele aí está com você. Ele o ajuda a fazer aquilo que você não pode: abandonar a velha vida, mas você tem de tomar essa decisão de dar meia volta. Ninguém pode tomá-la por você: nem seus pais, nem os seus companheiros, nem mesmo Deus. Aí fica sozinho, e como um ser moral livre toma a decisão sozinho, totalmente sozinho. Entretanto, você não está sozinho, pois, no momento em que pratica esse ato, Ele está com você.

Segundo, precisamos "tornar-nos como crianças" - adquirir um novo espírito. Você recebe um novo espírito - o de uma criança; você



passa a ter um novo começo com os pecados perdoados. Essa emancipação da antiga culpa e do conseqüente senso de inferioridade, de separação de Deus, do homem, de si mesmo e do universo, é a emancipação mais importante e radical que se pode imaginar. "Se o Filho vos libertar, sereis realmente livres". Essa é uma liberdade "real"; absolutamente nada se lhe iguala. Você não somente se emancipa do passado; você se torna receptivo. Uma criança é receptiva. O novo espírito é o de receptividade. Você agora pode receber a vida a mão-cheia, a coração cheio e o ser-cheio. Você não mais luta contra a vida; você a recebe de modo desarmado. Você está vivo para a vida até à ponta dos dedos.

John Masefield diz assim:

Não pensei, não lutei,  
A paz profunda deu vida ao meu eu;  
A porta trancada havia sido quebrada,  
Eu sabia que estava liberto do pecado.  
Eu sabia que Cristo me dera nascimento  
Para irmanar-me a todos os filhos na terra,  
E todas as aves e todos os animais  
Participariam das migalhas na festa. (1)

Terceiro, precisamos "entrar no reino de Deus" ganhar uma nova esfera de vida. As suas circunstâncias serão as mesmas, mas agora você vive em dois mundos ao mesmo tempo: o das relações físicas e o do Reino de Deus. Este novo mundo interior torna novo todo o mundo exterior. Agora você fará as coisas com um novo motivo, um novo espírito e uma nova visão. Como diz um dos cristãos mais vivos que conheço: "A única coisa que mudou é a sua razão de viver". Nesta "nova esfera de vida" você entra com a disposição e Ele entra com o poder. A vida não está mais sozinha, lutando, tensa, ansiosa e incerta. Ela agora descansa, liberta-se, tem segurança e é receptiva. Você não vive mais pelo princípio da unidade, mas no plano da cooperação.

Resumindo: o primeiro passo - "A nova direção" - é seu; o segundo - "O novo espírito" é dEle; o terceiro - "A nova esfera de vida" - é seu e dEle.

A conversão cristã é *sui generis*, um tipo totalmente diferente. Contraste-se esta com o procedimento budista. Um sacerdote budista, no Japão, fazendo, num ofício fúnebre, um sermão de caráter

questionável, dá um nome santo aos pecados do defunto e o absolve. Sake (uma bebida alcoólica) é água santa; diz-se que um sacerdote que tem uma mulher tem uma virgem santa como sua companheira. Dê-se um outro nome e tudo se absolve! Mas na conversão cristã você recebe uma nova natureza, e daí um novo nome; um novo desejo, e daí uma nova direção; uma nova esfera de vida, daí uma nova qualidade de vida. Esta conversão tem sido descrita como sendo um "fora do eu, para dentro de Cristo, para dentro dos outros". Isto não é reforma, é regeneração.

A descrição mais interessante que já foi feita da conversão é esta: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2Co 5. 17). Há uma "nova criatura"; mas note que ela diz: As coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas". A idéia usual de conversão é que a velha natureza é tirada e uma nova natureza é transplantada para o seu lugar. A Versão Padrão Americana torna o assunto mais claro. Você é uma nova criatura: as "coisas velhas" passaram; aquelas "coisas antigas" se tornaram "novas". O velho eu, como sendo dominante, passou, mas voltou submisso, como um servo. A vida sexual, como lascívia, passou, mas tornou-se nova como atividade criadora, criando, dentro das relações conjugais, filhos e camaradagem, e criando, fora dessas relações, novas esperanças, almas nascidas de novo, e novos movimentos. O instinto de luta, como força destrutiva e desmanteladora, passou, mas tornou-se novo agora, no sentido em que ele agora pugna em favor de causas, dos direitos humanos, dos oprimidos, de condições mais justas. O instinto gregário passou como subserviente, fazendo servilmente o que os outros fazem e se tornou novo, possuindo agora um amor que sai em favor das pessoas sem ser escravizado ao grupo. O apelo aquisitivo, naquela ânsia de acumular riqueza para a sua própria importância e segurança, passou e voltou na forma de um desejo de servir aos outros através da riqueza dedicada. O desejo de mostrar-se passou e tornou-se agora um desejo de apresentar o Senhor. A ambição de domínio egoísta passou e se tornou nova no seu desejo de que a sua pessoa e todos os homens estejam sob o domínio do Reino de Deus.

Todas estas inclinações naturais foram pervertidas pelo pecado, e agora foram convertidas aos fins do reino. De maneira que a conversão é uma conversão da perversão. Essas inclinações ainda são parte integrante de todos nós, mas agora elas se voltam para novos fins, como novas motivos e um novo espírito. A conversão não nos

desumaniza transplantando uma vida estranha para o arcabouço do natural, criando assim uma tensão entre o natural e o sobrenatural. O sobrenatural nos torna mais naturais, convertendo as nossas inclinações do não-natural para o verdadeiramente natural. O homem convertido é mais natural porque é controlado pelo sobrenatural, possuindo alegria, espontaneidade, liberdade e realização naturais.

Paul Tillich diz assim: "O Novo Ser não é alguma coisa, simplesmente toma o lugar do Velho Ser. Mas é uma renovação do Velho que havia sido corrompido, distorcido, partido e quase destruído. A salvação não destrói a criação; mas transforma a Velha Criação em uma Nova Criação. Por isso podemos falar da Nova em termos de Renovação, o tríplice "re", especialmente a re-conciliação, a re-união e a re-surreição." (2)

Isto é importante porque desfaz o dualismo não-natural que muitos manifestam na nova vida - o natural guerreando contra o sobrenatural. A vida cristã se torna, para eles, um campo de batalha entre o sobrenatural e o natural e que os tornam pessoas tensas, ansiosas e lutadoras. Mas na nova apresentação do assunto dada acima, o sobrenatural nos torna mais naturais, mais ajustados, mais integrados, mais à vontade com nós mesmos e com a vida, porque ficamos mais à vontade com Deus.

Os neo-ortodoxos usam o termo "castigo" para descrever a situação do homem decaído; eu prefiro o termo "separação". O castigo se refere a uma pessoa apanhada por causa dos seus pecados; a separação descreve uma pessoa separada de Deus, de si mesma e da vida. A separação fala de uma relação; o castigo fala de uma condição; um centraliza o seu pensamento em Deus de quem você é separado, e o outro centraliza o pensamento em si mesmo, o castigo em se achar a si mesmo. Do ponto de vista da separação, a conversão restaura uma relação através do perdão divino, quando Deus vem a nós "levando os nossos pecados no Seu próprio corpo sobre a cruz". Quando nos reconciliamos com Deus, uma reconciliação toma lugar em toda a linha; reconciliamo-nos com nós mesmos, com o nosso corpo, com o homem nosso irmão, com a natureza e com a própria vida.

Um psiquiatra veio ao lugar onde eu estava escrevendo no Himalaia com o fim específico de render-se a Deus. Isso aconteceu no caminho quando ele ainda estava a quase 40 quilômetros de distância. Ele o descreve: "Eu estava excessivamente cansado depois de uma

noite sem dormir; cansado e transtornado. Quando de repente me rendi a Deus, a canseira e a frustração desapareceram. Eu era um novo homem. Vim a Sat Tal caminhando através das montanhas como se eu estivesse calçado com botas de sete léguas. E Sat Tal jamais foi tão belo para mim. O lugar estava vivo e belo". Ele estava possuído de uma alegria divina. Reconciliado com Deus, reconciliara-se também consigo mesmo, com o seu corpo, com os seus irmãos, com a natureza, com a vida e com a sua psiquiatria. A psiquiatria não lhe era agora dominante, orgulhosa, toda suficiente nas suas técnicas. Agora ela possuía um ponto do qual partir para a vida - Cristo. Era uma serva, não mais senhora. A vida total ficou no seu devido lugar, e a vida total começou a ter sentido.

Temos o seguinte de Charles M. Laymon: "Devemos insistir hoje em que a conversão cristã é um novo nascimento em Cristo. Psicologicamente podemos dizer que ela seja uma reintegração da vida ao redor de um novo centro pelo qual os nossos conflitos são resolvidos. Mas como cristãos só podemos descrevê-la como sendo o encontro de uma nova vida, de novos padrões de valores e novos objetivos para a vida como um resultado da união com Cristo". (3)

Em outras palavras: "A conversão é uma reação em que Cristo é central".

Quando você faz de Cristo o centro, você está convertido. Um psicologista definiu a conversão como sendo "o nascimento de uma nova afeição dominante pela qual a consciência de Deus, até então marginal e vaga, se torna em foco e dinâmica". Deus estando na margem, alguma outra coisa está no centro: o eu, o sexo, o grupo, ou simplesmente o pecado. A vida é dominada por alguma coisa que não Deus. Deus entra na consciência de vez em quando como um intruso estrangeiro, perturbador, transtornado, pondo-nos em dificuldade. Então o senso de erros, de futilidade e de culpa nos leva a fazer com que esse centro falso se renda. Quando a rendição do eu tem lugar, Deus sai da margem e toma posse do centro. Ele já não é mais "marginal e vago"; Ele é agora o "foco e dinâmico". Ele está no centro e tudo mais O serve, e Ele é dinâmico: não mais opera da margem sobre nós, de maneira fraca. Ele agora opera dinamicamente: a Vida de nossa vida, o Amor de nosso amor, o Ser de nosso ser e a Alegria da nossa alegria. Como alguém disse: "Eu me exponho a tudo que é Seu". "Jesus é Senhor!".

O Barão Von Hügel, um leigo católico romano, disse que "nós

temos partido de uma base falsa. Temos concebido a vida cristã como uma imitação de Cristo. Ela não é uma imitação de Cristo; é uma participação de Cristo". Como pode alguém imitar a Cristo na sua vida tendo o eu, o sexo, a grei no centro? Isso é querer o impossível. Esse centro se rende, Cristo entra, e, então, participamos de Cristo - os Seus recursos se tornam a fonte das nossas ações. Vivemos por um Outro.

Esta conversão "é o nascimento de uma nova afeição dominante". É uma mudança na crença, porém é mais do que isso; é uma mudança de atitude, mas é ainda mais; é uma mudança de direção, porém é mais; ela é basicamente uma mudança em "afeição". É uma conversão do nosso amor. Temos amado o eu, o sexo ou a sociedade, de maneira suprema; agora amamos a Deus supremamente. Esse não é um amor colocado ao lado de outros amores; é uma "nova afeição dominante". É uma afeição que se torna suprema e que comanda. Ela absorve em si todas as afeições menores, e, nesse processo, as liberta. Alan Richardson, pastor de Durham, nos diz que "a conversão representa uma reorientação da vida e da personalidade, a qual inclui a adoção de uma nova conduta ética, o abandono do pecado e uma volta à retidão". Mas esta pode não ser uma definição cristã da conversão a menos que a reorientação tenha Cristo como centro. Somente então ela se torna uma conversão cristã.

Uma outra pessoa definiu a conversão como sendo "uma compreensão alterada". É, mas é uma alteração da compreensão de Cristo, não somente como mestre ou como exemplo, mas como Senhor, e, portanto, como Salvador. É uma dominante afeição a Cristo.

A definição que o psicólogo William James deu à conversão é clássica: "Ser convertido, ser regenerado, receber a graça, experimentar a religião, ganhar segurança, são tantas frases que indicam o processo, gradual ou súbito, pelo qual o eu, até aqui dividido e conscientemente errado, inferior e infeliz, se torna unificado e conscientemente reto, superior e feliz, em consequência de uma aderência mais firme às realidades religiosas".

Esta definição é segura e penetrante nas suas fases psicológicas: 1) "Um eu até aqui dividido" - a pessoa é uma guerra civil, cancelando-se a si mesma pelos seus conflitos interiores. 2) "Conscientemente errado" - o senso de separação, de desarmonia. Assim como um homem disse: "Estou em harmonia com o caos". 3) "Inferior" - cheia de rejeição de si mesma, de descontentamento de si mesma, de ódio a si

mesma porque não está se tornando na pessoa que devia ser e estava destinada a ser. 4) "Infeliz" - Naturalmente infeliz porque não se pode fazer feliz um homem que está dividido, que tem consciência do erro e de ser inferior. Ele está basicamente infeliz e nenhuma quantidade de felicidade marginal pode torná-lo feliz. Então vem a conversão: 1) A vida dividida é "unificada" ao redor de um centro Cristo. 2) "Tem consciência da retidão" - aceito por Deus, torna-se aceito pelo universo. Sente-se à vontade como universo e com a vida. 3) "Superior" - Todo aquele desgosto e ódio de si mesmo desaparecem; sendo aceito por Deus, ele aceita a si mesmo; amado por Deus, ama a si mesmo. 4) "Feliz" - É naturalmente feliz, pois a sua felicidade agora não depende dos acontecimentos, mas das relações que persistem entre o fluxo dos mesmos. Ele pode ser feliz "apesar de", quando ele não pode ser "por causa de". É incorrigivelmente feliz.

Essa definição se enfraquece no seu fim, quando diz: "em consequência de uma aderência mais firme às realidades religiosas". A conversão não é "uma aderência mais firme às realidades religiosas"; é isso, mas muito mais. As "realidades religiosas" são uma Pessoa. Ele o domina firmemente. Você não passa a ter "um domínio mais firme" de alguma coisa - Alguém o domina com firmeza. Você não está cerrando os dentes com a determinação de conseguir esse "domínio mais firme"; você "permite o barco correr e permite a Deus". Você recebe e coopera e regozija-se!

Esta afirmação de Mildred E. Whitcomb de, que e a conversão é luminosa: "Se você me perguntar o que significa a religião para mim agora que a peregrinação da minha alma terminou em triunfo, eu posso dizer-lhe: 1) Ela significa que o meu tratamento mental de todos os assuntos está mudando; as idéias surgem em luz clara ao invés de sombra. 2) Ela significa que a minha atitude um tanto cínica está sofrendo uma determinada mudança. Devo amar aqueles a quem Deus ama. 3) Sinto-me livre, exultante, exaltada. 4) Certa vez fiquei amedrontada pelo nome de Deus, por isso compreendo agora porque é que há pessoas que ficam nas esquinas das ruas gritando as boas novas a respeito de Deus e de Seu Filho. 5) A Igreja chama isso de conversão. A Bíblia o chama de novo nascimento. Eu o chamo de milagre, pois, foi isso que me aconteceu". (4)

Uma voz do passado, um cristão do segundo século escrevendo ao seu amigo Diognetus, caracteriza o Cristianismo como sendo "este novo interesse que entrou na vida". Posso entender o que ele queria

dizer por ter vivido entre civilizações cansadas, nas quais a base íntima da vida está ruindo. Há sinais de um avivamento exterior causado pela injeção no braço da moderna visão científica e do progresso, mas estes avivamentos exteriores são acompanhados de uma firme decadência interior das bases filosóficas e religiosas sobre as quais a vida tem descansado até aqui. Estes novos motivos que vêm do patriotismo e da ciência iluminam a vida momentaneamente, mas logo tomam o seu rumo, desaparecem gradualmente e deixam os homens caceteados e desencorajados. "A minha religião e a minha filosofia fracassaram. Não tenho recursos para enfrentar a tragédia. Odeio a vida; odeio a tudo". Isto vem de uma alma muito nobre, nobre entre a ruína das coisas. Então vem o Cristianismo com a sua oferta de conversão, de um novo nascimento, e quando é aceito ele produz o que fez ao mundo fatigado, desencorajado e decadente da Grécia e de Roma: "Este novo interesse que entrou na vida". A vida se torna refrescada, cheia de sentido e de entusiasmo, uma surpresa em cada esquina, uma vida explodindo de novidade e de surpresa, que rasga horizontes, desdobra panoramas: um "novo interesse" entrou na vida! Dê-se o filme aos fatigados que necessitam de um estimulante! A vida é para mim o meu filme, e à medida que ele se desenrola diante de mim, eu danço e canto e bato palmas. Um "novo interesse entrou na vida!" Não é de se admirar que um porteiro de hotel ficasse surpreso ao abrir a porta da frente a uma cristã radiante, e lhe tendo perguntado: "Como está a senhora?" recebesse a resposta espontânea: "Convertida". Isso era a coisa importante que havia transformado a vida em Vida.

A conversão pode ser definida como sendo a Vida impingindo-se sobre a vida, acordando-a, unificando-a, dando-lhe brilho, moralizando-a, fazendo-a "importar-se", pondo um novo entusiasmo em tudo, e fazendo-a amar. Como disse alguém: "Para um a conversão significa o matar a besta que existe dentro de si; para outro, ela traz a tranqüilidade a uma mente inquieta; para um terceiro, ela é a entrada para uma liberdade mais ampla e uma vida mais abundante; mas ela ainda é a reunião de forças no interior de uma alma que está em guerra" <sup>(5)</sup> Para todos, ela significa Vida. Quando a conversão tem lugar, todos os nossos substantivos comuns se tornam em nomes próprios: tudo é capitalizado e elevado. Um novo interesse entra na vida.

O Dr. Spoffard Ackerly, da clínica psiquiátrica Norton, disse que "o objetivo da religião é a criação de uma nova vida, o desenvolvimento de um tom sentimental e a regeneração da energia psíquica". Ele põe o dedo sobre três coisas: nova vida, desenvolvimento de um tom

sentimental e a regeneração da energia psíquica. No centro das três está o "desenvolvimento do tom sentimental". E isto vem de um psiquiatra! Isto no meio de um mundo religioso em que muitos têm medo da emoção, como se a emoção pudesse ser divorciada de uma profunda mudança de vida chamada conversão! Se nos calarmos, as pedras clamarão!

Harry M. Tiebout fala desta experiência da conversão como sendo "o avançar através de um muro". "O avançar através de" liberta poder, uma sensação de força e de liberdade internas que vêm quando uma pessoa se vê libertada do seu muro psicológico".

Há uma ou duas gerações atrás, o motivo dominante da conversão era o medo do castigo futuro. Isso persiste nesta geração. Um professor numa escola bíblica conservadora diz: "O medo atinge a 60 ou 75 % dos motivos que levam os homens a serem salvos. Nenhum, numa classe de mais de cem, havia sido levado a ser salvo pelo amor". O clima educacional daqueles estudantes havia sido obviamente o medo das conseqüências - e grandemente do futuro. Enquanto isto é verdade em tais grupos, o motivo está agora transferindo-se - o temor do castigo futuro está transferindo-se para o temor do inferno dos conflitos íntimos, das neuroses, dos esgotamentos, das tensões, de um senso interior de culpa. O inferno exterior ainda permanece, mas este inferno interior mais imediato está agora preocupando a mente desta geração. Atualmente a área da obra da conversão está grandemente no reino do pensamento, das atitudes, e das emoções errôneas - de um eu em confusão. Este inferno interior é muito pior do que o exterior, pois é mais imediato, mais presente, mais íntimo. Uma geração que rejeitou o inferno exterior descobre que ele se transferiu para o sim interior. "E o último estado daquele homem é pior do que o primeiro". "O inferno é portátil".

A ênfase da conversão está na libertação daquilo que você é agora, ao invés da libertação daquilo que você será em algum mundo futuro. Esse mundo futuro ainda é impingido sobre nós e sempre o será, mas a mordida, a picada, a pressão da conversão vem do inferno de ter você de viver com um eu de que você não gosta e não pode respeitar, um eu que você odeia, mas com quem você tem de viver todas as horas e todos os dias. Pode esse eu ser convertido? Precisamos voltar-nos para isso agora.

## CITAÇÕES:

- 1) John Masefield: "A misericórdia eterna".
- 2) Paul Tillich: "O Novo Ser", p. 20.
- 3) "Nova Vida em Cristo", por Charles M. Laymon, p. 14.
- 4) "Estes Acharam o Caminho", por David Wesley Soper.
- 5) "O Fato da Conversão", por George Jackson, p. 97.

## Capítulo III

### A CONVERSÃO DO EU

Terminamos o último capítulo enfatizando a necessidade da conversão que nos liberta de um eu impossível. Esse é o cerne do problema, tudo mais fica na margem.

A questão daquilo que acontece ao eu é central na religião. A filosofia do Vedanta afirma: "O eu é Deus realize-o". Mas a resposta óbvia a isto é que o dizer a um homem que está sinceramente procurando a Deus que ele é "Aham Brahma" (eu sou Deus) é o mesmo que dizer a um mendigo faminto que ele é alimento. Sabemos que não somos Deus, e isso põe fim à questão, pois se somos Deus, então perdemos todo o respeito a Deus; se somos Deus, então Deus nada vale.

Uma outra resposta é o oposto: "Torne-se nada". O hino que contém estes versos: "Tudo do eu e nada de Ti / Um pouco do eu e um pouco de Ti / Nada do eu e tudo de Ti" é belo num sentido, mas falso, pois você não pode viver sem "nada do eu". O eu é uma parte integral de nós e não pode ser alijado. Posto para fora pela porta, ele volta pela janela.

Uma terceira resposta é: "Dê expressão a si mesmo". Esta é igualmente impossível, pois se você expressar a si mesmo, você não gostará do eu que está expressando. Você fará aquilo que desejar, mas então não gostará daquilo que faz. Você não pode dar mais expressão de si mesmo do que pode dizer a um jardim: "Dá expressão a ti mesmo", e não ter capins como resultado.

Então qual é a resposta cristã? Ela é definida e simples: submetase a Deus. E o resultado? A realização do eu através da rendição do eu. É a conversão de uma pessoa centralizada em si mesma para uma centralizada em Deus.

Muita gente ainda pensa que o Cristianismo ensina a rendição do mundo. Mas a fé cristã atinge maior profundidade do que isso, pois é possível submeter o mundo e não submeter a si mesmo. Os Sadus, na Índia, freqüentemente se vestem de cinza, mas não se vestem de humildade: eles insistem na diferença de classes ao irem banhar-se no Ganges. Há confusão quando essa ordem não é preservada. Mas quando você se submete, então, o eu e o mundo voltam para você; ambos são seus. "Tudo o é vosso: ...seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós de Cristo" (1Co 3.21-23). Se você pertencer a Cristo, todas as coisas pertencem a você. A renúncia do eu termina na realização do eu e do mundo. Você não mais pertence ao mundo; o mundo pertence a você: a sua beleza, a sua arte, a sua possibilidade de desenvolvimento, as suas relações; tudo isso lhe pertence. Emancipado do domínio do eu, você passa a possuir todas as coisas.

A dificuldade é o deixar esse eu ir. Assim diz alguém: "A palavra conversão tem implicações apropriadas aos níveis mais básicos, mas ficamos realmente amedrontados diante de uma conversão mais superficial. Ao contemplá-la, a pessoa tem o sentimento de que este passo pode ser tão revolucionário que lhe apague toda a sua vida pessoal anterior. Tive ainda de aprender que, na conversão, você atira ao mar o seu egocentrismo, mas não lança o que você é".<sup>(1)</sup>

Não é de se admirar que ele chegue à conclusão de que o ato religioso mais importante é a rendição pessoal. Até que isso aconteça, damos pouca importância a essa questão de ser cristão. O seu eu nas suas próprias mãos é problema e sofrimento; nas mãos de Deus, ele é uma possibilidade e um poder.

William Law disse que "o eu é a raiz, os galhos, a árvore de todos os males da nossa raça decaída". Isto devia ser modificado para o seguinte: "O eu não submetido é a raiz... de todos os males da nossa raça decaída". O eu submisso é a raiz de todo bem que tem vindo à raça humana.

Rendição é a melhor palavra que conheço para expressar o que ela é realmente, mas Lutero a chama de "a mudança cheia de alegria" - a mudança alegre de um eu egocêntrico e impossível para um eu possível e centralizado em Deus. Rufus Moseley costumava chamá-la de "um feliz ceder de si mesmo a Deus". No templo ela não parece ser nem "alegre" nem "feliz" - parece ser morte, mas se torna em mudança.

É isto que Chad Walsh disse: "Numa rendição tão completa. como eu soube fazer, coloquei tudo sobre Ele. Com o senso de ou tudo ou nada, dei o salto da fé. E deu resultado!".<sup>(2)</sup>

Nada mais dá resultado. Todos os outros tratamentos de pecados particulares são martelar nos sintomas.

Um ministro procurou controlar a sua língua queimando-a com um ferro aquecido ao rubro. Um hindu contou-me que conheceu três pessoas que haviam cortado a língua e oferecido a mesma a Kali, uma deusa hindu. Mas o eu - a fonte da língua incontrolável - permaneceu. Mostraram-me, num museu na Rússia retratos de homens que se castraram num esforço para vencer o sexo. Mas alguém disse que "todo mal é apenas um sintoma; a verdadeira doença está no fato de que temos um outro deus. Esse outro deus se chama "eu".

Esta descrição da conversão de Asa G. Gandler Jor., da Coca-Cola, é uma ilustração de como o tratar do sintoma, no caso a bebida, foi infrutífero até que o seu eu rendeu-se. Ele diz: "Eu tinha medo do desconhecido, de mim mesmo, dos resultados finais dos meus desvios e bebia mais do que nunca por causa do medo". Quando ia sendo levado para casa, meio bêbado, por um motorista, a Voz lhe disse: "Você precisa livrar-se de si mesmo; precisa renunciar-se a si mesmo; rejeitar-se a si mesmo". A Voz não lhe disse que parasse de beber, mas que se rendesse. Ele contou à esposa o que lhe havia acontecido, no caminho, "Ajoelhamo-nos em oração, e ela fez a mais bela oração que já ouvi. Eu orei assim: "Senhor, se eu tentar renunciar a mim mesmo, ajudar-me-á o Senhor? Toda a suficiência própria desapareceu. Estava tão pobre em espírito como uma criança recém-nascida. Senti a certeza de que Deus tinha tomado o meu problema como sendo Seu. Estávamos chorando, mas, pela primeira vez na minha vida, experimentei paz na alma. Pusemos uma fita na garrafa de bebida alcoólica que estava no guarda-louça, e ela está ali até hoje. Daquela hora em diante fiquei liberto do desejo de beber, contudo mais do que isso, fui liberto do egoísmo e do amor ao dinheiro". Ele dá à Igreja 75% da sua renda e espera dar tudo que possui antes de morrer. Ele resume tudo nestas palavras: A coisa central no Cristianismo é a submissão final e total do eu, a sua renúncia, e rejeição e a rendição inteira da vida à vontade e ao caminho de Deus".

A conclusão deste ex-alcoólatra e a de um dos importantes psiquiatras do mundo são exatamente a mesma. Este psiquiatra escreve isto: "Procurarei ajudá-lo na sua capacidade profissional, mas também à

sua estrutura psíquica interior que ainda não é muito harmônica, mas um tanto problemática e por isso um tanto destrutiva; ela ainda gira muito ao redor do seu eu ao invés de ter o eu submisso a Deus". O alcoólatra por experiência pessoal e o analista por experiência profissional chegam ambos à mesma conclusão – rendição.

Vamos tomar agora uma experiência entre essas duas: a filha de um bispo, esposa de um clérigo que é o cabeça de uma grande e importante escola. Deixa-la-ei contar a sua própria história.

"Tendo nascido e sido criada numa família de missionários, onde os valores espirituais eram mais altamente considerados do que qualquer outra coisa, a minha fé se conservou firme até que fui estudar nos Estados Unidos. Lá fui assaltada por muitas dúvidas. Nada podia abalar a minha crença em Deus. Meus pais preenchiam as Suas condições estavam seguros do Seu amor e fidelidade, mas isto não me dizia respeito; eu tinha de provar a vida; eu havia de descobrir por mim mesma.

Depois de formada, o meu desejo era voltar para a Índia. Eu gostava de lá. Gostava muito das suas montanhas, do povo, da vida feliz que sempre tive. Queria escrever, viajar, viver!

Sabendo das respostas que provavelmente agradariam à Junta, preenchi os papéis para a Missão sem dificuldade, e, com o coração leve e um guarda-roupa ousado parti almejando a viagem que me levaria para casa.

Mas alguma coisa estava errada e muito errada na Índia. Reuniões, conferências, retiros e orações – eu estava rodeada dessas coisas. Tinha de ensinar classes da Escola Dominical, liderar um grupo de moços, fazer devoções, dar testemunhos, responder perguntas dos que estavam em dificuldades. Eu não tinha os recursos para isso. Consegui lutar durante algum tempo, conhecendo um pouco da técnica. Mas o que a princípio era vazio e pobre de sentido, tornou-se em amargura e me encheu de desprezo e rebelião. Deixei de ir à igreja quando minha hipocrisia se tornou quase insuportável a mim mesma, mas a minha ausência foi notada e criticada. Meu trabalho tornou-se um fardo e o escrever que eu havia almejado tornou-se insuportável.

Então verifiquei que tudo o que eu realmente queria estava fora do meu alcance. Queria divertimento; queria divertir-me a meu modo.

Gostaria de ouvir a orquestra tocar música de dança no clube e ondas de miséria tomaram conta de mim. Era isso que eu queria, e, sendo missionária, era barrada. Que vida rígida e estéril me estava sendo imposta!

Encontrei na Escola de Línguas muita gente moça maravilhosa a quem eu admirava, mas todos eles pareciam tão seguros do seu chamado e a sua religião significava alguma coisa para eles. Eu tinha piedade deles, em meu coração, por serem tão simples; ou será que eu tinha inveja deles?

Num domingo, num estado mental desesperado, de quase rebelião, fui à igreja, sendo a luta em meu coração quase insuportável. Eu estava tão infeliz que alguma coisa tinha de acontecer ou eu não poderia continuar.

O Doutor Stanley Jones era o pregador. Ele leu o texto: "Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por minha causa acha-la-á" (Mt 16.25). O meu coração clamava: "Ó não, isso não! Não quero perder a minha vida. Quero viver! Quero a felicidade, e coisas belas e amigos. Quero alegria, popularidade e divertimento. Quero vida!" Uma tristeza que parecia estar a arrancar-me a respiração me inundou. Ó quão injusto, cruel, e que loucura, o pedir-me que abandone a vida quando ela é aquilo que almejo - a vida com música, colorida e divertimento!

Escutei o sermão. O caminho foi explicado passo a passo; a lógica era irrefutável; o paradoxo parecia irrespondível, loucamente convincente, e, no entanto, eu não estava disposta a aceitá-lo. Era-me impossível abandonar a minha vida, fossem quais fossem as promessas. Então foi anunciado o último hino: "Quando Contemplo a Maravilhosa Cruz". Os meus olhos fixaram-se nos versos; então alguma coisa como pânico apoderou-se de mim. Vinha chegando um verso que eu não podia cantar. Nada podia fazer-me cantá-la; eu morreria se tivesse de fazê-lo. A segunda estrofe do hino começou; o primeiro verso, então o segundo; ele estava aproximando-se; que havia de fazer? Como poderia eu abandonar tudo? Isso era pedir demais. Clamei no coração: "Ó Deus, que farei?"

Então, movida por algum poder que não provinha de mim, consegui cantar muito baixinho: "Todas as coisas vãs que mais me encantam, eu as sacrifico ao sangue". Estava feito! Tudo passou.

Naquele momento, a vida parecia estar esvaziada de tudo. Era um vazio completo, total. Nada foi deixado. Mas naquele mesmo momento, quase simultaneamente, veio um transbordamento de alegria de parar a respiração. Parecia que eu seria arrancada dos meus pés, tão grande era a plenitude, a glória. O próprio Cristo inundou meu coração, transbordou-me de amor. Tudo se esclareceu num relance isto era vida, esta abundância, esta alegria indizível e cheia de glória".

Um famoso teólogo disse: "Deus estava no centro da minha teologia, mas eu estava no centro da minha vida. Explodindo de idéias, eu falava demais. Eu queria ser aceito, mas quanto mais eu procurava provar ser digno de sê-la, menos acolhida eu tinha". Veio então a conversão através da rendição. "Eu tinha pena da fé da minha esposa. Ela levou-me a uma nova vida".

David Wesley Soper diz assim: "O cristão tira a cruz do Calvário e erige-a no seu coração. O eu que tem resistido e crucificado a Deus é crucificado; Deus e o eu não são inimigos, mas aliados". Ele disse de si mesmo: "Eu era um pacifista ardoroso, um zeloso evangelizador das idéias sociais, estava como que em fogo para reconstruir tudo, exceto a mim mesmo". Então acrescenta: "A busca do eu é a busca da tristeza". Depois vem a conclusão final: "Confrontado cada dia com o inescapável "ou... ou": buscar ou matar o eu, crucificar a Cristo ou coroá-LO Senhor dos senhores. Deus está tão próximo quanto a oração da rendição". (3)

O Barão von Hügel, leigo católico romano, comenta que "enquanto Cristo não realizar em você uma crucificação interior que o separe da ênfase e o ligue a Deus numa união profunda de amor, mil Céus não lhe poderão dar paz". A rendição é a base da paz, e não há nenhuma outra base.

Samuel Hoffenstein resume-o, dizendo que "onde quer que eu vá, eu vou também, e estrago tudo". Tudo é estragado quando se tem um eu insubmisso no centro.

Jesus procurou dar isto aos Seus discípulos em Lucas 9, perguntando-lhes: "Quem dizeis vós que eu sou?" (v. 20). Quando Pedro fez a grande confissão: "O Cristo de Deus", Ele imediatamente tentou fazê-los compreender o centro da verdade de que Ele era o Filho de Deus - a Cruz! O dar-se (v. 22) então virou-se para "todos" eles, dizendo-lhes: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida,

perdê-la-á; quem perder a sua vida por minha causa, esse a salvará" (vv. 23-24). Assim como a cruz da rendição estava no centro do Seu ser como Filho de Deus, assim ela deve estar no coração dos Seus discípulos. Ele ensinou a mesma lição no monte da Transfiguração. Aquilo de que Moisés e Elias falaram era a "Sua partida que Ele estava para cumprir em Jerusalém" (v. 31). Esse era o centro da Sua "glória" - a cruz. Então Jesus expeliu o espírito mau (v. 42). "E todos ficaram maravilhados ante a majestade de Deus. Como todos se maravilhassem de quanto Jesus fazia, disse aos Seus discípulos: fixai nos vossos ouvidos as seguintes palavras: o Filho do homem está para ser entregue nas mãos dos homens" (vv. 43-44). A minha "majestade", disse Ele, não está na cura, e sim no "dar-me", está numa cruz!

"Eles, porém, não entendiam isto e temiam interrogá-LO a este respeito" (v. 45). Temiam perguntar-lhe, pois sentiam vagamente que isso os envolveria na rendição. O não compreenderem eles "isto" e tudo o que isso envolvia para eles começou agora a mostrar-se em todas as suas relações.

1. "Levantou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior" (v. 46). O eu insubmisso começou a transtornar a camaradagem íntima dos doze.

2. "E Iho proibimos, porque não segue conosco" (v. 49). Aqui o eu insubmisso transtornou relações entre grupos de discípulos.

3. "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?" (v. 54). Aqui o eu insubmisso transtornou relações entre raças - Samaritanos e judeus.

4. Visto que os discípulos não obtiveram esta rendição como centro do seu seguir a Jesus, assim o serem discípulos também não o recebeu: "Seguir-te-ei para onde quer que fores. Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (vv. 57-8). "Vós procurais uma jornada suave; eu vos estou oferecendo uma cruz".

5. "A outro disse Jesus: Segue-me. Ele, porém, respondeu: Permite-me ir primeiro sepultar meu pai" (v. 59). (A propósito, o seu pai não estava morto em casa, mas ele queria voltar para casa e esperar até que seu pai morresse para fazer-lhe um grande funeral, mantendo o nome da família - novamente o eu).

6. "Outro lhe disse: Seguir-te-ei, Senhor; mas deixa-me primeiro despedir-me dos de casa. Mas Jesus lhe replicou: Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás, é apto para o reino de Deus" (vv. 61-2). O olhar para trás mostrava que ele estava sentindo tristeza de si



mesmo - "Veja o que estou deixando!".

Desde a maravilhosa descoberta de que Jesus era o Filho de Deus até o fim do capítulo, nada foi feito certo pelos apóstolos e seus aderentes. Com essa descoberta nas suas mentes, seríamos levados a pensar que tudo sairia certo deles e das suas relações. Se o intelectualismo fosse a resposta, então seria assim. Mas enquanto que as suas mentes estavam convencidas, as suas emoções estavam nas garras de um eu sem rendição. Daí o moverem-se sobre si mesmos em tudo, em todos os acontecimentos e em todas as relações. O eu insubmisso estava na base de todos os seus fracassos. Estavam em tudo procurando se salvar e estavam se perdendo em cada um dos eventos. A vida toda, em qualquer parte, é um comentário e uma amplificação daqueles dizeres de Jesus. Salvar a sua vida com a preocupação centralizada no eu, é perdê-la, e o perdê-la através de um eu submisso é achá-la. Essa é uma lei plantada tão profundamente no mundo espiritual como a lei da gravitação está plantada no material, e é também inescapável.

Isso se dá em toda parte. Numa pequena cidade, numa noite, antes da discussão da "direção caseira" no estudo de relações domésticas, os maridos e as esposas receberam questionários para serem preenchidos. No espaço para anotarem as causas de desentendimentos nos lares, um homem escreveu "Eu!" Essa história de "Seleções" é tão nova e tão antiga como os passos das Escrituras citados acima. Em cada um dos casos, a causa do desentendimento era o "Eu" - o eu insubmisso. Não há outra causa. Isto é uma doença e tudo mais é sintoma.

Se não pertencemos a Ele, vemos, na seguinte passagem, como nada nos pertence. "Prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus" (Fp 3.12). "Conquistar... fui conquistado". Quando pertencemos a Ele, tudo nos pertence, mas quando pertencemos a nós mesmos, então nada nos pertence. "Todas as coisas traem aqueles que me traem". Você não pode possuí-"lo" enquanto não for possuído por "Ele". Não que nos sejam dadas "todas as coisas" se nos rendermos a "Ele", mas você ou as conseguirá, ou poderá passar alegremente sem elas, pois você O tem. Quando você é controlado por Ele, você não é mais controlado pelas "coisas": dinheiro, fama, prazeres, posição e poder. Você está acima delas; elas não estão sobre você. George MacDonald disse que "o homem está escravizado a tudo aquilo que ele não pode abandonar, a menos que abandone a si

mesmo". Submetidos a Cristo, estamos livres; escravizados a Ele, palmilharemos a terra emancipados; prostrados a Seus pés, nos levantamos eretos perante tudo. Quando somos mais dEle, somos mais nossos. Ficamos livres da escravidão das coisas; podemos tê-las ou não tê-las, pois O temos. Nós nos sentimos leves porque colocamos todo o nosso peso sobre Ele.

"Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro" (Ap 22.3). Onde está o trono de Deus e do Cordeiro não há maldição; onde Deus governa, a bênção governa. Onde o trono de Deus não está, onde Deus não governa, tudo é amaldiçoado, amaldiçoa-se a si mesmo! Bernard de Clairvaux diz que aquele que não é governado suavemente pela vontade divina é governado penosamente por si mesmo; e aquele que lança de si o jugo suave e o fardo leve do amor, tem de sofrer o peso intolerável da vontade própria".

Estas afirmações vêm do lado especificamente religioso das coisas, mas escute o que diz a psicologia: "O objetivo da vida individual é a maturidade; essa maturidade significa o desalojamento da egocentricidade de maneira que o centro atual do ser possa ser estabelecido e tornar-se a motivação total". A " egocentricidade" precisa ser desalojada de maneira que "o centro atual do ser" - Deus - "possa ser estabelecido e tornar-se a motivação total".

Como desalojaremos a egocentricidade? Eis como Cristina Rossetti procura fazê-lo:

"Deus endurece-me contra mim mesma,  
A covarde com patética voz.  
Quem anseia por tranqüilidade, descanso e alegrias,  
Eu, o grande traidor de mim mesma,  
Meu amigo mais santo, meu inimigo mais mortal,  
Meu torrão seja qual for o caminho que eu siga.  
Mas existe UM que pode controlar-me,  
Que pode rolar o peso estrangulador sobre mim,  
Quebrar o jugo e libertar-me".

Isso é bela poesia e contém muita verdade, mas é vazia da libertação da dominância do eu através da rendição. "Endurece-me contra mim mesma" - isso estabelece o ódio a si mesmo, uma guerra civil contra si mesmo, torna a vida uma luta, uma batalha contra si mesmo. Torna a vida tensa e daí enfraquece. "Mas há UM que pode

controlar-me". O eu tem de ser controlado; mas o caminho cristão não é o eu ser controlado, mas ser consagrado. A rendição do eu significa consagração do eu e, então, você não está em guerra civil contra si mesmo, mas em cooperação com o seu eu consagrado. Estamos seguindo o mesmo caminho, com o mesmo motivo e o mesmo objetivo.

Eis o que alguns japoneses disseram na "Manhã do coração transbordante". Sendai: "Vim aqui me destruir. Mas não posso destruir-me. Posso apenas submeter-me, não me destruir. Se eu morrer com Ele, viverei com Ele". Um outro: "Tenho pedido o Espírito Santo sem submeter-me. Agora me rendi e recebi o Espírito Santo. Tenho sido perturbado a respeito do subconsciente; ele volta à noite em sonhos. Vi que isso era devido a um subconsciente insubmisso. Agora permiti que Ele o possuía. Tenho pregado a mim mesmo, agora vou pregá-LO". Um outro: "Que recebi no Ashram? Nada. Tudo foi tirado; só Jesus permanece. Tenho pensado a respeito de Cristo e mais alguma coisa. Agora esse "mais alguma coisa" foi-se, e nada me ficou senão Jesus. Agora tenho tudo".

No Ashram de Hiroshima: "Fui habilitado a ver-me insubmisso. Fui dominado de maneira clara. Todos os véus foram tirados. Aqui existe a verdadeira camaradagem. Esta é a unidade mais elevada. O segredo disto é esta vigília de oração. Gostaria de ver um Ashram de todas as raças do mundo". Um outro: "A submissão total foi a primeira coisa que se me mostrou. Senti um calor estranho em todo o meu corpo. "Falta-te uma coisa" - a rendição me veio".

Ashram de Fukuoka: "Eu não esperava muito do Ashram. Mas tive logo de enfrentar a rendição. Sempre houve um véu entre mim e Deus. Depois de uma conversa de vinte minutos com o irmão Stanley fui libertado do passado. Vi Jesus na cruz. Clamei durante a noite toda. Consegui aqui tirar os meus olhos do passado e colocá-los em Jesus".

No Ashram de Osaka: "Eu não entendia bem o que se queria dizer por rendição. Agora eu a compreendo. O ensino referente ao ágape que era para mim um grande véu me foi tirado. Eu era um túmulo vazio, lindamente decorado".

Um outro: "Eu ia às conferências da juventude, mas ficava oprimido por elas. Começamos sentindo nessas conferências que tudo está bem conosco, que todos os problemas estão nos outros. Aqui iniciamos com nós mesmos, com a nossa própria rendição Quer no

orientar, quer no ocidente, o senso de libertação das suas próprias mãos e de colocar-se nas mãos de Deus é o mesmo. Uma mulher diz que "O livrar-se das suas próprias mãos é tão confortante para você". É realmente. Quando você está nas mãos de Deus você está no lugar a que pertence. Isso é o lar. Esta rendição do eu dá-se uma vez por todas mas continua. Exatamente como num bom casamento você está casado uma vez por todas, quando os votos são feitos e a posse proclamada, assim você pertence a Cristo uma vez por todas. Está feito. Suponhamos que a sua esposa ou esposo se aproximasse e lhe dissesse: "Vamos casar-nos hoje novamente". Você ficaria surpreso e chocado. Um casamento real é feito uma vez por todas. No entanto, há rendição diária de um ao outro e ao casamento. Quando vocês se dão um ao outro, isso significa um desdobrar de tudo diariamente. É feito uma vez por todas, mas continua; é uma rendição diária à rendição feita uma vez por todas; é uma revelação de tudo que não foi revelado no início.

Alguém que é "uma rendição de tudo que conheço de mim mesmo, hoje, a tudo aquilo que conheço de Cristo hoje".

Há três estágios na rendição inicial: "Modo, movimento e momento". Você é levado por diversas influências ao modo da submissão. Você tem percorrido becos sem saída da frustração, do conflito, da futilidade através de um eu insubmisso. Agora você é levado à situação da rendição. Então vem o movimento da rendição. Você pede a graça para render-se, para torná-la uma verdadeira submissão e não apenas o remendo de um compromisso, uma submissão cem por cento. O movimento é dos dois lados; se dermos um passo, Ele dará dois. Nós avançamos para braços abertos que avançam na nossa direção. O terceiro passo é o momento da rendição. Há o momento quando nos entregamos aos braços da misericórdia eterna. Nós nos tornamos Seus para o melhor ou para o pior, para a vida ou para a morte, para afogarmo-nos ou para nadarmos. Fechamos o negócio. Está feito. Sentindo ou não, está feito. O sentimento virá como resultado dessa decisão.

No centro desse sentimento estará uma convicção crescente de que Jesus é Senhor. Ele será o Senhor de você, dos seus bens, das suas relações, do seu futuro, de tudo que lhe pertence. Existe entre os sírios cristãos, no sul da Índia, o costume de dizerem "Jesus é Senhor", como as primeiras palavras ditas a uma criança que nasce. Ao coração do filho de Deus recém-nascido, as primeiras palavras ditas pelo Espírito Santo, são: "Jesus é Senhor".

A propósito, esta frase "Jesus é Senhor" foi provavelmente o primeiro credo cristão: "Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor... serás salvo" (Rm 10.9). Ninguém pode dizer "Jesus é Senhor" senão pelo Espírito Santo" (1 Co 12.3). Em algumas versões da Bíblia, a expressão "Jesus é Senhor" está entre aspas mostrando que ela era usada pelos cristãos primitivos como confissão, como sendo o seu credo. Temos adotado essa frase como um cumprimento de saudação e de despedida em muitas partes do mundo. Levantamos os três dedos - "Jesus é Senhor" - na saudação e na despedida. Isso começou no Japão e se espalhou pela Coréia, pela Índia, pela África, pelos Estados Unidos e outras partes do mundo. Um artista africano pintou os três dedos, e está enviando cópias a todas as escolas e igrejas daquela parte da África, com as palavras: "Jesu ni Bhwana" - Jesus é Senhor - em cima, e, em baixo, a expressão: "Nossa saudação". Crianças, operários, professores, presidentes de países, e juizes de supremos tribunais, em muitas partes do mundo, amam essa saudação e estão usando-a. Ela expressa um fato profundo no centro da nossa fé: "Jesus é Senhor". Tenho ouvido as crianças de aldeias na Índia, evidentemente ensinadas por sua igreja, usarem o cumprimento: "Salve Maria", para com os visitantes e os outros. Vemos aqui a profunda diferença de ênfase entre os dois sistemas de fé: um centralizando-se em Maria, pessoa humana, e o outro centralizando-se no Divino Filho de Deus. Um sacerdote me disse que teve de passar a noite inteira ministrando o sacramento àqueles que voltavam ao rebanho, depois de terem visto a procissão da Senhora de Fátima - eis a conversão a uma senhora: Maria. Esta é uma conversão superficial e que está fora do centro. Não, Jesus é Senhor!

Se você puser o seu peso sobre qualquer coisa deste lado do divino, você ficará desapontado. Somente os ombros divinos são suficientemente fortes para suportarem o peso da culpa e da tristeza do mundo. No momento em que você se rende a Jesus, você fica sabendo disso! Isso é uma verificação tão de si mesmo como a luz está para os olhos e a verdade para a consciência. Alguém perguntou a um ex-alcoólatra o que significava a palavra "Aleluia", e ele respondeu: "Não sei, mas penso que significa "Formidável, é isso mesmo". Embora essa linguagem não fosse clássica, a sua visão interior estava certa. É isso!

Esse princípio de submissão não é meramente o que se verifica na fase inicial da conversão. É contínuo e será empregado à vida toda, após a conversão. Ao invés de guardarmos em nosso íntimo os

problemas corruptos, entregamo-los nas mãos de Deus, à medida que surgirem. Assim, das nossas próprias mãos são depositadas nas mãos de Deus. "O governo estará sobre seus ombros". Ele nos possui, e conosco possui também nossos problemas; escutamos obedientes suas soluções e as respeitamos. Então não nos sobrecarregamos de problemas por resolver, mas nEle resultarão satisfatórios, solúveis. Isto é psicologicamente saudável; pois se detiver um problema em seu íntimo, este poderá transformar-se em complexo, e um complexo poderá tornar-se uma neurose que, por sua vez, poderá vir a ser uma psicose. Pela contínua entrega de problemas que surgem, este processo se transforma em catarse - purificação diária de possíveis complexos. Este processo de auto-entrega, uma vez por todas, à medida que surgem os problemas, é o processo mais saudável e puro que conheço. É porta aberta a qualquer situação.

Uma hora deve ser o bastante. Dentro de uma hora devemos ser capazes de entregar a Deus todos os nossos problemas e nossas tristezas. Deverão esclarecer-se pela submissão, dentro de uma hora. Então nossa mesa será a de um secretário executivo ordeiro - limpa, com um assunto por vez, e não aos montões, empilhados, perturbando, aguardando atenção e solução - a alma sobrecarregada, assentada sobre "alfinetes e agulhas", sem saber para que lado voltar-se.

O Dr. Wayne E. Oates apresenta três modos de lidar com a ansiedade - pela apatia e indiferença - como se os problemas não existissem; pela hostilidade e defesa lutando contra si mesmo e contra os outros; ou pela graça, através da fé. Esta graça não pode atingir seu problema sem a entrega de si mesmo a Deus e de seus problemas nas mãos dEle. Então urge ouvir e obedecer. A entrega do problema somente não basta. Temos que nos render cabalmente, a fim de que Ele nos possua e a nossos problemas. Se tentamos entregar-Lhe o problema, e não nos rendermos, amarramos suas mãos. Ele salva o que tem e apenas o que tem. Se tentamos entrar num acordo, dando de vez em quanto, e não tudo, sem reservas, isto não produz resultado. Muitos de nós desejamos que Jesus seja o Rei, contanto que sejamos o Primeiro Ministro, com o governo realmente em nossas próprias mãos.

Visitei uma missão no Congo, e lá soube de uma jibóia que penetrou na jaula de coelho, engolindo ali uma enorme lebre da Bélgica, para então verificar que não podia passar através da abertura por onde penetrara; teve, porém, o bom senso de vomitar a lebre, e escapar. Na Malaia, uma outra penetrou numa pocilga e engoliu um dos animais.

Não pôde passar pelo buraco por onde entrara, e foi apanhada. Estas ilustrações são grosseiras, mas exemplificam bem o que ocorre espiritualmente. Se quisermos a liberdade, devemos, de uma vez por todas, entregar-nos integralmente - com nossos pecados e problemas diários - à medida que surgirem.

Então, possuídos por Ele, e portanto livres, dizemos:

*Para onde quiseres enviar-me,  
Senhor, irei contente,  
Desde que em Tua companhia  
Nenhuma carga será pesada,  
Enquanto Tua mão me sustentar.  
Desata qualquer nó que me ligue ao mundo,  
Exceto o que enlaça, num só,  
O Teu coração ao meu.*

E podemos acrescentar com Charles Fox:  
*Quero ser bastante tolo para depender  
Da Sabedoria do Alto;  
Fracamente para, na Sua força, fortalecer-me.  
Indigno de honras, a não ser da divina,  
Tão desprezível para conservar-me no pó, mas a Seus pés.  
Nada Ser - e ser Tudo, em Deus.*

#### **CITAÇÕES:**

- 1) "Estão no caminho", por Samuel M. Shoemaker.
- 2) Soper, op. Cit.
- 3) Idem.

## **Capítulo IV**

### **A CONVERSÃO DE NOSSO AMOR PRÓPRIO**

Vimos que o que há de mais profundo na conversão é a conversão do ego pela auto-rendição. Vamos ver agora o que há de mais profundo no ego - a aspiração de amar e ser amado - e pensar na conversão dessa aspiração.

Em meu último livro, *Maturidade Cristã*, afirmei que mais profundo do que o ego, sexo e os anseios da natureza humana é a aspiração de amar e ser amado, e que, portanto, somos amadurecidos como pessoas, na medida em que somos no amor, e não mais. Maturidade é maturidade no amor. Se "Deus é amor" - sublime e suprema verdade sobre Deus - e se Ele nos criou à sua imagem e semelhança, então devemos ter selado no âmago de nosso ser Seu mais profundo anelo - o de amar e ser amado. Na estrutura íntima de nosso ser, fomos criados para amar e ser amados. Se não amamos e não somos amados, violamos a mais profunda lei do nosso ser.

Portanto, a conversão é conversão de nosso amor. Em nossa cegueira, estupidez e teimosia, temos amado as coisas falsas com o amor falso. Pervertemos nossa mais profunda aspiração de amar e ser amado e atamos esse amor às coisas erradas - em nós mesmos e nos transformamos em Deus; no sexo, como um fim em si mesmo, e nosso amor se transforma em sexualismo; na sociedade, e nos transformamos em adoradores da sociedade, dominados por ela. Nosso Ágape original perverteu-se no Eros. O Eros é o Ágape que não se converteu. Logo a conversão é conversão da perversão.

Como pode Deus converter nossos amores? Ordenar-nos que amemos? Isto seria a Palavra transformada em moralidade. Mostrar-nos como o ódio produz conseqüências más e o amor boas? Isto seria a Palavra transformada em Filosofia. Estabelecer leis e regulamentos que ordenassem a vida comunal? Isto seria a Palavra transformada em instituição. Em todas elas a Palavra se tornou palavra. Todas elas são

alguém da Verdade. A Palavra deve transformar-se em carne.

Deus, para redimir-nos na porção mais profunda de nossa natureza - a aspiração de amar e ser amado - deve revelar sua natureza de um modo incrível e impossível. Deve revelá-la na cruz. Na cruz Deus envolveu seu coração em carne e sangue e o deixou cravado nela, para nossa redenção. A cruz lança luz sobre a natureza de Deus como amor. Ali "Ele carregou nossos pecados em seu próprio corpo no lenho". Um amigo meu, que é dos Malkanas - seita de maometanos da Índia - se converteu ao cristianismo e é agora o amado mestre da seita. Certa vez, quando viu duas facções de Malkanas guerreando-se com varas de bambu, cujas pontas eram incrustadas de ferro, correu e ficou entre eles, recebendo os golpes em sua própria cabeça. O sangue jorrou e maculou-lhe as vestes brancas. Os inimigos interromperam a luta para acudi-lo; uns correram em busca do médico, outros o levaram para sua casa. Naquele momento a reconciliação se operou - reconciliação nascida de seu próprio sangue; Meu amigo comentou: "Se algumas gotas de sangue de um pecador podem reconciliar uma vila inteira, quanto mais pode o sangue do Filho de Deus reconciliar o mundo todo?" Unto à cruz duas coisas se deram - reconciliação e revelação - reconciliação obtida por Ele receber o castigo de nossos pecados em seu próprio corpo, e revelação de seu próprio coração de amor.

Esta história nos vem do coração do mundo ocidental. O Dr. William L. Stidger nos fala de um grande navio repleto de soldados que estavam sendo transportados através do Atlântico, em tempo de guerra. O capitão viu um submarino inimigo erguer-se à superfície da água e atirar um torpedo justamente na direção do navio - a marca branca do torpedo era inconfundível. Gritou pelo alto-falante: "Rapazes, ei-lo que vem!" Não havia tempo para desviar o navio. Acontece que o capitão de um pequeno destróier que o escoltava também viu o submarino e o torpedo. Sem um momento de hesitação, deu a seguinte ordem: "Para frente, a todo vapor". E, cruzando o torpedo, o pequeno destróier recebeu todo o impacto. Bipartindo-se, afundou rapidamente, e todos os membros da tripulação morreram. Disse o capitão do navio-transporte ao Dr. Stidger: "O capitão do destróier era o meu melhor amigo. Um verso da Bíblia agora tem especial significação para mim: Ninguém tem maior amor do que este, de dar a vida a seus amigos". Jesus deu a sua vida não somente por seus amigos, como também por seus inimigos.

Só na cruz nosso amor pode ser redimido. Uma dissertação sobre a beleza do amor nos deixaria frios; uma exortação ao amor não nos

comoveria; uma ordem para amar nos deixaria insubmissos. A cruz nos derrota, quebra pela penitência nosso amor em mil fragmentos e então os refaz à imagem de seu próprio amor. O amor junto à cruz produz amor em nós. Começamos a amá-lo e, amando-O, nossos amores menores se redimem naquele seu amor verdadeiro.

O teólogo Nels Ferré disse: "Converti-me três vezes: a primeira vez ao cristianismo tradicional; a segunda vez à honestidade; a terceira vez ao amor de Deus e do homem". É lindo, mas a terceira vez foi a da conversão verdadeira - as primeiras duas foram preliminares. Uma conversão que não converte nosso amor básico é menos do que conversão cristã.

A conversão real de Pedro não se deu quando deixou os barcos de peixes para seguir Jesus. Voltou-se para Jesus mais tarde e perguntou: "Nós deixamos tudo para seguir-Te; que recompensa temos?" Sim, deixara tudo, menos - Pedro. Pode-se ver o Pedro não regenerado importunando vez após vez - na contenda por causa dos primeiros lugares, com sua atitude de superioridade. "Ainda que eles todos te abandonarem, eu não te abandonarei" - na relação "eles" - "eu" - eu sou superior; na negação a Jesus, no praguejar e jurar. Por isso Jesus disse: "tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos". Mas quando foi que Pedro realmente se converteu, então? Creio que junto ao mar, depois da ressurreição, quando Jesus pôs o dedo na ferida: a necessidade de seu amor converter-se. "Perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes outros?" A ênfase se deu em "mais do que estes outros". Ele havia dito: "Ainda que todos se escandalizem, eu jamais!" Então Jesus perguntou-lhe pela segunda vez: "Simão, filho de João, tu me amas?" Desta vez Ele suprimiu "mais do que estes" - era simplesmente: "Tu me amas?" A parte de ser mais ou menos do que estes - "Tu me amas?" Então perguntou pela terceira vez: "Simão, filho de João, tu me amas?" Na terceira vez Simão se entristeceu. Por que? Ele percebeu que Jesus punha o dedo nas três vezes que Pedro O negou, perguntando-lhe três vezes se O amava. Foi isto que trouxe a tristeza, a penitência, a rendição. Então Jesus terminou dizendo: "Segue-me". Ele já dissera a Pedro "Segue-me", junto ao mar, quando Pedro deixou os barcos de pesca para segui-lo. Pedro realmente seguiu - exteriormente, de vez em quando interiormente, mas na maioria das vezes exteriormente. Aqui Jesus pedia a Pedro que O seguisse interiormente, em espírito e em amor. Perto do término, Pedro agitou-se um pouco, perguntando sobre João: "Senhor, e quanto a este?" Jesus respondeu: "Que te importa?

Segue-me". Ao entregar seu amor a Cristo, dá ele uma última espiada para seu velho amor de motivos mistos e deseja saber o que aconteceria a João. Era um último suspiro do velho amor. O dele se convertera a Jesus, somente. Agora estava realmente convertido e podia fortalecer seus irmãos - podia fortalecê-los porque não lhes pertencia mais; pertencia a Jesus, em amor. De ora em diante, ele lhes pertencia de modo secundário, pois pertencia a Cristo em primeiro plano. Seu amor foi redimido.

Isso é exemplo do passado. Quando nos voltamos ao presente, encontramos a mesma necessidade de redenção do amor - principalmente redimido de um infeccioso amor egoísta. O Dr. Karl Menninger, diretor da Clínica Menninger, em Topeka, chegou à conclusão de que seus clientes ali se encontravam porque não amaram ou não foram amados, ou por ambos os motivos. A carência era de amor. Isto provocou distúrbios funcionais em seus organismos, Chamou, então, os membros do corpo clínico e administrativo da Clínica e expôs-lhes a situação: os doentes ali se achavam por carência de amor. Só pelo amor poderiam ser curados. Atenção profissional, sem amor não daria resultado. A instituição se organizou inteiramente em torno do amor - os contatos com os pacientes deveriam ser contatos de amor. Desde os mais destacados psiquiatras aos mais humildes serventes, todos deveriam manifestar amor em seus contatos com os doentes. E deveria ser "amor ilimitado". Seis meses depois, procedeu-se a um balanço para se verificar como iam as coisas, e descobriram que o tempo de hospitalização reduziu-se à metade.

Havia uma senhora que durante três anos sentava-se na cadeira de balanço, sem dizer uma palavra a quem quer que fosse. O médico recomendou à enfermeira: "Maria, eu lhe entrego a Senhora Brown, como sua paciente. Tudo que lhe peço é que a ame até que ela fique boa". A enfermeira levou adiante a experiência. Arrumou uma cadeira de balanço igual à da Senhora Brown, sentou-se ao lado dela, e revelou-lhe seu amor desde a manhã até a noite. No terceiro dia a paciente falou e em uma semana saiu fora de sua "concha" - curada.

O Dr. Menninger declara que a metade das doenças é devida ao ódio - e acrescentou que metade dos acidentes também ocorre por esse motivo. "O amor é o remédio". E generalizou: "O amor é o remédio para a enfermidade do mundo".

O Dr. Grace Stewart, professor de psicologia, afirma que há três

necessidades básicas à personalidade humana: amor, sentido e segurança". A primeira e a maior de todas é o amor. É estranho que depois de dois mil anos esta declaração seja o eco da que São Paulo pronunciou: "Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o amor". Contudo, não é estranho, pois o Autor de nossos seres e o Autor do Livro é o mesmo Deus e a supremacia do amor não está escrita somente no texto da Escritura, mas também na tessituras de nossos seres.

Um jovem par fez questão de ouvir três vezes a mesma canção num realejo - Era a canção que falava de um rapaz que vagava à procura da resposta à vida e a encontrará, afinal, em "amar e ser amado". O jovem par ouviu-a três vezes pela mesma razão pela qual Jesus perguntou a Pedro três vezes se ele O amava. A mesma resposta dera o realejo.

O Padre C. Hilmer Myers, referindo-se a um grupo de meninos delinquentes, disse: "Tais garotos podem ser alcançados se lhes for dado o que eles mais anseiam possuir: o amor de alguém que esteja pronto a ajudá-los numa emergência".

Uma senhora bonita, sábia e verdadeira cristã compôs ao marido uma obra prima em prosa, onde, linha após linha, o acusava impiedosamente. Pretendia deixar em seu travesseiro quando partisse de casa, para não mais voltar. Depois, retrocedeu, tomou a carta, meteu-a em sua bolsa, e em lugar dela deixou o famoso poema de Elizabeth Barret Browning intitulado "Como eu te amo." Redimiou-se, e possivelmente redimira o esposo.

Havia um bêbedo inveterado na comunidade. Certa manhã, disse: "Samuel, os meninos me apedrejaram ontem à noite." O amigo lhe respondeu: "Talvez tentassem fazer de você um homem melhor;" Ao que o pobre bêbedo replicou: "Nunca ouvi falar que Jesus tivesse atirado pedras num homem, a fim de torná-lo melhor." Os fariseus tentaram dessa forma - careciam de redenção. Jesus tentou o amor - e redimiu a mulher.

Como alguém já disse: "Deus ama os sub-homens até se tornarem santos". Não existe outra maneira de fazer santos.

Uma garotinha, que nunca havia sido amada, tinha uma profunda atração pelo seu cachorro e lutou quando a separaram dele,

encaminhando-a a um orfanato, sob os cuidados de um amigo. Nas primeiras horas mordeu o médico, bateu na enfermeira, deu ponta-pés no superintendente. Certo dia ficara tão furiosa que cravou seu braço numa porta de vidro. Sangrando e assustada, correu para a mãe diretora, que lhe deu atenção e amor. Desde aquele instante a garota começou a dar e a receber amor. Transformou-se numa garota capaz e em quem se podia confiar. O amor operara aquilo.

Bem disse William Law: "O amor é infalível; não comete erros, porque os erros são a falta de amor." Ele poderia ter acrescentado que o amor é infalível, pois se a pessoa se nega a receber amor, o que o dá é mais amoroso por o ter dado. A retribuição está na pessoa. O amor não pode perder.

Uma oficial do Exército da Salvação foi assaltada por uma mulher que ali entrara para ser socorrida por insignificante acidente, um dedo que devia receber um curativo. Enquanto a salvacionista procedia ao curativo, a mulher a espancou tanto que a deixou quase desacordada. Vendo o que fizera, começou a chorar: "Eles me matarão, se descobrirem o que eu fiz." "Não", respondeu-lhe a oficial salvacionista, "ninguém jamais saberá. Nada lhes direi." Foi o bastante. A infeliz se rendeu pelo amor, e converteu-se.

Outra oficial do Exército da Salvação foi chamada com urgência. Uma mulher gritava e se preparava para se suicidar, ameaçando com uma faca quem quer que tentasse interferir. A salvacionista bateu à porta. De faca em punho a mulher gritou: "Eu vou morrer e não vejo por que você não deverá morrer também." Ergueu a faca para desferir o golpe, quando a salvacionista disse: "Bem, eu estou pronta para morrer. E você? Se vamos morrer, devemos repetir uma prece." Ajoelhou-se e a mulher ajoelhou-se também. Na oração a mulher derramou sua alma em confissão. Era uma enfermeira e por beber em excesso fora despedida do hospital. Irritada, agravara ainda mais sua condição, afogando-se em bebida. Ambas se ergueram, e a que havia pouco estava ameaçada de ser morta pela infeliz, curvou-se e a beijou. Estudaram-se os meios favoráveis, de modo que a enfermeira voltou ao seu antigo emprego; hoje é superintendente do hospital.

O primeiro ministro de um estado hindu, presidente de uma das minhas assembléias, comparou a reunião daquela noite a outras noites, de cinquenta anos atrás, quando a multidão -importunou e até mesmo atirou pedras. "Hoje este auditório mantém-se num silêncio que nos

permite ouvir até a queda de um alfinete, para ouvir a mensagem de Cristo. Que é que mudou? Há algumas milhas daqui se encontra um dos maiores hospitais da Índia, onde homens e mulheres, cristãos devotados, servem ao povo, sem olhar sua condição social, raça, credo ou cor. Há um leprosário onde servem os leprosos com serviço cristão. No Ashram de Gandhi, os companheiros fazem serviço de servente. Mas há serviço do tipo mais elevado. Tomam conta dos párias e lavam seus corpos, almas, e espíritos, e os transformam em cidadãos respeitáveis." O amor converteu aquela atmosfera.

Um fabricante hindu, em nosso Ashram de Sat Tal, disse: "Vocês sabem por que vim? Há anos atrás, quando eu era garoto, atirei com outros moleques tomates num missionário que pregava no bazar. Ele limpou o suco do tomate do rosto, e depois da reunião levou-nos à confeitaria e comprou doces para nós. Vi o amor de Cristo naquele dia, e é por isso que estou aqui".

Um amigo meu falava a um sapateiro hindu que tinha perdido seu filho e estava muito abalado. "Lembre-se, disse meu amigo, que Deus é amor." A face do hindu resplandeceu, e ele disse "Sim, eu sei que Deus é amor." "Mas como sabe disto?" perguntou meu amigo. E o sapateiro respondeu: "Trabalhei certa vez para Foy Sahib em Cawnpore, e ninguém poderia trabalhar para Foy Sahib e ignorar que Deus é amor."

Um membro de nosso Ashram na América, muito benévolo e amável, me disse: "Trouxemos nossa filha adotiva de um hospital, onde ela morria por falta de amor. Durante três meses não tinha engordado nem um pouco, e nada ajudava. O médico deu uma possibilidade de vida em cem. Apenas o amor poderia salvá-la. Nós lhe demos. Hoje ela é uma jovem mãe feliz."

Não há ninguém que não se cure ao compreender o amor, desde os bebês que não crescem, até os maiores bêbados. Não há portas fechadas ao amor. Alguém disse, falando de uma cristã jubilosa: "Ela pode ir a qualquer lugar, para qualquer pessoa, porque ela trabalha por amor." Um homem disse: "Li 995 páginas de livro de um escritor persa sobre relações humanas, e ele resumiu tudo numa sentença - e esta sentença poderia se resumir numa palavra - amor."

Quando perguntaram a John Jones, Chefe do Clube Atlético da Polícia de Nova Iorque, a causa da delinqüência juvenil, ele respondeu: "A falta de amor e atenção." Isto é verdade em qualquer lugar, no

O Oriente, e no Ocidente. O cristianismo nos assegura basicamente que temos amor e atenção - Deus é amor. Platão disse: "O amor é para quem ama." Mas o cristianismo diz que o amor é para todos - quem ama, quem não ama, o bom, o mau. Deus não o ama porque você é bom, mas porque Ele é amor. Ele pode não aprová-lo, mas Ele o ama.

O Dr. W. E. Sangster citou as palavras do cientista Laplace, agonizante: "A ciência é simplesmente insignificante. Só o amor é real." E o Dr. Sangster acrescentou: "A ciência em si está "descobrimo" o amor, e um congresso internacional de saúde mental declarou que a causa das doenças mentais é falta de amor. Os psicólogos infantis declararam que não importa se a criança recebe ou não castigo corporal; o que importa é que a criança receba amor. Os sociólogos diagnosticam a delinqüência como carência de amor, e alguns criminalistas vêem em sua falta uma das primeiras causas do crime."

De cada lado a vida converge para um ponto - amor. Isto é básico e dele não se escapa. Portanto, o centro da conversão é a conversão do amor. Quando nos entregamos a Cristo Ele toma nosso amor atormentado, e o substitui por seu próprio amor. Veja o que diz o coronel britânico Gardiner: "Eu me curei efetivamente do pecado da sexualidade, ao qual estava preso tão fortemente, que achava que só poderia curar-me com um tiro na cabeça, e todo o desejo e inclinação para isso foram removidos inteiramente, como se eu fosse uma criança, e a tentação não voltou até hoje." E uma testemunha acrescenta: "Ouvi freqüentemente o coronel dizer como estava preso à impureza, antes de seu contacto com a religião; mas assim que ele foi iluminado do alto, sentiu o poder do Espírito Santo transformando sua natureza de um modo tão maravilhoso, que sua santificação sob esse aspecto parecia mais notável que em qualquer outro."

Buda sentia que a libertação do novo nascimento vem através da libertação do desejo. "Apaga todo o desejo, mesmo o desejo de viver." O cristianismo ensina que não se pode livrar do desejo, pois o desejo de se livrar do desejo é desejo. O poder expulsivo de uma nova afeição substitui os antigos desejos. A única maneira de se livrar de um desejo é substituí-lo por outro mais elevado. Este desejo mais elevado é o amor de Cristo. Através dEle "o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Rm 5.5). A resposta cristã termina positivamente ao invés de negativamente, e esse positivo é o que há de mais positivo, criativo no universo o amor. Como disse um grande diplomata, há algum tempo: "O Cristianismo não é

renúncia, mas realização" Talvez isto possa ser dito deste modo: É renúncia num certo nível, para ser realização num nível mais elevado. Mas o fim é realização - realização no que é mais elevado no universo, a realização no amor.

Uma mulher italiana ouviu Deus lhe dizer: "Observe-Me e veja se há alguma coisa além do Amor". Não O podemos ver em Deus, a não ser que O vejamos na face de Jesus Cristo. Precisamos de Cristo para ter certeza de que Deus é amor. O mais sublime em Deus é o mais profundo em nós - a necessidade de amar e ser amado. Na França, no tempo de Luís XIV, os teólogos discutiam se a língua primitiva era o hebraico ou o grego. Decidiram fazer uma experiência. Tomaram duas crianças e não falaram com elas nenhuma língua. Os teólogos queriam ver que língua elas falariam, quando alcançassem a época de falar. Num ano e meio ambas as crianças morreram - morreram por falta de amor! Um médico se referiu a uma criança que não fora amada nos primeiros três meses de sua vida. Não pôde fazer nada para salvá-la, apesar de a criança não ter qualquer indisposição física. Ela morreu por falta de amor. Um casal foi a um orfanato adotar uma criança. Um garoto atraiu-os especialmente. Falaram sobre as coisas que lhe dariam - roupas, brinquedos, uma casa bonita. Nenhuma dessas coisas parecia atrair muito o garoto. Finalmente eles perguntaram: "O que você mais deseja?" Ele respondeu: "Quero apenas alguém que me ame."<sup>(1)</sup>

Esse desejo por alguém que nos ame e de amar alguém é a coisa mais profunda na vida, e a mais sublime em Deus. Portanto, o mais profundo no homem e o mais elevado em Deus não entram em conflito - coincidem. Ser convertido no amor é ser convertido no berço da alma. É tornar-se verdadeiramente natural. Toda vinda a Jesus traz o sentimento de regresso ao lar.

Se o amor é o mais elevado em Deus e o mais profundo em nós, é também a coisa mais bela que existe em nosso planeta. Mathilde Wrede, baronesa na Finlândia, filha de um governador de província, recebeu educação aprimorada, adquiriu grande cultura, e tinha dom para a música. Na sua adolescência, deixou-se possuir pela cruz e tornou-se prisioneira de Cristo. Dedicou toda a sua vida aos prisioneiros da Finlândia. Em seu próprio lar, vivia com a mesma alimentação que os prisioneiros recebiam, e eles sabiam disso. Geralmente estava cansada, e dizia a seu corpo: "Ó meu pobre corpo! Vamos tentar continuar. Até agora você se mostrou obediente e paciente quando o amor o empurrou ao trabalho. Muito obrigada. Sei que hoje você não me deixará em



dificuldades". O amor a impulsionava sempre.

Uma exilada cristã na Sibéria escreveu: "Há aqui uma sociedade sem Deus; um dos membros está unido a mim de modo especial. Ela me disse: "Não posso compreender que tipo de pessoa você é; tantos aqui a insultam e abusam de você, mas você ama a todos." Ela me causou muito sofrimento, mas orei por ela. Mais tarde, perguntou-me se eu poderia amar. Estendi minhas mãos para ela; abraçamo-nos e começamos a chorar. Agora oramos juntas. Bárbara converteu-se e foi atirada na prisão. Perguntei-lhe através das grades: "Bárbara, você lamenta ter feito isto?" "Não, respondeu ela; se eles me libertassem, iria novamente e falaria a meus camaradas do maravilhoso amor de Cristo. Estou tão feliz, porque o Senhor me ama e me considerou digna de sofrer por Ele."

Aqui o amor brilhou através das grades da prisão, da dureza humana e de invernos gelados. O amor é um fogo que não pode ser apagado.

Tio Sam, que nasceu sob a escravidão, viveu na ilha de Santa Helena, na Carolina do Sul. Uma vez, quando um jovem negro malévolo entrou em complicações e algumas pessoas tentavam corrigi-lo" disse: "Vocês apenas devem amá-lo." Aquele velho negro proferira a coisa mais profunda que poderia ser dita neste Universo. É o que Deus disse, quando nos viu presos em nossos pecados e suas conseqüências, "Devemos amá-los." Ele tomou a cruz para nos amar. E aquela cruz era amor ilimitado. Era a graça de Deus em ação. Não havia outro caminho para nos converter, a não ser morrer por nós. Não é de admirar que "O símbolo da fé cristã" não é um arbusto ardente, nem uma pomba, nem um livro aberto, nem uma aréola ou halo envolvendo o semblante submisso de alguém, nem esplêndida coroa em honrosa cabeça. É uma cruz. Não poderia ser nada mais. Pois a cruz é suprema em amor. A cruz quebranta-me, sucumbe-me, transpassa-me em amor.

Aplicado aos negócios humanos, o amor seria a resposta. Um vagão cheio de prisioneiros americanos estava sendo levado pela Alemanha. Depois de ficarem dois dias sem comer, num desvio da estrada de ferro, os alemães jogaram lá dentro uma caixa da Cruz Vermelha, de "dieta de prisioneiros de guerra." Eles pensaram que iriam lutar e matar-se mutuamente, para comer. Um rapaz loiro, com uma atadura sangrenta na cabeça, agarrou-a e disse: "Rapazes, façamos disso uma comunhão." Assim fizeram. Todos receberam um pedaço de

cada coisa, em porções iguais. Isso mudou tudo - transformou uma briga num sacramento. Aquele trem fora bombardeado, mas nenhuma pessoa se feriu naquele vagão. Ainda que não estivessem protegidos de balas, estavam salvos, pois "o amor nunca falha" - quer na vida, quer na morte.

### **CITAÇÕES:**

- 1) Charles L. Allen, God's Psychlatry, p. 117.

## Capítulo V

### **CASOS REAIS DE CONVERSÃO**

Vamos agora ver os casos reais de conversão. Quando reunidos, suas histórias são as mais românticas jamais ouvidas. A história da conversão nas vidas e nos corações humanos é a mais fascinante história que já se escreveu ou contou. Todas as outras parecem triviais. Não é de admirar que o professor William James, na preparação de suas conferências sobre "As Variedades da Experiência Religiosa", disse: "Os melhores frutos da experiência religiosa são o que de melhor a história tem a mostrar. E lembrar uma sucessão de tais exemplos, como tive que fazer ultimamente, é sentir-se encorajado e purificado em melhores ares". Posso dizer o mesmo porque, à medida que reuni estas histórias de conversão através dos anos, e de muitos lugares, fui convertido novamente à conversão. Um orador é pressionado por muitos lados e interesses a fazer o que os fariseus queriam que Jesus fizesse: "falar de muitas coisas." Mas Jesus resistiu às muitas coisas e falou do único tema em tons diferentes: "Se um homem não nascer de novo... Se não vos converterdes." Falando de muitas coisas deixamos uma névoa, falando de uma coisa Jesus deixou uma marca. Portanto, meu ministério está se tornando mais e mais de um único ponto. Posso atirar minha rede ao mar dos fatos, individuais e coletivos, mas sempre a puxo para a praia da conversão. E o faço sem apologia.

Um hindu fez esta pergunta ao fim de uma das minhas conferências na Índia: "Qual é a finalidade destas palestras? O senhor está querendo nos converter?" Respondi: "Naturalmente que estou. Por que o senhor pensa que estou aqui? Quero converter todos, em toda parte, a começar por mim mesmo. Sou apenas um cristão que está se aperfeiçoando mas o "aperfeiçoamento" é maravilhoso e espero ir até a perfeição. Também sou um candidato à conversão. Se o senhor puder me converter a algo mais sublime e melhor do que o que tenho, então diga": Ele respondeu vagorosamente: "Sim, mas o senhor seria um osso duro de roer." "Sim, respondi, suponho que sim, porque não estou mantendo minha fé; ela é que me mantém. Ela está me convertendo do

que não quero ser, para o que quero ser. Chamo Jesus de Salvador, porque Ele salva agora da vida como ela é, para a vida como ela deve ser," Ele esperava que eu me desculpasse. Mas, como poderia eu me calar? Se me mantivesse calado, as pedras - os fatos duros e comuns da vida - clamariam por conversão, por novo nascimento. Numa conferência sobre produção, Jawaharlal Nehru, Primeiro Ministro da Índia, disse: "A tarefa mais importante da nação é a produção de homens e mulheres de caráter." Jai Prakash Narain, líder socialista, comentou: "A necessidade de reconstrução econômica no país não é tão grande quanto a necessidade de reconstrução moral." Um ministro importante de um estado indiano, um hindu, disse, ao presidir uma de minhas conferências: "Nosso problema agora é diferente. Era conseguir a independência, e agora é manter a independência. Para manter a independência precisamos de caráter. Não há dúvida de que o impacto de Cristo sobre a estrutura da natureza humana produz milagres de transformação de caráter. Assim nós a bendizemos." "O impacto de Cristo sobre a estrutura da natureza humana produz milagres de transformação de caráter" - esta declaração, feita por um hindu, é constantemente corroborada em todas as idades e em todos os lugares, em todas as raças e climas, na medida em que nos expomos interiormente a Ele.

Não há duas conversões iguais. Como cada floco de neve é diferente e singular, assim cada conversão é diferente e única. "O vento sopra onde quer", disse Jesus, falando do novo nascimento. E as palavras para "vento" e "Espírito" são as mesmas. O Espírito gera uma nova criatura cada vez que uma alma renasce. Isto se ergue acima da psicologia da multidão, pois o molde se quebra em cada nova criação.

A escola é infinita, desde o antro de perdição ao gabinete de um pastor, com todos os estágios intermediários. De ébrios a diretores, de más ações a más atitudes, de pecados da carne a pecados de espírito - este milagre da conversão se realiza acima e abaixo da linha, e se realiza agora. Seria fácil percorrer a história e tomar os exemplos clássicos de conversão - Paulo, Agostinho, Lutero, Wesley, Moody. Vou limitar-me em grande parte aos recentes - aos de aqui e agora, de modo que o leitor possa encontrar algo que o ajude neste "aqui e agora". Pois a finalidade deste livro é produzir conversão tanto dentro como fora da igreja.

Vou começar com uma pessoa aparentemente impossível, que encontra a conversão num lugar aparentemente impossível - o tráfego

vertiginoso de Nova Iorque. "Para onde o senhor vai, agora?", perguntou-me um multimilionário, depois de uma série de conferências, à hora do almoço, aos banqueiros de Wall Street. "Gostaria de levá-lo em meu carro." Eu realmente queria ir de trem, pois num trem pode-se relaxar, porém num carro, sempre se tem preocupação, não importa onde, se está dirigindo ou não! Mas percebi que ele queria levar-me e por isso aceitei. Não tínhamos caminhado nem meio quarteirão quando ele perguntou: "Como o senhor obteve o que o senhor prega?" Respondi: "Podemos falar sobre isto no tráfego de Nova Iorque?" Ele respondeu na maneira decisiva de um grande homem de negócios. "Não há outro lugar para se falar." Disse-lhe para prestar atenção no trânsito, e eu falaria. Falei-lhe que deveria entregar a Cristo a única coisa que possuía - a si próprio. Senti que correspondia, então lhe perguntei se poderíamos orar naquele trânsito. Queria que ele tivesse relações diretas com Deus, independente de mim. Respondeu: "Sim, gostaria de orar, mas tenho que prestar atenção ao trânsito." Respondi: "Está bem, o senhor olha e eu oro". Estou certo apenas de que mantive meus próprios olhos abertos!

Ele encontrou! O amor de Deus, seguiu-o através dos anos e encontrou-o no meio do trânsito. Quando saltei para uma conferência, ele segurou minha mão nas suas, e disse, simples como uma criança: "Estou dentro". E estava! Sua face revelava isto e sua vida, desde então, o confirmou.

Há uma grande distância entre um milionário e um comunista. Um universitário comunista veio ao nosso Ashram Sat Tal. Na primeira refeição, ele não perdeu tempo em proclamar a todos que era comunista. Como já verifiquei que as comunistas são especialmente fáceis de se converter, sorri. Concordo com o Dr. Vories, do Japão, que os comunistas e ateus são as mais fáceis de se converter. Eles crêem em alguma coisa - é apenas uma crença na descrença. De modo que nós o recebemos em nossa companhia, e o tratamos como os outros - com amor. No último dia do Ashram ele veio para mim e pediu-me para orar por ele, querendo dar-se a Cristo e segui-lo. Perguntei-lhe por que. "Bem", disse ele, "vocês confiaram em mim. Como membro do Partido Comunista, era vigiado diariamente por dois outros membros do Partido, para ver se estava fazendo meu trabalho. Não havia confiança. Mas aqui vocês me deram um serviço e não vieram ver se eu estava fazendo ou não - vocês confiaram em mim. Quero voltar para uma sociedade de confiança e certeza, ao invés de suspeita e desconfiança". Ajoelhamos juntos e ele deu-se a Aquele que foi chamado - "O Grande Crente no

Homem". Agora ele é um cristão radiante.

Há uma grande diferença entre um milionário e um comunista e uma frustrada secretária da Associação Cristã Feminina, mas a mesma necessidade os une. Ela me disse que, no íntimo, estava um trapo, mas que precisava manter aparências de religião em seu emprego. Disse-lhe que um avião para decolar precisava de duas vezes mais potência do que para voar, que o que é realmente difícil é romper com a vida antiga de fingir e manter as aparências. Quando se consegue libertar e romper tudo, torna-se mais fácil. Oramos juntos. Enquanto orávamos, ela abriu os olhos, surpresa, e disse: "Ora, sou outra!" E era mesmo! Abriu sua bolsa e me deu um frasco de bebida, dizendo: "Não preciso mais disto". A seguir, entregou-me a cigareira dourada, dizendo: "O senhor pode vendê-la, para as missões". E vieram também os tranqüilizantes. "Não preciso mais destas muletas". E não precisou, realmente. Mais tarde ela me disse: "Quando olho minha vida passada, parece que pertence a outra pessoa. Estou livre, livre de meu passado frustrado". Cristo permanecia entre ela e aquele passado, de modo que, em vez de contemplar o passado, ela O contemplava.

Esta é a história de uma conversão mais profunda dentro da estrutura da conversão de uma vida. Esta mulher tinha estado de cama um ano, sofrendo do coração. No caminho para o Ashram, ficou em pânico, e temia morrer. "Como será dispendioso enviar meu corpo de volta para casa", disse a si mesma. Mas chegou, em lágrimas, semi-inválida. Em conversa com ela, descobri que a causa de seus ataques de coração era conflito no lar - era funcional. Entregou-se a Cristo, e seus temores a Deus. Seu próprio semblante e atitude modificaram. Dirigiu o próprio carro de volta, em um dia, sem se cansar. Foi ao médico, e, ao examiná-la, este perguntou: "Que aconteceu?" Quando ela lhe contou, ele disse: "Se metade de meus pacientes recebesse o que a senhora recebeu, estaria bem. Deve contar-lhes". Alguns anos depois, um pastor mostrou-a a mim, num almoço, e disse: "Vê aquela mulherzinha? Ela é o maior poder espiritual da cidade". De temerosa e abatida, ao maior poder espiritual na cidade! Quando seu marido alcoólatra sofreu um acidente, ela escreveu: "Ao invés do acidente dissuadi-lo da bebida, ocorreu exatamente o contrário. Tornou-se realmente um alcoólatra. Pensei que compreendesse o que seria o alcoolismo em seus piores estágios. Achei as experiências reais muito piores que qualquer coisa que imaginara. Não há palavras que o descrevam - a deterioração rápida do alcoólatra, a mudança completa de personalidade e aparência, a doença e o sofrimento terríveis. Um dia,

cai na cama, extenuada. Surpreendi-me falando comigo mesma: "Nada mais tenho, a não ser Deus". E, rápido como um relâmpago, voltou-me o pensamento: "Se tenho Deus, tenho tudo". Era como se ouvisse uma voz audível. Vieram-me aqueles rasgos de compreensão que parecem abrir um novo e inteiro mundo do pensamento. Chegara ao momento extremo. Comecei a superar as emoções negativas com as positivas. E deu certo. Creio que me recobrei completamente dos efeitos da doença e gozo de uma alegria interior profundíssima que não conhecia. E então, desde 15 de dezembro, meu marido parou de beber e há seis semanas que não toma nenhum trago". (A propósito, ele morreu cristão!).

Saltaremos do Ocidente para o Oriente, pois, abaixo das diferenças de superfície, há a mesma natureza humana básica - a mesma necessidade humana de base. Um homem de negócios em Shizuoka, Japão, estava bebendo muito; seu negócio quase faliu, e ele pensou em suicídio. Há dois anos veio à nossa reunião. Voltou com lágrimas correndo pelas faces, convertido, e ele e toda a sua família foram batizados. Frequenta a igreja duas vezes aos domingos, e é um cristão feliz, lendo diariamente *Vida Abundante* e *Crescendo Espiritualmente*. Levou um jovem, transtornado emocionalmente, para ajudá-la em casa e o rapaz se converteu e se fortaleceu. Uma jovem nas mesmas condições se converteu e hoje dá todo o seu tempo ao serviço cristão. Um desprezado tornou-se um salvador.

Falar de um desprezado que se torna salvador, lembra-me uma mulher que veio a um de nossos Ashrams. Ela estava histérica, e a ponto de ir-se embora. Nada podia fazer por ela. Parecia indicada para um hospital de doentes mentais. Então a levei a alguém que começou dizendo à mulher que também estivera assim. Ouvindo-a, a infeliz meditou: "Poderia esta personalidade ter sido como eu?". Tornou-se mais confiante e receptiva. Em oração voltou-se para Cristo e ergueu-se sã. Como prova, trabalha agora num lar de crianças retardadas e o faz eficientemente e bem. Ela própria, que devia ter sido levada a um hospital de doentes mentais, desperta novas esperanças e nova vida em jovens vidas definhadas.

Um homem e sua esposa queriam tornar-se cristãos. A esposa tinha mau gênio. Disse ele: "Dir-lhe-ei que se torne cristã, primeiro; se ela se transformar, eu me tornarei cristão." E ele tornou-se cristão.

Uma mulher budista recusou deixar seu filho entrar no ministério cristão. Ele queria uma esposa cristã, e ela concordou com isto. Foi à

Igreja para descobrir-lhe uma esposa. E ela se converteu. Arrumou-lhe a esposa também. Agora percorre as igrejas ajudando-as e expiando, assim, a culpa, por ter impedido que seu filho entrasse para o ministério. O filho tornou-se arquiteto. Mãe e filho são felizes e prestativos. Mas Cristo não desprezou seu motivo de ir à igreja a fim de descobrir uma esposa para o filho. Tomou-a onde lhe foi possível e conduziu-a para onde devia.

Com referência a motivos, um dos mais notáveis cristãos leigos do Japão veio a Cristo por um motivo muito discutível. Era dono de uma farmácia, mas devido à bebida, levou-a quase à falência. Foi então a uma reunião do Exército de Salvação e respondeu ao "apelo de penitência", na esperança de que o Exército de Salvação com seus contatos na América pudesse obter-lhe um empréstimo para seu negócio decadente. Depois de responder ao "apelo de penitência" foi realmente convertido - com os motivos e tudo. Tem hoje quatro farmácias e, desde sua conversão, há nove anos atrás, mantém uma reunião de oração, às seis horas da manhã - 3.825 dias consecutivos, com o termômetro frequentemente a trinta graus abaixo de zero, em Hokkaido, a ilha mais ao norte de todas. Três a seis pessoas se reúnem com ele, e ele lá está sempre. Jesus fez com o ele o que fez com a Samaritana, quando disse: "Dá-me desta água, para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la", que desejava ver-se livre do aborrecimento daquela caminhada. Purificou-lhe os motivos. Jesus alcançou este homem no nível em que podia, e então procedeu a purificação em tudo ao redor, incluindo os motivos. Não nos pergunta se chegamos com um motivo ou vida pura. Pergunta: "Queres ser diferente? Bom? Integral?"

Um negociante na América estava nas mãos de um psiquiatra pagão, que o explorou até a importância de 65.000 dólares, e ele, ao contrário, piorava. Conservava um bloco de papel ao lado de sua cama para que pudesse anotar os sonhos, a fim de que o psiquiatra os interpretasse. Deprimido e melancólico, desceu ele, certo dia, as escadas do edifício onde estava situado o consultório médico; a bengala em que se apoiara quebrara-se em suas mãos. Ouviu uma Voz dizer: "Olha para este lado". Sentiu que Voz era de Cristo, mas não sabia como encontrá-lo. Então, um dia, ouviu-me falar sobre o Reino de Deus, e, aquietando-se, falou consigo mesmo: "É isto. Minha busca terminou". Aceitou o Reino de Deus como uma criança. Saiu diretamente de seus temores, frustrações, ressentimentos e futilidades - diretamente para uma nova vida. Tudo cai como folhas secas diante da seiva

vitalizante de uma nova vida. Tornou-se um homem íntegro. Possibilitou financeiramente a fundação dos Ashrams cristãos na América e legou um fundo para evangelismo, pois desejava que outros compartilhassem do que de graça lhe fora dado. Existe em Lucknow, Índia, um Centro Psiquiátrico Cristão, em sua memória. Sua experiência com um psiquiatra pagão não o acirrou contra toda psiquiatria, pois a psiquiatria pagã era uma perversão. Sabia como dissecar a alma em fragmentos, mas ignorava como reuni-los outra vez num plano elevado. Nada sabia de conversão e, portanto, achava-se completamente impotente na situação - um caso de cego a guiar outro cego.

Contrastando com este, um psicólogo, chefe da divisão de pessoal de importante corporação, veio a mim e, sem preliminares, disse: "Quero ser salvo". Foi reconfortante, pois a maioria das pessoas usa de rodeios. Estava amadurecido para a conversão. Alguns momentos mais tarde, ao nos erguermos de nossos joelhos, a luz inundou seu olhar. Estava salvo - nenhuma outra palavra se enquadra ao fato.

O motivo por que as consultas têm que ser em séries intermináveis está no fato de que o consultor não tem nenhuma conversão a oferecer, lidando, portanto, sem cessar, com questões menores, conservando intocável a questão central: a necessidade de conversão. Ao se retirar para dar uma destas entrevistas, uma senhora comentou a amigos: "Estarei de volta em quinze minutos. Ou eles querem, ou não querem". Precipitadíssimo? Talvez. Mas as consultas e análises intermináveis são muito vagarosas e, em geral, revelam uma tentativa sábia de esconder a carência do remédio da parte do consultor ou do psicanalista. O inconvertido não pode converter o inconvertido.

Falando a uma reunião de senhoras, observei uma, elegantemente vestida, sentada junto à nave. No encerramento, enquanto aos ouvintes saíam, ela disse: "Se eu tivesse o que o senhor tem, não estaria na confusão em que me encontro agora". Pedi-lhe que ficasse uns momentos para uma conversa. Sua vida estava numa embrulhada - seu lar, para ser desfeito depois do Natal; ela e o marido ficariam juntos até a data querida, de modo a não quebrantar o coração das crianças. Não tinha força interior para enfrentar a tragédia iminente. Estava esgotada, vazia. Pedi-lhe que orasse - Cristo tinha a resposta. Prometeu-me que faria, porém mais tarde escreveu-me dizendo que não sabia como orar. Então escreveu a Deus uma carta na única linguagem que conhecia, a do Clube de Campo: "Deus amado, a vida me deu uma mão muito má, e eu não sei que carta jogar. Por favor, mostra-me que

carta jogar e eu jogarei." Assinou. Uma oração muito apagada, mas profundamente significativa, e Deus ouviu sua prece. Seu lar não se desmoronou depois do Natal - ela o conservou unido pelo seu espírito transformado. Em breve tinha duas classes sobre o lar, em seu próprio lar. Vai pelo país fazendo palestras sobre a família - a melhor preletora sobre o assunto que eu conheço. A denominação a que pertence elegeu-a vice-presidente da convenção internacional, o mais elevado cargo que pode ser assumido por uma mulher. Interessados têm vindo aos nossos Ashrams dizendo: "Viemos para descobrir o que é que a torna tão viva." Há alguns anos atrás era um trapo, hoje é uma mensagem. Observem que eu disse: "ela é uma mensagem", pois é isso mesmo - transmite-a e vive-a - a palavra da conversão feita carne.

Daquela respeitável cena num respeitável lar, voltamos para a história de "Do Banditismo ao Ministério". Apollo Maweja era um hábil eletricitista, numa grande mineração central em Kolowezi, no Congo Belga, África. Diz ele: "Durante os anos que ali trabalhei, assistia aos serviços católicos, ocasionalmente, mas minha religião nada significa para mim. A verdade nua é que eu era um verdadeiro canalha, um ébrio inveterado e um dissoluto freqüentador de ambientes noturnos da pior espécie. Certa noite envolvi-me numa briga por causa da esposa de outro homem. Fui preso. Mas um "camarada" foi meu guarda e fez-me favores. Um dia, porém, por ordem de um branco encarregado da prisão, o guarda meu "camarada" esbofeteou-me. Fiquei cego de ódio pela traição de meu amigo e, como um doido, agarrei um pau e desferi-lhe um golpe com tamanha força que o matei instantaneamente.

Imediatamente fui algemado, com as mãos atrás das costas. As algemas feriam-me a carne e eu sangrava internamente dos muitos açoites que, com justiça, merecia e recebia. Condenaram-me à prisão perpétua e fui algemado a outro preso, também culpado de assassinato. A noite, ele me falava de seu Salvador. Não tinha Bíblia, mas conhecia muitos versículos de cor e os repetia para mim. (Pois este assassino recebeu a mensagem de Cristo de um outro assassino). Transferiram-no depois de dez meses. Adquiri uma Bíblia que, descoberta, foi queimada. Em segredo, adquiri outra e, a fim de ocultar este precioso tesouro dividi-o cuidadosamente em três secções. Dois outros prisioneiros que estavam interessados em saber sobre Cristo, ajudavam-me guardando uma porção das escrituras sob seus uniformes da prisão, bem abaixo da cinta. Todas as noites, à luz de uma pequena lâmpada, eu lia e lia, até que terminei a leitura toda da Bíblia. Quando cheguei à história de Saulo, vi a mim mesmo. Tinha vivido a dar murros em ponta de faca.

Não fugiria mais. Entreguei-me a Ele. Paulo tornou-se meu modelo. Como ele fez, assim eu também pregava aos meus companheiros de prisão. A transformação que se operou em mim foi notada pelos prisioneiros e fizeram de mim o "papita", o chefe prisioneiro da prisão, responsável pelos outros prisioneiros. Finalmente, devido ao bom comportamento, fui libertado. Enquanto estava na prisão, deu-se-me um versículo: "o Senhor liberta os encarcerados" (Salmo 146.7). Tornou-se real. Fui duplamente liberto - interiormente do pecado e degradação vergonhosa e, exteriormente, das grades de uma prisão. Em resposta às minhas orações, Deus me deu uma esposa - uma jovem corajosa e de semblante meigo, da minha tribo, que se casou comigo, apesar de conhecer meu passado - e comigo compartilha o ideal de proclamar a Palavra de Deus. Ao ser posto em liberdade, fui batizado e, desde que conhecia a Bíblia tão bem, levaram-me à Escola Evangelista onde hoje estou, janeiro de 1954. O resto da minha vida nada mais posso fazer, senão servir e louvar Aquele de quem sou prisioneiro voluntário para sempre ."

Sem aquela conversão interior, que lava a culpa e a degradação, ele seria um eterno prisioneiro, mesmo depois de ter cumprido a sentença. Mas, liberto interiormente, tornou-se livre exteriormente, e agora está pronto para qualquer coisa, em qualquer lugar. "O Senhor liberta os encarcerados".

Urge que mergulhemos na passado por um momento para descobrir a conversão, não somente da degradação e futilidade, como nos casos acima, mas da respeitabilidade religiosa. Thomas Bilney, familiarmente conhecido como "Little Bilney" (Pequeno Bilney), por acaso leu estas palavras: "Fiel é a palavra e digna de toda aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal". Só aquele verso, pelo poder de Deus operando em meu íntimo, de tal modo ergueu meu pobre espírito quebrantado que os próprios ossos dentro de mim saltaram de alegria e contentamento. Era como se, depois de longa noite escura, o dia repentinamente tivesse raiado!". Ganhar Hugh Latimer, tão popular na época, foi a responsabilidade que tomou sobre si mesmo. Latimer, que se tornou bispo, foi queimado vivo junto com Ridley, em Oxford, em 1555. Bilney, ouvindo-o pregar, disse: "Peço-te, Padre Latimer, que me ouças em confissão". Latimer convidou-o para uma sala silenciosa e lá ouviu a mais maravilhosa confissão que jamais ouvira. Bilney contou-lhe as lutas por salvação, e a leitura do texto. Latimer tinha experimentado a mesma fome espiritual, durante anos e, para surpresa de Bilney, ergueu-se,

ajoelhou-se ao lado dele, pedindo auxílio de seu penitente. Bilney tirou do bolso o Novo Testamento e leu a passagem em Timóteo. E a alma de Latimer se iluminou e ele se salvou.

Esta história, também do passado, se ajusta a muitos pregadores modernos. Thomas Chalmers pregou os mandamentos durante oito anos com pouco resultado. Então mudou da lei para Cristo e aceitou-o como seu Salvador pessoal e Senhor. Disse: "A não ser depois de ter exortado meus ouvintes a aceitar a graciosa oferta do perdão, através do sangue de Cristo, é que soube daquelas reformas que foram o objetivo supremo das minhas primeiras pregações". Pregador a Cristo é o único meio efetivo de pregar moralidade. Como resultado da mudança em Chalmers e da ênfase de seu ministério, imprimiu ele a moral sobre a alma da Escócia.

Isto se aplica à experiência de um bispo nos primeiros dias entre os Maoris da Nova Zelândia. Quando pregava contra o infanticídio, o adultério, o canibalismo, a crueldade, a mentira, riam-se dele. "Estas coisas podem ser más para o branco, mas são boas para nós". Ao lhes falar, porém, de Deus Amor descendo a nós para redimir-nos através de Jesus Cristo na cruz, então eram todos ouvidos, todos olhos. Beberam a mensagem. E logo seus costumes começaram a ser substituídos e se tornaram pessoas transformadas. A conversão não se operou através da pregação da moralidade, veio através da pregação do evangelho, da redenção em Cristo. A conversão não se dá da maldade para a bondade, mas para Deus e, então, para a bondade.

Se somente pregar a moralidade não dá resultado, menos ainda dará a pregação do "ponto de interrogação". Paul Kanomori, cognominado o "Moody do Japão", foi lançado na prisão por ler a Bíblia. Oculto um exemplar dentro do forro de sua jaqueta e confiou-a à sua memória, temendo que ela lhe fosse tirada. Saiu da prisão e tornou-se um liberal incondicional. Achou que a Bíblia estava cheia de erros. Permaneceu nesse período escuro de sua experiência 24 anos. Então a luz jorrou. "Tornei-me uma criancinha na simplicidade pura de sua confiança e fé. Agora onde quer que eu vá, prego sobre um tema - Jesus Cristo e Ele crucificado". Milhares se converteram. Os homens não se convertem a "pontos de interrogação". Só poderão ser convertidos a "pontos de exclamação!". Um ponto de interrogação termina em curva para a terra, um ponto de exclamação aponta o céu - a diferença de destino entre as duas atitudes. Finalmente Kanomori tinha algo a pregar e o povo algo em que se converter.

Por falar em tornar-se uma criancinha, eis aqui a conversão de uma criança de oito anos. "Querida Mamãe, não posso deixar de contar-lhe que me entreguei a Deus. O Irmão Stanley muito me ajudou. Deus enviou a luz interior, e eu fiquei tão contente que saltei e cantei. De ora em diante irei à igreja todos os domingos e vou estudar religião e vou ser a melhor menina do mundo todo. Carolina".

Se esta criança era bem criança, eis outra mais ainda. Uma senhora estava assistindo ao culto com seu filho de três anos em seu regaço. A fim de evitar que ele ficasse impaciente, chamou sua atenção para o vitral da igreja no qual Cristo batia à porta. Em seu pequeno ouvido, cochichou: "Eis Jesus que bate à porta. Ele está batendo à porta de seu coração. Você vai abri-la e deixar Cristo entrar?" Ele respondeu: "Sim, Mamãe, eu vou. Eu vou deixar Jesus entrar." Nunca se afastou da realidade daquele momento e, como homem, testemunhou que aquela ocasião fora a de sua conversão. Muito jovem? Nunca se é jovem demais ou velho demais para a conversão.

Um pastor japonês relatou-me a visita que fez a uma cidade onde se hospedou em casa de um médico. Ninguém era cristão na família, e nenhum deles assistiu aos cultos. Quando, porém, ele voltou depois da reunião, deu-lhes testemunho e toda a família se converteu, menos a mãe velhinha. Ela não queria saber nada daquilo. Tinha mais de oitenta anos, e tinha estado inválida fazia seis meses. O pastor falou-lhe e foi diretamente ao assunto: "A senhora é idosa e vai morrer, está pronta?". "Não, não estou", replicou. Ele exortou-a e ela disse que não entendia. O ministro foi mais objetivo: "Sua alma quer ir para o céu, mas a senhora está vergada pelo pecado que pesa como chumbo. Jesus é a tesoura que pode cortar essa corda que a traz atada". "Ele faz isto?", ela perguntou. "Sim, faz; já tem feito; tudo depende da senhora aceitar o que Ele fez". Sim, eu o farei", respondeu a enferma e seu semblante se inundou de alegria. Toda a família entrou correndo no quarto, e a alegria foi geral. A velhinha abriu seus olhos de repente e exclamou: "Oh, nunca vi nada tão lindo como estas lindas flores de pêssego. Tenho oitenta anos, e nunca os havia visto ainda. E as formigas, não são lindas? E foi Deus quem as fez". Então, certa noite, sonhou que estava andando atrás de um netinho. Levantou-se e começou a andar em volta do quarto agarrando-se aos móveis. Seu neto levou-a a fim de visitar velhos amigos e testemunhar o que Cristo fez por ela. Já vai sozinha, e há uma porção de pessoas idosas na igreja, como resultado de seu testemunho. Quatro coisas houve: foi convertida a Cristo, e então converteu-se de um

mundo insípido para um de beleza; depois, da invalidez para uma nova vida; e finalmente da inutilidade para uma vida de serviço, ganhando outros. Tudo isto foi o resultado de uma palavra: "Sim".

Aquele mesmo pastor contou-me esta história. O sobrinho da esposa de um médico era um bêbado (no Ocidente nós o chamaríamos "alcoólatra", mas é a mesma ignomínia), um ladrão e tinha estado na prisão treze vezes. Pediu dinheiro à esposa do médico e ela respondeu: "Eu lhe darei o dinheiro, contanto que você ouça este pastor, preste atenção ao que ele tem que lhe falar". O jovem pastor, recém-formado, saído há pouco do seminário, explicou ao homem toda a teologia que conhecia, a partir da existência de Deus. O homem sentou-se ali, desinteressado, esperando que ele terminasse, a fim de que pudesse receber o dinheiro para o saké (bebida japonesa). Quando o pastor esgotou toda sua teologia e nada mais sabia que dizer, o homem ergueu os olhos e vendo um quadro de Cristo com um cordeirinho em seus braços, perguntou: "Quem é?". Respondeu-lhe o pastor: "Alguém que está interessado em você, que o ama". "Me ama? Eu sou um João-ninguém; ninguém se importa comigo. É homem ou mulher? Não, minha mãe não se importa, ninguém se importa". O pastor replicou: "É Jesus. Ele se importa". "Bem, como posso encontrá-lo?". Ele está aqui", disse o pastor. "Feche os olhos e Ele virá". O moço tentou repetir o nome de Jesus, mas era tão estranho, que parou e disse: "Diga-me o nome outra vez". E orou: "Ó Jesus, ajuda-me a sair de minha dificuldade. Eu sou um João-ninguém". Lágrimas rolaram pela sua face, que se inundou de luz. A tia, observando tudo por trás de um biombo, correu e, enlaçando-o com os braços, chorou com ele. "Aqui está o dinheiro para o saké. Vamos celebrar o acontecimento", disse-lhe ela. "Não", respondeu-lhe o sobrinho. "Não quero aquilo nunca mais". No dia seguinte voltou ao pastor e disse: "Quero fazer algo em gratidão. Deixe-me zelar pela igreja todos os dias". E assim fez. O condutor do jinriquixá do médico, o qual tinha sido um bêbado também e que se convertera, falou-lhe e encorajou-o dizendo-lhe: "Vai visitar sua mãe e peça-lhe perdão". "Mas eu não tenho roupas e não tenho dinheiro". O condutor replicou: "Leva as minhas, e toma aqui o dinheiro. Parta". Assim ele fez. Quando saiu da embarcação que o levava, viu, na rua, uma pregação ao ar livre, e um homem importunava o pregador com perguntas tolas estorvando a reunião. Agora que sou um cristão, eis como posso ajudar", pensou o recém-convertido consigo mesmo. Dirigiu-se ao perturbador, disse-lhe umas verdades bem duras e arremessou-o ao chão. A polícia veio e o pôs na prisão. Informou-se ao pastor do ocorrido, o qual foi explicar tudo à polícia, e o soltaram. Tornou-se um empregado de uma Companhia de

eletricidade, vivendo e morrendo como bom cristão. Duas ou três coisas se depreendem desta história: 1) O pastor não chegava a destino algum, falando em teologia; chegou aonde queria ao pregar a Cristo Jesus. 2) A tia queria celebrar a conversão com saké. Era uma destas criaturas superficiais, bem intencionadas, que celebram tudo com bebida, até mesmo o Natal e o Ano Novo! O bêbedo a corrigiu. 3) O condutor de jinriquixá foi justamente o amigo de que ele necessitava nestes dias cruciais. 4) Seu modo de manifestar a nova vida - arremessando o perturbador ao chão - foi errado, mas sincero. Os anjos sorriram e disseram: "Ele vai vencer isto". E venceu mesmo.

Juntamente com aquela história podemos alinhar a de um outro bêbedo, de Harrodsburg, Kentucky. Em meus dias de estudante preguei em praça pública, junto ao Palácio da Justiça, tendo por plataforma uma caixa de sabão. Bem em frente a mim, estava um bêbedo que se apoiava, em parte, a um bastão que tinha consigo. Seguiu comentando o que eu dizia: "Este jovem me faz chorar". Continuei a falar, tendo uma das minhas mãos em seus ombros, para conservá-lo quieto. Ao terminar minha prédica, convidei os que quisessem se converter a vir à missão. Entre outros, veio este homem. "Você quer ser salvo?" perguntei. "Sim, mas eu sou bêbedo". "Eu sei disto", repliquei, "mas Ele pode salvá-lo". "Se o senhor fala assim, deve ser mesmo", respondeu ele, e nos ajoelhamos. Orei, e ele orou, e no meio da oração, abriu seus olhos, olhou ao redor surpreso: "Ora, ué! Ele me salvou! E eu sou bêbedo!" Levantou-se, tomou uma garrafa de whisky de seu bolso e a me deu: "Não preciso mais disto". Deu-me o bastão também e disse: "Não vou precisar disto nunca mais, também". Caminhou pela nave não somente como um ser salvo, mas sóbrio também. A conversão salvou e o tornou sóbrio no mesmo instante. Um milagre? Sim, por certo.

Esse milagre ocorre em toda parte onde for tentado. Um alcoólatra disse que tinha salvado dezoito alcoólatras, ajudando-os a se recuperarem, mas ele mesmo, volta e meia tornava a cair em períodos de bebedeira. No meio de seu próprio fracasso, nunca desistiu de ajudar os outros. Então, um dia, deitado em seu leito, lia "*Vida Abundante*", quando, repentinamente, a luz raiou. Sentiu que era um homem transformado. Foi ao telefone, chamou um amigo, e disse: "Aconteceu! Estou livre!" E estava realmente. Desde então, nunca mais tocou bebidas alcoólicas. Trabalha agora com um coração tranqüilo.

Um rapaz no Japão começou a beber com quinze anos, ao dezesete era um bêbedo inveterado, e aos vinte e sete um alcoólatra.

Alguém, que ainda não era cristão o trouxe a Miss Cole, uma missionária metodista. Ele era um maquinista, e ela ia vê-lo todas as manhãs, às 6h e às 17 horas, todas as tardes, quando ele voltava do serviço. Orava com ele pedindo a Deus que o conservasse de corpo, mente e espírito limpo. Fez isto duas vezes por dia, durante um mês e meio. No fim de um mês ele repentinamente sentiu um impulso para a prece. Orou. Não sabia como, mas rezou a oração da missionária. Lágrimas começaram a jorrar pelas suas faces. Converteu-se ali, naquele momento. Tornou-se um excelente cristão, entrou para o ministério, e agora tem dois filhos no ministério também. O bêbedo japonês que olhou para o quadro de Cristo e perguntou: "Quem é?" se converteu à primeira menção de Cristo. Este homem despertou mais vagorosamente, pois levou um mês e meio para se converter.

A história de Plotinus vem a propósito. "Gastei um dia tentando pôr um cadáver em pé sem conseguir meu intento. Cheguei à conclusão de que precisava de algo no interior dele". Meteu o dedo na necessidade central "algo no interior dele". Esta necessidade é a mesma para todos, em qualquer lugar, Ocidente ou Oriente, não importa que você seja um alcoólatra ou somente um fulano de mau gênio a aborrecer-se e a aborrecer os outros.

Uma brilhante e inteligente professora de economia achava que podia resolver todos os problemas da vida pela inteligência. À medida que tentava, tudo parecia fracassar. Sua vida estava desordenada e frustrada. Afinal, chegou a Sexta-Feira Santa e ela ouviu estas palavras: "Está consumado". E assim se expressou: "Senti que se consumou todo o meu orgulho e minha auto-suficiência. Aceitei o que Ele consumara na cruz. Naquele momento estava livre e liberta. Estava convertida".

Uma mulher muçulmana estava à morte ao dar à luz. Uma outra missionária, membro de "Os Doze", do Ashram Sat Tal, foi visitá-la. A mulher tinha os ouvidos tapados com algodão. Sentindo que não deveria deixá-la morrer sem uma palavra sobre Cristo, tirou o algodão de seus ouvidos e cochichou-lhe que Jesus poderia salvá-la. Num momento a enferma começou a dizer: "Jesus salva-me. Ele me salva", quase num murmúrio. Os parentes taparam-lhe a boca com as mãos, mas ela persistiu e exortou-os a aceitar a Jesus como seu Salvador. Depois de uma hora, morreu com o Nome em seus lábios. Uma sentença cochichada a um ouvido receptivo e a enferma passou da morte para a vida.



Tanto esta instantânea conversão de moribunda muçulmana, como esta conversão refletida de hindu cheio de vida revelam o amplo horizonte do trabalho do Espírito. Um estudante brâmane, preparando-se para receber o grau de Mestre em Artes, foi convidado pelo seu irmão mais velho a assistir uma das minhas palestras às classes ilustres em Gokhale Hall, Madras. Ele não queria ir, pois estava muito cansado, mas como o convite tinha partido de seu irmão mais velho, decidiu assistir. Disse-me: "O senhor falou sobre a Cruz, e em resposta ao convite dos que o queriam seguir e que desejavam que se orasse por eles, ergui minha mão, mas só um pouquinho, pois não queria que meu irmão ou outros brâmanes, ao meu redor, me vissem fazê-lo. De regresso a casa, no bonde, naquela noite, Jesus parecia estar sentado ao meu lado, e eu sabia que seríamos um do outro perenemente. Sempre eu dirigia o culto diante do ídolo em casa, no entanto não mais me ocorreu fazê-lo, e nunca mais ocorreu aos da família me pedirem que o fizesse. Perceberam que uma profunda mudança se operara em minha vida. Sete anos mais tarde fui batizado - batizado por um bispo anglicano acolitado por pastores de outras sete denominações que me impuseram as mãos". (A propósito, o bispo anglicano manteve três anos de correspondência com seu irmão recalitrante sobre o que ele havia feito!). Ele convidara os seus colegas não cristãos do escritório para assistirem ao seu batismo. Vieram porque concordaram que era conveniente. No íntimo era cristão, exteriormente devia sê-lo também. Pregou suas cores ao mastro, embora, nessa época, fosse um alto funcionário de ferrovia estatal. Disse ao seu grupo de trabalho: "Sou cristão. Mas vou precisar de auxílio. Cometerei muitos erros, porém quero que me ajudem. Sintam-se à vontade para me corrigir quando perceberem que estou errado." Um dia, um jovem escriturário hindu veio a mim e disse: "Senhor, acho-o mais ou menos aflito hoje. Não teve sua Hora Tranqüila nesta manhã?" Que grande auxílio!

Delegaram-me poderes para um ajuste com o Paquistão, referente à divisão efetuada entre a Índia e aquele país, inclusive das ferrovias. A Índia precisava dos documentos sobre pensões, salários, fundos e quejandos. O Paquistão também tinha necessidade de receber os relatórios equivalentes. Do governo hindu recebeu ele instruções para só entregar documento por documento. Em caminho à reunião, sentiu ele orientação de Deus para o que deveria fazer. Chegando à conferência, disse: "Aqui estão os documentos, e relatórios - tudo é vosso, sem qualquer retenção. Se quiserdes dar-nos os da vossa ferrovia, muito bem". Os muçulmanos, tomados de surpresa diante desta atitude, conferenciaram sigilosamente e disseram: "Não podemos permitir que

esses hindus sejam melhores do que nós. Dar-lhes-emos mais do que nos deram". E assim fizeram. Quando se chegou ao ajuste financeiro deram-lhe um cheque de dois milhões de rúpias, dizendo: "Se o senhor Venugopal disser que esta importância cobre o que devemos, não vamos conferir. Sua palavra basta." E assim voltou ele para a sua terra com mais relatórios do que os que levava e com o cheque referente ao ajuste, como resultado de aplicar um princípio cristão.

Em seguida, deram-lhe a responsabilidade de uma ferrovia onde a influência comunista se infiltrara e o grupo de trabalho estava quase paralisado, uma espécie de greve branca. Aprendeu o nome de três mil e quinhentos membros de seu grupo de trabalho, convidava-os a almoçar todos os dias, confessava-lhes seus erros na administração, e ao dizer a um escriturário hindu que o desculpasse porque errara, o homem caiu em pranto, pois o escriturário esperava ser responsabilizado pelo erro - como sempre era o caso entre um funcionário graduado e seu subordinado. A atmosfera mudou no escritório. Vieram falar-lhe e se ofereceram para trabalhar à noite, a fim de tirarem a diferença do atraso conseqüente da greve branca. E assim agiram. O trabalho foi posto em dia e a influência comunista neutralizada naquela ferrovia. Hoje as finanças de todo sistema ferroviário da Índia estão em suas mãos. Seu pai passou um ano com o filho para verificar o que havia acontecido e, ao regressar, relatou à família: "Venu é um sunyasi (homem que renuncia) no governo. Encontrou a Deus - e nós não O encontramos." A mãe foi batizada e está radiante. Um dos mais altos funcionários do país lhe disse: "Vocês, cristãos, têm a planta para a resposta no que tange à restauração do homem. Eu não tenho". Este homem é membro do Ashram Sat Tal, um de "Os Doze", é o verbo do Cristianismo transformado em carne, e ilustre cristão leigo da Índia. Uma mão erguida, meio erguida, foi o princípio de tudo isto.

O estudante brâmane e um soldado britânico estavam igualmente necessitados de conversão - algo que trouxesse a vida sob controle central e pureza, dirigindo-a no sentido de nobres alvos. O soldado britânico veio à Índia desprovido de qualquer educação e sem nenhuma vontade de adquirí-la - tipo perfeito do palerma. Porém a conversão ocorreu numa igreja metodista em Hiderabad. Com a conversão se processou o despertar. Caminhava sete milhas por dia para aprender a língua. Ao lhe dizerem que as autoridades não lhe permitiriam submeter-se aos exames, visto que tais exames se destinavam somente a oficiais, ele replicou que seria tão proficiente que eles teriam que lhe permitir a sua realização. Encurtando a história, o

rapaz tornou-se um universitário da Universidade de Madres, recebeu seu título de doutor em Literatura pela Oxford, tornou-se presidente do Colégio do Nizam e, em seguida, tutor dos dois filhos do Nizam. Uma rua de Hiderabad tem o seu nome. Tudo isto se deu na mesma cidade onde ele começou a vida como um ignorante soldado raso. A conversão é conversão total, integral - espírito, mente e corpo.

É a conversão do rosto. Um ator que não se tinha convertido, amigo meu, fazia sempre o papel de vilão num espetáculo. Depois de sua conversão seu rosto se transformou de tal modo que não podia desempenhar mais o papel do vilão. Foi-lhe dada, então, à parte de locutor, e hoje ele dirige todo o show. De vilão a diretor - eis o resultado de uma conversão que mudou seu rosto e seu papel.

Sentei-me uma noite num terraço superior em Calicut, Índia, conversando com um senhor frustradíssimo e vencido. Era hindu, mas com a conquista da independência, a vida lhe trouxe reveses. Sob o domínio britânico, havia ele sido um delegado da polícia e havia metido na cadeia muitos dos seguidores de Ghandi, recebendo, por isso, a medalha real da polícia. Com a vinda da independência, as coisas lhe saíram às avessas. "Vou levar na cabeça!" - disse para si mesmo. E então se demitiu, aos quarenta e dois anos de idade. "Que farei de minha vida?" perguntou-me. Repliquei-lhe: "Entrega-a a Cristo." Oramos juntos e ele entregou sua vida a Cristo. Ergueu-se um homem feliz. Alguns dias mais tarde voltou e inquiriu: "Acha o senhor que posso entrar para o ministério? Poderei estudar aos quarenta e dois anos de idade?" Já conquistara dois títulos universitários. Tratava-se de pessoa de cultura sólida. Sugerí-lhe que entrasse para um seminário teológico por um ano e tentasse. Assim fez e foi o primeiro da classe. Depois foi à Universidade de Cambridge, na Inglaterra, onde fez um curso de três anos em teologia; a seguir, freqüentou o Seminário Teológico União (*Union Theological Seminary*) de Nova Iorque, por dois anos. Voltou para a Índia, tornou-se professor no Colégio Teológico de Serampore e é hoje um dos secretários do Concílio Nacional Cristão da Índia.

Esteve em nosso Ashram alguns meses depois de sua conversão, e, aqui, os serventes têm uma folga por semana, que se estende aos varredores. Um dos serviços desses servidores é a limpeza das instalações sanitárias, tipo de trabalho que ninguém, a não ser um pária, faz. Dispusemo-nos, voluntariamente, a fazer o serviço. Quando este ex-delegado da polícia se prontificou a fazer o serviço de um pária, voltou-se para mim e disse: "Agora sei que estou pronto para tudo". E estava

mesmo! Um dos lemas que se lêem nas paredes de nosso Ashram em Sat Tal diz:

Nada acima do Reino,  
Nada fora do Reino,  
Nada contra o Reino,  
Tudo sob o Reino.

Um brâmane disse-me que se converteu como conseqüência de um acidente de ônibus que os atirou todos num só trágico montão - brâmanes, párias, todos. Ao se libertar da catástrofe, libertou-se também de toda sua indiferença e orgulho e pretensão. Compreendeu que pertencia a todos e especialmente a Jesus, que é o Filho do Homem! Foi preciso um desastre de ônibus para derrubar todos os seus falsos valores.

Temos que nos voltar para a conversão - o despertar da pessoa total. Uma senhora de semblante meigo deu-se a Cristo em um de nossos Ashrams. No íntimo tinha o céu, mas entrou com este céu interior para um inferno exterior. Seu marido vivia bêbedo, fechava a porta da casa para que ela não entrasse, chegava mesmo a martelar pregos nas portas para impedir-lhe a entrada. Tomou suas roupas, manchou-as de baton, empilhou-as, rasgou-as até ficarem trapos. Certo dia agarrou-a pelo pescoço e a asfixiava, quando uma Voz lhe disse: "Relaxe-se". Que hora para pedir-lhe que se relaxasse às mãos de um homem que a asfixiava! Mas foi isto mesmo que a mulher fez. E fazendo isto, deslizou de suas mãos no chão e foi salva de suas garras.

Seu marido perdeu o negócio. Ela me perguntou se devia requerer o divórcio, e minha resposta foi: "Bem, eu nunca digo a ninguém para requerer divórcio, mas se há alguém com direito de requerê-lo, certamente é a senhora. Não há um nadinha que ele não tenha feito para destruir o lar". Então ela iniciou o processo para divorciar-se até chegar ao último documento. Contudo, quando se preparava para assiná-lo, algo lhe disse que não o fizesse: "Você não pode fazer isto!" E ela não assinou. Seguiram-se cinco anos infernais. Contudo, manteve seus quatro filhos na universidade à custa de um emprego. Quando todos eles se formaram uma das filhas disse: "Mamãe, não creio que a senhora pudesse fazer qualquer coisa errada, mesmo que tentasse". Lindo tributo de uma filha! Depois da formatura dos filhos, ela me disse: "Acha que poderei fazer um curso universitário? Nunca pude fazê-lo e já tenho cinquenta e dois anos; além do mais, tenho que trabalhar e

trabalho de tempo integral. Será que posso?" A fiz entender que, se passou por tudo que passou, não haveria mais nada que não pudesse fazer. Disse-lhe: "Avante. Tente. Nós estaremos com a senhora em nossas preces". Seu filho mais velho a leva de carro todos os dias à Universidade, tão orgulhoso quanto pode ser por possuir mãe tão corajosa. Mas a história tem ainda uma seqüência. Ganhou seu marido a sobriedade e ao estabelecimento de seu negócio outra vez. O amor venceu! Sem uma conversão básica que a mantinha firme, todas estas pressões exteriores a teriam feito sucumbir.

Eis aqui história semelhante de uma mulher que se casou com um homem de religião não cristã. Ele tinha se casado três vezes. A fim de fugir aos tormentos, a primeira esposa entregou-se à bebida, a segunda refugiou-se no sexo, e esta se voltou para Deus. Converteu-se num Grupo de Oração. Este frágil ser humano tornou-se forte como o aço, pela conversão. Quando ela me perguntou se devia requerer o divórcio, repliquei-lhe: "Certamente tem direito ao divórcio, mas esses tormentos a têm feito sucumbir?" "Não.", ela replicou, "desenvolvo-me, apesar deles." "Então fique onde está", repliquei. "Era isto mesmo que eu esperava que o senhor dissesse." E ali permaneceu, num inferno, mas vivendo no céu ao mesmo tempo. Seu marido ficou furioso porque ela vencia seus tormentos; irava-se porque perdera todo o poder de torturá-la. Ele disse a alguém: "Blanche (nome fictício) e seus amigos estão orando por mim, e eu tenho que agir como um demônio ou eles me apanharão". Em uma de nossas reuniões ela se ergueu e disse: "Eu sou a mulher que vive no céu e no inferno ao mesmo tempo". A conversão lhe deu o céu interior e as circunstâncias, o inferno exterior. "Quem está comigo é maior do que quem está no mundo".

Eis aqui um lar destruído. A mulher sentia-se completamente vazia para enfrentar a vida novamente. Por sorte assistiu a um Ashram e se converteu. Com a conversão veio o despertar mental que, quase invariavelmente a segue. Perguntou-me: "Acha que poderei fazer curso universitário? Tenho quarenta e cinco anos. Tenho também que trabalhar o dia todo". Aconselhei-a fazê-lo. Completou-o depois de quatro anos recebendo o seu diploma "Cum Laude", e mereceu uma bolsa de estudos para obter um curso de pós-graduação em psicologia. Hoje é a organizadora da Vigília Perpétua de Oração, cujos grupos se alternam, através do mundo todo, de meia em meia hora, durante as 24 horas do dia. Eu a tenho ajudado a reunir grupos para as meias horas do Oriente - Índia e Japão - nos períodos difíceis ou mesmo impossíveis para a América. Contemplem o quadro - um lar desfeito, um coração

vazio enfrentando a vida com negras perspectivas. No entanto, convertida, recebe poder para enfrentá-la, obter curso universitário com honra e organizar a Vigília Perpétua de Oração, que forma um anel pelo globo todo. Saiu, do vazio para a plenitude, do nada para o tudo!

Este poder através da conversão pode ser visto numa frágil japonesinha. Tanto ela como o marido fora batizados em igreja cristã, sem entender do assunto. Nasceram da água, mas não do Espírito. Então ele morreu e ela teve que assumir a presidência da sua companhia - um estaleiro. Sentiu-se vergada sob o peso da tarefa. O pastor aconselhou-a a entregar-se integralmente - a converter-se enfim - e ela submeteu-se sem reservas, convertendo-se realmente e tudo se tomou límpido. Diz ela: "Agora eu simplesmente sigo a Sua vontade, e é um milagre como tudo vai. Uma senhora idosa e eu reunimo-nos todas as manhãs em prece, numa colina aqui perto. Não é um pouco aqui, um pouco acolá, que eu entrego. Entrego tudo". Aconteceu que ela ficou doente - vomitando sangue. "Levei o problema a Deus e fui curada. Tudo está em ordem agora". O negócio prospera a toda. Constroem grandes navios, presentemente. Contemplem o quadro - uma frágil dama, privada de seu marido, enfrenta responsabilidades de grande empresa sem forças interiores. Encontrou-as na conversão e afrontou-as pelo poder da prece e de submissão integral, vencendo tudo serena e poderosamente. Ficou doente, levou o problema a Deus, e continuou a viver contente.

Perguntou-se a um ancião na igreja da Coréia por que se tornara cristão, e ele replicou: "Observei a coragem do pastor em enfrentar os comunistas; era o único que ousava fazê-lo. O pastor foi assassinado, mas o poder de enfrentar a morte fez-me desejar possuir o segredo desta força. Encontrei-a".

Outro ancião da igreja que tinha sido um policial violento, sob as ordens do Japão na Coréia, disse que se tornou um cristão ao ver seu sogro enfrentar a morte, sem temor - até mesmo com alegria e expectativa! Ambos estes casos são de pessoas que quiseram abraçar a fé dos que tiveram força para enfrentar a morte, com júbilo. Abraçaram uma fé perseguida porque dava forças aos perseguidos.

Na Coréia, um pastor fora ao paredão para ser fuzilado pelos comunistas. Ao se aproximar o momento dele ser fuzilado os inimigos lhe disseram: "O senhor é um grande pregador cristão. Antes de morrer pregue-nos um sermão sobre cristianismo." Falaram-lhe isto em tom de

zombaria, mas ele lhes pregou um sermão, que durou quarenta e cinco minutos. Ao concluí-lo, os soldados comunistas simplesmente se foram e o deixaram sozinho. Ele partiu livre. Contou-nos como se tornou cristão. Sua mãe era uma convicta budista e se opunha ao cristianismo. Sofria de terrível mal da epiderme, semelhante à lepra, e era cega. Uma senhora cristã veio à sua casa e disse: "Que espécie de casa é esta onde Jesus não entrou para perdoar seus pecados, curar sua enfermidade, e levá-la para o céu"? Assim falou e, amedrontada, fugiu. A mãe começou a pensar no que ouvira e pediu ao filho que fosse buscar a mulher para que lhes falasse mais a respeito da fé. Esta voltou, e a mãe se converteu. Três dias depois de se ter convertida, sua pele ficou sã e cinco dias depois, a cegueira sumiu. O rapaz ficou tão impressionado com o que havia acontecido à mãe, que se converteu. Ele e sua meiga esposa dirigem presentemente uma escola para cegos e surdos em Taegu, Coréia, abrangendo, aproximadamente, duzentas crianças surdas e cegas. Vejam agora os traços relevantes dessa história - uma tímida mulher cristã dá seu testemunho a uma outra enferma e cega. Ela se converte e sarada, e seu filho se converte, diante disto. Prega um sermão corajoso e leal aos comunistas que deviam, num momento, fuzilá-lo, e seus algozes são conquistados por ele, e é por eles liberto. Funda um Lar para crianças cegas e surdas. O testemunho de uma tímida mulher fez tudo isto!

Por falar em conversão e cura, eis aqui um caso onde ambos ocorreram de uma só vez, sobre o mais tênue conhecimento da fé cristã. Ele ouviu um sermão, e foi só isso, mas foi o bastante para conduzi-lo a tudo. Muitas pessoas, nos países cristãos, estão saturadas de sermões e com a alma vazia, nada tirando do que ouvem. Ele ouviu um sermão e tomou tudo! O pastor de uma grande igreja no Japão, reverendo Agata Shigezo era, aos trinta e dois anos, antes de sua conversão, era agente do correio em Matsuyama, o mais jovem agente do Japão. Era um ardoroso leitor do confucionismo e seu ideal de um cavalheiro era o "que fala brandamente e não é faroleiro". Era tido como um modelo de jovem, e obrigado a usar um colete devido a três vértebras frágeis de seu organismo. Um cristão, funcionário do correio, sugeriu-lhe que fosse à Igreja. Ele nada conhecia sobre a fé cristã; assim mesmo foi. Dois homens o ajudaram a andar, um de cada lado. Ouviu a história do filho pródigo pela primeira vez e voltou para casa em lágrimas, dizendo repetidamente: "Encontrei meu Pai celestial". Ansioso por contar, à esposa sua experiência, caminhou adiante dos amigos que o ajudaram a andar. Dias e dias as lágrimas de alegria corriam pela sua face. A esposa supôs que o mal da espinha tinha atacado o cérebro também!

Alguns dias depois estava num barbeiro, e, curvando-se todo, descobriu que a dor que o atormentava tinha desaparecido. Procurou o médico que o tinha tratado e este lhe disse: "Este não é o corpo que eu tenho estado a tratar". Estava bom. Tirou o aparelho. Foi convertido e curado ao mesmo tempo, e nada havia pedido! Foi o soberano amor de Deus, convidando, invadindo, instruindo, suprimindo! Demitiu-se do seu cargo no correio e entrou para o seminário. Sua esposa, que fora uma budista fervorosa e que participara de oitenta e cinco peregrinações ao redor da ilha, converteu-se, um ano e meio depois, ao ler: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei". Isto era diferente - Nenhuma escritura budista jamais dissera isto - venha a uma Pessoa! Ela foi. A parte surpreendente desta história está em mostrar até onde um tênue conhecimento do Pai leva as pessoas! A idéia de que é preciso conhecer tudo antes de receber algo, é absurda. O homem pouco ou nada sabia, e recebeu tudo! Era receptivo, e esta é a condição. Receber o Reino como uma criancinha - é o bastante para começar.

Eis outra conversão e cura, porém diferente. Um aviador japonês, que passara pela guerra sem receber um ferimento, foi levado ao hospital, tuberculoso. Durante um ano tivera apenas três horas de repouso diário. Odiava os americanos, mas descobriu que o alimento que recebia no hospital era americano. Faziam-lhe transfusões de sangue, americano. "Que história é esta?", perguntava-se a si mesmo. "Esta gente nos combate, e em seguida nos alimenta e nos dá transfusões de seu próprio sangue! Talvez seja o cristianismo a razão desta contradição. Então pediu à esposa que lhe trouxesse uma Bíblia, que possuía, mas que nunca lera. Julgava que Cristo e Buda fossem do mesmo jeito, e como não queria saber de Buda, desejava evitar Cristo também. Lendo-a, deparou-se com João 11.25-26: "Eu sou a ressurreição e a vida... todo o que vive e crê em mim, não morrerá." Era o "regresso ao Lar." Em Jesus ele não morreria jamais - teria a vida eterna. Aliviou-lhe a carga - tinha a vida eterna agora. Encheu-se de paz e alegria. Os médicos tinham considerado perdido o seu caso, mas agora, desaparecido o ódio e vencida a depressão, começou a melhorar. Sarou e caminhou dez milhas por dia, pela neve, em seu evangelismo rural. Também o filho ficara tuberculoso e, igualmente, foi curado - a família é uma bonita família cristã. O interessante é saber que as forças da base aérea americana o mantêm no serviço de evangelismo rural. Ele lhes disse: "Sou vosso irmão no sangue. Tenho sangue americano em minhas veias." Outro exemplo de ser "salvo pelo sangue!" A doação de sangue humano o introduziu à doação de sangue divino - à CRUZ.

Um aviador americano, De Shazer, participou do primeiro vôo que bombardeou Tóquio. Mas o seu avião não pôde voltar à base, e então ele teve que aterrissar na China, onde a tripulação foi capturada pelos japoneses. Atiraram-nos em prisão celular. De Shazer passou quarenta e dois meses em prisão celular tão depressivo que seus colegas enlouqueceram. Os japoneses, temendo que a mesma coisa pudesse acontecer a De Shazer, deram-lhe uma Bíblia para ler - a primeira que ele recebera para ler em todos aqueles meses exaustivos. Ele não era cristão, mas a leu avidamente, e ali, na solidão de sua cela, encontrou a Cristo - ou Cristo o encontrou. Livrou-se destes três anos e meio de reclusão celular, sem amargura, na verdade todo ardente por ajudar o povo japonês. Voltou para a América, onde se preparou, e hoje, de volta ao Japão, está ganhando o povo para Cristo. Junto com ele se acha um piloto japonês que bombardeou Pearl Harbor. Ele, também, se converteu a Cristo. Colegas de uma mesma causa, ambos falam conjuntamente sobre: "Eu bombardeei Pearl Harbor", "Eu bombardeei Tóquio. A conversão os converteu a Cristo e um ao outro.

Sentei-me ao lado de um cego que me narrou sua trágica história. Era um tenente da marinha japonesa e atravessou a guerra toda sem um arranhão sequer. Então veio o armistício. Incumbiram-no de ir ao convés anunciar à tripulação que a guerra tinha terminado. Assim que ele alcançou o convés, um torpedo, lançado por um submarino que provavelmente não tinha ouvido que a guerra cessara, feriu o destróier e, com a explosão, ele ficou cego. Atravessou a guerra sem um arranhão e, cinco minutos depois que a guerra acabou, ficara cego para a vida toda. Parecia-lhe que se encontrava nas garras de um cruel destino. Meditou sobre sua condição e, um dia, decidiu suicidar-se. Saiu furtivamente uma noite, à luz do luar, para atirar-se sob as rodas de um trem. Quando ia fazer isto, alguém o viu e gritou: cuidado! Corre perigo!" Ele voltou para trás." Alguém se importou. Deve haver bondade no universo."Aquele tênue raio de luz, que iluminou seu coração, através da voz chamando-o na escuridão, abriu-lhe uma possibilidade. Então um pastor se interessou por ele, tomou-o pela mão e o levou à igreja. Pregou naquela manhã sobre: "Pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se- vos-a." Aquele cego pediu, buscou e bateu - e foi-lhe aberto. Naquele momento se converteu pela entrega de si mesmo e de sua cegueira a Cristo. Saiu diretamente daquela depressão para as alturas secretas de seu íntimo. Disse consigo mesmo: "Será que poderei ajudar as pessoas menos favorecidas, como este pastor me ajudou? Mas nenhuma universidade aceita um cego." Um colégio cristão, porém,

o recebeu. Sua esposa e sua filha liam-lhe as lições. Depois de se formar, estabeleceu uma oficina para pessoas defeituosas. É feliz, ajustado e útil. O governo reconheceu seu serviço e expressou sua gratidão. Nada, nada - absolutamente nada - poderia libertá-lo daquele abismo de desalento, elevá-lo às alturas de seu mundo de alegria, e tornar-lhe a vida um canal de serviço, a não ser a conversão. Tudo mais ficaria ao lado daquele abismo deixando-o a esfregar as mãos em desespero, a considerar as coisas com apatia, ou a filosofar sobre a razão por que havia acontecido o desastre. A conversão o segurou pela mão e o retirou do abismo, colocando-o no caminho do regozijo.

Numa conferência de astrólogos, em Lucknow, Índia, presidida por um preeminente oficial, um astrólogo disse: "O sucesso pode ser conquistado pela mudança de nome. A receita para a prosperidade se aplica não somente a indivíduos, como também às cidades, estados e nações". Aí está - mude só o seu nome e a prosperidade lhe advirá! Dê ao homem que estava no abismo, um outro nome, e ele sairá do fundo de seu desespero!

C. T. Venugopal foi convidado por um médico hindu em Burma a ir ao hospital e ver seu "prêmio", seu melhor doente. Um erudito hindu, desanimado, sem emprego e doente, sofreu sete operações num hospital do Estado. Dois homens, um escriturário hindu, e um velho anglo-hindu, percorreram as alas do hospital, distribuindo frutas, alegria e amor. Este hindu os chamou e perguntou-lhes: "Que é que os faz agir assim?" Respondeu-lhe: "O amor de Cristo". "Poderei encontrar o amor de Cristo aqui em meu leito e ele operará?" Ele tentou aquela noite. Foi operante. Orou e entregou-se a Cristo - e encontrou-O. Vinha gemendo de dores, noite e dia, com uma moléstia incurável. Na manhã seguinte a dor desaparecera. O raio-x revelou que ele estava curado. Tornou-se um centro radiante do hospital - seu verdadeiro presidente. Vinham a ele com seus problemas e controvérsias. Quando Venugopal entrou, a primeira coisa que o paciente lhe perguntou foi esta: "você é um cristão?" Conservaram-no no hospital depois que sarou, pelo que fazia para os demais. Sobrecarregaram-no, porém, e em seis meses contraiu pneumonia e morreu. Batizou-se antes de morrer. O médico e a enfermeira-chefe, que estavam brigados, fizeram as pazes, reconciliaram-se depois do enterro. O hospital se comoveu com sua morte. Eis o que a conversão consegue. Transformou-se do homem que gemia de dor e desespero, no homem sobre cuja partida para o ALÉM, o hospital inteiro chorou. Isto é transformação. Converteu-se e foi curado ao mesmo tempo. Nada tinha a que se apegar, a não ser algumas

sentenças de segurança de que a conversão era operante. Tentou-a. Operou e opera em qualquer lugar onde for seriamente tentada, e com qualquer tipo de pessoa.

Considerem este chinês intelectual, um engenheiro da Mandchúria. Disse-me ele: "Que vai fazer o senhor comigo? Sou um homem sem fé. Nos Estados Unidos nenhuma igreja poderá receber-me, pois eu não creio na divindade de Cristo. Perdi minha fé no confucionismo, e não creio inteiramente em Cristo. Por isso vacilo". Perguntei-lhe até onde tinha ido, quanto à vida espiritual.

"Bem, respondeu-me, creio que Cristo foi o melhor dos homens". "Muito bem", repliquei, "comece aí. Se Ele é o ideal, então você deve estar desejando retirar de sua vida o que Ele não pode aprovar". "Mas isto não é fácil", respondeu-me. "Eu não lhe disse que era fácil, mas se você é sincero, você fará isto". "Sim, se eu for sincero, devo fazê-lo" acrescentou. Ajoelhamos-nos em oração, suplicando forças para começar uma nova vida. Quando se ergueu, disse: "Agora é diferente. Todos diziam que eu devia crer primeiro. Agora o senhor me diz que aquele que deseja fazer a Sua vontade conhecerá o Seu ensino". O senhor me diz para fazer a Sua vontade e então conhecerei. Vou tentar". No dia seguinte voltou radiante. "Todas as minhas dúvidas sobre quem é Cristo se foram. Qualquer um pode sentir como eu sinto, que Ele é real. Falei com minha esposa e embora tenha sido uma cristã só de nome vai procurar e encontrá-lo também." De agnóstico a evangelista - isto é transformação. Conversão o retirou da confusão para uma paz irradiante durante a noite.

O senhor S. Kuruu foi o enviado especial japonês a Washington pouco antes de Pearl Harbor, com a missão delicada de tentar evitar a guerra. Acreditei naquela ocasião, como creio ainda mais agora que tanto ele como os outros japoneses da Embaixada em Washington não estavam fazendo jogo hipócrita, vendando nossos olhos enquanto o Japão estava pronto para o ataque. O fato de nenhum deles ter sido chamado pelo Tribunal de Guerra revela que os militares estavam convencidos de que nenhum deles sabia sobre o que ia ocorrer em Pearl Harbor. Quando me encontrei com o senhor Kuruu, no Japão, depois da guerra, ele me disse: "O Japão nunca será uma democracia enquanto não se tornar um país cristão". Olhei-o firmemente nos olhos e perguntei: "O senhor é um cristão, senhor Kuruu?" Repliquou-me: "Não, não sou". "Mas não deseja ser?" "Sim, respondeu-me vagorosamente: quero ser". Ajoelhamo-nos em oração na sala de visitas, e ele se

entregou a Cristo num simples ato de entrega. Quando nos erguemos, disse-lhe: "Quando voltar ao Japão, dentro de dois anos, quero encontrá-lo na Igreja Cristã". Respondeu-me: "O senhor me encontrará lá."

Quando voltei, dois anos depois, a primeira coisa que me disse foi: "Não, pude esperar a sua volta para batizar-me; já fui batizado". Então eu lhe disse: "Pretendo ir agora a muitas cidades do Japão, evangelizando. Dê-me uma mensagem para lhes oferecer". Ele respondeu: "Diga-lhes o que lhe disse antes: O Japão nunca será uma democracia até que se torne cristão". Em suas memórias ele menciona sua conversão: Depois de sua morte a esposa, que é uma senhora americana, disse: "Foi tão mais feliz depois que se converteu a Cristo. Ergueu-o de sua depressão". Ela se curvou e beijou-me a testa.

Falando em depressão me vem à lembrança esta outra conversão. Não há palavras que descrevam o choque experimentado por um xintoísta ardoroso, diretor de uma escola primária, quando o Japão perdeu a guerra. Disse para si mesmo: "O Xintoísmo falhou. Tenho me identificado com ele, por isso sucumbo com ele. Prometi suicidar-me. Isto farei". Mas quando estava quase a cometer a loucura, uma Voz segredou-lhe: "Não". Em vez disto, como um símbolo, ele cortou um dedo, ficando aleijado. Foi a Tóquio, procurou uma Bíblia e encontrou uma no Exército da Salvação. Leu-a avidamente. Chegou a um verso que me foi dado no começo do meu ministério e que se tornou um verso da minha vida. Antes de eu falar a um auditório, peço-lhes que inclinem suas cabeças em oração enquanto eu repito a Deus o meu verso. "Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda" (João 15.16). Quando chegou a esse verso, a luz jorrou sobre ele. Deus o estava escolhendo e buscando e enviando! Abriu se coração a este amor. Libertou-se de seu desespero e melancolia, e hoje dirige uma Escola Dominical. Seu reino de xintoísmo era um reino frágil. Caiu. Hoje ele pertence a um reino que não se abala: o reino de Deus.

Um homem depressivo no Japão e um outro num quarto de hotel na América, em condições idênticas, encontram o mesmo Senhor transformador e salvador. E S. Standish era um homem vitorioso no mundo dos negócios, mas não tinha paz de espírito. Foi ao hotel após uma reunião, sentindo-se insultado - era direito, respeitável, porque precisaria ser convertido? Abriu uma Bíblia do grupo gideonita, e o

primeiro verso que caiu diante de seus olhos foi este: "A destruição e a miséria estão em seus caminhos. E não conhecem o caminho da paz." Era para ele! Caiu de joelhos. Sabia que Standish tinha zombado de Deus. Agora, na extremidade de sua ilusória segurança, entregou-se a Deus e ergueu-se em paz. E a tem tido desde então!

Uma mulher descobriu que seu marido tinha uma amante - sua secretária. Depois que se converteu ela foi visitar a amante de seu marido e conversaram sobre o assunto, e a secretária se converteu. Estas duas mulheres, agora irmãs em Cristo, oram por ele, e ambas o amam - de modo diferente. Depois de doze anos ele se converteu. Nada a não ser conversão, para os três, poderia curar esse triângulo.

Nada a não ser conversão poderia ajudar este homem a se libertar de uma situação impossível. Roger Lee Winter era chamado "O Micuim Poderoso". Pesava somente 66 kg, mas tinha sido campeão de futebol durante a estação de 1951, no Colégio Kalamazoo. Foi convidado por profissionais do futebol dos times New York Yankees e Los Angeles Rams para um teste. E então foi atingido por poliomielite e colocado num pulmão de aço. Começou nessa hora uma luta pela vida. Uma congestão pulmonar resultou como consequência da posição inativa em que fora obrigado a ficar dentro do aparelho, exigindo uma traqueotomia, que implicava na interrupção do funcionamento do pulmão de aço, a fim de que fosse possível a operação. "A idéia de fazer parar aquela grande bomba encheu-me de pânico. Seria este o fim?" Um pastor visitou-lhe e como preparação para a intervenção cirúrgica a que se submeteria, perguntou-lhe: "Roger, você confia em Deus?" Ele respondeu: "Confio". "Logo que respondi "confio" a Deus, uma sensação de irresistível calma me sobreveio. Não tive mais qualquer receio do que me pudesse ocorrer quando desligassem o pulmão de aço, nem da operação não ser bem sucedida". Hoje ele vive sem o pulmão, casou-se com sua enfermeira, dirige uma revista para manter-se, escreve, à máquina, trinta palavras por minuto com o auxílio de uma vareta presa em sua boca e com a qual fere as teclas, ensina uma classe de Escola Dominical, é presidente da comissão de desportos de sua igreja e instrutor de um famoso time de bola ao cesto. A história de sua vida, levada através do programa de rádio "Inabaláveis" é reproduzida em cento e cinquenta estações de rádio. Ele totaliza tudo nestas palavras: "Se me fosse dada a oportunidade de retomar àquele primeiro dia e a falar com Deus, e se Ele me permitisse a escolha entre continuar vitorioso nos esportes ou passar por toda esta experiência de novo e ter o que tenho agora, não haveria outra decisão. Eu escolheria esta". Quando aquela calamidade o

atingiu, em cheio, poderia tê-lo amargurado mas, ao contrário, melhorou-o - e foi a conversão a experiência sobre a qual tudo girou. Nada mais faria o milagre.

Margaret Slattery era uma notável preleitora da mocidade, que os amparava e dirigia como talvez nenhuma outra pessoa de sua geração. Mas uma calamidade a feriu - uma grande tristeza - e ela acabou sendo levada para um sanatório. Os médicos lhe disseram que nunca mais poderia dormir além de duas ou três horas por noite. A Encontrei a bordo de um navio, numa viagem de estudos pela Europa. Ela me falou de modo quase patético: "Poderá ajudar-me?" Respondi-lhe: "A senhora não aceitará o que eu lhe ofereço. A senhora quer algo abstruso e psicológico. Eu lhe ofereço a Cristo que pode renovar sua vida pela base". Ela foi à Catedral de Canterbury, e como se fosse alguém que amava a realidade, reagiu contra o serviço religioso. "Oh, é tudo muito polido fácil. Eles não pretendem isto". "Sim", lhe disse Cristo quando ela curvou a cabeça em oração, "estas pessoas não me deixam fazer nada por elas, e você também não deixa". Ela caiu de joelhos, pois sentiu que era a verdade. Era orgulhosa mesmo dentro da sua ruína interior. Levava em sua bolsa um recorte onde se lia: "Minha cabeça está ferida, mas não se curva". Era a sua nobre filosofia, mas impotente. Sentamos diante da Secretaria da Liga das Nações no Lago de Genebra, Suíça, contemplando o lago. Depois de ter terminado a minha oração por ela, disse-me: "Sabe quanto tempo o Senhor ficou orando? Uma hora". Senti que não devia deixar o caso assim, pois que mensagem teria eu para o Oriente, se fosse inoperante nesta mulher?

A crise veio em Rotterdam. Levantou-se às 5 horas, ajoelhou-se ao lado do leito e ofereceu sua destroçada vida a Cristo - na realidade ela lhe ofereceu. Ele estava esperando por àquela hora de arrependimento e auto-entrega, e Ele a aceitou. Quando nos encontramos na plataforma da estação, pude ver pelo seu andar que algo havia acontecido. Ela veio a mim e disse: "Sou a mulher mais feliz da terra. Eu alcancei! Se o senhor tivesse um telefone, tê-lo-ia chamado às cinco horas para contar-lhe a nova". Ela foi para o seu quarto aquela noite e dormiu oito horas ininterruptas, pela primeira vez, depois de vários anos. Uma semana mais tarde ela enviou um cabograma ao seu médico: "O milagre se deu. Durmo oito horas a fio, todas as noites". Quando o seu grupo estava pronto para se separar, eu indo para a Índia e os demais para a América, disse-lhe: "Podem ocorrer trevas qualquer destes dias. Você pode passar por um túnel. Quando você entra num túnel da linha férrea, e tudo escurece, o que é que você faz? Joga fora a

passagem e salta fora? Ou você confia no maquinista e segura sua passagem?" Prometeu-me que confiaria em Deus e que guardaria a "passagem". Quando cheguei ao Cairo dirigindo reuniões evangelísticas, recebi um seu cabograma de Nova Iorque: "Cheguei sã e salva, guardo minha passagem". Até o fim de sua esplêndida vida ela guardara a "passagem". Se aquela conversação não se tivesse dado, seus conflitos íntimos teriam golpeado seu frágil corpo até a ruína. A conversação acrescentou-lhe vinte frutíferos anos em sua vida.

Ana, a esposa blasé, americana, de um professor hindu, disse a Ada Findlay, excelente missionária: "Estou procurando uma fé; que tal você acha do budismo?". Ada, muito sabiamente, trouxe-a de volta a Cristo. Então Ana disse: "Depressa, você tem apenas dez minutos para converter-me". Ada conversou com ela, orou e lhe deu um livro. Uma sentença no livro fez a luz de Cristo iluminar sua alma caótica. Veio correndo para o Reino - e de que jeito! Agora ela é o centro de um movimento espiritual e se transformou, quase que instantaneamente, numa sábia, amável e radiante personalidade amadurecida.

Eis um homem que julgou poder alcançar Deus por fazer isto, fazer aquilo, cortar aqui, cortar acolá. Phillip Wolfe Murray, Comandante, R. N., abria mão de prazeres para agradar a Deus, lia a Bíblia todos os dias. Deixou de dançar, tentando comprar os favores divinos. Assim passou sete anos - cativo doloroso. A religião sem Cristo pode ser cativo - cativo muito doloroso. Então ele descobriu que era salvo graciosamente pela fé.

"Que fardo rolou de minha alma! Que alívio! Imagine! Passei aproximadamente onze anos - três dos quais convicto, oito procurando agradar a Deus em oração, por auto-renúncia e boas obras, sem nunca saber quando havia sido vitorioso. E quando vi que Deus me salvara e que eu nada mais precisava fazer para salvar-me dancei de alegria em meu quarto! Tenho dançado desde então. Não com os meus calcanhares, mas em meu coração, louvando a Deus". (1)

Eis aqui uma estudante de Stanford que navegava no mesmo barco tentando chegar a Deus em vez de permitir que Deus viesse a ela.

"Fui à igreja naquele domingo de manhã simplesmente esperando algum auxílio em minha busca; e quando saí, dois anos de incertezas, futilidade e agnosticismo simplesmente desvaneceram como se nunca, tivessem existido. Pela primeira vez senti que vivia e que minha vida

tinha um centro e era realmente importante. Há uma grande diferença entre crer em Deus e não crer em nada, e em voltar-se a Ele em Cristo. Finalmente todas as barreiras da dúvida, orgulho e independência se desfizeram, e eu vi que Cristo sempre tinha estado ali. Eu O teria descoberto se não tivesse insistido em ir a Ele, em vez de permitir que Ele viesse a mim". (2)

Um homem de negócios, japonês ilustrado, presidente de uma refinaria, estava de cama, e um pastor conversou com ele sobre Deus. O homem disse: "Sou um cientista e um homem de negócios. Só tenho um sentido na vida - o material. Que é Isto?" "Não é Isto - é Ele". "Como posso vê-Lo?". "Feche seus olhos e eu vou chamá-lo para você": Oraram. As lágrimas começaram a jorrar pelas faces do negociante, e ele se encheu de alegria". "Agora está claro", disse chorando. Viveu seis meses, aproximadamente, lendo o Novo Testamento com afeição. Estes seis meses que precederam a sua morte valeram o resto de sua vida. Ele O encontrou - e isto queria dizer o céu aqui e depois.

O pai de um pastor tornou-se cristão quando buscou na Bíblia e na Igreja argumentos contra o cristianismo. Não conseguiu os argumentos, mas Cristo o conseguiu. Depois de ter se convertido, fundou uma escola dominical num templo budista, cujo sacerdote tinha roubado uma jóia da testa de Buda e tinha se evadido.

Este pastor contou-me de um homem que odiava seu próprio pai porque o pai não gastava um yen num rádio ou num cinema - era um sovina que só queria ficar rico. O filho estava a ponto de abraçar o comunismo, e então matar seu pai, a fim de que o mais jovem pudesse herdar a fortuna. O verdadeiro motivo era o ódio que nutria pelo pai, mas escondia-o atrás do aparente altruísmo de querer fazer isto, por amor a seu irmão. Então, para tornar tudo mais legal, tornar-se-ia comunista, amparando-se no princípio de querer libertar-se de ricos capitalistas. Considerava-se um herói e um forte em tudo isto. Então procurou o pastor e perguntou-lhe o que pensava de tudo isto. Queria também sanção religiosa para o seu plano! O pastor apresentou-o a Cristo. Toda esta falsa bravura e motivos ocultos desvaneceram, e ele descobriu que sua "força" e "heroísmo" eram fraquezas. Tornou-se cristão e viveu uma vida útil e feliz.

Certa manhã, em meu paraíso do Himalaia, Sat Tal, onde eu estava escrevendo, barbeei-me com Colgate, fabricado aqui na Índia e lembrei-me de um garoto cujos pertences se resumiam numa trouxa de



lenço colorido, que encontrou o Capitão de um navio a vapor, no canal. O menino disse que entendia algo sobre o fabrico de sabão e vela e que ia à cidade para tentar fortuna. Sugeriu-lhe o capitão que ele entregasse seu coração a Deus e que lhe desse um décimo de tudo que ganhasse para Ele. O garoto prometeu as duas coisas. O nome do rapaz era Colgate, e ele deu milhões para o trabalho cristão. Foi aquela decisão - uma decisão que resultou em conversão, e que alcançou os confins da terra.

De um garoto simples, levando todo seu tesouro numa trouxa de lenço vermelho, a uma sala de visitas na Quinta Avenida, de Nova Iorque, onde me encontrava com uma dama que pertencia às "dez mais" da sociedade novaiorquina, há um eco bem distante. Ao terminar o jantar servido por uma copeira francesa e preparado por cozinheiro da Índia oriental, a senhora me perguntou se poderia falar comigo em particular. Disse-me: "Nunca tive quaisquer contatos com a religião, a não ser para um coquetel com o meu pároco em minha terra natal. (Um contato bastante frágil, a propósito!). Mas alguém me deu seu livro, *O Cristo do Caminho Hindu*. Nunca pensei em lê-lo, mas levei-o para o quarto, uma noite, a fim de poder dormir. (Uma outra mulher me escreveu: "Descobri que seus livros são excelente antídoto contra a insônia!" Eles a ajudavam a dormir!). Mas antes que eu descobrisse o que estava acontecendo já era madrugada e eu havia lido o livro. Levantei-me, sentei-me junto à lareira, e simplesmente deixei que as barreiras tombassem (eram muitas); uma Presença viva penetrou meu coração. Considero hoje aquela hora como minha "Hora Reluzente". Desde aquele momento tenho sido outra. As pessoas vêm a mim com seus problemas acham que encontrei algo. Antes fui convidada a ser a presidente da Sociedade Filarmônica de Nova Iorque, mas recusei, pois não desejava conviver com tantos judeus. Hoje sou presidente dessa entidade pois desde que isso ocorreu sinto que gostaria de conviver com esses judeus. Que acha que aconteceu comigo?". Repliquei-lhe: "Acho que se converteu". "Assim penso eu", ela respondeu, mas, agora que sou cristã, como se age como Cristão? Qual é a técnica? Nos os músicos temos uma técnica, qual é a sua?". Confesso que fiquei perplexo ante esta simplicidade e objetividade e, em vez de uma resposta, evadi-me, dizendo: "Doravante, na novidade de vida que leva, a senhora deverá adotar, em sua sociedade, uma técnica como a que usou hoje, falando comigo. Eles ouvirão a sua linguagem, quando não atenderem à minha". Lancei a idéia e fui à Índia. Um ano depois recebi um manuscrito intitulado "Técnica". Era da ilustre dama. Comecei a lê-lo mais por um senso de dever, uma vez que eu que o havia inspirado,

mas logo fui ficando embebedado pela sua leitura, sem poder conciliar o sono. Ela escrevera algo! Foi publicado sob o título "*Eu Sigo o Caminho*" e atingiu várias edições. Seguiu-se um outro "*A Norma do Caminho*". Até sessenta anos não havia produzido nada. Ela me disse: "Até aquela época minha autobiografia podia resumir-se em três palavras - Eu era do mundo, da moda e da futilidade!" Que é isto para uma autobiografia? Muito semelhante à biografia de um "juiz" em Israel: "E tinha trinta filhos que galgavam trinta burros". Era tudo que se podia falar deles! Ora bem, ela se converteu da futilidade para uma vida produtiva, e é bastante interessante comentar que a primeira coisa que ela abandonou, sem que uma única palavra lhe fosse dita a respeito, foi seu vício de fumar. Instintivamente sentiu que isto era incompatível com sua nova vida.

Um inglês, alto funcionário das ferrovias da Índia, odiava os hindus como estes o odiavam também. Era um círculo vicioso de ódio que não os levava a parte alguma. O funcionário sentiu fome espiritual e começou a ler livros. Alguém lhe sugeriu que lesse a Bíblia. Assim fez. O Sermão da Montanha o inebriou; ele se converteu durante a sua leitura - converteu-se realmente. E começou a amar os hindus, e eles retribuíram-lhe o afeto. Sentava-se ao lado de um escriturário hindu e o ajudava em seu trabalho. Os que não eram cristãos decidiram ir à igreja, ao verificar a mudança nele operada. O trabalho no escritório melhorou - todo o mundo queria trabalhar agora. Uma simples mudança de atitude da parte de um homem mudou a atitude do escritório todo. A conversão converte!

Um pastor africano, muito distinto, contou-me esta história. Convertera-se aos oito anos de idade e encheu-se do Espírito aos dezessete. Quando se encheu do Espírito ele se encheu de tanto amor que andou de um para outro lado abraçando e beijando todo o mundo! Pregava de casa em casa, e ao descobrir africanos batizados bebendo cerveja, quebrou suas jarras. Eles o denunciaram às autoridades. Foi levado preso e, diante do delegado de polícia, testemunhou a Cristo. "Sim, sei bem do que está falando, e se eu pudesse o punha em liberdade", disse o homem branco. Levaram-no à cadeia, e o homem branco de plantão feriu-o na boca e disse: "Toma lá kafir, pregando contra nossa cerveja! Para fora com seu Jesus". O jovem apóstolo replicou: "Pode bater-me, mas não deve falar contra meu Jesus". Ao ser levado a um magistrado branco, testemunhou a Cristo diante da autoridade. Este lhe disse na presença de todos: "Tivéssemos nós dez jovens como este e poderíamos converter esta parte da África". E libertou-o.

De uma colina na África, onde o Bispo Springer residia, contemplava eu o horizonte, e vi uma escola, um seminário teológico, um hospital, um instituto de agricultura, uma grande fazenda e outra de gado, uma escola de engenharia, uma igreja - tudo que ergue a alma, e o espírito. Eram, em grande parte, frutos do trabalho do Bispo Springer. Contudo, ele mesmo chegou quase a ser mandado de volta para a pátria, no primeiro ano de seu ministério. Era de gênio irascível. A Junta, porém, decidiu dar-lhe uma segunda oportunidade, desde que ele se comprometesse a ler o 13º capítulo de I Coríntios todos os dias. Ele concordou. E transformou-se – converteu-se. Anos mais tarde, quando precisaram de um bispo, foi ele o escolhido! Um jovem missionário "impossível" se torna um bispo, cheio de possibilidades porque se esvaziou de egoísmo não convertido, e se encheu de amor.

"Egoísmo não-convertido" se observou num jovem ministro da Índia que disse à irmã para não se casar com um certo jovem, embora se tratasse de um cristão muito bom. O ministro não escreveu à irmã durante quatro anos, a não ser para dizer-lhe: "Se você não me obedecer, eu a matarei". Então me ouviu contar do moto que enviei à minha filha e ao seu marido quando se casaram: "Espero que minha atitude para com vocês corresponda à deste moto: "Nunca em seu caminho, nunca fora dele". Isto o abrandou. Seu egoísmo se rendeu. Converteu-se e se revestiu de novo espírito. Escreveu à irmã e pediu-lhe perdão.

Um médico missionário que estivera na China contou de uma jovem que partira cheia de entusiasmo e grande ardor para o campo missionário. As últimas etapas de sua viagem tiveram que ser feitas num navio abarrotadíssimo de gente, deslizando vagarosamente pelas águas de um grande rio da China. Por um certo período ela fora obrigada a viajar de pé, apertada entre chineses que a sufocavam de cada lado. Ela era baixinha. Um chinês muito alto, que sofria de úlceras purulentas, ficou tão perto dela que ela sentia o pus umedecendo sua blusa e escorrendo em seus ombros. Sentiu-se acometida de terrível náusea. Quando desceu estava em prantos.

O bondoso médico a encontrou e indagou o que acontecera. Ela lhe disse que cometera um grande erro. Odiava os chineses e não suportaria ficar ali e viver no meio deles. Muito sábia e ternamente o missionário recomendou-lhe um retiro. O sentido de sua oração era: "Ó Deus, revela-me tua glória ou terei de voltar para casa". Durante os dias

que se seguiram ela encontrou a Deus. Compreendeu o que Deus sofrera em suas mãos; tudo que Ele fizera por si. Ao deixar o retiro estava transformada e começou uma vida gasta em devotadíssimo serviço ao povo chinês. (3)

Este relato é concernente a uma jovem missionária. Vejamos agora o de um velho missionário que tinha vivido uma longa e inválida vida cristã. Em seu desespero seus olhos caíram sobre as palavras: "Cristo vive em mim". O que?", disse ele, "está Cristo realmente vivendo em mim?" Saltou de alegria, embora fosse fleumático presbiteriano, e dançou em volta da mesa, dizendo: "Cristo vive em mim!" "Cristo vive em mim!" Sumiu a derrota - Cristo viera!

A conversão da derrota para a vitória se dá entre todos os povos, de todas as raças e em todos os lugares.

Esta nos veio do Ashram, realizado em Hiroshima, onde caiu a primeira bomba atômica. "Uma só frase: "O Senhor ressuscitou!" mudou a minha vida. Eu era um dos que tinha medo de cometer erros. Hoje sou uma nova criatura". (Repatriado da Manchúria).

Outra: "Sou tão grato que nem posso falar. Como Saulo fiquei cego pela luz, andando as apalpadelas na escuridão, mas algo como escamas caiu de meus olhos neste Ashram. Afinal entendi. Culpava tudo e a todos, menos a mim. Culpava o meu próximo, seu caráter. Mas estou enganado - eu sou a causa. Grande foi a minha formatura no seminário, assim como minha ordenação, contudo, isto foi ainda maior. Estas duas coisas mudaram meu "status", mas a experiência de hoje transformou-me.

A seguir o homem de quem se falou como o herói de Hiroshima: "Fui pressionado a entregar-me neste Ashram. Tenho sido alvo de críticas, por isso fechei-me em mim mesmo. Falhei em ir para adiante. Tinha medo. Mas aqui entreguei tudo a Cristo. Posso ir agora a qualquer parte".

Dois casos, um do Ocidente e outro do Oriente, deverão fechar este capítulo. Recebi uma carta de uma senhora: "Alguém deu ao meu marido seu livro, "O Caminho", como presente de formatura. Conservamo-lo em nossa estante ajuntando pó, sem ser lido. Perdi a fé, quando na universidade. Tornei-me negativa, cínica e amargurada. Confiava em poucos e odiava muitos, incluindo a mim mesma. Tornei-

me tão negativa e amarga que não podia viver nem comigo mesma, nem com meu marido, e nosso lar estava para se desmoronar. Não tinha reservas interior para enfrentar esta tragédia iminente; por isso não vi outra saída além do suicídio. Comprei umas pílulas e guardei-as na gaveta da cômoda, esperando a oportunidade em que meus planos se completassem para ingeri-las. Afinal, chegou o dia. Retirei as pílulas da gaveta, e dirigi-me à cozinha para buscar um pouco de água com que ingeri-las. Ao atravessar a sala, tropecei no tapete, caí de encontro à estante, e seu livro, "*O Caminho*", caiu do alto aos meus pés. Achei tudo estranho, por isso tomei-o e comecei a lê-lo. Neste livro o senhor me indicou os passos. Eu os dei, ali e então. Parece-me que o senhor dá a isto o nome de conversão. De qualquer modo sou hoje uma criatura transformada e feliz. E meu lar foi restaurado". Tive ocasião de ver esta senhora algum tempo depois, e seu semblante refletia a transformação. "Mas", alguém disse, "isto foi um milagre. Por que é que o livro havia de cair do alto da estante aos seus pés justamente à hora de ela cometer o suicídio?" Bem, não posso explicar, a não ser que o Amor de Deus nunca nos desampara. Acompanha-nos através dos anos. O Amor acompanhou-a e encontrou-a, bem no instante em que ela estava à beira do abismo. Duas coisas se confrontaram ali naquele dia: o Anti-caminho - suicídio; e o Caminho - Cristo. Realmente, eles são alternativos. O anti-caminho é suicídio - lento ou imediato. Às vezes é suicídio vagaroso. O dispêndio das forças, a desintegração do ser, o esvair da vida, o estiolar da esperança e alegria - é suicídio, às vezes vagaroso, outras vezes rápido, mas não deixa de ser suicídio. Na extremidade de qualquer caminho que conduz fora de Cristo existe um precipício - uma queda brusca, ou vagaroso declínio. Mas é para baixo.

O último exemplo de conversão neste capítulo é reservado a um prisioneiro japonês, que esperava a sentença de morte. Uma cristã, inválida, propôs a si mesma corresponder-se com os prisioneiros, como tarefa de sua vida. Muitos se converteram através destas cartas cheias de compaixão. Alguém lhe sugeriu que escrevesse a um detento na prisão de Nagoya. Ela assim fez - e ele estava pronto para a conversão. Aceitou a Cristo e se tornou um novo homem - tão transformado que começou a ajudar outros a se transformarem, incluindo a mulher que o ajudara. Ele escreveu-lhe: "Agora que Cristo me salvou, por que não pode curá-la? Vou orar pela sua cura". E ela se curou. Longe de ser uma inválida guardando o leito, ela agora anda de bicicleta. Depois de sua conversão, e antes de ser executado, ele leu o Novo Testamento todo e se impregnou dele inteiramente. Era um cristão tão maravilhoso que a igreja o recebeu como membro, mesmo na prisão. Quando chegou o dia da execução, foi-lhe ministrada a comunhão pelo pastor que me contou

esta história. Estava calmo, tranqüilo e feliz. Deram-lhe a oportunidade de escolher sua última refeição. Ele pediu bolo. A Igreja lhe preparou um. Enquanto o comia nos degraus do cadafalso, voltou-se para os oficiais: "Sinto muito comê-lo sozinho. Gostaria de poder dar-lhes um pouco". A seguir deu o testemunho a Cristo diante deles todos com muita simplicidade e poder - era a única pessoa serena no meio do agitado grupo de oficiais que viam o absurdo de um legalismo condenado à morte um homem como aquele. Subiu os degraus, cantando: "Mais perto quero estar de Ti, meu Deus". Recusou o capuz preto quando lho quiseram colocar sobre a cabeça, dizendo: "Não tenho medo". Ao se abrir à porta do alçapão, a última coisa que ouviram foram os versos de "Mais perto quero estar meu Deus de Ti". Para o culto memorial na igreja, trouxeram um pássaro que tinha sido dado pelo condenado ao pastor. O pássaro costumava pousar no seu ombro quando o prisioneiro andava no pátio da prisão, no recreio, e aprendera algumas das melodias que o prisioneiro cantava - especialmente "Mais perto quero estar de Ti, meu Deus". Cantou-se o hino durante o culto memorial; ao se ferirem as notas o pássaro gorjeou com o grupo que cantava o hino. Eis aqui a conversão transformando implacável tragédia em triunfo indizível. Nada poderia produzir isto a não ser a conversão - nada.

Concluir este capítulo sobre casos de conversão com esta sublime nota da vitória de um condenado seria concluí-lo numa categoria em si - para um sentenciado e não para homens comuns que precisam de força para viver por ora em circunstâncias comuns. Por isso vamos olhar de uma prisão para um púlpito e ver a necessidade de conversão ali. O doutor Don E. Schooler conta esta história: Nas minhas duas primeiras igrejas preguei tudo que conhecia sobre honestidade, fé (sem conhecer o que significava), bons hábitos, assistência aos cultos, honra, e uma perene exortação a que fossem "bons", a servir a Deus. Falava-lhes sobre os frutos sem conhecer a raiz. Dominava-me o entusiasmo naqueles dias - entusiasmo e mocidade. Ambos provaram não serem suficientes.

A religião de minha esposa consistia na crença em Deus, adoração do belo, ética social e pessoal, estética, música agradável, pôr-de-sóis, e apreciação da natureza. Eu acreditava na conversão, pregava-a, mas não a conhecia. Ela me fazia perguntas: "Como posso ser convertida?" Eu lhe respondia o que me tinha sido dado: "Crê, confie". Mas eu não podia dar dimensão a estas palavras. Desesperadamente tentava apanhar o "sentido". Tinha ouvido a

descrição. Todo o tempo eu vinha pregando retas relações com as outras raças, condenando a vida social pecaminosa e anunciando o Reino de Deus com uma sociedade de homens que fariam um mundo bom - o homem construindo o Reino! Mais tarde compreendi que não se constrói o Reino - recebe-se o Reino como a criança que recebe - entra-se nele.

Fazia um ano que éramos casados. O casamento estava perigando. Minha esposa acreditava numa coisa. Eu acreditava em outra. Decidimos estudar a Jesus, sem auxílio de qualquer espécie, como fizemos com um pequeno grupo durante sete semanas no Canadá. Durante dois dias labutamos sobre uma frase única - "A vontade de Deus versus vontade do homem". Comecei a compreender que se eu depusesse minha vontade nas mãos de Deus (querendo dizer que escolheria o mais alto em todas as situações) isto seria equivalente a fazer a sua vontade. Então percebi que Jesus não estava pedindo crença ("aquele que deseja fazer a vontade de Deus sabe"). Ele estava chamando o homem para agir, para decidir quando conhecesse o sublime, e obedecer-lhe. Estava me entregando a tudo de Deus que podia ver em Jesus, mais tudo de Deus que poderia ser revelado amanhã e depois e depois. Assim compreendendo, disse: "Sim, Deus, eu o farei. Tu podes ter-me, tudo em mim para aquela suprema escolha!". A luz jorrou sobre mim. Chorei como uma criança, chamando por minha esposa: "Eu o tinha perdido. Perdido inteiramente". Todos esses anos eu tenho pregado somente sobre ética social e pessoal, mas não sobre o evangelho. Por que alguém não me havia dito? Como fui cego, estúpido! Exortando meu rebanho à bondade. Isto não é o evangelho. O Evangelho era o Cristo vivo que veio para habitar em mim. Ele me libertou. Garantiu-me que meus pecados estavam perdoados. Trouxe-me luz. Fez-me regozijar. Quanto a mim, tinha vivido nas trevas e em verdade pregara trevas. Exortei as pessoas a lutarem para serem boas, para viver retamente, mas isto somente terminava em frustração. Agora, de um novo centro e com novas forças, todas estas coisas que eu havia pregado e que não podia cumprir ou levar outros a cumprir, voltaram como um subproduto do evangelho. Levei seis anos, aproximadamente, para juntar minha nova vida em Cristo e minha teologia liberal. Algumas coisas que eu havia lançado fora, precisavam ser retomadas. Um novo centro despontava para toda minha paixão social - não se centralizava na luta humana - centralizava-se em Cristo. Pela sua graça podemos realizar isto. Desapareceu o medo. Voltaram a esperança e a alegria. O poder, em parte, voltou. Eu compreendi que há um caminho através de tudo quando pertencemos a Cristo; se uma porta

não se abre, uma outra abrirá. Sei disso porque eu conheço a Cristo e Lhe pertencço.

Se alguém disser: Ele é um pastor, e eu não sou pastor, então conheçamos esta história de uma mãe qualquer.

"Foi no final de sua mensagem, quando o senhor nos convidou a fazer nova entrega. Não me levantei. Fiquei sentada murmurando: "Oh, Deus! Oh, Deus! Oh, Deus!" Repentinamente algo ocorreu no âmago de minha alma. Não sabia então, nem sei agora, o que era. As lágrimas rolaram. Fui agitada e vazia. Quase que de imediato me enchi gloriosamente de nova vida. Senti-me dominada, completamente possuída. Nada havia feito para o que aconteceu. Fui tomada de surpresa, parecia que estava acontecendo a outra pessoa. Convenci-me mais do que nunca de que a iniciativa vem de Ele. Dizer que era alegria, poder, certeza - sim, tudo verdade. Mas estas palavras não podem descrever, na realidade, tudo. Cada átomo em mim estava vivo; todas as faculdades alertas. Perdoei as pessoas que, na companhia, sentia eu, foram injustas com meu filho. Perdoei tudo e a todos. Na manhã seguinte, penso eu, os outros aqui no Ashram deviam estar perplexos lendo meus pensamentos à medida que meus olhos percorriam face após face! Pois, surpreendi-me dizendo: "Eu gosto de você, eu gosto de você". São-me dados meios de expressar tão grande amor".

Se alguém ainda diz: "Não se ajustam a mim, pois estes relatos são de geração veterana. E nós os jovens? Que se nos diz?" Bem, uma jovem senhora muito atraente e capaz, evidentemente nascida para a liderança, mas com o ego insubmisso no centro de tudo, veio ao nosso Ashram na América. Percebeu que uma decisão tinha que ser feita entre Cristo e si mesma. Saiu para uma colina e sentou-se numa ponte rústica que passava sobre o riacho e enfrentou o problema. Apanhou uma lasca de madeira e atirou-a na água, dizendo: "Lá se vai meu orgulho", e contemplou-a a flutuar. A seguir atirou outra, dizendo: "Lá se vão meus ressentimentos", e observou-o a deslizar pela água. Ainda outra vez atirou terceira lasca, e disse: "Lá se vão meus temores", vigiando-a ao ser levada pela corrente. Restava a última. Apanhou-a vagorosamente - sabia que era a mais difícil. Tudo o mais tinha sido preliminar. Depois de uma pausa, atirou também a quarta lasca e disse: "Lá vai o meu ego". A última a ir, mas tinha ido. Voltou sobre asas. Perdeu sua vida e a encontrou. Unida a Ele estava livre. Submissa a Ele não precisava submeter-se a nada mais - estava de pé, diante de tudo mais! A conversão Lhe trouxe personalidade - personalidade verdadeira. Trouxe-Lhe liderança, pois agora não quer liderar, mas servir. A conversão a

converteu, e isto converteu tudo mais.

### CITAÇÕES:

- 1) Pickering, Twice Bron Men.
- 2) Bryan Green, A Prática do Evangelismo, p. 28. Usado com permissão da editora.
- 3) Leslie D. Weatherhead, How Can I Find God? (New York - Fleming H. Revell Company, 1934), pp 106-7. Usado com permissão

## Capítulo VI

# OS FRUTOS DA CONVERSÃO

Passamos agora dos casos de conversão para os frutos da conversão. No próprio relato destes casos os frutos são óbvios e assustadores. Estes frutos da conversão são mais benéficos e regeneradores para o indivíduo e a sociedade do que qualquer outra coisa que já aconteceu à humanidade em toda a sua história.

Mas não há falhas? Todas elas se tornam histórias de sucesso? Não, há falhas, como há em qualquer grande empenho. Edson realizou mil e cem experiências, e todas falharam. Quando alguém perguntou ao grande inventor: "Você não desperdiçou seu tempo?". "Não", respondeu ele: "Descobri mil e cem maneiras de não fazer as coisas". Jesus nos disse que três das quatro tentativas de obter uma colheita se perderam - parte da semente caiu sobre o caminho, parte em solo raso, parte entre os espinhos. Mas uma caiu na boa terra e trouxe trinta, sessenta e cem por um. E trinta é 3.000 por cento, sessenta é seis mil por cento e cem é 10 mil por cento do investimento. Esta é uma grande recompensa, e não é superestimada, porque se você atinge uma pessoa, esta atinge outra, e assim por diante, e nunca, nunca pára.

Há falhas. Um homem em Lucknow, Índia, dado à bebida, deixou uma poça de lágrimas na cadeira quando se ajoelhou, orou e se arrependeu. Quando se levantou, disse que estava convertido. No dia seguinte, pregava eu num bazar e vi meu "convertido" cambaleando ao redor, bêbedo. No outro dia, respondeu à minha pergunta sobre como ele estava: "Ainda estou convertido". Quando o confrontei com o fato de tê-lo visto bêbedo no dia anterior, ele disse: "Se você diz isto, deve ser. Até logo". Um jockey hindu se converteu. Ficou conosco no Ashram em Lucknow por algum tempo. Então ele disse que queria mudar de ocupação, e pediu-me que lhe conseguisse uma tonga (um veículo de duas rodas) e um cavalo, para que ele pudesse usá-los para alugar, e ter assim uma vida respeitável. Loucamente, dei-lhe o dinheiro para comprar o cavalo e a tonga, em vez de eu mesmo comprá-los. Em vez de comprá-los, ele saiu e comprou um cavalo de corrida, e o inscreveu numa corrida em meu nome! Nunca soube se meu cavalo ganhou a corrida, e nunca mais soube do homem. Ele ficou inscrito nos "lucros e perdas".

Em todo grande empenho haverá falhas e insucessos. Alguns têm

uma experiência viva de conversão, mas ela tende para um legalismo; alguns vivem uma experiência, da qual saiu todo o contentamento; alguns acabam em compromissos e conseqüente esterilidade espiritual. Depois de marcar estes casos de falhas na conversão, contudo, permanece ainda o maior depósito para o bem legado à alma humana, por qualquer influência.

Starbuck, o psicólogo, diz, depois de investigar uma centena de casos: "O efeito da conversão é trazer uma atitude modificada em direção à vida, que é bem constante e permanente, apesar dos sentimentos flutuarem". O cientista Romanes acrescenta: "Em todos os casos não é uma simples mudança de crença ou opinião; é de qualquer modo, o ponto principal; o ponto é uma modificação de caráter mais ou menos profunda". O doutor John Watson classificou as conversões como "morais, espirituais, intelectuais e práticas". Mas todas as conversões contêm um pouco de cada uma das quatro. A ênfase pode ser sobre uma, mas há um pouco das outras três em graus variados. Pois a conversão é a conversão da pessoa total e de suas relações. Poderíamos ter acrescentado às palavras de William James: "O universo, naquelas partes que se constituem do nosso ser pessoal constitui, volta-se para o pior ou para o melhor, na proporção em que cada um de nós se afasta ou cumpre os mandamentos de Deus". Portanto, a pessoa, sua relação com outros, e todo o universo que a cerca se convertem quando ela se converte.

James diz novamente que os únicos testes possíveis de uma experiência religiosa são: "Clareza imediata, razoabilidade filosófica e ajuda moral". A luz destas três coisas a conversão brilha - não só brilha, resplandece! Um membro de nosso Ashram, depois de passar pela conversão, disse: "Sinto-me como um vaga-lume".

O primeiro fruto da conversão é o fato de uma relação modificada com Deus. "O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus e ele me será filho" (Ap 21.7). Ter esta relação alterada com Deus - passar do alheamento de Deus a um filho de Deus - é o fato básico da conversão. A relação alterada com Deus lhe dá uma relação alterada consigo próprio - com seu irmão, com a natureza, com o universo. Agora o total da realidade está atrás de você, o sustém, o aprova, e o favorece. Você não está mais trabalhando contra o grão do universo, está trabalhando com ele.

A segunda transformação básica é a mudança de relações

consigo mesmo. Você foi perdoado por Deus e agora pode e perdoa a si mesmo. Todo o ódio, desprezo e rejeição de si mesmo caem, e você se aceita em Deus, se respeita, e se ama. "Vou amar-me mais", diz uma pessoa transformada.

A terceira mudança básica é uma relação modificada com outros. Mencionei um psiquiatra que diz: "Há três atitudes básicas que podemos tomar em relação aos outros: afastarmo-nos deles, irmos contra eles, irmos na direção deles." As duas primeiras atitudes se cancelam na conversão. Você pára de se esconder em si mesmo e se afastar dos outros. Abandona sua atitude de antagonismo. "Tenho sido vingativo. Tenho estado com luvas de box, agora as estou tirando", disse uma pessoa transformada. A terceira atitude - você começa a ir na direção dos outros - em amor. Deus veio a nós em amor misericordioso e você vai aos outros no mesmo amor misericordioso.

Jane tinha ouvido de sua mãe que não era suficientemente boa para encontrar a Deus. As convulsões começaram. Um psiquiatra lhe disse que ela devia escrever uma carta à sua mãe e abandoná-la, mas ela descobriu, depois de sua conversão, que simplesmente não podia. Escreveu a sua mãe uma carta, dizendo que a perdoava e pedindo perdão. Escreveu três cartas e não obteve resposta. Quando teve resposta, as convulsões pararam.

A filha de uma mulher que praticava feitiçaria na África se converteu. A voz de Deus lhe disse: "Vá à casa de sua mãe, lave suas travessas, e limpe sua casa". Ela fez isto dia após dia. Meses mais tarde sua mãe disse: "Por que você faz isto?" A filha respondeu: "Porque eu a amo". A mãe se converteu, abandonou a feitiçaria, e confessou como tinha enganado as pessoas.

Há duas tribos em margens diferentes do Rio Zambesi, na África - uma feia, a outra bonita. Eles costumavam se encontrar cada ano em certo ponto do rio e lutar. Agora ambas as tribos se converteram, e eles se encontram no mesmo lugar para oração! Incidentalmente, a tribo mais feia é a mais agressiva em evangelismo. O ponto principal desta história é que no momento em que eles se tornaram cristãos, pararam de ir um contra o outro, e começaram a ir um em direção ao outro!

Além do amor, que é o primeiro fruto do Espírito, vem a alegria, que é o segundo fruto do Espírito. Não poderá haver alegria se não houver amor. O coração sem amor não canta e não pode cantar. O

coração amoroso canta automaticamente. John Yepes, o frade carmelita do século dezesseis, disse: "A alma do homem que serve a Deus sempre serve em alegria, sempre guarda um dia santo, está sempre em seu palácio de júbilo".

Um ateu, um católico romano, e um teosofista arranjaram para que eu falasse a um auditório na América do Sul. O presidente, ao me apresentar, disse: "O motivo porque o ouvimos é que o senhor tem uma canção em seu coração, e a América Latina muito ama a música."

O cristão mais borbulhante que já conheci foi Rufus Moseley. Alguém disse: "A primeira vez que o ouvi, pensei que ele estivesse louco, mas a segunda vez sabia que eu estava louco". Perguntaram-lhe se Jesus alguma vez riu, e ele respondeu: "Não sei, mas certamente Ele me fez de modo que eu possa rir".

Quando alguém me disse que a Igreja Metodista tinha autorizado um amigo meu a pregar, disse a outra pessoa: "É como permitir que o Niágara corra". "A boca fala do que o coração está cheio".

A alegria é uma companheira necessária à fé cristã. Durante as perseguições de Madagascar, grupos se reuniam em cavernas e grutas para adoração. Um desses grupos, arrebatado em gratidão e amor, disse a seu líder; "Vamos cantar". "Irmãos, eu lhes imploro, fiquem quietos", disse o líder. "Nossos inimigos nos procuram, e se nos acharem, será a morte para todos nós". "Mas devemos cantar", disseram em voz baixa. Então, à meia voz, estes cristãos cantaram. Cantaram em face da morte! Quando alguns foram atirados num abismo, para a morte, os ouviram cantando ao caírem. O Cristão está sempre em perigo - e sempre feliz, incorrigivelmente feliz.

Um pastor alemão, atrás das grades da prisão, disse que não tinha queixas a fazer, a não ser que não lhes permitiam cantar! "Então cantamos sem voz. Com nossas almas entoamos o hino, um Deo Gloria, fazendo-o ressoar alto."

O Dr. Kágawa, apesar de estar cronicamente doente, disse: "Sou capaz de viver como uma pessoa normal porque tenho alegria - alegria à noite, alegria de dia, alegria na oração."

Uma amiga escreve depois de um dia cansativo, ou o que seria um dia cansativo para qualquer outro - tinha assistido a seis reuniões -

"Cansada? Não, Jesus fez tudo isso. Eu apenas saí para um passeio!".

O doutor Conner, da Administração dos Veteranos, diz: "O pessimismo mata mais as pessoas idosas do que qualquer outra doença". Então a conversão real é a agência mais curadora conhecida. Eis algo do Ashram "Manhã do coração transbordante", de Osaka, Japão: "Vim aqui com um coração pesado. Minha saúde não tem estado boa. Mas esta manhã estava arrebatado em gratidão. Minha saúde foi restaurada".

L. P. Jacks diz: "de todas as religiões da humanidade, o cristianismo é a mais alegre e a que menos reprime. Não há religião que lance fora a carga da vida tão plenamente, que liberte tão rapidamente de seu gênio, que dê escopo tão grande para as elevadas disposições da alma, e receba em seu seio com um abraço tão quente as coisas da beleza, que são alegria para sempre. O cristianismo não alimenta as tristezas da humanidade. É sempre música que você ouve, e às vezes também dança."

"Há nada menos que 70 intimações para se regozijar no Novo Testamento", diz o doutor Sangster. Não admira que Tertuliano tenha dito: "O santo cristão é alegre". Alguém em nosso Ashram disse: "Minha xícara transborda e meu pires também".

Quando o doutor Farmer, organista em Harrow, pediu ao salvacionista que tocava tambor, que não tocasse tão forte, o homem, radiante, respondeu: "Deus o abençoe, senhor, mas desde que me converti sou tão feliz que poderia até furar o tambor". Como escreveu Coventry Patmore: "Todas as realidades cantam, e nada mais". A conversão traz a realidade, e, portanto, canta. Se não há canção no coração, não há conversão. "A alegria é o sinal da maturidade espiritual".

A alegria é o resultado da presença direta de Cristo, de um sentimento de bem-estar nele e um sentimento de conformidade para tudo que vier. É a alegria da força. Isaac Abbott, depois de sua conversão, apesar de ser dado à bebida, não podia sentir modificação alguma, e pensava se realmente se convertera. Ele saiu de uma reunião e encontrou um velho companheiro que lhe deu uma garrafa de bebida. Tomou-a por um momento, e depois a devolveu. Sabia então que era um novo homem. A alegria foi o resultado.

Esta alegria através da conversão vem de uma certeza profunda que se possui na conversão. O famoso psiquiatra Jung diz: "Não há questão de crença, mas de experiência. A experiência religiosa é absoluta. É indiscutível. Você pode dizer apenas que nunca teve tal experiência, e seu oponente dirá: "Sinto muito, eu tive." E então a discussão chegará a um fim. Não importa o que o mundo pense sobre a experiência religiosa, quem a tem possui o grande tesouro de uma coisa que lhe proporciona uma fonte de vida, significado e beleza, e que deu um novo esplendor ao mundo e à humanidade."

Kierkegaard coloca a questão assim: "Essencialmente isto é o conforto duradouro sobre o perdão dos pecados: "Creia." Pois quando a consciência ansiosa começa a se empregar com pensamentos pesados, e parece a alguém como se por toda a eternidade fosse impossível esquecer, então a palavra é: "Esqueça". Deixe de pensar em seus pecados; não tem somente o direito de parar, não é simplesmente que deve orar a Deus pedindo permissão para esquecer, não, "Esqueça, e creia que seus pecados estão perdoados." Pois quando alguém experimentou verdadeiramente o que é crer no perdão dos pecados, certamente se tornou um outro homem: É eternamente jovem."

Quando Deus perdoa, Ele esquece, e pede a você que perdoe a si mesmo e que esqueça o passado. Deus sepulta nossos pecados no mar de Seu esquecimento e coloca um aviso: "É proibido pescar aqui".

O esquecimento apaga o passado e apaga o tormento da memória do passado. Ele torna útil este passado. O doutor Coffin nos conta: "Um dos problemas de conservação dos tempos atuais tem sido o uso de jornais velhos. Não se poderia inventar um processo pelo qual eles pudessem ser renovados, e nossas florestas poupadas? A dificuldade mais séria que os químicos encontraram era eliminar a tinta de impressão. Mas aos poucos foi descoberto um método para eliminar a tinta, e os jornais velhos podem ser novamente reduzidos à polpa e transformados em papel limpo. A vida imprime em nossos espíritos uma porção de manchetes: uma parte amarga, outra falsa, outra obscena, e grande parte trivial. Pela meia-idade muitos de nós querem que a tinta seja eliminada e recomeçar limpos." (1)

O grande problema não é só eliminar a tinta da culpa e do pecado, mas a lembrança deles. Na química divina do sangue de Cristo ambos se apagam - o pecado e a lembrança do pecado. Pois quando nos lembramos do pecado o esquecemos imediatamente, na alegria de lembrar o Salvador. Ele enche nosso horizonte e não podemos ver os

pecados por causa dEle.

Além desta invencível certeza interior há uma melhora de relações externamente. Uma das primeiras coisas que fiz depois de minha conversão, foi devolver algum dinheiro de pombos que tinha roubado. A Pomba Celestial tinha vindo, e eu não queria que a lembrança de pombos roubados perturbasse a maravilha de sua vinda. Fred Smith, um ator, se converteu e deu seu cão dinamarquês a um homem, a quem ele tinha vendido um outro cão dinamarquês, que sabia estar doente. Outra pessoa diz: "Meus pecados irreparáveis foram lavados, mas os reparáveis devo repará-los. Viajei sem passagem, e então escrevi ao Superintendente e paguei-a".

C. T. Venugopal, mencionado anteriormente, chamado muitas vezes "um sadu (santo) no governo", testemunhava num jantar o que Cristo fizera e estava fazendo por ele. Um engenheiro civil levou-o para um lado ao fim do jantar e perguntou ansiosamente: "Isto daria certo para mim?" Quando ficou seguro que sim, perguntou se poderia achá-lo ali, naquela hora. Os dois homens foram a um canto, e abaixaram suas cabeças em oração, e o engenheiro simples e sinceramente entregou-se a Cristo. Algo aconteceu. Uma profunda modificação se operou em sua vida. Mais tarde ele foi enviado ao Japão para trazer um grande equipamento para estradas de ferro - máquinas e outras coisas - comprado pelo governo da Índia. Houve uma grande oportunidade de passar material inferior, e obter um lucro imerecido. Os japoneses fizeram o possível para que ele fizesse isso. Ofereceram-lhe tudo - dinheiro, mulheres, bebidas. Não conseguiram. Ficaram perplexos. Então tentaram se informar na Índia, em que ele estava interessado. Provavelmente descobriram que seu interesse era Deus. Aquela simples entrega de si a Deus, num jantar, contribuiu econômica e moralmente para seu país. Quando voltou à Índia, foi nomeado chefe do Departamento de Inspeções. Homens de integridade moral são indispensáveis. Ele ganhou esta posição, não suprimindo seu cristianismo, mas expressando-o.

Quando Starr Daily, um criminoso insensível que passou vinte e três anos no submundo, se converteu numa cela solitária, era pele e osso e estava cheio de ódio; algo aconteceu, porém, que fez com que seus guardas sentissem a diferença. Começaram a lhe oferecer alimento além do que o chefe mandara, e sua resposta foi: "Sinto muito, mas não posso aceitar - sou um cristão". Ele que vivera na desonestidade tornou-se honesto, meticulosamente honesto durante a



noite.

Quando sua cidade natal resolveu honrar o seu cidadão mais distinto, o ex-criminoso foi escolhido. Não foi por mero sentimento que o elegeram. Tornou-se o cidadão número um por sólidas realizações - salvando prisioneiros de completa degradação e desespero e escrevendo livros que mudam e erguem a alma dos respeitáveis - uma personalidade realmente criadora. A conversão transforma o lodo e a lama da negligência humana em flor de lótus de caráter puro e criativo - milagre cabal.

Isto acontece em toda a parte. Eis aqui um homem da selva africana, recebido num hospital por ter sido ferido pela presa de um elefante - que o atravessou. Ao recuperar-se, pediu para ficar no hospital servindo graciosamente, a fim de pagar aquilo que seus parentes roubaram do hospital. Uma consciência sensível pela conversão!

Um surpreendente reavivamento aconteceu no Congo Central, na África. Começou quando um missionário, inspirado no exemplo do Bispo Warne, da Índia que, juntamente com o clero, observou um retiro de dois dias, tendo por base o livro de Atos dos Apóstolos para leitura e meditação fez a mesma coisa com o clero sob a sua jurisdição, na África. O reavivamento iniciou-se quando um Superintendente Distrital Africano começou confessando que perdera o contato com Deus pela crítica e pediu perdão. Seguiu-se, então, a confissão de um obreiro africano sob a jurisdição desse Superintendente Distrital, que também o criticava e que pediu perdão. O espírito de confissão começou a espalhar-se e o reavivamento prosseguiu. Da cidade se espalhou para as vilas e suas reuniões de confissão continuaram, algumas durante a noite toda, todo o dia e noites seguintes. Foram assistidas por quatro ou cinco mil pessoas, cristãos ou não. Algumas das coisas que confessaram eram surpreendentes. Um homem levantou-se e disse que mantinha relações com a esposa de um outro e instou com ele para que conservasse a esposa em casa, a fim de ela não o tentar. Outro caso semelhante foi a do homem que procurou o feiticeiro e dele recebeu um berloque para usar em volta do pescoço, pois o amuleto o tornaria irresistível aos olhos da mulher. O concílio da pequena vila aconselhou-o a não usar o amuleto e ele ficou tão raivoso que matou alguns membros do concílio, inclusive o marido de sua amada. Confessou tudo isto e se converteu. Outro confessou o forte apetite que tinha por carne humana e como matara e comera vinte e seis pessoas, nomeando alguns dos participantes que eram parentes das pessoas mortas. Pediram tais

parentes a vingança? Não, sua reação foi: "Deus o revelou! Além do que, ele não nos aborreceu mais desde que se converteu". Os penitentes iam à frente pedindo oração e prosseguiram orando até que sentiam ter recebido a segurança do perdão. Então circulavam ao redor do tabernáculo batendo palmas de alegria. Feiticeiros trouxeram seus bens parafernais e os queimaram em público, confessando o quanto enganaram o povo. "Os Reis da Floresta" eram supostamente um movimento beneficente; um dos seus propósitos era conservar os chefes em ordem. Dois bispos americanos foram recebidos como membros honorários da Ordem. Atingidos pelo reavivamento os cabeças de "Os Reis da Floresta" começaram também a confessar seus pecados e a contar como enganavam o povo. Ordenavam que, em determinada vila, todos os moradores permanecessem dentro de casa, em determinada noite, com as luzes apagadas porque o "pai" dos "Reis da Floresta" iria visitá-los na noite prevista. Na manhã seguinte cabras, frangos e quaisquer outras coisas soltas desapareciam, apropriadas não pelo "pai", mas pelos cabeças do movimento! Confessaram também que tinham uma cova de ídolos na floresta, nela residindo o ídolo do espírito do "pai". Ao lhe perguntarem algo, o ídolo abanava a cabeça para o sim ou para o não. "Fulano de tal é homem leal e bom?" O ídolo abanava a cabeça vigorosamente, desaprovando. A multidão se reunia em volta da vítima, ameaçando-a e impondo-lhe multa pesada, uma fraude! Confessaram também que havia um homem atrás do ídolo que lhe agitava a cabeça. Quando os responsáveis começaram a retirar o ídolo e a quebrá-lo à ponta-pés, o povo se retirou aterrorizado, gritando, temendo morrer ao ver a face de seu "pai"! Como nada aconteceu eles também começaram a dar pontapés no ídolo. Estavam livres! A propósito, os bispos evidentemente se surpreenderam ao descobrir que eram membros honorários de um movimento nada honroso.

O movimento espalhou-se de vila em vila por três anos, deixando atrás de si vidas transformadas. O governo belga se interessou grandemente nele, pois nele havia potencialidades para o bem ou o mal e enviaram alguém para proceder a investigação. Relatou então que o crime desaparecera, assim como a destilação ilícita de bebidas alcoólicas, aumentara o interesse por educação e o povo, em geral, era mais amável ao governo. Ele, um católico romano, ficou tão bem impressionado que pediu à missão metodista o envio de cinquenta obreiros a uma tribo vizinha, onde não havia qualquer movimento cristão. Um católico romano pedindo missões protestantes! O povo mesmo se tornara missionário assim que se converteu. Reunindo-se diante do altar e se comprometendo em gratidão a Deus a voltar e

ganhar sua própria família para Cristo, a ganhar sua vila, tribo e as tribos vizinhas. Suas conversões seguiram a forma normal.

Alguém já disse que na conversão três impulsos em comum aparecem a todos os que se convertem: 1) Um impulso para orar, 2) Um impulso a adorar com os outros, 3) Impulso a repartir sua nova vida com outros. São estes os sinais autênticos da conversão, seja na primitiva África ou na moderna América. Ausentes tais impulsos, está ausente a conversão. O primeiro é um impulso para um contato mais íntimo com Deus pela prece; o segundo é um impulso para entrar em contato com Deus e os homens; e o terceiro é o impulso para repartir com os outros o que tão graciosamente foi consigo repartido.

A conversão é a conversão de seus gostos. Os velhos desejos simplesmente murçam, e novos tomam o lugar. A idéia de que o homem convertido tem comichão para retornar aos velhos hábitos é absurda. Os novos hábitos se apoderam dele e o possuem de modo que ele simplesmente não quer os velhos. É uma força expulsiva de uma nova afeição.

No Japão um homem que era chamado "O Cavalheiro Batedor de Carteiras" foi para a cadeia quinze vezes. Então se converteu. Seus interesses e gostos mudaram completamente. Começou a trabalhar pelos prisioneiros, encontrava-os no portão, arrumava-lhes emprego. Seu trabalho de tal forma impressionou que o Imperador assinou decreto anulando ordem anterior, na qual deveria ele declarar sua condição de ex-encarcerado cada vez que assinasse o nome; suas fichas na polícia foram retiradas e queimadas. Não foram meramente as marcas exteriores de sua vida que se apagaram; as marcas interiores também. Estas mudanças do interior refletiam-se em sua face transformada. Era o semblante semelhante ao de Cristo.

Outro jovem do Japão, delinqüente, converteu-se e ficou interessado em meninos delinqüentes. Pediu a seu pai uma casa, da qual o pai era proprietário, a fim de que pudesse estabelecer um lar para delinqüentes. O pai não era cristão, mas ficou tão profundamente impressionado pela mudança que se operou na vida do filho, que não lhe recusou. Hoje o rapaz cuida de vinte a trinta delinqüentes no lar. É este sempre o modelo. Na conversão real os salvos começam a salvar.

Mamayundi caminhou setenta e cinco milhas para o hospital de Wembo Nyama, no Congo Belga, para ser operada. Assistiu a uma

classe de catecúmenos e foi gloriosamente convertida, no reavivamento. Iniciando sua viagem de regresso de setenta e cinco milhas, começou a pregar e a testemunhar pelas vilas que surgiam no percurso. Demorava-se o bastante para reunir convertidos e começar uma congregação. A missão mandava um professor a esta congregação e a organizava em igreja. Então Mamayundi prosseguia e fazia a mesma coisa na vila seguinte. A missão enviava um professor para continuar seu trabalho, e Mamayundi prosseguia em sua jornada. Ela formou um colar de congregações ao longo de todo o seu caminho. Tinha sido arrancada do paganismo alguns meses antes. Deixou para trás de si um trilho de vidas transformadas - um trilho de glória. Chegou à Loja, um posto missionário, e fez a mesma coisa - adotou uma vila próxima e se empenhou para convertê-la. Quando conseguiu isto, moveu-se adiante. O mesmo Espírito que operou em Paulo operou nesta mulher e age como sempre.

Este espírito transformado é o fruto da conversão que aparece em toda a parte. Fui a Assam na Índia e falei à nata cultural da comunidade cristã ali - homens que tinham sido graduados (Bacharéis em Artes, Mestres em Artes, Doutores em Filosofia): "Poderíeis dar-me exemplos de vidas transformadas, pois estou escrevendo um livro sobre como se tornar uma pessoa transformada". Riram. "Olhe ao redor de nós. Todos fomos transformados, pois há uma geração atrás éramos caçadores de homens". O governador hindu daquela província disse ao me apresentar: "O único jato de luz nestas colinas de Assam é o trabalho dos missionários cristãos. As casas do povo são notoriamente sujas, mas ao se chegar a um lar cristão observa-se logo ordem e limpeza, sempre circundado por jardins e árvores frutíferas. Sente-se respeito próprio, progresso e esperança". A conversão rompeu o poder do hábito da mão assassina e do fatalismo, abrindo visões de esperança e progresso.

Falando do povo da colina, eis uma história que nos vem do Nepal, nos limites da Índia. Havia dezesseis pessoas que tinham decidido tornar-se cristãs naquele país, fechado à verdade até recentemente. Propôs-se uma lei que para ser cristão o tal seria considerado digno de pena de prisão. Os missionários explicaram a esses indagadores cuidadosamente o que isto significava. Continuariam eles? "Será que eles permitirão que levemos nossas Bíblias à prisão?" A resposta veio "não sabemos". "Bem, disse uma anciã, o jeito então é começar a decorar o Novo Testamento todo. Vamos distribuir uma porção para cada um de nós decorar. Assim teremos todo o Novo

Testamento quando formos presos". Todos foram batizados. Mas a legislação foi anulada. Contudo, esse povo simples tinha o espírito autêntico dos mártires da Antigüidade. Os frutos da conversão foram à coragem, a firmeza e a alegria apesar de tudo!

A conversão unifica e acorda a pessoa totalmente e a faz ir alhures. A diretora do Colégio Isabella Thobum, de Lucknow, Sarah Chakko, a primeira mulher universitária da Ásia, disse o seguinte antes de morrer: "Foi a oração que fez comigo, quando eu estava para desistir de ser professora, que operou a mudança. Aquela entrega trouxe vida junto. Sou a diretora desta instituição por causa dela." E que diretora era ela! Tornou-se Vice-presidente do Concílio Mundial de Igrejas. O diretor do grande Instituto de Agricultura Allahabad, pioneiro no novo avanço agrícola da Índia, o doutor Azariah, era um homem confuso. Não sabia o que fazer com sua vida. Disse: "Foi àquela oração de consagração que o senhor fez comigo, enquanto estávamos no jardim da casa de meu pai que fez a diferença. Sou o diretor da Instituição por causa daquela oração". O diretor do Colégio Cristão Ewing, Allahabad, Índia, o doutor Gideon, disse: "Não sabia o que fazer com a minha vida. Dei-a a Cristo enquanto estava no Colégio Santo Estevão, em uma de suas pós-reuniões. Cristo pôs sua mão em mim. Fiquei diferente desde então. Não podia tornar-me o diretor dessa instituição sem aquela nova força que veio em minha vida". Ele me contou que a esposa do Diretor Chatterjee, do Colégio Santo Estevão, Delhi, converteu-se, também, naquela mesma pós-reunião. E que mulher se tornou! O diretor do Seminário Teológico Saharanpore disse-me que a conversão nele operada em uma de nossas reuniões fez dele o que agora o era.

Aqui se mencionaram os dirigentes de cinco notáveis instituições missionárias do Norte da Índia, que traçaram o princípio de sua carreira à conversão, que lhes trouxe vida do caos à luz, da divisão à unidade, da debilidade moral e espiritual à força. Sem aquela conversão eles teriam anulado a si mesmos pelos seus conflitos interiores.

Estes homens e mulheres ergueram-se para o alto porque descobriram que através de sua própria conversão, podiam converter tudo, podiam transformar tudo em algo diferente. Este poder para transformar tudo em algo mais elevado é um fruto direto da conversão, e talvez seu mais precioso fruto. Notem a passagem em Romanos 8.28: "Sabemos que em tudo Deus opera para o bem com aqueles que o amam". Isto corrige a velha versão que dizia "todas as coisas cooperam para o bem" e fá-la dizer: "em tudo Deus opera para o bem". Todas as

coisas não cooperam para o bem em si mesma, mas Deus realiza o bem em tudo com aqueles que O amam. Notem que não diz: "daqueles", mas "com os que", é um esforço de cooperação. Deus e nós retiramos algum bem de tudo que acontece, bom, mau ou indiferente.

O povo de Enterprise, Alabama, ergueu um monumento à praga chamada "boll weevil". Arruinou-lhes todo o algodão, por isso voltaram-se para o amendoim e se tornaram o centro mundial do amendoim. Enriqueceram-se por causa da calamidade. Não suportaram a calamidade, mas a usaram. Um líder leigo em Covington, Kentucky, jazia no leito durante quatro anos, aleijado, dependendo de seus familiares, com necessidades econômicas, amargurado e sem ajuda. Tomando de um exemplar de Cristo e o Sofrimento Humano, compreendeu que não tinha necessidade de suportar seu sofrimento, mas deveria usá-lo. Entregou-se e também o seu sofrimento a Cristo, ergueu-se da cama e agora está radiantemente feliz, sendo talvez o homem mais útil na cidade. Ele diz: "Pois bem, o povo nem sequer nota que eu ando inclinado, apoiado em duas muletas". Sua conversão converteu seus impedimentos em instrumentos, suas dificuldades em portas abertas.

Enquanto eu falava a um auditório na China, vi uma pobre chinesa aleijada em minha frente. Intimamente pedi a Deus que me ajudasse a lhe dar uma mensagem. Porém, ela é que me deu a mensagem. Era tão aleijada que não podia andar de muletas, mas empurrava um pequeno banco de bambu em sua frente enquanto se retorcia, quase como um verme, pela sala. Seu espírito fora por pouco o de um verme. Tinham-na derrubado quando criança, quebrando-lhe a espinha e ela se tornou amargurada e ressentida e, com língua ferina, vergasteava todo o mundo. Então, se converteu - realmente se converteu. Despertou em corpo, mente e espírito. Desejou ser professora, mas parecia irrealizável. Quando a enviaram como professora, quase houve um motim, porque as pessoas julgavam que seu corpo aleijado era um mau agouro. Quando a missionária lhes pediu que a experimentassem por um ano, concordaram. No fim do ano, quase houve um novo motim, porque a missionária expressou sua intenção de transferi-la para outra escola. "Nunca tivemos professora igual", disseram. "Todos a amam". A verdade é que ela era a maior força espiritual onde quer que andasse, ganhando mais pessoas para Cristo do que qualquer outro missionário ou chinês. A conversão transformou a frustração em messe abundante de fruto. Sem conversão ela era uma aleijada mordaz e inútil; com a conversão transformou-se numa possibilidade e num poder.

A conversão o conduz a poderes que não são os seus. Como disse alguém: "Eu costumava fazer algo, agora nós agimos juntos". E esta mudança é uma mudança em mundos, mudança do mundo do ego para a do mundo do ego em cooperação com Deus. Um outro, em um de nossos Ashrams, disse: "Tenho vivido em ressaca, agora viverei em enchente". Estava vivendo numa enchente que o levava para diante. Tinha vivido contra o universo, agora vivia com ele. Fez diferença.

Os convertidos descobrem que podem fazer mais do que eles são capazes, porque trabalham com um poder e através deste, que não é de si mesmo. Paulo disse: "Pela graça de Deus, sou o que sou, e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã, antes trabalhei muito, mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus comigo" (I Coríntios 15.10). Aqueles que pensam que porque não somos salvos pelas obras, devemos por isso recair em passividade - que a graça nos enfraquece - não perceberam a questão. Aqueles que obtiveram a salvação pela graça trabalham mais do que os que pensam que podem ser salvos pelas obras. Trabalham com desembaraço, e efetivamente. Esta conquista dos recursos divinos pelos quais viver se ilustra por este relato.

Tentei e tentei desistir de beber. Tinha consciência constante de que estava sendo dominado completamente por ela. Sabia que não poderia continuar desse modo. Devia erguer-me ou sucumbir. Nem meu médico, nem meu marido podiam ver que eu tinha qualquer problema, mas eu sabia que o tinha e era bem grande. Pensava se devia procurar um psiquiatra. Então, orei realmente pela primeira vez em minha vida. Supliquei: "Amado Deus, Tu és o maior psiquiatra. Tu podes ajudar-me, se quiseres, mas eu, não posso fazê-lo sozinha. Se Tu quiseres, por favor, ajuda-me a não me tornar uma alcoólatra inveterada. Mas se Tu quiseres que eu me torne uma alcoólatra, então está bem. Faça-se a Tua vontade". Desde aquele dia nunca mais quis beber álcool. Minha gratidão foi tão grande que coisas mais surpreendentes foram se sucedendo. No dia de ação de graças ofereci meus serviços a Deus e repentinamente descobri que era completamente uma nova pessoa. O egoísmo, a preguiça, a inoperância, o egocentrismo, a timidez e a ineficiência, temores, ressentimentos, debilidades físicas, até mesmo excesso de peso desapareceram, e eu comecei a viver como provavelmente Deus sempre pretendeu que eu vivesse. Tornei-me muito ativa na igreja, e entreguei-me a um maravilhoso trabalho a ela ligado. Antes eu detestava o trabalho, agora o amo. Nada parece muito difícil ou demais. Parece que há tempo para tudo, e eu posso fazer as coisas que

antes nunca poderia fazer. Tudo coopera para o bem. E pensar que isto ocorreu só porque, finalmente e em verdade, submeti minha vontade à vontade de Deus. Eu tinha 42 anos quando isso aconteceu. Orava antes, mas as orações tinham sempre sido preces egoístas. "Protege-me. Protege meus queridos. Faze-me uma boa esposa e mãe." Até mesmo na oração dominical eu passava por cima de "seja feita a tua vontade." Pois eu temia que Deus pudesse tirar-me o marido ou o filho, ou fazer algo terrível. Hoje sei que a vontade de Deus é meu bem sublime, e a melhor oração é sempre: "Seja feita a tua vontade."

Este período de graça em minha vida durou quase dois anos. Então comecei a levar alguns escorregões, às vezes. Eu não sei o que realmente provocou a queda, mas eu me desculpava porque o meu pastor tinha dito que seria bom para mim e para meu marido tomarmos um drink ocasionalmente, ou convidar amigos para um drink. (Nota do autor: Quando um ministro recomenda tal coisa ele é uma bancarrota ministerial e um morto espiritual). Conquanto eu estivesse me resvalando numa vida de leitura sobre a oração, em vez de uma vida de oração, felizmente não desisti de orar. Vagarosamente a graça retomou. Desta vez tive que lutar por ela, efetuar verdadeiro combate. Creio que Deus conduziu-me aos lugares montanhosos, primeiro porque eu não conhecia o Caminho, mas que Ele quer que eu aprenda a caminhar sozinha - embora nunca verdadeiramente sozinha, pois Ele está sempre ao lado para amparar-me se minha fé vacilar.

Eis aqui como a conversão transformou uma pessoa quase alcoólatra, ineficiente, tímida, egocêntrica, numa pessoa vitoriosa. Uma oração de simples entrega fez isto.

Sua visão, seu espírito, seu próprio ser se transforma pela conversão. O homem que era conhecido como o "maior rabugento" de Trenton telefonou a um amigo em Filadélfia e disse cheio de entusiasmo: "Todo o mundo está mudado em Trenton hoje. Todo o mundo está diferente, desde aquela reunião no auditório do ginásio local, ontem à noite, quando "fulano de tal" falou. De certo, pode ser que somente eu me transformei, mas todo o mundo parece mudado!" Seu mundo exterior se transformou, porque seu mundo interior mudara.

Essa mudança realizada na conversão se vê nesse jovem que servia os leprosos na Índia. Ao lhe perguntarem que diferença o cristianismo fizera nele desde que se tornara crente, replicou: "Dá-me um ponto de contato com os leprosos, uma razão para servi-los, faço

isto agora por amor a Ele". Essa "razão para servi-los" fez toda a diferença no mundo, pois se os leprosos o desapontam, o magoam, ele pode continuar a servi-los e a amá-los, pois agora faz isso "por amor de Cristo." Em servi-los ele O servia. Esse motivo persiste mediante resposta ou rejeição, mediante vitória ou fracasso.

Esse motivo transformador na vida, realizado pela conversão, permitiu que Paulo escrevesse esta importante sentença: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo" (Efésios 5.21). Todos nós temos que estar sujeitas uns aos outros na vida, pois "ser é ser em relações". Mas a grande questão e a questão decisiva é: "Porque tu o fazes?" Alguns responderão: "Em cumprimento ao dever". Outros, "Por motivo de necessidade." "Por reverência à personalidade", "Por amor à pessoa envolvida." Schweitzer disse: "Por reverência à vida." Essas e outras razões desgastam-se e se tornam enfadonhas com o tempo. Paulo, aqui, dá uma razão que nunca se desgasta e nunca se desatualiza. Vós sois "sujeitos uns aos outros no temor de Cristo". Fazeis isso por amor a Ele, o que torna possível sujeitar-vos a um outro sem perderdes o respeito próprio. Fazeis isso primeiramente a Ele e em segundo lugar para a pessoa ou pessoas interessadas. Esse motivo torna possível servir a qualquer um em qualquer lugar e contudo ser interiormente livre do domínio humano, pois fazeis isso alegre e livremente por Ele. Por isso podeis servir leprosos físicos ou morais e contudo podeis fazê-lo sem degradação interior.

A conversão converte teu motivo para a vida e para o trabalho. É a maior força libertadora jamais solta entre os motivos interiores implicados. Simplifica a vida e suas razões para a vida e para a entrega e serviço ao próximo. Ela te simplifica.

Uma esposa vivia irritada e censurando seu marido. Ele foi-se embora e a esposa adquiriu um novo candelabro durante a sua ausência. Ao voltar, o marido trouxe um grande presunto, e quando o tirou de seus ombros, bateu no candelabro e o espatifou todo. O homem aguardou a reação tempestiva da mulher. Mas a esposa desceu, e verificando o ocorrido disse: "Não faz mal, podemos comprar um outro". O marido olhou-a estupefato. Perguntou-lhe: "O que aconteceu?" Ela replicou: "Converti-me enquanto estavas fora". "Senta-te aqui e conta-me como aconteceu", perguntou o marido. Ela assim o fez e ele também se converteu, ali mesmo. Uma esposa irritadiça e queixosa se transformou pela conversão num canal de amor e boa vontade. O contágio espalhou, o marido e o lar também se transformaram.

Os frutos da conversão são os mais vivificantes de quaisquer outros plantados em solo deste mundo. Uma senhora muito bem vestida disse ao doutor Charles Morgan: "Doutor Morgan, num domingo à noite esgueirei-me e me assentei no último banco da Igreja Esperança, Springfield. Havia poucas pessoas presentes. Eu era uma pecadora e cansada de andar pela rua à cata de homens, entrei para abrigar-me da chuva. O senhor leu o texto: "e lhe tocou a orla da veste." Não me recordo de seu sermão, mas no meio dele vi a mim mesma, como eu era, e como poderia ser. Jorrou em mim como um dilúvio. Ouvei uma voz dizendo: "Ergue-te para coisas melhores." Fui ao meu quarto e orei a Aquele que falou comigo. Pedi-lhe forças e perdão e recebi. Minha vida foi inteiramente transformada, interna e externamente. Deixei Springfield e segui para Chicago, onde fundei um lar para moças infelizes. Desde então tenho desses lares em Nova Iorque, Detroit, Denver, São Francisco e Los Angeles." Uma mulher convertida converteu os lugares asquerosos de muitas cidades.

Esta trilha de glória pós-conversão é o que há de mais extraordinário na história, nenhuma a ultrapassando! Tomei um avião particular com mais dois homens, um rico negociante, proprietário e piloto do avião, e o outro um piloto de teste. Ambos tinham o que contar, e que histórias! O negociante rico tinha sido um alcoólatra. Numa bebedeira de trinta dias consecutivos, havia consumido aproximadamente quase dois litros de bebida por dia, mais de sessenta ao todo. Estava realmente doente - de alma, mente e corpo. Seus nervos batiam como martelo. Alguém fez uma oração pela sua cura, ele murmurou a prece e foi embora. Quanto ao alcoólatra ficou sozinho, inteiramente só e de repente se curou, cura de alma, mente e corpo. Seus nervos cessaram de bater; sentiu-se tão natural que julgou estar fora de si. Estava tão exultante com Deus que, nem sabe como, retirou a cinta que usava porque sofria de artrite. Nunca soube explicar o que aconteceu com ela. Realmente não é capaz de saber o que se deu. O álcool também desapareceu, desapareceu sem esforço. Nunca mais experimentou desde então, nem o quis experimentar. Está entusiasmado com Deus. Em seu avião particular faz viagens evangelísticas. Tudo mudou nele e ao redor dele.

O outro companheiro, um piloto de teste, também tinha sido um alcoólatra, mas havia abandonado o vício dez anos antes. Contudo, quando o álcool o deixou, nada tinha para colocar em seu lugar, nada a não ser o ódio. Antes o álcool tinha sido a sua defesa, pois ele tentava

fugir. Então o ódio tornou-se a sua defesa, ele não escapava, iria lutar e odiar. Assim fez. Temia todo o mundo e odiava todo o mundo e, em retorno, era temido e odiado por todos. Mas era tão bom piloto que foi conservado em seu trabalho.

Quando o negociante procurou este ex-alcoólatra para testar o aparelhamento de vôo, cada um estava com medo do outro. Sentindo algo novo e estranho em seu companheiro, o piloto de teste pediu para falar com ele. No dia seguinte ficaram sentados durante seis horas consecutivas e falaram sobre Cristo. O piloto de teste falava consigo mesmo: "Que é que ele pretende, afinal? Por que haveria ele, um grande negociante de gastar tempo comigo para isto?" Quando o negociante lhe trouxe alguns livros, o homem murmurou consigo mesmo: "Bem que eu desconfiava do motivo dele ficar comigo todo este tempo, o que ele queria era me vender alguns livros". "Mas, continuou ele, quando verifiquei o que ele estava me dando, fiquei perplexo e comovido. Disse-me o negociante: "Se eu lhe desse uma metralhadora com a qual você pudesse derrotar seus inimigos, você a receberia?" "Receberia." E repliquei: "Eu saltaria para apanhá-la, se assim pudesse libertar-me de meus inimigos." "Bem, respondeu ele, é a metralhadora do amor. Um modo seguro de se libertar de seus inimigos." Afinal abri meu coração a tudo aquilo. Deixei que o amor me dominasse. E, sabe? Derrotei meus inimigos! Foram-se todos. São agora meus amigos. O amor fez isto. Minha atitude mudou e assim também a deles." E acrescentou ponderadamente: "Saiba que não havia outra maneira, simplesmente não havia, pela qual eu pudesse livrar-me de meu dilema. Nenhuma outra a não ser meu encontro com Deus, onde eu me achava, na extremidade do precipício". Seu semblante se transformara, tudo se transformara, especialmente a atmosfera dos escritórios do aeroporto. Ódio e medo deram lugar à boa vontade e confiança.

Voltamo-nos desses ex-alcoólatras e rancorosos a um respeitável membro de uma igreja, de moral elevadíssima, talvez o mais preeminente homem de sua cidade, o presidente de uma grande indústria. Escreve esta carta a M. e a mim. Procurei bombardeá-lo numa reunião, no café da manhã, mas foi M. que o capturou e o ajudou a sair de uma fé de segunda mão para uma de primeira mão, para uma conversão real. Ele escreveu: "Deus foi sempre bom para mim. Começou por me dar pais maravilhosos. Deus me deu uma excelente esposa cristã, três lindos filhos e até mesmo parentes tão bons, incluindo minha nova nora, a quem nós amamos muito.

Meus negócios florescem, minha casa é confortável, gozo de boa saúde. Não há muito mais a se pedir. Mas eu não tenho sido muito bom a Deus. Muitas vezes O tenho ferido e ferido a Sua causa. Tenho-Lhe entregue meu dinheiro, mas não a mim mesmo. Durante muito tempo Ele vem batido à minha porta. Na semana passada Ele bateu como nunca antes havia feito.

M. sentiu necessidade de vir aqui falar comigo. Como estivesse resfriado, não pude fugir. Ela não perdeu muito tempo, mas foi direito ao ponto: "Bill, você realmente entregou-se a Deus, entregou tudo a Ele?" Tive que lhe dizer que não fizera isto. Como lhe disse, falei-lhe que sempre fora assíduo à igreja, que meus pais eram cristãos, que tinha aprendido a verdade, mas que minha religião era de segunda-mão. Deus nunca me fora muito real ou mesmo muito próximo. M. disse: "Você tem o Espírito de Deus, mas o Espírito de Deus não possui a você." Contei-lhe como me sentia ao ensinar na Escola Dominical: ensinava as coisas que lera e estudara, mas não aquelas que eu realmente experimentara, e que eu reconhecia a diferença e a falta. Minha mente dizia: "Sim", mas meu subconsciente "Não". Então M. sugeriu que dobrássemos nossos joelhos e orássemos. Nada de espetacular sucedeu, mas senti um fortalecimento de minha vontade e um desejo de conhecer a Deus pessoalmente.

Então o senhor me telefonou no dia seguinte e me convidou a agir como se O conhecesse. Isto me deu um empurrão na direção certa. Apanhei um livro, e esta sentença saltou aos meus olhos: "Receita infalível para Ser Miserável: pense sobre si mesmo, fale sobre si mesmo, empregue o pronome eu tão freqüentemente quando puder, mire-se continuamente na opinião dos outros, ouça o que o povo fala de si, e espere ser aplaudido". Enquanto lia, tomei conhecimento de um dos principais obstáculos que me vinham impedindo de tornar Deus real a mim. Sempre pensei no que o povo pensaria ou diria sobre mim, em vez de pensar no que Deus pensava e o que Ele queria de mim.

Ontem à noite não pude dormir bem, e, em geral, quando isto acontece me perco fazendo tempestade em copo d'água. Mas ontem nada disto aconteceu. Deus conservou-me acordado e me disse tudo o que desejava que eu fizesse, e, olhe lá, é uma lista grande de coisas. Bem no alto, encimando tudo, estava "Buscai primeiro o Reino de Deus". Isto é o que eu vou fazer. Estou no Caminho com ambos os pés."

Numa carta, em separado, disse-me que, ao ditar a carta anterior à sua secretária, sentia-se como "um pássaro alvoroçado", pois nunca tinha desnudado o coração para quem quer que fosse antes disso. Disse-lhe: "Nunca você me viu neste estado emocional nesses vinte e cinco anos em que tem sido minha secretária. Agora fique bem firme, pois vai me ver a mim mesmo como sou. Quando terminei disse: "Agora você sabe quem eu sou", e a secretária lhe retrucou: "Todos nós precisamos disto que o senhor encontrou." Quando ensinou na Escola Dominical, no domingo seguinte, uma jovem senhora lhe disse: "Sr. B., o senhor não tirou isto de algum livro!" Convidou seus auxiliares e empregados para uma reunião e falou-lhes da "mudança", mudança de uma fé de segunda mão, para uma de primeira. Disse-lhes que se tivessem mágoas e ressentimentos que os despejassem diante de Deus na capelinha que ele construira na indústria, ao invés de guardá-los até se cristalizarem. Disse-lhes também que poderiam vir falar com ele em qualquer momento sobre seus problemas. Um dos principais homens da cidade, altamente respeitado, líder religioso de um grupo social, cívico e religioso, um Nicodemos moderno, nasceu de novo.

Este capítulo sobre os frutos da conversão pode resumir-se na afirmação de um jovem que depois de convertido sempre assinava as cartas que encaminhava aos pais com o seguinte fecho "seu filho transformado". Pois a conversão transforma tudo que toca, e toca em tudo.

### **CITAÇÃO:**

1 Henry Sloane Coffin, Joy in Believing (New York: Charles Scribner's Sons, 1956) pág. 126. Usado com permissão.

## **Capítulo VII**

### **O EFEITO DA CONVERSÃO SOBRE A SAÚDE**

Temos visto o efeito da conversão sobre o indivíduo e sobre suas relações. É decididamente a mais profunda influência permanente que se verifica na personalidade humana. Nada, simplesmente nada pode comparar-se a ela.

Tem a conversão qualquer efeito sobre o corpo? Seria estranho se não tivesse, pois o corpo, a alma e a mente são intimamente relacionados. O que quer que afete uma parte afeta o total. Às vezes o corpo fica enfermo e transmite a enfermidade à mente e à alma, e outras vezes é a mente e a alma que adoecem e transmitem ao corpo o seu mal. A porcentagem das doenças enraizadas no físico, na mente e no espírito é diversamente estimada. Alguns, tais como os cientistas cristãos, dirão que 100% das enfermidades têm suas raízes na mente e no espírito. Médicos materialistas dirão, por outro lado, que todas as enfermidades se enraizam no físico. A verdade se encontra no meio termo. A Associação Médica Americana está apta a dizer que é de 50%. Alguns médicos afirmam que 75% dos clientes que os procuram não necessitam de tratamento. Canalizam a enfermidade da alma e das mentes para os seus corpos, e nunca ficarão bem, a menos que mudem de atitude para com a vida.

Esta conexão entre os estados físicos, mentais e espirituais sempre existiu, mas só agora está sendo focalizada. Daniel escreveu a respeito de si mesmo quando se achava confuso e frustrado. "Eu, Daniel, enfraqueci, e estive enfermo alguns dias; então me levantei e tratei dos negócios do rei. Espantava-me com a visão, e não havia quem a entendesse" (Daniel 8.27). De novo disse: "E disse àquele que estava diante de mim: Meu senhor, por causa da visão me sobrevieram dores, e não me ficou força alguma" (10 .16). Daniel ligou o "estar enfermo por alguns dias" e as "dores" que lhe sobrevieram com seu aborrecimento sobre a interpretação de algumas "visões".

Paulo ora: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Ts 5.23). Algumas das enfermidades do corpo não são "sem culpa", suas pistas pode ser seguidas diretamente às atitudes de espírito e da alma. Enraízam-se em nossos temores, ressentimentos, autcentralização, culpas, impurezas. O espírito e mente podem ser culpados pela enfermidade do corpo. Bendito seja o homem cujo espírito e alma e corpo se conservam sadios e sem mácula, que não pode ser incriminado por qualquer enfermidade que possa afligir seu corpo. Não está quebrando qualquer decálogo da saúde e nem passando ao corpo moléstias que surgem de atitudes mentais ou espirituais erradas. É "sadio e inocente".

Na Terceira Epístola de João lemos: "Amado, acima de tudo faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma" (v. 2). Que prazer orar pela saúde de alguém cuja doença não tinha raízes em distúrbios da alma, não transmitia para o corpo a enfermidade da alma. Era próspera a sua alma. Bendito seja o homem cuja enfermidade se estrutura no físico, não vem da mente. Aparentemente Gaio, para quem esta carta tinha sido escrita, tinha uma ameaça para sua saúde, no meio ambiente. Era Diótrefes, provavelmente, um espinho na carne: "Escrevi alguma coisa à igreja; mas Diótrefes, que gosta de exercer a primazia entre eles, não nos dá acolhida. Por isso, se eu for aí, far-lhe-ei lembradas as obras que ele pratica, proferindo contra nós palavras maliciosas. E, não satisfeito com estas coisas, nem ele mesmo acolhe os irmãos, como impede os que querem recebê-los, e os expulsa da igreja" (v 9-10). A ameaça à saúde de Gaio vinha, talvez, de Diótrefes, tipo de produtor de úlceras, que põe todo o mundo nervoso, criando tensões e ressentimentos pelo seu domínio egoísta na igreja. Jesus disse: "Acautelai-vos, quando vossos irmãos pecarem contra vós". Acautele-se da sua reação àquele irmão que estiver pecando contra você, pois esta reação poderá prejudicar e corroer sua vida toda. A sua reação às ações de outro homem pode ser urna tragédia para a sua saúde. Você pode ter justo motivo para suas reações erradas. "Mas veja o que ele fez comigo!" Justos motivos ou não, os resultados das reações erradas se registram no distúrbio funcional em seu corpo, que pode resultar em enfermidade.

Em todas as vidas, situações, igrejas, há sempre um Diótrefes. Alguém que o exaspera, causa constante de irritação e tensão. Qual é o remédio? Notem que João, ao finalizar sua epístola, convida Gaio a

observar um homem: "Demétrio, todos lhe dão testemunho, até a própria verdade, e nós também damos testemunho" (v 12). Eis um testemunho surpreendente sobre um homem, "todos lhe dão testemunho". Sem dúvida, uma grande conquista. Porém, mais adiante e mais surpreendente ainda, "até a própria verdade". A própria verdade envolvia-o, sustentava-o, aprovava-o, apoiava-o. Tinha o amparo cósmico. Nada envolvia Diótrefes, a não ser o próprio Diótrefes. Eis que se esvaiu e definhou sem ter nada em que se amparar. E João, então, diz a Gaio que, de fato, Diótrefes parece forte quando abre caminho aos empurrões, mas não o leve muito a sério; a moral universal cuidará dele; está condenado à futilidade. O único que você deve imitar é Demétrio, ele é importante, aconchado pela realidade absoluta, aprovado pela verdade. Portanto, no benefício de sua própria saúde e físico, olhe de relance a Diótrefes, mas contemple Demétrio. Se você contemplar Diótrefes você obterá uma úlcera; se você contemplar Demétrio ficará exultante. Lado a lado de cada Diótrefes há um Demétrio. Um é destrutivo, outro construtivo; um é uma praga, o outro um bálsamo.

Se os antigos viam uma conexão entre a mente, as emoções e a saúde, os modernos vêem a conexão mais claramente. Há uma geração o famoso doutor William Osler, falando de um tuberculoso, disse: "O que está em sua cabeça é mais importante do que o que está em seu peito".

Freud disse que há desejos básicos na natureza humana, o desejo da morte e o desejo da vida. Qual deles controla o paciente, o desejo de morrer ou o desejo de viver? Isto decidirá seu destino. Este desejo de morrer pode ser inconsciente. Pode estar profundamente enraizado no subconsciente. Pode manifestar-se na vontade de escapar à responsabilidade, na vontade de evadir-se das exigências da vida, na vontade de fugir às situações. Muitos se refugiam na doença. Eis uma senhora que se casou com um homem muito atraente, mas que duvidava de si mesmo em retê-lo, pelo amor. Acamou-se por causa desta doença imaginária e morreu de sua primeira indisposição vinte anos depois. Conheci um homem que era surdo. O médico lhe perguntou quando havia começado. Fazia vinte anos. Exatamente quando sua esposa começou a importuná-lo. "Era intolerável", disse ele. Refugiou-se na surdez para fugir e ela se tornou crônica.

Uma jovem cristã apaixonou-se por um hindu e queria casar-se com ele. Seus pais, nada sabendo de seu afeto pelo hindu, fizeram arranjos para que ela se casasse com um cristão. Quando os adornos lhe estavam sendo oferecidos, surgiu uma erupção da pele, exatamente



no pescoço, ouvidos e braços, partes do seu corpo onde os adornos seriam usados. Revelou-se o conflito da jovem a uma amiga cristã. Esta persuadiu a garota a desistir do hindu e conseguiu. Três dias depois a erupção desapareceu e, em uma semana, lhe deram alta no hospital. Ao se libertar do conflito, ficou boa.

Um senhor odiava o trabalho manual que era obrigado a fazer. Suas mãos tiveram uma erupção da pele. Por isso não tinha mais que trabalhar com as mãos. Ele, em seu subconsciente, produziu a enfermidade para escapar àquilo que odiava.

Provavelmente 75% das enfermidades são conseqüentes de atitudes emocionais e mentais negativas. Se assim é, então, evidentemente a conversão que corrige estas atitudes emocionais e mentais será o maior processo curativo jamais conhecido.

Um médico no Sanatório de Louisville costumava dizer a seus pacientes, todos os dias: "Vai bem sua religião? Vai bem seu amor? Se assim for, você vai ficar bom". Outro médico dizia: "O medo e o ressentimento são à base de toda a neurose". A conversão converte do medo e do ressentimento e, por isso, salva da neurose.

Citei o doutor Spafford Ackerley, da Clínica Psiquiátrica Norton, de Louisville, Kentucky, que diz: "O propósito da religião é a criação da nova vida, o desenvolvimento do timbre sentimental e a regeneração da energia psíquica". Volta-se do desejo da morte para o desejo de vida. Uma senhora escreveu: "No tocante a poderosos conflitos íntimos, meu corpo tem sido drenado de modo a resistir à enfermidade". A conversão faz escoar tais conflitos e dá ao corpo força para resistir e lançar fora as moléstias.

Temos sido informados de que as glândulas pituitária e adrenal conservam o corpo em equilíbrio quando sob tensões. Se a tensão não for muito grande estas glândulas podem restabelecer o equilíbrio e conservar o corpo contrabalançado. Mas se a tensão for muito grande, as defesas se abatem e o corpo fica exposto a contrair qualquer doença para a qual esteja propenso. As tensões são, então, a causa de todas as enfermidades. Se isso for verdadeiro, então nos atiram diretamente nos braços de Cristo. Ele é a força mais potencial e benéfica que pode operar na vida interior e conservá-la estável e equilibrada.

Na tradução (inglesa) de Moffat, lemos: "Se há, pois, algum estímulo em Cristo" (Fp 2.1). "Estímulo em Cristo", que frase!

Li alhures que se alterássemos a secreção das glândulas, alteraria-se o caráter de uma pessoa. Um homem bom perderia todo o seu senso de moral e praguejaria como poucos. "Isto é grave", disse a mim mesmo. "Então a moralidade não está no Novo Testamento, está nas glândulas, e é melhor que saíamos a pregar o Evangelho das boas glândulas". Fiquei perplexo. Ao perguntar a um médico se o estado de espírito e a emoção perturbam as glândulas, ele respondeu: "Certamente que sim". Continuei: "Que espécie de estado de espírito e emoções as perturbam?" Em resposta ele mencionou as coisas que prejudicam a secreção das glândulas e tudo que ele mencionou não era cristão. Perguntei-lhe: "Supondo que as glândulas de uma pessoa sejam normais e ele viva uma vida verdadeiramente cristã, as glândulas funcionariam normalmente?" Respondeu-me: "Elas funcionariam perfeitamente". Então repliquei: "Quer dizer, doutor, que temos glândulas cristãs?". Ponderadamente replicou: "Eu não lhe poderia dizer nada em contrário".

Então o "estímulo de Cristo" sobre as glândulas faria estas glândulas funcionarem perfeitamente, pois nossos corpos são feitos "por Ele e para Ele". Criou-os, e Ele pode e os torna a criar para seu próprio emprego.

Quando Cristo perguntou ao inválido junto ao tanque: "queres ficar são?", a pergunta era importante. Muitos querem ficar "bem", mas não querem ficar "sãos". Não querem ser personalidades sadias, integrais; querem curar-se da moléstia específica, para poderem voltar e viver como sempre, prosseguindo em sua maneira egoísta de vida. Depois ficam perplexos por Deus não os curar. Não pode haver cura que não proceda da inteireza, a pessoa total recriada. "Serviços de cura", para onde se vai desejando sarar, em vez de tornar o outro são, saudável oferecem um perigo moral e espiritual, terminando em desilusão e naufrágio da fé.

Embora brilhante, uma neurótica que se transformara em "meia-pessoa", cancelando-se a si mesma, estivera nas mãos de psiquiatra. Disse-me: "Muito conforto me vem da frase "confie em Cristo"; mas a frase "entregue-se a Cristo" provoca agitação em meu interior". Por que? É óbvio que a frase "confie em Cristo" não inquietava sua autocentralização básica e dava-lhe alívio momentâneo, mas a frase "entregue-se a Cristo" importava numa transformação desta autocentralização básica a Cristo. Ela queria Cristo para confortá-la,

deixando intocável a enfermidade básica - auto preocupação. Queria sarar, mas não queria ficar integralmente sã. A agitação era o que de mais compensador havia na situação. Tivesse aceitado a agitação e a enfrentado, teria lidado com a enfermidade, mas preferiu aceitar o conforto momentâneo que a confiança em Cristo lhe deu, e assim só lidou com o sintoma. A entrega de si mesma e de seu problema a Cristo a teria perturbado num nível apenas, o nível inferior no qual ela estava vivendo, mas também a teria assentado num nível superior, o da liberdade e da salvação.

O estímulo de Cristo não é uma injeção intramuscular ou equivalente para livrá-lo de uma crise, é um estímulo às necessidades básicas da preservação da saúde. Antes de aceitarmos seu estímulo temos que aceitar sua salvação. Ele é primeiramente um Salvador, em segundo lugar um estímulo. Salva-nos de atitudes erradas e de atos que nos alienam de Deus, de nós mesmos, de nossos corpos, de nosso próximo, da natureza, do universo. Ele reconcilia nosso coração ao coração do universo. Arranca as culpas enraizadas, o sentido de alienação, inferioridade, medo, ódio aos outros e a nós mesmos. Purifica a confusão interior de conflitos e condenação. Ele é primeiro e acima de tudo um Salvador. Depois Ele é um estímulo. Não tente saltar por cima do fato de que Ele é um Salvador e pedir-Lhe que seja um estímulo. Ele nunca pode estimular uma mola rebelde de conflitos íntimos. Eles devem ser submissos. Uma vez submissos você passará a receber a maior força terapêutica do universo, o estímulo de Cristo.

O desvio aos estimulantes da bebida e do fumo, das drogas e dos tranqüilizantes, do cinema por vício, às "festas" e reboliços de toda sorte, são substitutos baratos do estímulo de Cristo. Eles o erguem um momento, para o arrasarem no outro. O que resta é apenas um hábito insidioso e estrangulador que persiste e se desenvolve de permeio às alterações de subidas e quedas. O peixe cai no anzol.

Mas o estímulo de Cristo revigora aquelas necessidades básicas que promovem uma vida saudável e feliz. Quais são? Nomearemos nove, denominadas por Paulo, especialista no assunto, "frutos do Espírito": "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gl 5.22). Notem a diferença entre as "obras da carne" e "os frutos do Espírito". As obras da carne são estas: "prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes" (Gl 5.19-21).

Observem a diferença entre o que se aplica às obras da carne, e o outro que se aplica aos frutos do Espírito. As obras da carne retratam seres humanos estirados, mourejados, fúteis, fazendo esforços exaustivos para conseguirem divertir-se, espremendo do universo uma felicidade momentânea. Ficam esfalfados, exaustos, abatidos e frustrados. As obras da carne obram mal. Estão em desarmonia com a natureza e as exigências verdadeiras da personalidade humana, por isso transformam a personalidade que as aceita em um ser humano que range, labuta, geme e se exaure.

Mas os frutos do Espírito são diferentes. Os frutos nascem da verdadeira natureza da personalidade, expressão exata de sua vida interior. É, portanto, natural e livre. Os frutos do Espírito são o resultado super natural do estímulo do Espírito de Cristo no íntimo.

Observem: cada uma das quinze obras da carne, além de ser má, é má para nós. Cada uma de por si dilacera a personalidade, lança areia no mecanismo humano. A isto a Psicologia concorda tão clamorosamente quanto a fé cristã. Em oposição, todas as nove virtudes que constituem os frutos do Espírito não são unicamente boas. Todas elas, por si, contribuem para o bem-estar do homem, corpo, mente e espírito. Lubrificam o maquinismo humano. Também aqui a Psicologia aplaude tão entusiasticamente quanto a fé cristã.

Então, sobre o que o estímulo de Cristo é dirigido quando estimula a personalidade humana? O estímulo de Cristo é dirigido no sentido destas nove manifestações dos frutos do Espírito.

Antes, porém, dos frutos, a raiz tem que vir. A raiz é o novo nascimento do Espírito. No momento que a raiz é implantada em nós, todas as nossas potências acordam, estimuladas em interesses, vida, ideais e razões novas de viver. A epístola de Diognetus tem esta significativa sentença: "O que a alma é para o corpo, assim os cristãos são para o mundo. Os cristãos mantêm o mundo unido". Mantiveram-no unido porque acreditavam na vida, no ideal, no futuro - eles acreditavam! O novo nascimento era um novo nascimento de fé e de esperança. Não era uma enfadonha peregrinação sem sentido da existência. A vida estava vívida.

Quando o estímulo de Cristo produz aquele incentivo inicial e vivido, o novo nascimento, então, é seguido de um contínuo estímulo sobre estas nove virtudes que constituem os frutos do Espírito. O

primeiro impacto é o estímulo do amor. É bom que o amor seja colocado em primeiro lugar na relação dos frutos do Espírito, porque o amor é primeiro na natureza humana. Violar a lei do amor é violar nossa própria natureza. As frustrações básicas à natureza humana, sejam mentais, espirituais ou físicas, procedem da carência de amar ou de ser amado. Tudo mais é secundário.

Eu estava falando num sanatório como capelão visitante durante a guerra entre a China e o Japão. Senti que faria bem aos enfermos e certamente ajudaria a socorrer a China se pudesse levá-los a costurar roupas para auxiliá-los. Comprei o material e, no encerramento do culto, disse-lhes que iriam receber os tecidos e que poderiam começar a trabalhar. Supus que haveria uma corrida dos cem pacientes, que na maioria estavam emocional e mentalmente doentes, mas que, segundo todas as aparências, estavam fisicamente bem. Ninguém veio. Fiquei perplexo. Perguntei a um médico a razão de semelhante reação. Replicou-me: "O senhor não vê? Estes pacientes não estão interessados em coisa alguma a não ser em si mesmos e em suas dores. Se estivessem interessados em algo além de si mesmos, não estariam aqui". Estavam doentes porque se achavam centralizados em si mesmos.

O estímulo de Cristo rompe a tirania de auto-preocupação e o faz pensar em termos de outros, o faz amar. Por isso o cura. Os autocentralizados submetem suas glândulas ao estímulo da autopiedade, dos ressentimentos, do medo, de insuficiência. Logo as glândulas funcionam mal, funcionam contra a natureza; portanto provocam desarranjos e produzem enfermidade. Como diz R. H. J. Stewart: "Nossa constituição total, corpo e alma, foi idealizada única e exclusivamente para o desempenho de Sua vontade". Sua vontade é "amarás ao teu próximo". Se amarmos, tudo o mais sendo equivalente, estamos bem. Se não amarmos, ficamos doentes.

O estímulo de Cristo estimula as outras atitudes interiores, ajudamos a dar importância às coisas, produz amor. Por isso é o impacto mais terapêutico que podemos aplicar na nossa vida interior, e conseqüentemente sobre o corpo.

Um homem de negócios cheio de indisposições foi procurar o médico. Este, depois de proceder a um completo exame, receitou: "O que o senhor precisa é de uma nova filosofia de vida", e lhe deu uma nota pela consulta no valor de três mil dólares. O paciente voltou para

casa furioso, telefonou para o pastor e, espumando, disse: "Sabe o que aquele estraga-prazeres me disse? Que preciso de uma nova filosofia de vida. E quanto pensa o senhor que ele me cobrou? Três mil dólares!". O pastor brandamente respondeu: "Acho que ele tem razão. É o que você precisa". O paciente lhe perguntou: "Então, o que devo fazer?". "Leia alguma coisa", respondeu o ministro. "Que devo ler?", inquiriu o interessado. "Comece com *Vida Abundante*". Ele o fez, e se converteu, se converteu da auto-preocupação para a Deus e preocupação com o próximo. Ficou sadio e feliz. Telefonou novamente ao pastor e disse: "Alegro-me porque o médico me cobrou três mil dólares, pois se ele tivesse cobrado uma importância comum, eu não teria dado atenção. Por me cobrar tanto, alertei-me e valeu a pena". O médico aplicou um tratamento de choque e aquele homem tomou um choque da auto-centralização ao amor, e se curou pelo amor.

O estímulo de Cristo é um estímulo de amor, amor criador.

Em segundo lugar, o estímulo de Cristo produz alegria em nosso interior. Nada mais é necessário à saúde do que alegria. Já era conhecido dos antigos: "um coração alegre faz bem como o remédio". O inverso é igualmente verdadeiro: "um coração triste faz mal como o veneno". Um médico costumava percorrer as alas de um hospital dizendo aos pacientes: "Nada como a jovialidade, para erguer o vosso ânimo; nada como as lágrimas para abatê-los". O diretor de uma Casa da Velhice disse: "A depressão mata mais pessoas do que qualquer outra coisa. Entre as pessoas de idade é o Assassino Número Um". Sendo isto verdadeiro, Faber podia dizer: "Alegria é a primeira coisa, alegria é a segunda, e alegria é a terceira". As flechas da tentação caem inofensivas e cegas contra um coração alegre". Romanes, assim se expressa: "Uma torrente prolongada de sentimento de felicidade faz mais para animar o sistema de trabalho do que qualquer outra influência operando em extensão de tempo similar".

O estímulo de Cristo sobre a vida interior produz alegria, a mais pura, a mais permanente alegria conhecida, pois produz amor. Não é por mero acaso que a alegria segue o amor nos frutos do Espírito. Pois não há alegria sem amor. Uma felicidade egoísta seca-se automaticamente. Porque a felicidade egoísta baseia-se em ocorrências, não na alegria que permanece de permeio ao fluxo de ocorrências.

A conversão dispersa a culpa interior e a resultante tristeza íntima e, em conseqüência, é a influência mais forte para a saúde que pode ser

encontrada em qualquer lugar. A alegria que vem pela conversão pode não ser expressa em versos aprimorados nestas linhas, mas quem a experimentou conhece o que pretendo dizer e concorda com ela:

Plenamente justificado  
Viajei pelo firmamento,  
Nem de Elias  
o lugar invejei  
em carruagem de fogo,  
pois elevou-se alto, alto  
e a lua serviu de escabelo aos meus pés.

A terceira coisa que o estímulo de Cristo traz é paz. Você tem paz com Deus, paz consigo mesmo, paz com seu corpo, paz com seu próximo, paz com a natureza, paz com a vida. Você tem paz e ponto final! É a "paz que ultrapassa a compreensão" e a incompreensão.

Uma psiquiatra judia disse-me um dia: "Pode me ajudar num caso? Tudo quanto ela precisa é de paz interior, uma segurança interior. Se ela tiver isto, ela se salvará aconteça o que acontecer. Eu não lhe posso dar isto. Talvez o senhor, como homem religioso, possa. Não espere que eu creia nestas coisas, mas se o senhor puder dar-lhe esta paz e segurança interior.. É disto que ela precisa". Disse-lhe que eu não podia, mas que conhecia Um que podia.

A paz que Cristo dá é a paz da suficiência. Compreende-se que não somente se suporta qualquer coisa que aconteça, mas é possível utilizá-la aconteça o que acontecer. Em Jesus tudo é oportunidade. Pois, pelo seu poder, pode-se transformar tudo em algo melhor. Você está convertido e conseqüentemente pode converter a calamidade em oportunidade, impedimentos em instrumentos, e Calvários em Auroras de Ressurreição. A paz no coração traz paz ao coração físico, aos nervos, até mesmo à medula de seus ossos.

Não preciso mencionar todos os outros elementos que constituem os frutos do Espírito que o estímulo de Cristo produz e intensifica. Benignidade, que é amor atuando nas pequenas coisas; bondade, que é amor em relação à lei moral, e o bem que retorna em bem para nós mesmos; fidelidade, que é o amor sem hesitação; a mansidão, que é amor cumprindo-se a si mesmo - "nunca se irrita"; domínio próprio, que é o domínio por Cristo e, conseqüentemente, o domínio próprio. Todos os outros sistemas são sistemas éticos. A fé cristã coloca o amor em primeiro lugar e o domínio próprio em último, um subproduto do domínio

do amor. "O amor de Cristo me constrange". Logo é o controle de Cristo em vez de autocontrole. O autocontrole é tenso, cheio de ansiedade, rijo, assentando-se em repressão. O controle de Cristo é livre e suave e é uma expressão espontânea das profundidades, pois Ele as tem. Permitimos que a natureza salte. Você não é uma personalidade reprimida, mas uma personalidade expressada. Você é sadia porque é integral.

Tenho observado os grupos que vêm aos nossos Ashrams daqui e no exterior, envoltos, nas reuniões de Corações Abertos, em seus temores, ressentimentos, inibições, culpas, autcentralização. À medida que escutamos o que clérigos e leigos, jovens e velhos falam de si mesmos, perguntamos a nós mesmos se todas as pessoas frustradas das igrejas não se reuniram ali. Não eram. Mas eram, sim, o fluxo normal de membros de igrejas que se tornaram honestos consigo mesmos e uns com os outros, revelando com franqueza suas necessidades. Antes do fim da semana ficam libertos e iluminados e progressivamente alegres. Riem de qualquer coisa, até de si mesmos. Muitos deles vêm carregados de toda espécie de remédios para seus males e enfermidades. Riem de si mesmos depois por terem que levar toda a carga de volta para casa, sem usar. Um deles disse: "Vim aqui seguindo uma dieta rigorosa. Não podia comer isto, aquilo, ou aquilo outro. Volto comendo de tudo, até mesmo salsichas!" Um pastor que vinha sofrendo de asma e de enxaquecas e úlceras durante anos, nunca mais teve nada disto desde que depositou seus conflitos e tensões aos pés de Cristo.

Chegam cansados, exaustos e completam o extenuo programa do Ashram durante uma semana e voltam repousados. Se, como diz o neurologista Hatfield, "ficamos somente tão cansados quanto nossas mentes", então quando somos "transformados pela renovação de nossas mentes" na conversão somos rejuvenescidos, revigorados. Um homem disse: "No plano físico, sua vida é energia, e no plano do espírito é poder espiritual". Paulo podia dizer: "Para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim" (Co 1.29). Esta surpreendente energia e vitalidade de Paulo é observada nesta passagem: "Sobrevieram, porém, judeus de Antioquia e Icônio, e, instigando as multidões e apedrejando a Paulo, arrastaram-no para fora da cidade dando-o por morto. Rodeando-o, porém, os discípulos, levantou-se e entrou na cidade. No dia seguinte partiu com Barnabé para Derbe" (Atos 14.19 e 20). Observem, "dando-o por morto... levantou-se e entrou na cidade", ele mesmo! Devia estar

terrivelmente machucado, mas entrou na cidade da qual tinha sido arrastado, entrou como um conquistador! Pensar-se-ia que ele havia de procurar fugir da cidade onde havia tanto ódio assassino. Não, pelo contrário, entrou na cidade, com a cabeça sangrando, mas indobrável. Mas surpreendente ainda é isto: "No dia seguinte ele foi com Barnabé a Derbe". Seu espírito triunfante o erguia fisicamente no dia anterior, mas não viria a reação no dia seguinte quando as feridas e dilacerações fossem mais profundas na dor e na inflamação? Não, ele seguiu no dia seguinte com Barnabé a Derbe! Não foi de ambulância, como provavelmente teríamos feito, nem de padiola, mas andou uma distância de vinte e cinco milhas. Isto é vitalidade, "a energia que ele poderosamente inspira o nosso interior". Não era a vitalidade e coragem de um momento de exaltação, pois "tendo anunciado o Evangelho naquela cidade (Derbe), e feito muitos discípulos, voltaram para Listra (onde ele havia sido apedrejado) fortalecendo as almas dos discípulos" (Atos 14.21): E provavelmente ainda depois de um mês não teve qualquer reação de temor ou tentativa de escapar, de fugir ao desagradável. Ele voltou e tornou a caminhar pela estrada na qual fora arrastado para fora da cidade, tornou a caminhar por ela de cabeça erguida e coração reverente, cheio da mais profunda gratidão que um homem pode ter, a gratidão de quem tem recurso interior para enfrentar qualquer coisa exterior. Este foi o estímulo de Cristo atuando numa vida receptiva.

Aquele mesmo estímulo atua hoje. Duas pessoas subiram à mesma plataforma num Ashram, um eminente ministro e uma menina, filha de um ministro. Esta tinha um pé torto. Andava agora com o pé quase direito. Contou como viera ao serviço de cura divina e como fora curada, tendo o seu pé endireitado, podendo agora correr e saltar como o resto das crianças; sentia-se muito grata a Jesus. A seguir, o ministro contou como tivera asma e enxaqueca durante muitos anos, tendo entregado a si mesmo e a seus conflitos íntimos a Cristo num serviço de cura divina, e fazia um ano que não tivera qualquer manifestação de asma ou de enxaqueca, embora estivesse num trabalho que poderia facilmente ter produzido ambas.

Sem dúvida o estímulo de Cristo foi apropriado para os dois tipos de cura, um de estrutura - o pé da garotinha e o outro funcional - a asma e a enxaqueca do ministro.

Há outra maneira pela qual o estímulo de Cristo cura. Ele estimula nosso amor por Ele, o que nos enlaça ao Positivo, ao Afirmativo, ao Sim.

Isto neutraliza e cancela todas as atitudes negativas de auto-piedade, de medo, de auto-preocupação com nossos próprios problemas e sofrimentos. "...sempre nele houve o sim" (2 Co 1.19).

Um homem teve um leve mal no joelho. Provavelmente teria sido curado se ele e sua esposa tivessem deixado à natureza a tarefa de restaurar, porém passaram o resto de seus dias cuidando daquele joelho. Assim perturbaram as forças duradouras da natureza pela sua exagerada interferência.

Um hábil, eloqüente e devotado ministro estava sempre pensando em sua própria saúde. Por isso vivia aflito com várias modalidades de dores. Quando lhe mencionei minha pretendida viagem a certo lugar onde seria necessário fazer algumas escalas, a pé, ele perguntou: "Será que seu coração e artérias resistirão?". "Não lhes perguntei, nem penso em perguntar-lhes!", respondi. Nele afirmo saúde, não doença; vida, não morte; glória, não tristeza; Sim, e não o Não.

Ameaçado pela diabete minha Voz interior disse: "Em Mim você está bem e íntegro". Observem o "em MIM". Em medo, em ansiedade, em mim mesmo não estaria bem, nem íntegro. Teria sucumbido na diabete. Desde que permaneço "NELE" - o Positivo, o Afirmativo, o Sim, estaria bem e são. A prova tem sido a verificação. Deixe entrar o estímulo de Cristo que é eternamente e sempre curador, mas se tivesse deixado que penetrasse o estímulo do medo, da ansiedade seria eternamente e sempre produtor de enfermidade! O diagnóstico médico que dizia: "O senhor está sofrendo de um caso mais ou menos severo de diabete. Não vai melhorar, mas provavelmente piorará e apressará o fim", isso teria sido cumprido. Tudo isto correspondia, mais ou menos, à verdade "em mim mesmo", mas "nEle", o caso era diferente. Um ano mais tarde, quando o chefe da Sociedade de Diabéticos da América me examinou, disse: "O senhor não somente está bom, como está extraordinariamente bem". Os cinco anos seguintes vêm sendo os melhores da minha vida, infinitamente melhores! Quando comecei o mais extremo verão da minha vida, com a organização de oito Ashrams sob o novo regime (um na Índia e sete na América) Ele prometeu: "Vou dar-lhe o verão mais rico, mais fácil e mais completo de sua vida". E foi isto mesmo que se verificou. Foi o mais rico, mais fácil e mais completo e o triunfo cabe ao estímulo de Cristo. "Nele" fiquei bom e são. Fora dEle não estou bem, nem são. Tão simples quanto isto.

Há outra maneira pela qual o estímulo de Cristo cura. A Escritura

fala de Bezalel: "E o enchi do Espírito de Deus, de habilidade, de inteligência, e de conhecimento, em todo artifício" (Êxodo 31.3). O estímulo de Cristo estimula as habilidades curadoras dos médicos, cirurgiões e psiquiatras que aceitam e trabalham por aquele estímulo. Dois dos mais famosos cirurgiões missionários que o mundo jamais conheceu foram o doutor Wanless e o doutor Vail, da Índia. Depois de me submeter a uma operação de apendicite, em que apenas se drenou o apêndice, devido a muitas aderências, surgiu o tétano. Escapei por graça divina. Seis meses mais tarde voltei aos médicos para extrair o apêndice. Vi então a revelação do estímulo que vem do estímulo de Cristo. Raramente observei tanta energia devotada. O doutor Wanless procedia a cerca de dezoito operações numa tarde só. Muitas vezes operava, até a meia noite. Disse-me: "Estou ficando velho, agora não posso continuar a trabalhar até meia noite como costumava. Tenho que interromper às 9h". Jovens médicos me disseram: "Ele corre tanto! Não conseguimos acompanhá-lo". Era a divina energia operando nele poderosamente. Mas o caso do doutor Vail era ainda mais marcante. Ao barbear-se um dia notou um caroço na face. Câncer! Voou para a Alemanha e se submeteu aos melhores e mais modernos tratamentos no gênero. Voltou com o equipamento alemão para empregá-lo com seus pacientes; parecia, aparentemente, que estava curado, mas seis meses depois o câncer rompeu novamente. Desta vez ele sabia que estava perdido, tinha apenas seis meses para viver. O que fez ele? Prosseguiu na sua clínica cirúrgica entre os necessitados da Índia. Assim fez até um dia antes de sua morte. Deixou a sala de operações quando não se agüentava mais, recolheu-se ao leito e, no dia seguinte, partiu para estar eternamente com seu Senhor! Quase posso ouvir as boas vindas: "Bem está, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor". O estímulo de Cristo libertou-o da auto-piedade, da amargura, da auto-preocupação, e o transformou num instrumento de cura até o fim.

Resumindo este capítulo, podemos afirmar que sujeitamos nossos corpos a estímulos que produzem saúde ou enfermidade. Toda emoção produz mudança física para o bem ou para o mal. A tristeza vem acompanhada de choro; alegria, de risadas; vergonha, de rubor; cólera, de elevada atividade do coração; desespero, de suspiros.

Vejamos alguns títulos de vários jornais: "As dores de cabeça são tanto de fundo psicológico como físico"; "As tensões se associam ao artrismo"; "O amor vence tudo - até mesmo úlceras"; "Dentes sadios têm ligação com as emoções".

Por isso cabe a cada um de nós escolher o estímulo emocional que atuará sobre o nosso corpo, o de Cristo ou o de temor, ciúmes, inveja, ressentimentos, autopiedade, autopreocupação, complexo de culpa.

Como obtemos vitória sobre estes? O remédio da fé cristã é simples. Tomemos o primeiro, o medo. Esta passagem penetrante nos dá o remédio: "Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiquéis alarmados, antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações" (2Pedro 3.14-15).

Há várias maneiras de enfrentar o medo. Eis as que eu considero boas maneiras: 1) Emerson diz: "Faze aquilo que temes e o medo por certo morrerá". Uma amiga minha tinha medo de temporais, por isso, depois que se converteu, caminhou por baixo de tremendo temporal, repetindo o salmo vinte e três. O medo se desvaneceu. 2) Se teme que algo lhe suceda, deixa que aconteça. Uma mulher tinha medo de morte que alguém lhe pusesse as mãos sobre a cabeça. Incontinenti pus minhas mãos em sua cabeça, e orei. Ela riu, e o medo desapareceu. Estas são as "boas maneiras". Vejamos, porém, as boas novas. O remédio para o medo é "santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações". Entregue-se com seus temores a Cristo como Senhor, Ele é Senhor, não o medo. Eis que o medo desaparece. Pois que aproximadamente todos os nossos temores procedem de uma sensação de insegurança, de insuficiência para enfrentar situações, enfrentar a vida. A entrega a Cristo como Senhor lhe dá segurança absoluta de pertencer a Ele, que é a suprema e final autoridade, pelo que pode e lhe dá segurança absoluta. Ao entregar-se à Autoridade Suprema a tirania do medo se quebra. Porque, então, não haverá nada literalmente a temer.

Deixe que o estímulo do "Jesus é Senhor" opere em sua vida continuamente e, por certo, o estímulo de temor, ressentimento e ansiedade que gera a doença é neutralizado e cancelado por esta gloriosa afirmação: Jesus é Senhor!

## Capítulo VIII

# **A CONVERSÃO DE NOSSAS PALAVRAS**

Quando nos convertemos interiormente, estamos convertidos exteriormente também. A conversão afeta nossas relações, nossa atitude em relação aos outros, e mesmo nosso vocabulário.

As palavras têm sido desprezadas, como sendo de pouca ou nenhuma importância. "O que você é fala tão alto, que não posso ouvir o que você diz". Isto é verdade, mas as palavras são importantes. Jesus disse: "porque pelas tuas palavras serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado" (Mateus 12.37). Esta passagem deve ser levada em consideração, em relação a outra passagem citada muitas vezes: "Nem todo os que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus" (Mateus 7.21). Ambas são verdadeiras. O interior e o exterior devem ser os mesmos. Pois se o exterior sem o interior é hipocrisia, também o é o interior sem o exterior. Se nos convertemos em nossa adoração, devemos nos converter em nossos trabalhos, e também em nossas palavras, que interpretam os dois.

As palavras são importantes, pois são atitudes e hábitos cristalizados. Quando se repete uma atitude ou hábito numa palavra, esta tende a fixar a atitude ou o hábito. Toda expressão aprofunda a impressão. "É lei da mente que o que não está expresso morre". Dessa forma, há um significado profundo nas palavras de Jesus: "Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus" (Mateus 10.23-33). Se você não crê em Deus o suficiente para confessá-lo, realmente você não crê. Quando o salmista disse: "As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença", viu a importância de ambos. Os dois não poderiam estar separados. "Admiravam-se das palavras que saíam de sua boca". "Nunca homem algum falou como este". Há um provérbio chinês que diz:

"As palavras são os sons do coração". Em nossas palavras insinuam-se os sons de nossos corações.

Se nossa vida interior é cheia de lamentações, nosso vocabulário será queixoso. Nossas palavras estarão cheias de lamentações. Se interiormente somos críticos, seremos críticos em nossas palavras e estas fixarão as atitudes interiores. Assim, no "campus" de uma universidade foi aberta uma pequena sepultura ao longo da calçada entre os edifícios, onde os alunos e professores jogam seus mexericos e críticas quando passam por ali. Paulo diz em 2Tm 2.17, daqueles "cuja linguagem corrói em lares e situações como câncer se alastrando. Macias acusações, quais tolas traças, destroem um nome honesto".

Mas grande parte de nosso vocabulário não é definitivamente má, é apenas fraco. Não temos convicções profundas; portanto, o que dizemos é inócuo. Estamos sempre nos refugiando em lugares comuns, em ninharias, para escapar à nossa autocrítica por não termos convicções positivas. Cercamos as saídas concordando com todo mundo e só. Tornamo-nos como nossas palavras: fracos, inoperantes, um nada. A pregação tem sido definida como "um homem de boas maneiras falando a pessoas de boas maneiras, com boas maneiras, para torná-las de boas maneiras". Há aí verdade suficiente para nos atormentar. Numa igreja da Nova Inglaterra encontraram um arquivo antigo, que registra a resolução tomada pela igreja "de eliminar o ruído no púlpito". Há muitos "ruídos" no púlpito, tanto lá como agora, personalidades fracas e inoperantes falando palavras fracas e inofensivas. Disseram de Napoleão que "suas palavras eram meias batalhas". De muitos de nós pode-se dizer que nossas palavras são meias derrotas.

A conversão converte nossas palavras. Em vez de palavras derrotistas, usamos palavras vitoriosas, em vez de palavras pessimistas, palavras esperançosas, em vez de palavras negativas, palavras positivas. Será isto querer falar bem alto para esconder nossa pequenez? Não, é a alma assegurando as afirmações de Cristo, "porque quantas são as promessas de Deus tantas têm nele o sim" (2Co 1.20). Quando dizemos nosso pequeno sim, é a afirmação de seu grande "sim".

Aqui está uma ilustração. Uma sulista escreve a uma negra, que estava cheia do Espírito Santo: "Você parecia saber sobre as minhas necessidades muito mais do que eu, e a liderança de seu grupo de oração foi o impulso final que me fez "cair" nos braços de Jesus. Senti

uma paz, alegria e poder que nunca sentira antes. A medida que esta paz, alegria, amor e poder cresciam, sabia que estava "penetrando". Em nossa primeira reunião da Associação de Pais e Mestres, sabia que estava vindo do topo da montanha para o vale. Nossa Associação consiste predominantemente de pessoas que procuram publicidade, sucesso e fama. "Obter alguma coisa por nada", parece ser a máquina do grupo. Quando me sentei e pedi a Deus o que fazer, esta parecia ser a resposta: "Lonnie, você agora terá que mudar algumas de suas atitudes; desistir de velhas crenças e costumes; é necessário um novo desprezo pelas conseqüências". Quando refleti sobre estas coisas, vi o "real", e vendo o real fui capaz de perdoar completamente. Coloquei Cristo no lugar do que foi perdoado. Então, senti uma paz que ultrapassava a compreensão. Cada vez que caio, parece que sou capaz de levantar um pouco mais alto na próxima vez. É maravilhoso quando deixo o Único Poder e a única Presença apagar a aparência do mal e colocar o bom em seu lugar. As vezes, é tão novo e maravilhoso que quase me assusta.

É de se notar a mudança do negativo para o positivo. Em vez de terminar criticando aquela Associação, ela terminou com "Lonnie, você agora terá que mudar algumas de suas atitudes". Ela começou consigo própria, não com outros. Colocou "Cristo no lugar da coisa perdoada". Até usou suas quedas para levantar mais alto. Todo o caminho através disto foi o Positivo Divino palpitando através do negativo. Seu vocabulário refletia o Positivo Divino.

Um pastor escreve:

Fui chamado a um lar onde o marido e a mulher eram alcoólatras e estavam embriagados. Depois de lhes apontar o caminho para Deus através de Jesus Cristo, disse: "Porém isto não é suficiente. Vocês devem confiar sua vida, cada momento do dia, a Seu cuidado e proteção". Tivemos orações, lágrimas e compromissos. Então eu disse: "Vocês têm alguma bebida em casa?" O marido arrastou uma caixa cheia de champagne, e a coisa mais divertida que já fiz foi abrir as garrafas e jogar fora todo o seu conteúdo. Perguntei então se havia alguma na geladeira, e gaguejando em sua bebedeira, ele disse: "Sim, na geladeira há um quarto de vinho do Porto". Abri a geladeira e tirei-a, e quando comecei a virar a garrafa, a esposa disse: "Oh, esta aqui não". Fui para ela e disse-lhe: "Menina, se você vai se entregar a Deus, isto significa tudo". Novamente, entre soluços e lágrimas, ela disse: "Sim, jogue-a fora". E joguei. Eles se tornaram e ainda são os cristãos mais amorosos e dedicados que se poderia imaginar. Ele se tornou diácono

da igreja Presbiteriana e sua esposa presidente da Sociedade de Senhoras.

É de se notar que o ponto central de tudo isso foi o momento em que ela mudou de "oh, não" para "sim". Quando disse sim, foi o momento em que se alinhou ao Ser Divino. Tudo o mais se seguiu a isso.

Eis um exemplo imperfeito de conversão do negativo para o positivo. Um alcoólatra veio a um altar de oração. Ele orou: "Ó Deus, se o Senhor vai me salvar, por que não o faz depressa?" Olhou em volta, e disse: "Gente, ele o fez". Esta frase: "Ele fez" é a afirmação correta e no lugar certo, de uma transformação do negativismo, da fuga no alcoolismo para a aceitação positiva, do sim de Deus, em Cristo. Ele se tornou um novo homem, com um novo vocabulário.

Uma transformação de um vocabulário negativo hesitante de "nunca O conheci", para um positivo. Está nessa narrativa depois da "conversão" de Pedro:

Autoridades do povo e anciãos: Visto que hoje somos interrogados a propósito do benefício feito a um homem enfermo e do modo por que foi curado, tomai conhecimento vós todos e todo o povo de Israel de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós. Este Jesus é a Pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular. E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos (Atos 4.8-12).

Em três sentenças, disse mais do que os filósofos e moralistas tinham dito em três séculos. Suas palavras foram todas incisivas, agudas e penetrantes. Seu vocabulário tinha sido convertido. Todas as palavras daninhas, todos os "se" e "mas" foram eliminados. Suas palavras estavam tão próximas da realidade em si, que passaram de palavras para fatos.

Foi este vocabulário penetrante e incisivo que cortou seu caminho através daquele mundo antigo do "faz de conta" e do irreal, e trouxe esperança e salvação às massas. A mesma coisa deve acontecer hoje. Homens convertidos com vocabulários convertidos devem confrontar seu atual mundo de palavras e trazê-lo à realidade.



## Capítulo IX

# A CONVERSÃO E A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Numa época de dependência da ciência para curar tudo o que aflige o homem, a educação religiosa inclina-se a substituir a conversão como uma experiência culminante. O que se tem a fazer é obter mais e mais conhecimento sobre a Bíblia, sobre Deus, sobre Cristo, sobre as leis morais e código de conduta para tudo sair bem.

A desilusão referente à eficácia da cura total da ciência que se faz sentir em muitos domínios da vida está também se fazendo sentir no que se refere à educação religiosa. Precisamos de conhecimento, pois sem ele perecemos. À medida que mais e mais vemos a necessidade do conhecimento, mais e mais sentimos as suas limitações.

Na ciência percebemos que ela é a força, mas também vemos que a ciência não lhe dá a força de empregar essa força. Uma escolha moral é necessária. Depois da guerra alguém falava sobre os prodígios da ciência na catedral da Europa. Olhando para cima viu um rombo provocado por uma bomba no forro e apontando disse: "Mas isto também é ciência". A ciência construiu aquela catedral e a ciência bombardeou-a. Num caso construtivamente e no outro de modo destrutivo, de acordo com a motivação por trás da ciência. O que se deve fazer com aquela força depende de uma escolha moral. A descoberta da energia atômica é resultado de conhecimento prodigioso. Conduz-nos a um dilema de moral, que faremos com tal energia? Na extremidade de cada pedacinho de conhecimento, em qualquer esfera existe uma escolha moral. Que farei com tal conhecimento? Em si mesmo ele não é curador, a escolha moral é.

É preeminente verdadeiro em educação religiosa. O conhecimento das Escrituras, de Deus, de Cristo, da lei moral não é em si mesmo curador. A extremidade de todo esse conhecimento há uma escolha, como relacionarei a mim mesmo com esse conhecimento? Depende de uma escolha moral e espiritual.

A educação religiosa deveria conduzir inevitavelmente a uma escolha moral e espiritual, deveria conduzir inevitavelmente à conversão. Mas tem ela feito isto? Muito freqüentemente tem sido um substituto da conversão. A conseqüência é que as igrejas estão cheias de não-convertidos. Sabem sobre Deus, mas não O conhecem; estão informados sobre Cristo, mas não se encontram transformados por Ele; conhecem as leis morais, mas não têm poder de cumpri-las. Inquietação, oposição, tentação vêm ao seu encontro e eles rolam como as "garrafas" no jogo de boliche. Sua conduta é influenciada mais pelos costumes da sociedade do que pelo seu conhecimento do Cristianismo.

Este conhecimento do Cristianismo carece de contágio. Criada à sombra da educação religiosa que é um fim em si mesma, a pessoa não convertida carece de contágio, pois raramente ou nunca se torna uma testemunha. Seu conhecimento assemelha-se à luz do luar em vez de à luz do sol brilhante, é pálido, anêmico, não criativo. Como resultado deste processo de arrebanhar o povo na igreja, na base do conhecimento, torna a igreja apenas um campo de evangelismo em vez de uma força de evangelização. Por isso alguém escreve sobre o tópico, "O maior campo missionário - a igreja" e "A conversão da igreja como o passo seguinte".

A igreja japonesa é um caso típico. O nome de igreja em japonês é "Choucai", que, literalmente traduzido é: "uma sociedade de ensino religioso". O pastor se chama "Sensei", na tradução literal "o professor". É totalmente baseado no conhecimento sobre, em vez de no conhecimento de. Por isso a igreja japonesa está aflita com um intelectualismo estéril. "Posso trazer o povo para a igreja, mas depois de conseguir isto não sei como transformá-los em cristãos", lamenta um pastor japonês em um de nossos Ashrams. Diante da oportunidade evangelística mais surpreendente do mundo a igreja é o gargalo. Pode apenas depender de seus processos de informação sobre Cristianismo em vez de transformação em Cristo. Desde que falta à Igreja a força transformadora, os seguidores somem.

Diz o Evangelho: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti... e a Jesus Cristo, a quem enviaste". "Conheçam a ti" não "sobre Ti". Conhecer sobre Deus ou Cristo não salva, não dá a vida eterna, mas conhecer a Cristo, sim. A diferença é profunda e decisiva. Não se pode conhecer a Cristo por conhecimento sobre Cristo, pode-se conhecê-Lo somente pela entrega total, pela fé e obediência a Ele. Só é possível conhecê-Lo por conversão. "Conhecimento sobre" conduz a uma fé de

segunda mão; "conhecimento de" conduz a uma fé de primeira mão. A primeira é literal e a outra é vital.

A educação religiosa que conduz à conversão e cultiva a vida transformada depois que a recebe é linda e proveitosa. Se, contudo, se tornar um fim em si mesma é idolatria, uma idolatria de meios. O fim é conduzi-la a um conhecimento salvador de Cristo.

"A alma se eleva por uma série de crises", e se a educação religiosa não garantir as crises da conversão, então a alma não se eleva. Acaba num impasse de conhecimento, mas nunca numa chegada. Pois a chegada a um nível mais elevado é precedida de arrependimento, decisão, entrega, fé e obediência.

E quanto à criança de quem Jesus falou: "Dos tais é o reino do céu?" Não está a criança no reino? Sim, a criança está no reino, como uma criança que ainda não alcançou a idade da razão. A expiação de Jesus a supre. Logo a criança alcança a idade da razão e, em breve, descobre-se está fazendo o que é reto ou não. Porque frequentemente escolhe o que é mau, tem consciência de culpa e miséria e a partir deste momento precisa de conversão. Sai do reino pelo pecado e volta ao reino pela aceitação de um Salvador.

Jesus disse: "Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim". O "aprender dEle" é precedido por tomar sobre si o Seu jugo. Em outras palavras submissão a Ele e assim permanecer sob sua direção e orientação. Isto quer dizer conversão. Assim "se aprende dEle", direta e imediatamente, e não se aprende "sobre Ele", apenas.

Mero conhecimento não cura, e se conhece isto na psicanálise e em seu comparativo fracasso para curar alguém depois de tratamento prolongado. Pode melhorar as superfícies, mas não o pode curar no âmago, a menos que se retire de suas próprias mãos para as mãos de Deus. Quer dizer submissão, entrega e conversão. "Conhece-te a ti mesmo", disse um filósofo grego, e então se perdeu no conhecimento. "A vida eterna é esta: que te conheçam a ti". "Conhecer-te a ti mesmo" pode significar submissão no desespero; conhecê-Lo significa o erguer-se do desespero para uma vida nova.

Dizer-nos para seguir "o modo de vida de Jesus" é convidar-nos para imitar a Jesus. Se antes de minha conversão me tivessem convidado a seguir o modo de vida de Jesus, eu teria erguido minhas

mãos em desespero. Simplesmente não poderia fazê-lo. Seria o mesmo que pedir a uma fonte de água amarga que fizesse jorrar água doce; aos cardos que produzissem uvas. Tentei isto antes da conversão. Todos os dias prometia a mim mesmo que seria diferente, mas todas as noites tinha que confessar o meu fracasso. Mas uma vez que entreguei meu coração e vida a Jesus, então o modo de vida de Jesus era o único modo possível de vida. Era um resultado natural, pois as raízes de minha vida estavam nEle. Recomendar o modo de vida de Jesus aos que não se convertem é recomendar um conselho de perfeição.

O Novo Testamento não nos convida a imitar a Jesus, mas a nos entregar a Jesus como Senhor e Salvador. Imitar a Jesus é contemplá-Lo como homem, o melhor dos homens. Entregar-se a Ele e obedecê-Lo, é contemplá-Lo como Senhor e conseqüentemente como Salvador. "Jesus é Senhor", foi o primeiro credo dos cristãos primitivos, não "Jesus é Exemplo". Ele é Exemplo, mas não primária e primeiramente. Primeiro Ele é Senhor e Salvador e então Exemplo.

Os cinco níveis de vida são estes: o mais inferior é o reino mineral, e acima dele o reino vegetal, então o reino animal, a seguir o reino do homem e finalmente o Reino de Deus. Como é que a vida passa de um reino para outro? Por exemplo, há lama pútrida nos pântanos, pertence ao reino mineral. Ergue-se e vê a flor do lótus em sua alva pureza, na superfície do charco. Aquela lama pútrida, vendo a alva pureza, aspira subir ao reino superior. Como poderá chegar até lá? Pode tentar o método da luta, fazendo valer a sua vontade, dizendo: "Eu serei uma flor de lótus?" Pode tentar o método da educação dizendo à flor de lótus: "Ensine-me acerca da vida do lótus. Quem sabe se a informação me trará transformação?" Nem fazendo valer à sua vontade, nem dominando pela mente, alcançará ela o reino superior. Há somente um caminho para cima e é o caminho orientado para baixo. A flor do lótus desce e invade o reino inferior, espalha suas raízes na lama e lhe diz: "Faça duas coisas. Primeiramente, expulse sua velha vida. Esteja disposta a cessar de ser lama. Renuncie ser lama. Em segundo lugar, entregue sua vida à minha vida. Deixe-me possuí-la completamente e confie em mim". Assim faz a lama. Ela é tomada por uma vida superior. Ergue-se da velha para a nova, transformada, transfigurada, e descobre-se desabrochando na beleza da flor de lótus. Nasce de cima. A não ser que o reino mineral nasça de cima, não pode ver o reino da planta.

Como homens, encontramos-nos entre dois reinos, o reino do animal e o Reino de Deus. Somos tracionados entre o inferior e o

superior. Podemos permitir que um deles nos controle. O reino do animal é o ego de encontro aos demais. O Reino de Deus é o ego pelo amor dos outros. O reino do animal é a sobrevivência em termos de agudos dentes e unhas; o Reino de Deus é o renascimento em termos de redenção do pecado e da fraqueza. O reino animal é vida organizada em torno do motivo fome, o motivo amor subordinada a ele; o Reino de Deus é vida organizada em torno do motivo amor com o motivo fome a ele subordinado. O reino do animal é um feudo; o Reino de Deus é uma família. De acordo com nossa entrega, seja ao reino superior ou inferior, seremos nascidos de cima ou não.

Como somos nascidos de cima? Não chegamos a esse reino mais elevado de Deus debatendo, exasperando, fustigando à vontade. Nem podemos alcançá-la por mera informação sobre ele. Necessitamos não só de informação, mas de transformação. Não podemos alcançar esse reino à não ser por um único meio. O meio para o alto é o meio para baixo, o reino superior deve invadir-nos. Jesus é essa invasão divina. Ele se abaixa porque não podemos subir de outra forma. Oferece-nos o reino superior como um dom, algo para ser recebido. Você "não constrói o reino", você "recebe o reino" como uma criancinha. "Sejamos agradecidos por receber um reino que não pode ser abalado". O conhecimento é um reino que abala; alguém com maior conhecimento que o seu poderá perturbar o seu, pois conhecimento é algo relativo. O reino é absoluto, portanto inabalável. O relativo deve ajoelhar-se diante do absoluto e recebê-lo como uma criancinha. Isto fere nosso orgulho religioso e secular. Conhecimento inconverso desconhece o absoluto. Em sua essência é humanismo. Se há um Deus, há um absoluto. Se há um Absoluto, há um Reino Absoluto. Se há um Reino Absoluto, deve haver uma entrega absoluta a esse Reino Absoluto. Essa entrega absoluta significa a realização do reino superior e por isso a realização de si mesmo nesse reino superior. É a entrega da lama à flor de lótus, do pecaminoso ao Santo, do imperfeito ao Perfeito.

Jesus, qual Flor de Lótus Divina, descendo ao nosso mundo pecaminoso, nos diz: "Fazei duas coisas: Deixai de ser o que sois e de fazer o que tendes feito (arrepentimento), e deixai-me tomar-vos novamente e recriá-los outra vez" (entrega e fé). Nós fazemos isto mesmo. Abandonamos nossa dependência em nossas lutas, nosso esforço por auto-retidão e entregamos nossos egos pecadores em Suas mãos. Eia somos tomados pelo Poder que não o nosso e erguidos e transformados e transfigurados compartilhamos de Seu Reino. Somos nascidos do alto. "Se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino

de Deus".

A educação religiosa pode preparar-nos para esse momento de entrega e fé; pode dar-nos a sede para buscar o que vemos, mas não pode satisfazer-nos. A satisfação vem dum contato pessoal salvador com o Salvador, que por sua vez vem da decisão, do arrependimento, da entrega, da fé, da apropriação. Depois que se aceita o dom, então a educação religiosa pode cultivar a nova vida e nutri-la, mas não é seu substituto.

A passagem freqüentemente citada "cresci na graça" não vem a propósito como um substituto para a conversão. Pois não diz "cresci a caminho da graça", mas "cresci na graça", depois que nela vos encontrades. Não podeis crescer a caminho da graça, porque até o momento em que entregardes a velha vida e aceitardes a graça e o poder de Jesus estareis crescendo numa vida insubmissa, o que significa em vida ego-centralizado, que nada mais é do que crescimento canceroso.

Por isso aqueles que são criados sob a influência da educação religiosa devem ter uma oportunidade pública de arrependimento, de entrega de si mesmos a Jesus Cristo como Salvador pessoal e Senhor. Deveria ser tão claro que uma pessoa pudesse recordá-la como uma crise e uma conversão. Peço a tais pessoas que buscam uma nova vida a escrever nas primeiras folhas de suas Bíblias estas palavras: "Neste dia, \_\_\_\_\_ de 19\_\_, abandonei minha velha vida. Entreguei-me a Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador; pertencço-Lhe para sempre, e por palavra e pelo viver buscarei conduzir outros a conhecê-Lo". Peço-lhes então que assinem esta declaração como um pacto e uma entrega de vida. Muitos, depois de longos anos, têm me mostrado suas Bíblias com o Pacto assinado ali e que fez a diferença entre o velho e o novo.

Isto é psicologicamente sadio, pois a expressão aprofunda a impressão. O professor William James disse: "Tomada a decisão ajudai-o a confiar em si mesmo; ajudai-o a sentir a necessidade de realizar mais, ajudai-o a sentir a necessidade de fazer ainda mais. Deixai-o pactuar em público se o caso permitir. Permiti que ele envolva sua resolução com todo o apoio possível". Se isto se fizer secretamente pode vir a ser renunciado secretamente. A decisão crava o prego e a confissão pública rebita-o do outro lado. Não será facilmente arrancado.

Unir-se à igreja ou fazer a pública profissão de fé é bom, mas pode ser algo em lugar da conversão; então não é bom, pode ser um

desastre espiritual, permitindo que a pessoa assente neste lado da conversão. Neste caso se transformam no tipo espiritual anêmico de pessoas que enchem nossas igrejas, não influentes, derrotadas pelo sofrimento e pela tristeza, com religião suficiente para irritar. Tentam fazer de uma caricatura de casa um lar. São um peso morto ao progresso do Reino. Representam um Cristianismo fraco que não espera e não vê qualquer milagre de mudança em si mesmo ou em outros, não tem qualquer expressão cristã, a não ser a assistência aos cultos, o trabalho de comissões para conservar em movimento o mecanismo diante das atividades da igreja que resente a falta do óleo. É realizado na base do dever, sem alegria, inadequado nesta questão de vida.

A educação religiosa sem conversão assemelha-se a um curso sobre relações matrimoniais sem casamento.

## Capítulo X

### O "COMO" DA CONVERSÃO

Volvemos agora para a pergunta mais importante sobre conversão: Como? Um advogado chegou-se a mim ao término de uma reunião, apertou-me as mãos firmemente e disse: "Como? Por favor, como?" Já disse alguém que fora educado por seis palavras: "O que?", "Quando?", "Onde?", "Por quê?", "Como?" e "Para quê?". Desta lista a mais importante é "Como?" Pois aí é que muitos se enfraquecem, incluindo ministros. Um leigo procurou um eminente ministro e disse: "Doutor, o senhor tudo sabe sobre o Cristianismo, menos como fazer de um homem um cristão. O ministro nada disse, pois ele sabia que era verdade. Conhecemos o "Quê?" e o "Por quê?", mas somos fracos em compreender o "Como?".

Uma garotinha de oito anos, filha de missionários americanos no Congo Belga, veio ao meu quarto em sua casa e disse: "Posso fazer-lhe uma pergunta? Que é necessário para se tornar cristão?" Repliquei-lhe muito simplesmente: "Filha, é necessário você". É verdade, mas talvez seja necessária elaboração. Há passos até a entrega de "você".

Iniciar uma relação de salvação com Cristo não é essencialmente diferente de iniciar uma amizade humana profunda. Quanto à última são cinco os passos a tomar: 1) A etapa da aproximação. Esta é a etapa experimental. Você não tem certeza se quer entregar-se inteiramente a outra pessoa. É a fase do sim e não. 2) A etapa na qual há a decisão interior de se dar a alguém - a fase da decisão. 3) Você leva a cabo a decisão, você realmente faz a entrega interior a outra pessoa. 4) Tendo-se dado à outra pessoa, você está agora livre para receber daquela pessoa. Há um intercâmbio de si mesmos - você pertence àquela pessoa e aquela pessoa pertence a você. Vocês são um. 5) Há um ajuste contínuo e mútuo de mente à mente, vontade à vontade, e de ser a ser através dos anos. A amizade se desdobra.

Aplice estes passos ao encontro de uma relação salvadora com

Cristo.

1. A etapa de aproximação. É uma etapa que pode estender-se por anos, ou pode abreviar-se em um tempo curtíssimo. Um pastor eminentíssimo puxou-me para o lado ao término de uma reunião e disse: "Você precisa ajudar-me a endireitar tudo. Tenho resistido ao Espírito Santo. Tenho tido medo disto. Mas percebo que é meu direito de primogenitura". Quando lhe disse que o Espírito Santo o faria semelhante a Cristo, se Ele entrasse em seu íntimo, ele anotou: "É isto que faz a diferença, eu quero ser como Ele". Quando lhe sugeri que orássemos sobre o assunto, e inclinei minha cabeça, ele interrompeu-me: "Não precisa. Ele já chegou!" Da resistência à recepção em três minutos é trabalho rápido. Mas, em geral, a etapa de aproximação é prolongada, mas não prolongada do lado de Deus. Há uma diferença aqui entre a amizade humana e a relação Divina. Na amizade humana há em geral uma hesitação de um lado, ou de outro, ou de ambos, mas não é assim com Deus. Todas as hesitações estão do nosso lado. Quando Jesus na cruz clamou: "Está consumado", não quis dizer que Ele se acabara, consumara, morrera. Ele quis dizer que aquilo para o que viera estava consumado - a salvação consumada, o caminho estava aberto do lado de Deus, porque Ele tinha levado sobre Seu próprio corpo, num lenho, nossos pecados. A redenção se completou, aguardando apenas que a tomemos. Você não tem que encontrar a Deus, você tem que permitir-Lhe que o encontre. Todas as religiões ensinam a busca a Deus pelo homem. O Evangelho ensina a busca do homem por Deus. Eis porque há muitas religiões, mas somente um Evangelho.

Você não encontra Deus no último degrau da escada do mérito, tendo-a galgado degrau por degrau, Ele desceu a escada na encarnação e nos oferece a salvação, não como merecedores dela, mas como pecadores. "Não vim chamar os justos, mas os pecadores". Ele nos oferece redenção nas mãos feridas pelos cravos. Ele a oferece livremente! Num retiro, passou-se uma cópia mimeografada de um folheto "Como ser digno de encontrar a Deus". Aquele folheto, inconscientemente, passou da aproximação cristã à salvação aos não cristãos. Todas as aproximações não-cristãs lutam por mérito, disciplina, técnica, pelas formas do pensamento, pelos vários métodos de austeridade. É a tentativa humana para erguer-se a Deus - tentativas egocêntricas. Nunca alcançam. Estão sempre a caminho, sempre anelantes, sempre buscando, nunca encontrando. Estão sempre além das extremidades de seus dedos. O inquiridor hindu percebeu de um

relance quando leu em um de meus livros: "É o evangelho uma exigência ou uma oferta?" Quando concluí categórico: "É uma oferta" - o dom de Deus, ele viu a diferença essencial entre hinduísmo e todos os outros sistemas não-cristãos - são todos uma exigência. O Brahma impessoal não faz uma única coisa para ajudá-lo na escada do mérito. No mais alto degrau: da escada Ele passivamente lhe espera até ser imerso nEle! "Ele!", não "ela". A salvação é a realização humana, mas o homem nunca a realiza - a não ser em pensamento, um sistema filosófico, nunca um fato experimentado. Um famoso swami que se supunha haver chegado à realização - Deus, disse a um amigo meu num momento de confidências, em resposta à pergunta de meu amigo sobre o ponto a que chegara: "Não. Eu sou um pecador". Nesse momento ele estava mais perto da salvação do que em todos os anos de austeridade - se ele somente o tivesse sabido.

Você não tem que encontrar a Deus - você tem que se pôr na posição de ser encontrado por Deus. Ele o está procurando. Ninguém está mais longe do que um passo de Deus, e aquele passo é apenas uma volta. Quando você o fizer estará em seus braços, nos braços do Deus que o busca. Ninguém está mais distante do que uma palavra de Deus; aquela única palavra é "Sim!" Quando você assim diz, você está dentro. Jesus é "o Caminho", e se você estiver numa cova, então o Caminho se alarga bem diante de seus pés. Tudo que você tem a fazer é voltar-se pelo arrependimento e fé e começar a andar no Caminho! Se você estiver num "inferno" então o Caminho se estende também até essa extremidade em que você se encontra - "Ele desceu ao inferno" - e você pode voltar-se e começar a andar no Caminho. Todas as barreiras desaparecem ao lado de Deus. Se houver quaisquer barreiras, elas todas se encontram do nosso lado. Todas!

2. O estágio da decisão - fase em que você interiormente decide ser dEle. Às vezes seus motivos e seus métodos de chegada à decisão podem ser mistos. Um jovem na Índia disse-me: "Não podia decidir-me. Fui à igreja, e saí. Estava aterrorizado. Finalmente, decidi atirar uma moeda para o alto: "cara ou coroa". Se caísse "cara" daria meu coração a Deus, se caísse coroa, não daria". Atirei a moeda e caiu "cara", e eu entrei e dei meu coração a Deus". Pobre método de escolha, mas provavelmente ele sempre dependeu de algo semelhante, em seu ambiente, para fazer suas escolhas nesta base, e assim quando chegou o momento supremo, a crise máxima, ele voltou-se aos velhos hábitos de sua vida. Deus o aceitará, de mistura com seus motivos e tudo mais, e Ele então purifica-lo-á e a seus motivos. Não pique seus motivos em

pedaços e neles fique atolado. Venha como está - "Eu venho como estou" - mas venha.

3. Você completa a decisão - você realmente entrega sua vida a Cristo. Como se faz isto? Bem, como você entrega sua vida a um outro, digamos ao cônjuge para a vida? Nada há que tenha sido pesado ou medido, nada que o olho possa ver, mas no seu íntimo você diz: "Pertença àquela pessoa". Esta coisa singular que você possui é você mesmo. É isto e somente isto que você levará junto quando sair deste mundo - você não pode levar seu dinheiro, seu lar, seus queridos, nada a não ser você mesmo. É a única coisa que você possui. Então você pode decidir a quem esse "si mesmo" pertencerá - a si mesmo? Neste caso você se torna uma pessoa auto-centralizada, portanto despedaçada. A plebe? Neste caso você se torna um eco, não uma voz, uma coisa, não uma pessoa, uma não existência. Ao dinheiro? Nesse caso você se torna uma pessoa insegura, com a insegurança própria do dinheiro. Você sobe e desce com ele. Ao sexo?

Neste caso você se torna uma pessoa dominada pelo sexo, uma pessoa sensual, portanto, repugnante. Não pense que por você pertencer a Cristo você está livre. Ninguém está livre. Somos livres somente para escolher nossos senhores. Cristo ou qualquer outra coisa nos governará. Quando você nas profundezas de sua alma diz "Eu pertenço a Ele", a decisão se fez certa. Não há mais "se", nem "mas" - deve ser inequívoco. "Eu pertenço a Ele", ponto final. Submerja ou nade, sobreviva ou pereça, para a vida e para a morte, sentindo ou não - eu sou dEle.

4. Uma vez que você se deu a Cristo, você por esse meio é encorajado a receber de Cristo o perdão, a graça, o poder, o amor, tudo, especialmente Ele mesmo. A ênfase está "nEle", pois quando você O tem, você tem perdão, graça, poder, amor, tudo.

Alguém disse a um que buscava: "Quando duas pessoas estão realmente casadas, elas fazem seus votos. Os céus não abrem, mas elas crêem no que disseram e fizeram, e agem nesta base, e começam a viver assim". Isto é saudável e exequível, pois a entrega abre as portas à verificação. O viver junto é uma constante verificação de que vocês se casaram e pertencem um ao outro.

A entrega produz fé, e a fé é pura receptividade. A fé dá as boas vindas àquilo em que você crê. Fé é aceitação. "Quando você se

converteu?" perguntou-se a Kolddrugghe. Ele replicou: "No Gólgota". Isto foi meia-verdade. Quando se encheu Pedro do Espírito Santo? Quando disse Joel: "E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito". Potencialmente sim, realmente quando pode dizer: "Eis aí". Quando foi você alimentado? Quando Deus criou o trigo? Não, mas quando você se apropriou do trigo criado e o tornou para si. Assim "a fé é urna afirmação e um ato que proclama que a verdade eterna é fato". É agir "como se" e descobrir que "é". Pela fé a promessa se torna cumprimento.

Como saberei? Quais são os passos da segurança, certeza? De fato, sobre assunto tão importante deve haver segurança. Há! Não precisa viver na terra nevoenta do "Espero que sim", e do "talvez". Você pode saber e saber agora. A garantia vem através de cinco maneiras:

Primeiro, a *Palavra de Deus garante a você* inteiramente que "aquele que vem a mim de modo nenhum o lançarei fora". Há trinta e três mil promessas na Bíblia, e todas elas, quais raios de luz através de um prisma, convergem para esta certeza e se focalizam no coração de modo a aquecê-lo com o sentido da segurança. Este sentido não se manifesta do mesmo modo a todas as pessoas. Quando alguém perguntou a um africano, como sabia ele que estava salvo, replicou: "Uma brisa amena se agita em meu coração". Exponha-se a estas promessas de Deus na Palavra e permita que as brisas amenas soprem sobre seu coração. Os dez leprosos que pediram a Jesus que os curasse, receberam dele a ordem de irem mostrar-se aos sacerdotes a fim de receberem um certificado de que estavam curados. Eles partiram. O relato diz: "Aconteceu que, indo eles, foram purificados". "Indo eles!" O sinal de Cristo estava atrás de suas palavras de cura. O sinal de Deus está atrás das promessas nas Escrituras. Ande por elas, pois elas nunca o derrubarão. "Aquele que te chama é fiel, e Ele o fará".

Segundo, *Aqueles de nós que o experimentamos garantimos-lhe*. Há uma testemunha coletiva. Tenho viajado em todas as nações, no meio de todas as raças e classes por meio século, e a coisa mais surpreendente que descobri nestas viagens é a maneira pela qual os cristãos, de todos os climas, quando são realmente cristãos têm uma linguagem comum - a linguagem da certeza, da segurança. Podem ter saído do canibalismo, ou de heranças centenárias de cultura, mas a língua é a mesma. Não pode haver possibilidade de conluio, de testemunhas fabricadas. Sai da realidade e eles todos falam a mesma coisa: Ele me salvou! Na minha Conferência de Mesa Redonda onde

nós reunimos os melhores representantes das várias confissões e lhes pedimos que falem a que resultado a fé conduz, só tem surgido um único resultado, um só. Os que têm intimidade com Cristo descobrem algo, e os que não têm tal intimidade com Ele nada descobrem. Às vezes interpretam isto de modo muito interessante. Como um Muçulmano disse caminhando comigo de volta para casa: "Nós os muçulmanos e hindus nessa Conferência temos sido mais sinceros e honestos do que vocês cristãos". Perguntei-lhe a razão por que julgava assim; ele replicou: "Bem, todos nós muçulmanos e hindus dissemos que nada havíamos descoberto, e todos vocês cristãos disseram que descobriram algo. Por isso devemos ter sido mais honestos e sinceros do que vocês". Repliquei-lhe: "Essa é uma interpretação. A outra é que Jesus é o Caminho". E Ele é mesmo! Porque onde quer que o homem sinceramente Lhe entrega o ser submisso e cheio de fé e obediência, então uma certeza invencível de liberdade e alívio e salvação toma posse deles. Esse testemunho coletivo é o mais impressionante fato na história - nada obstruindo. Povos de todas as eras da história, de todas as raças, de ambos os sexos, de todas as culturas, dizem a mesma coisa em linguagens e acentos diversos. "Conheço-O. Eu sei em quem tenho crido. Ele é o meu Salvador, pois Ele me salva agora daquilo que eu não quero ser para aquilo que quero". A vida o comprovará.

Terceiro, *sua força moral elevada garantirá a você que você Lhe pertence. Você terá capacidade de erguer-se sob tentações e dizer não ao mal. Você não será mais um farrapo, mas uma arma erguida diante de qualquer perigo.* T. R. Glover conta a história de um amigo agnóstico que tomou sobre si a incumbência de salvar um bêbedo, com o fim de provar que os hábitos de um homem podem ser transformados sem o auxílio da religião. O homem era tão fraco que era incapaz de passar por uma taverna a menos que alguém o segurasse pelo braço. Se seu guardião fosse a Londres por um dia, ele imediatamente saía e se embriagava. Um dia o Dr. Glover encontrou com o agnóstico e perguntou-lhe a respeito do amigo bêbedo. "Oh, respondeu, eu ia indo razoavelmente bem com a minha tarefa, quando um bando de pessoas rudes de blusões vermelhos chegou juntamente com uma banda barulhenta. Não sei de que maneira, mas esses repulsivos o apanharam. Não sei exatamente como aconteceu, mas parece que eles o fizeram ajoelhar-se e orar. De qualquer modo, agora pode passar por uma taverna por si mesmo, sem ser tentado a entrar". Sua força moral elevada testemunhará que você O tem e Ele tem a você.

Uma estudante chinesa converteu-se numa de minhas reuniões

na Malaia. Era filha de ricos confucionistas, e ela arriscou tudo ao tomar esta posição. Arriscou ser deserdada. Um outro rico chinês atirou um cheque de um milhão de dólares na mesa diante dela e disse que seria dela o dinheiro se ela concordasse em ser sua segunda esposa. Ela retirou-se da sala e deixou ali estendido o cheque de um milhão. Preferiu a pobreza com Cristo à fartura num lar não cristão. Hoje é a esposa do presidente cristão de uma das maiores escolas chinesas de Singapura e sua filha se chama Eunice, pelo nome de nossa filha. Sua elevada força moral provou que Cristo estava em seu íntimo.

Eis um homem exaltado por Cristo. Tinha sido um patife, mas era, por outro lado, um vendedor de primeira. Na véspera do Ano Novo vendera treze carros. Para celebrar a entrada do Ano foi a uma festa. Voltou para casa ao amanhecer, depois de uma noite de extravagância. Quando acordou, às nove horas, Deus Lhe falou: "Não há diferença alguma entre um bobo e alguém que age como tal". Isto Lhe serviu. Ele replicou: "Bem, sou de Jesus Cristo". Chamou sua esposa e disse: "Patroa, você não vai ter mais trabalho comigo, com seu homem". Ela acreditou nele. Ela mesma se converteu um ano depois. Todos seus irmãos também se converteram. Ele ganhou o rico proprietário de uma estação de televisão - um homem que despistava os ministros com presentes a fim de que eles não pusessem a mão em sua alma. Ele o ganhou para Cristo.

Recentemente uma garotinha se converteu. Como é que ela sabia que havia se convertido? "Bem, disse ela, costumava ficar muito zangada quando meu irmão me aborrecia, mas agora não".

Quando um negociante japonês se converteu e Lhe perguntaram sobre a mudança nele operada, replicou: "Meus trabalhadores não mais ficam desesperados comigo, porque eu também não me desespero com eles. Eu era a causa do mau humor".

Quarto, o *Espírito testemunhará diretamente com seu espírito que você se converteu.* "Quando clamamos Aba, Pai o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16). Observe que o Espírito não testifica "ao nosso espírito", mas "com o nosso espírito". Nosso espírito e o Espírito Santo testificam a mesma coisa - dupla testemunha. O Espírito testifica ao espírito cuja força moral elevada também testifica. Esse é o testemunho superior e inferior - Deus e homem corroboram o testemunho, um do outro. Nada pode ser mais forte e mais satisfatório. A alma salva está segura com uma certeza

invencível.

A chegada do testemunho do Espírito pode se dar gradativamente como a aurora, ou inesperadamente como um raio. De qualquer maneira o fulgor é fé. Numa tempestade cheia de trovoadas uma fagulhazinha se ergue da terra. É alcançada pela chispa do alto e pelo fragor do trovão. Nossa fagulhazinha de fé ergue-se a Deus e liberta o Seu poder. Tal fagulha pode erguer-se espontaneamente do interior ou ser precipitada do exterior. Numa Vigília de Oração assumi o comando ao verificar que uma mulher procurava submeter-se a Deus. Caminhei pela nave da capela e, chegando-me por trás da mulher, disse-lhe: "Eu estou assumindo o comando agora". Tinha estado em oração para entregar-se a Deus e quando eu lhe disse aquilo, ela transferiu-o a Cristo e olhou para mim sorrindo feliz e disse: "Ele assumiu o comando". Na Índia uma missionária buscava o Espírito Santo, e nós estávamos esperando a autoridade britânica naquela missão do Himalaia. Olhando, vi o oficial e sua comitiva descendo a montanha. Disse: "Ele vem vindo", e a missionária, pensando em termos da vinda do Espírito Santo e não da autoridade britânica, replicou: "Sim, Ele veio". O Espírito Santo chegará!

Não há dois acessos ou duas certezas idênticas neste terreno. Assim como não há dois casos de amor idênticos, mas singulares, assim também não há duas conversões idênticas. Cada uma é sempre singular. Bryan Green disse:

Passar-se-á pela linha (do amor) em um desses três caminhos. Pode haver uma descoberta dramática e inesperada de amor à primeira vista, uma repentina percepção de que um é indispensável ao outro. Para outro, pode haver várias tentativas e lutas antes dele cruzar a linha; supunha que estava amando, mas não estava, ou talvez seu amor não encontrasse eco; o que possuía era real na medida em que se movia, mas não era aquela experiência do amor verdadeiro que o ergueria acima da linha imaginária. Para outros, o cruzar da linha é inteiramente diferente: conheceram-se quando crianças, naquela amizade preciosa da infância. Um dia descobrem que se amam e atravessam a linha. Seguem-se, é óbvio, três conseqüências inevitáveis disso: Descobriram a experiência definitiva: "Nós amamos". Tornam-se cômicos de que descobriram: "Nós sabíamos que nos amávamos". E nunca mais podem ser os mesmos depois disto: "Vamos nos casar". (1)

Qualquer que seja a maneira como a conversão chega, esses três movimentos podem ser destacados no processo de todas as

conversões: 1) Conflito mental; 2) Crise emocional; 3) Resolução do conflito. Há conflito mental em todas as conversões. A conversão exige conversão para o alto. O "devia ser" se ergue contra o "é" e exige mudança. Isto perturba, pois implica em alteração de vida e de seus planos e propósitos. Significa perturbação emocional. Chama-se "convicção". Às vezes a alma fica presa nessa fase e nunca passa além, à conversão. Com Aaron Burr aconteceu isto. Num reavivamento na Universidade de Princeton ele se apresentou convicto. Chegou-se ao presidente, que o aconselhou a esperar até que a comoção morresse. Foi um conselho fatal. Burr aceitou. Atormentado por essa convicção insolúvel, disse a Cristo: "Se me deixares sozinho, eu te deixarei só". Aaron Burr perdeu por um voto a presidência dos Estados Unidos, mas morreu na desgraça, sem ser lamentado, nem homenageado. Os cidadãos da sua terra natal nem permitiam que fosse colocada lápide em sua sepultura, mas alguém furtivamente, noite a dentro, pôs a pedra tumular com seu nome apenas "Aaron Burr". Foi tudo. Ao contemplar aquela singela lápide, disse a mim mesmo: "Se ele tivesse somente passado da convicção para a conversão, o que não teria sucedido?".

Sir J. Stephens, em seu ensaio, diz: "Há uma história natural de conversões religiosas. Começa com melancolia, avança através da contrição para a fé, é então conduzido à tranqüilidade e depois de um pouco ao êxtase, amainando-se, em extensão, em perene consolação e paz".

E tudo isto pode ocorrer num momento supremo de tempo. J. A. Hutton diz de Browning: "Tinha arrebatada confiança de que a alma, num momento sublime, salta jubilosa das profundezas da vergonha ou da limitação sutil, para o seio de Deus". Ou, como o professor Corson disse da poesia de Browning: "Não pela sabedoria, não pelo intelecto vivaz, mas pela conversão, pela mudança de seu sistema espiritual para um novo centro, que a alma se atém à verdade salvadora".(2)

O centro da conversão é a conversão da vontade. Observe o filho pródigo dizer: "Levantar-me-ei, irei, direi ... pequei" tudo se centraliza na vontade.

Apelamos para aquela alma perdida, aleijada, a tremer nos limites da decisão, que tome esses passos: 1) Volte-se para si mesmo e seu passado - faça um bom exame de sua vida e de suas direções. Isto é revisão. 2) Volte-se de seus modos antigos de vida. Isso é arrependimento. 3) Volte-se com seus pecados a Jesus Cristo. Isso é entrega. 4) Volte-se para Ele em fé e aceitação do perdão e nova vida.



Isso é receptividade. 5) Transforme todas as suas relações à luz desta nova aurora. Isso é restituição. 6) Com Ele enfrente o futuro e a vida. Isso é consagração. 7) Erga seus pensamentos todas as noites antes de adormecer, dizendo consigo mesmo: "Posso todas as coisas naquele que me fortalece". Isso é fé, regozijando-se com o seu Redentor e seu poder para tudo!

Quando você está com Cristo, enfrentando a vida juntamente com Ele, está salvo. Um senhor passeava com seu netinho. "Estamos muito longe de casa?" perguntou ao neto. "Não sei", replicou. "Quanto dista à casa daqui?" "Não sei". "Onde está você agora?" "Não sei". "Então você está perdido, meu bem". "Não, não estou, estou com o senhor". Qualquer um "com Cristo" não está perdido. Está salvo para sempre, desde que ele não somente tenha a Cristo, mas Cristo o possua também.

Uma irmã mais jovem disse a outra: "Papai é meu". O pai chamou, porém, a garota que disse: "Papai me tem". Isto é segurança e certeza e vida eterna. "Jesus me tem".

### **CITAÇÕES:**

1) A Prática do Evangelismo, p. 35. Usada com permissão de Charles Scribner's Sons and Hodder and Stoughton Ltda.

2) Jackson, op. cito pp. 159, 163.

## **Capítulo XI**

### **PODEM OS QUE SE DESVIARAM RECONVERTER-SE?**

Muitos há que já experimentaram a alegria de conhecer a Cristo, mas que perderam contato com Ele, tropeçam na escuridão, perseguidos pelas memórias de dias felizes que se desvaneceram, envoltos em desânimo profundo. Sentem que aquela alegria desapareceu para sempre - irrecuperavelmente perdida.

Algumas passagens da Escritura fixam-se em suas mentes como rebarba. Estas passagens parecem frustrar qualquer retorno. As passagens em geral são as seguintes:

1. A passagem sobre o pecado imperdoável. "Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens; os pecados, e as blasfêmias que proferirem. Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno. Isto porque diziam: Está possesso de um espírito imundo". Esse pecado imperdoável era a declaração de que o Espírito que possuía Cristo era um espírito imundo. Os escribas tinham dito: "Ele está possesso de Belzebu, e: É pelo maioral dos demônios que expele os demônios" (v. 22). Literalmente Belzebu queria dizer "senhor da imundície". Portanto, eles chamavam de "senhor da imundície", ou "espírito imundo" ao Espírito Santo. Esta é a blasfêmia contra o Espírito Santo - dizer que o Espírito Santo por quem Jesus expulsava os demônios era um Espírito abominável, imundo. Esta interpretação é confirmada pelo relato, porque eles tinham dito: "Ele está possesso de um espírito imundo".

Evidentemente, este é um pecado nunca ou raramente cometido pelo povo hoje. Por isso pode ser excluído como ponto de conflito por qualquer reincidente ou por um crente transviado. Uma senhora leu numa página de um de meus livros onde este ponto é discutido e retirou-se de um hospital de doenças mentais, para nunca mais voltar. Ficou boa. Uma concepção falsa a tinha desnecessariamente prejudicado.

2. Esta segunda passagem perturba a muitos:

"É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que de novo estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus, e expondo-O à ignomínia" (Hb 6.4-6).

Uma outra passagem diz: "De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça?" (Hb 10.29).

Estas duas passagens giram em torno de uma palavra "apostasia". "Apostasia não se refere à usual reincidência de uma pessoa, uma vez salva. Isto é um tipo específico de afastar-se de Cristo. É repúdio deliberado, decidido, ostensivo a Cristo. É o que se diria um mal bom - um apegar-se a Ele até o 'desdém'". Ele calcou aos pés o Filho de Deus, "profanou" o sangue da aliança, e "ultrajou" o Espírito da graça. Isto não é reincidência comum - isto significa espezinhar aquilo que você considerava sagrado. É repúdio maligno. Raramente o reincidente comum cai neste pecado. Ele se vai, mas se vai triste; vive sem Cristo, mas nas profundezas de seu ser sente saudades; corrói-se pela angústia do remorso. Não é um "apóstata", é apenas um renegado.

3. Uma terceira passagem:

"E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção" (Ef 4.30). Passagem análoga diz: "Não apagueis o Espírito" (1 Ts 5.19). Estas passagens se referem a entristecer e apagar o Espírito em atos costumeiros de desobediência. Referem-se à recusa, não ao repúdio.

Pode então o reincidente comum ser restaurado à graça? Em resposta surge o notável apóstolo, Pedro, que foi ele próprio um reincidente e um reincidente do tipo não muito comum - praguejou e jurou (dessa forma revelando que o subconsciente não tinha sido convertido) que ele nunca havia conhecido a Jesus. Por acaso Jesus o abateu dizendo: "Teu dia de graça é passado?" Não. Ele olhou para Pedro com tão terna compaixão que Pedro se retirou e chorou amargamente. Jesus acreditava tanto em Pedro que lhe disse: "Quando te converteres, fortalece teus irmãos". Ele acreditava tanto em Pedro, apesar de ter visto seu colapso inevitável, que lhe recomendou que

fortalecesse seus irmãos, depois que fosse reconvertido; justamente ele que havia caído foi incumbido de fortalecer os irmãos, que não haviam tombado, pelo menos do modo como ele tombou. Isto, sem dúvida, foi redentoríssima fé em Pedro. Quando Jesus ressurgiu dos mortos o anjo disse às mulheres: "Ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro" - dizei a Pedro especialmente, uma palavra especial de amor a um homem de coração quebrantado.

Pedro mereceu a fé que Jesus tinha nele - ele fortaleceu seus irmãos e o mundo. Um ex-reincidente empurrou a humanidade em direção a Cristo com o mais forte impulso que um homem jamais o fez, exceto Paulo.

Há esperança para o reincidente? Há e há esperança especial, pois você pode tornar-se mais forte onde era mais fraco. Quando se quebra um osso, a natureza faz com que a parte quebrada se torne especialmente forte, a fim de que não venha a quebrar-se outra vez - é mais forte do que os pontos que não se trincaram.

Devo pessoalmente muito a um homem que tinha sido um reincidente. Era um grande evangelista da Índia, poderosamente usado por Deus. Então caiu em adultério. Publicamente o confessou e foi restaurado. A sociedade o aceitou novamente. Realizava uma série de campanhas evangelísticas quando me ajoelhei na igreja em condições físicas precaríssimas e me ergui em boas condições físicas. Uma placa de bronze na parede dessa igreja, em Lucknow, Índia, assinala: "Nesse lugar Stanley Jones ajoelhou-se em condições físicas muito más e se ergueu em condições saudáveis". Isto ocorreu durante uma série de reuniões presididas por um homem que tinha tropeçado e caído.

Quando tropeçar, então, tropece nos braços de Deus. Quando cair, caia de joelhos - e retome, imediatamente.

Uma das mais perfeitamente belas passagens da Escritura, empregada muitas vezes para a conquista dos perdidos, para levá-los à conversão, foi escrita não para esses, mas para a igreja que sofrera uma "Queda". "Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo" (Ap 3.20). Isto se falou à Igreja de Laodicéia que não era nem fria, nem quente. "Assim, porque és morno, e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca; pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma. Eu repreendo e disciplino a quantos amo".

E então segue o "Eis que estou à porta e bato". Esta igreja morna entristeceu a Deus! Hoje muitos cristãos ricos, auto-suficientes, que sentem que de nada precisam, entristecem a Deus! Tenho visto anúncios de ornamentos de árvores de Natal que são uma parábola: "pingentes de gelo à prova do fogo". Vejo muitos "pingentes de gelo" no púlpito e nos bancos da Igreja! Na sepultura de um homem em Nova Inglaterra lia-se: "Era um cristão que não se emocionava". Como se um cristão pudesse ser um cristão não emotivo! Num outro cemitério, também na Nova Inglaterra, lia-se longo relato de uma discórdia da igreja gravada numa sepultura. Olhe lá que possuíam muito de emocional!

Essa igreja de Laodicéia era morna e sua mornidão foi cara - a ela e a nós. Paulo escreve aos Colossenses: "E uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodicéia lede-a igualmente perante vós" (Cl 4.16). Paulo escreveu uma de suas incomparáveis cartas à igreja da Laodicéia, carta que teria enriquecido o mundo, como outras de suas cartas a têm, mas os de laodicéia eram tão mornos que não perceberam o valor da carta, e a perderam. Empobreceram-se e ao mundo pela sua mornidão. A reincidência é cara ao recorrente - e a todos.

Quando um dos maiores homens dos nossos dias, Mahatma Gandhi, estava se decidindo se aceitaria a fé cristã, freqüentava uma Igreja Metodista Wesleyana na África do Sul. Conta em sua autobiografia como os paroquianos que assistiam aos trabalhos pareciam insensíveis e sem disposição, chegando a cochilar sonolentos durante o sermão, que, por sua vez, era sem inspiração a modormento. Sentindo-se prejudicado naquela atmosfera fria e indiferente, foi compelido a desistir de freqüentar aquela igreja metodista. Sombras de João Wesley! Uma igreja metodista, que devia se encontrar na linha de sucessão do "coração aquecido", está morna e indiferente quando um dos maiores homens do século se inclinava a seguir a Cristo! Aquela decisão que Ghandi tomou no Sul da África de não seguir a Cristo afetou o destino de quatrocentos milhões de pessoas na Índia. Mornidão caríssima, arruinadamente caríssima.

Muita mornidão se assemelha à que a igreja de Éfeso possuía: "Conheço as tuas obras, assim o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se chamam apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não

te deixaste esmorecer. Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor; lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras; e se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas" (Ap 2.2-5).

Eis uma igreja que tinha tudo: "obras", "labor", "perseverança", não podia "suportar homens maus" e que não se esmorecia. Muitos pastores ficariam satisfeitos e orgulhosos com tal igreja. Mas a igreja era uma igreja em declínio. Tinha tudo, menos uma coisa: amor. A queda fora nesse sentido - "amor". Todas as suas virtudes eram corretas, mas frias. Eram defeituosamente irrepreensíveis, gelidamente regulares e esplendidamente nulas. A maior área de queda é a queda no amor. Pode ser tão sutil; tudo permanece da estrutura do cristianismo - fé em Deus, crença em Cristo, fidelidade em assistir aos cultos, contribuições em dinheiro, código moral intacto - tudo, menos o amor. Quando o amor morre, morre a vida. A estrutura é um cadáver correto, bem vestido, bem adornado como se adorna um defunto, mas de qualquer modo um defunto.

Um pastor japonês em nosso Ashram "Coração Transbordante" disse: "Havia perdido todos os hábitos de oração e visitação, os membros da igreja tinham se tornado desagradáveis para mim. Quando me converti o Espírito Santo transbordou. Mas eu o perdi. Tentei fugir à vida. Agora espero atravessar a vida não com os punhos cerrados, mas sem mágoa. Retornei ao meu primeiro amor".

Um grupo de ressoas, sentadas à beira mar, recordava seus revezes e ruínas. Um deles contou que um navio naufragara - e com ele naufragou também tudo que possuía - um prejuízo total. Outro lembrou um ente querido falecido no exterior. Quando todos haviam contado suas desventuras, o último falou: "Todos os seus revezes têm sido grandes, mas o meu é o maior de todos - um coração crente desapareceu de dentro de mim". Esta foi realmente a maior perda, mas uma perda ainda mais sutil pode ser aquela em que o amor desaparece da crença, deixando apenas uma crença.

Um professor disse: "Eu não desisti da minha fé, só que a deixei numa gaveta, negligenciada, e quando procurei por ela, lá não mais estava".

Aquele "coração crente" pode desaparecer e contudo deixar muitas coisas intactas. Um pastor, que vivia em adultério, disse: "Mas eu

nunca preguei melhor em minha vida". Contudo, ele sabia e eu sabia, que sua pregação melhor era uma compensação para esconder a si mesmo e aos seus paroquianos a sua perda vital. Frequentemente nós construímos estas compensações. Um médico missionário fugiu com sua secretária, deixando a esposa e os filhos. Quando labutei com ele para retornar a Deus e à família, ele replicou: "Fui chamado para organizar uma religião menos rígida, mais liberal, mais do amor de Deus". Era uma patética defesa indefensável. Anos mais tarde visitei-o no hospital, e ele pateticamente disse: "Sou um velho filho pródigo que nunca regressou ao lar". Suas defesas desapareceram e nada mais a não ser a ruína permaneceu. Ele a ofereceu a Deus, e com Ele fez as pazes antes de partir. Sua alma foi salva, mas sua vida foi uma perda, uma perda total.

Isto nos conduz a perguntar, a perguntar ofegantemente, pois muito, está pendente da resposta. Podem aqueles que reincidiram serem restaurados? A resposta está na palavra de Jesus à Igreja morna de Laodicéia: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo". Nada mais ternamente lindo, jamais foi proferido, e contudo foi proferido para uma igreja morna e que declinara. Ele está de pé justamente agora à porta de seu coração e bate, quem sabe, através desse livro.

Que deve você fazer? É simples, abra a porta! Uma porta se abre exatamente por onde se fechou, você entra por onde saiu. Se você saiu pela negligência da prece e da leitura da Palavra, então você entra acertando de novo a Hora Tranquila. Se você saiu por ter acarinhado um ressentimento contra alguém, entregue esse ressentimento a Deus e aproxime-se daquela pessoa e acerte tudo. Se você foi desonesto, confesse a desonestidade e restitua o que não lhe pertence. Se você perdeu o amor e o substituiu pela implicância, abandone a implicância e encha-se do amor, amor que dá. Se você permitiu que "fazer dinheiro" tomasse o lugar de Deus, é tempo de colocar o dinheiro em seu devido lugar. Submeta-o à vontade de Deus, faça do dízimo o símbolo dessa submissão e dê a Deus o lugar que Lhe pertence - supremo, supremo sobre os nove décimos. Se você foi impuro, abandone a impureza e submeta-se a Deus. Se você é autocentralizado, não desista de uma coisa aqui outra ali, mas submeta tudo, tudo, e a si mesmo a Deus. Se você tem sido amargo em críticas, abandone tal espírito nas mãos de Deus e deixe que Ele expulse esse sentimento e preencha o vazio com amor e apreciação.

Aceitar-me-á Ele assim como sou? Sim. Não tente apresentar nada melhor, a apresentar-se de maneira diferente da real - venha assim como é. "Entrarei em sua casa" - nele, no que reincidiu, mas se arrependeu, e o arrependimento é revogação de sentença. Arrependimento não é penitência. Penitência é expiação pelo que você fez. É uma tentativa egocêntrica de salvação.

Um grande negociante me disse: "Tenho um terrível sentimento de culpa em minha vida. Tenho atado minha mão à guarda da cama noite após noite de modo que nunca pude dormir confortavelmente, para castigar-me, para fazer penitência pelos meus pecados". Perguntei-lhe: "Por acaso isso lhe tirou os pecados?" "Não", ele replicou, "lá estão eles ainda". "Você está no trilho errado", repliquei. "Está tentando oferecer seu próprio sofrimento, seu sangue, como expiação pelos seus pecados. Não tente oferecer o seu sangue, mas aceite o sangue do Filho de Deus. Ele morreu por você. É um dom. Retire suas mãos da tentativa de auto-salvação. Pela graça sois salvos, mediante a fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus". "Não é muito barato isto?" perguntou-me. "Não, não é barato. É dom caríssimo, porque se você receber o dom, pertencerá para sempre ao Doador. Ele entrelaçará seu coração ao dEle com as cordas do amor, e por nada neste mundo você poderá ter isso, a não ser por Ele". Oramos juntos, e ele se entregou a Deus. Alguns dias depois recebi uma carta dele: "Desconheço o homem que possa ser mais feliz do que eu sou. Todo aquele sentimento de culpa desapareceu. Fui à igreja domingo e cantei hinos. Nunca havia cantado antes. Tinha cantado as palavras, mas agora canto realmente os hinos. No dia seguinte fui ao meu trabalho com uma leveza de passos que nunca antes experimentara; atirei fora, pela primeira vez na vida, todo o peso que me arcava". A salvação é um dom - "entrarei". Então escancare a porta. No momento que você fizer isto Ele estará dentro!

Que fará Ele? "Cearei... com ele" - aceita-lo-ei como Meu anfitrião; aceita-lo-ei com respeito devido à pessoa; "e ele comigo" - entretê-lo-ei como Meu hóspede. Eis aqui respeito mútuo - você é anfitrião e hóspede ao mesmo tempo, e Ele é Hóspede e Anfitrião. Restaura-se-lhe a amizade. A separação desapareceu. Mas lembre-se de uma última coisa - Ele é Anfitrião e Ele é Senhor!

Uma senhora me visitou e falou sem preâmbulos: "Sou uma pessoa perdida e corro diretamente a Deus. Quero falar com o senhor". Essa mulher é hoje uma pessoa radiante e está ganhando grande número de cristãos para Cristo.

Pode Ele restaurar-nos à amizade e nossas vidas à abundância espiritual? Sim. Ele diz: "Restituir-vos-ei os anos que foram consumidos pelo gafanhoto migrador" (Joel 2.25). E isto ocorre. O médico missionário que no fim dissera ser um velho pródigo que nunca regressou ao lar, salvou sua alma, mas a vida estava perdida. A jovem com quem ele fugira percebeu que aquilo tudo fora um erro, pediu-me que a ajudasse a começar tudo de novo. Obtive-lhe um emprego como secretária, pois ela é muito competente, contando toda a história para o empregador. Ela matriculou seus filhos na escola, tendo os mesmos conseguido cursar a universidade, tornou-se um membro honrado e respeitado pela sociedade, - casou-se com um clérigo, e está ganhando outros para Cristo. Os anos que o gafanhoto devorou foram restaurados.

Um missionário que vivia em minha casa confessou-me que havia caído no pecado do sexo. Enfrentou toda a situação, rompeu o compromisso que tinha com a filha de um outro missionário, demitiu-se como missionário, voltou para os Estados Unidos, começou tudo de novo como um leigo, casou-se e se tornou um hábil conquistador de almas. Os anos que o gafanhoto devorou foram restaurados.

Lembrem-se do versículo seguinte ao do "Eis que estou à porta e bato": "Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono" (Ap 3.21). Nele Cristo promete ao morno e ao que sucumbiu, não somente restauração à amizade, mas uma participação de Sua autoridade e poder: "dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono". Não diz ao penitente: "Bem, fique ai de pé no canto o resto de seus dias e faça penitência pelo que praticou". Ele perdoa e esquece e apaga tudo do livro de Sua memória. Desde que Ele perdoa e esquece, então você também pode perdoar-se e aceitar-se a si mesmo.

O superintendente Distrital Africano que liderou o reavivamento no Congo Belga - reavivamento que percorreu vilas e tribos, deixando um rastro de vidas e comunidades transformadas - era um reincidente. Tinha-se convertido, em 1932, num reavivamento e então sucumbiu em crítica amarga e ressentimento. Confessou tudo e dirige hoje um dos maiores movimentos confessionais do mundo. Jesus fê-lo participar de seu trono. Tornou-se um homem de poder. Não era somente um homem bom, era um homem de autoridade e poder.

O "Moody do Japão" converteu-se e então caiu num liberalismo

estéril, que tudo sabia e nada transformava. Voltou daquele árido liberalismo à fé evangélica e se tornou o "Moody do Japão". Jesus fê-lo participar de seu trono - ele tornou-se um homem de poder.

Se você perguntasse o nome da mulher que mais parece reunir força e estabilidade em meus anos de experiência, eu lhe diria o nome de uma evangelista. Tanto ela como o marido eram evangelistas, mas a mulher era mais forte e efetiva. Contudo, durante anos, todas as vezes que se realizava uma série de conferências evangélicas, esta mulher lá estava sempre - buscando. Era eterna. Parecia até uma anedota. Mas um dia, realmente a que buscava "deixou que Deus entrasse em seu coração" e assim se tornou uma mulher de estabilidade e poder à semelhança da rocha, bastante gentil e amável e formosa. A "que perenemente buscava" tornou-se poderosa auxiliar dos que buscam. Jesus fez participar do seu trono uma fraca mulher que se tornou forte.

## Capítulo XII

# O CULTIVO DA CONVERSÃO

A conversão é um dom e uma realização. É o ato de um momento e o trabalho de uma vida. Não se pode alcançar a salvação por disciplinas - é dom de Deus.

Mas não se pode retê-la sem disciplinas. Se se tentar alcançá-la por disciplinas, estaremos tentando disciplinar um ego insubmisso. Você estará assentado num tempo. O resultado será tensões em vez de confiança. Você estará engalfinhando-se em vez de aconchegando-se. Conquanto a salvação não possa ser obtida por disciplina ao redor de um ego insubmisso, ocorre também que ao se render o ego a Cristo um novo centro se estabelece, você pode disciplinar sua vida ao redor desse novo centro Cristo. A disciplina é o fruto da conversão, não a raiz.

Esta passagem dá os dois lados da conversão: "Como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele, nele radicados e edificados, e confirmados na fé" (Cl 2. 6-7). Observem: "recebestes" - receptividade; "assim andai nele" - atividade. Novamente aparecem "radicados" - receptividade; "nele edificados" - atividade. "Radicados" significa receber de Deus como as raízes recebem do sol; "edificados" quer dizer construir como se constrói uma casa, um caráter e vida por esforço disciplinar. Portanto, tomamos e tentamos; obtemos e retemos. Confiamos como se tudo dependesse de Deus, e trabalhamos como se tudo dependesse de nós. As pulsações alternadas do coração cristão são receptividade e resposta - receptividade de Deus a resposta em trabalho da nossa parte. Como Sam Shoemaker diz: "O elemento divino operando no interior e, do homem, no exterior". O melhor Homem que jamais viveu em nosso planeta ilustrou esse ritmo de receptividade e resposta. Ninguém jamais foi tão completamente dependente de Deus e ninguém mais pessoalmente disciplinado em seus hábitos. Três coisas Ele fazia por hábito. 1) "Segundo seu costume levantou-se para ler". Ele lia a Palavra de Deus por hábito. 2) "Subiu ao monte a fim de orar", como fazia sempre. Ele orava habitualmente. 3) "Diariamente Os

ensinava". Ele transmitia aos outros por hábito o que tinha e o que descobria. Estes hábitos simples eram hábitos fundamentais de sua vida. São tão atuais quanto amanhã de manhã. Nenhuma pessoa convertida pode viver vitalmente sem esses hábitos operantes em sua vida.

Primeiro, o hábito de ler a Palavra de Deus diariamente, de preferência pela manhã. O Novo Testamento é o relato inspirado da Revelação - a Revelação é a pessoa de Jesus Cristo. Ele se move das páginas deste Livro e vem ao nosso encontro com o impacto de Sua Pessoa com nossas pessoas. Esse impacto é purificador. "Estais limpos com a Palavra que Eu vos tenho falado". Quando você expõe o seu todo ao Todo nEle, então submete a si mesmo a uma purificação diária mental, emocional e de motivos. Conheço dois cristãos ilustres que vêm diariamente às devocionais matutinas, sem suas Bíblias. Dizem que podem meditar. São superficiais. Pois interpõem Deus a si mesmos através de seu próprio pensamento - eles se tornam o meio. Não vão a Deus diretamente como eles imaginam - vão através de seu pensamento; tornam-se o mediador. Eis porque temos que ter a revelação de Deus através da Palavra. É Deus interpretando a Si mesmo a nós. Sua interpretação de Si mesmo é Jesus. Quando você expõe seu pensamento a Ele você se expõe a Deus. Estas palavras do Novo Testamento têm estado em tão íntimo contacto com a Palavra que vibram com Vida.

O Doutor Howard Atwood Kelly, professor de cirurgia ginecológica na Faculdade John Hopkins, diz da leitura da Bíblia: "Tal leitura aplicada com um coração honesto transforma a natureza, capacita a prostituta a amar a santidade e a transformar-se em anjo de misericórdia, e ergue o marginal e o bêbedo para que se assentem entre os príncipes da terra". Mais adiante diz: "a Bíblia justifica-se porque ela é excelente remédio. Nunca falhou em curar um único paciente se apenas ele tomar a receita com honestidade". Tome a receita da Palavra de Deus diariamente. Nenhum cristão é sadio se não for bíblico.

Segundo, ore habitualmente. Quando lemos a Escritura, Deus nos fala. Em oração, nós falamos com Deus, e Deus então nos fala, não mais através da Palavra, mas, diretamente, em palavras para nós.

Carlyle diz: "A oração é e permanece o impulso nativo mais profundo da alma humana". Lincoln disse: "Tenho sido impulsionado a me ajoelhar muitas vezes pela convicção esmagadora de que não tinha

mais outro caminho a seguir. Minha própria convicção, bem como daqueles ao meu redor, parecia insuficiente para o dia". Lincoln praticava a oração. Um cavalheiro que tinha uma entrevista com Lincoln, marcada para as cinco horas, chegou quinze minutos mais cedo. Ouviu uma voz na sala ao lado, e perguntou ao contínuo: "Quem está na sala? Alguém com o presidente?" "Não, ele está lendo a Bíblia e orando". "É este seu costume tão cedo de manhã?". "Sim, senhor. Ele gasta cada manhã, das quatro as cinco horas, na leitura das Escrituras e em oração". Não é de admirar que não possamos esquecer-nos de Lincoln. Ele está perenemente com Deus.

Não há experiência de conversão que o fará imune contra a carência da leitura da Palavra de Deus e da oração. Quando a oração esmorece, o poder desaparece. Somos tão espirituais quanto somos pessoas que oram, nem mais, nem menos.

Terceiro, transmita aos outros o que você descobriu. O terceiro hábito de transmitir aos outros o que nos tem sido dado na leitura da Palavra e na oração. É uma lei da mente que o que se não expressa, morre. Se você não reparte, você perde. Paulo diz: "Aquele que dá semente ao que semeia" (2 Coríntios 9.10). Ele dá a semente apenas ao que a semeia. Se você não a semear, nada terá, para esse fim. Aqueles que não transmitem aos outros, esvaziam-se a si mesmos. Os convertidos convertem, ou não permanecem convertidos. A menos que você evangelize, não permanecerá evangélico.

Esses três passos são básicos, no cultivo da vida convertida. Sem eles, a vida convertida murchará. A eles, certas sugestões auxiliares devem ser acrescentadas:

1 - Cultive a nova vida por disciplinas diárias. O comissário Brengle, do Exército de Salvação, em centro de grande poder espiritual, sugere três coisas para conservar o fogo aceso. "Conserve o registro aberto; retire as cinzas; continue a depositar combustível".

2 - Conserve-se honesto, a qualquer preço. Um menino sul-africano tinha ganho um campeonato de natação, mas ele tinha ultrapassado em seis meses a idade limite. Então se converteu. Trouxe o seu precioso troféu de volta e confessou o delito diante da comissão.

3 - Continue a confessar os seus pecados depois de convertido. Não tenha medo de dizer: "Perdoe-me. Eu errei". A regra referente à

confissão de pecados deve ser o círculo de confissão, deve ser o círculo afetado pelo pecado. Se o pecado foi contra um indivíduo, confesse-o a esse indivíduo; se contra uma família, à família; se contra um grupo, então ao grupo; se contra a igreja, à igreja.

4 - Ore por aqueles que o ofenderam. Isso será um antídoto para ressentimentos e amarguras. Um professor de teologia conserva um fichário de cartas insolentes que recebe, e ora pelos que as escreveram, todos os dias. Não é de se admirar que seu espírito seja de uma doçura extraordinária. Um amigo meu foi baleado por um jovem, que por esse motivo sofreu uma pena de doze anos. Meu amigo manteve-se em contacto com ele durante todos esses anos, e agora que a sentença foi cumprida, levou-o para sua casa.

5 - Amplie constantemente a área de sua conversão. Permita que a conversão abranja mais e mais áreas de sua vida. No Ashram Sat Tal, na Índia, demos aos empregados, incluindo o faxineiro, um dia de folga por semana, e nos prontificamos a fazer os seus serviços. O serviço do faxineiro incluía a limpeza das instalações sanitárias, primitivas. Ninguém faria esse serviço a não ser um pária, mas nós nos apresentamos voluntariamente. Um dia eu perguntei a um brâmane convertido que hesitava em se oferecer: "Irmão C. quando é que você vai oferecer-se?". Ele abanou a cabeça vagarosamente e disse: "Irmão Stanley, eu estou convertido, mas não tanto assim". Algumas de nossas conversões são "Conversões, Limitadas", e algumas são "Conversões, Ilimitadas". Algumas incluem a vida individual, mas não a social e a econômica. Outros permitem que a conversão opere dentro de sua classe e raça, mas não entre todas as classes e todas as raças.

Uma menina estava no colo do pai, e dizia-lhe quanto o amava, mas por trás dos ombros dele fazia caretas para seu irmãozinho. A mãe, vendo isso, disse: "Fiteira, dizendo que ama o pai, e fazendo caretas e mostrando a língua para seu irmãozinho". Os cristãos que conservam os preconceitos raciais fazem a mesma coisa. Dizem a Deus, o Pai, que o amam, e então, por trás de seus ombros, manifestam aos outros filhos do Pai quanto os desprezam. Como podemos amar a Deus, a quem não vemos, se não amamos seus filhos, a quem nós vemos?

Amplie a área de sua conversão conquistando novos territórios cada dia.

6 - Desista dos hábitos que não podem ser cristianizados. Na

África, um professor cristão costumava sair nos fins de semana para beber. Ficou bêbedo e, dirigindo uma bicicleta, atordoou-se e entrou numa cabana nativa, onde adormeceu. Quando acordou, um velho estava sentado ao seu lado, olhando para ele. O velho perguntou-lhe quem ele era, e soube que era um cristão. Quando quis saber quem era o velho, este respondeu: "Eu não sou um cristão, mas se eu o fosse, não viveria como você está vivendo - eu realmente seria um cristão". Isso despertou o professor; ele se converteu realmente e desde então, viveu uma vida cristã - convertido por homem não convertido!

Por que um filho de Deus há de cortar a esperança de sua vida ao meio, ingerindo veneno deliberadamente por fumar? Esta é a descoberta daqueles que têm pesquisado. Por que tentar provar que é uma exceção? E se você é uma mulher, por que apressar o processo de deterioração, fumando?

7 - Depois de participar da natureza divina crescente isso: Pelo seu divino poder nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida, e à piedade (...) por elas vos torneis coparticipantes da natureza divina, por isso mesmo, vós, reunindo toda vossa diligência, associai com a vossa fé, a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor (2 Pedro 1.3-7). Sente-se cada dia e examine essas sete coisas, e verifique se você as está acrescentando à sua fé básica: virtude, conhecimento, domínio próprio, perseverança, piedade, fraternidade e amor. Confira e veja em quais você está crescendo ou minguando - especialmente na última.

Todo crescimento na vida cristã é crescimento no amor. Você pode acrescentar as outras seis qualidades à sua fé, mas se não acrescentar o amor, então você está minguando como cristão.

8 - Forme o hábito de dar o dízimo. Dei uma minuta de um cartão de decisão à comissão local para ser empregado numa campanha evangelística. Havia escrito um item: "Darei o dízimo de meu salário", mas o impresso saiu, "darei um pouco de meu salário". Nós moderamos assim nossa contribuição de "um décimo" a "um pouco". Minguamos com nossa diminuta contribuição. O dízimo pertence ao Senhor. Somente damos quando dermos dos nove décimos.

9 - Não aguarde as grandes tarefas, faça as pequenas de maneira

grande. "Foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei". Um homem de estatura pequena, olhando para um outro enorme, disse: "Se eu fosse tão grande como o senhor, sabe o que faria? Eu iria à floresta, pegaria um urso bem grande, e o quebraria membro a membro". Ao que o outro, olhando-o por um momento, respondeu: "Homenzinho, há uma porção de ursinhos por aí". Se você não pode fazer grandes coisas, então se dedique arduamente às pequenas coisas.

10 - Forme o hábito de repetir todas as noites antes de dormir: "Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece". Repita-as quando abrir os olhos pela manhã e várias vezes durante o dia. Um garotinho que experimentou isso, afirmou: "Funciona". Transformou-se de uma pessoa negativa para uma positiva. Um outro garotinho de sete anos, ouvindo a mãe dizer: "Como sou tola", disse: "Mamãe, não diga que tola, porque senão a senhora vai ficar tola mesmo". Ele estava com a idéia certa.

Duas senhoras foram tratadas por um médico, e ambas julgaram que ele lhes tinha dado um sedativo. Ficaram com tanto sono que não podiam manter os olhos abertos. Mas o que o médico lhes dera era um estimulante! Uma delas então disse ao médico: "Por favor, da próxima vez, diga-nos que medicamento vai dar-nos para que saibamos como reagir".

Os seus pensamentos o definem, por isso defina seus pensamentos. Diga para si mesmo: "Farei qualquer coisa que deva fazer", e fará mesmo.

11 - Viva num estado de receptividade relaxada. Saiba como tirar, e saberá como dar. Nesta época tem-se insistido tanto em relaxamento, que em muitos casos se diz: "Relaxe tanto quanto puder". Não tente relaxar, relaxe apenas. Não relaxe num vácuo, relaxe na Sua Presença. Receba dEle. Quando Ele tiver tudo de você, então você terá tudo dEle.

12 - Habitue-se a falar todos os dias sobre Cristo a alguma pessoa. Nada é seu, enquanto você não o dividir. Um homem foi apresentado a uma comunidade por um outro que se tornou seu apoio. Apresentou-o ao Rotary, às organizações cívicas, e afinal o descobriu ao seu lado quando se uniu à igreja. O que mais o surpreendeu foi descobrir que o amigo que o apresentara às várias organizações da comunidade não lhe havia dito uma palavra da igreja ou de Cristo. Por isso surpreendeu-se ao descobri-lo na igreja. Um silêncio criminoso



suprimiu o que de mais importante havia na vida de ambos.

Por outro lado, um negociante me disse: "Ninguém jamais serviu ao demônio mais do que eu - bebidas, mulheres, jogo, blasfêmia. Então, comecei simplesmente por náusea, a podar tais pecados. Há dezoito anos deixei de beber. Abandonei as mulheres; finalmente o jogo e a blasfêmia. Era senhor de meu destino, fiz isto pelo poder da vontade. Mas comecei a ficar mal-humorado e irascível. Fazia tudo às pressas, julgamentos instantâneos, era implicante e infeliz. Algo me pressionava do interior. Era Deus. Um dia entrei numa ravina, ajoelhei-me e disse: "Ó Deus, de hoje em diante, eu me submeto". A paz inundou-me. Senti calma no meu interior. Creio que não correria agora nem mesmo que minhas roupas pegassem fogo. Compreendi o que é segurança. No ano passado fiz 155 visitas de evangelização. Mandei chamar um homem que trabalhara para mim, e pedi-lhe desculpas. Todos perceberam que eu passei da reforma para a transformação.

O sinal verdadeiro de sua transformação se deu quando ele começou a ajudar outros a se transformarem. Quando era apenas reforma, não era contagiante. Quando ele se transformou, operou-se a desejo de comunicar. O sinal autêntico de uma nova vida se manifesta no desejo, na determinação e na decisão de reparti-la.

## Capítulo XIII

### **COMO AJUDAR OUTROS A SE CONVERTEREM?**

Já estudamos a questão do processo como se opera a conversão. Foi para nós mesmos - como encontrarmos a conversão? A pergunta seguinte é: como ajudar outros a encontrar a conversão? Pois a finalidade do evangelismo é produzir um evangelista. Você realmente não ganha uma pessoa enquanto não ajudá-la a ganhar outra para a conversão.

Na Igreja Presbiteriana de Hollywood, uma das grandes igrejas da América, no pavilhão da Juventude, lê-se no alto da parede, logo ao entrar: "Conhecê-Lo e ajudar outros a conhecê-Lo". Eis as pulsações alternadas do coração cristão - conhecê-Lo, ajudar outros a conhecê-Lo. Você não poderá continuar a conhecê-Lo enquanto não ajudar outros à experiência semelhante.

Estas atitudes são necessárias se você deseja ajudar outros a conhecê-Lo:

1. *Qualquer um que realmente deseja ganhar outros à conversão pode fazê-lo.* Quando digo "qualquer um" quero dizer "qualquer um" mesmo. Somente aqueles que se excluem disto são excluídos. A verdade é que o grande movimento do futuro no evangelismo repousa no evangelismo do leigo. O deão Inge diz: "Um renascimento da religião espiritual... como nos reavivamentos primitivos será independente da igreja e não será encarado com muita benignidade pelos eclesiásticos. O cristianismo começou com uma religião profética do leigo. Não havia um único sacerdote entre os apóstolos. No laicismo repousa o futuro do cristianismo, embora devamos ter uma organização que evite que os frutos do Espírito se percam".

O cônego Peter Green diz: "A grande fraqueza da Igreja da Inglaterra está no fato de não ter ela empregado o leigo. Enquanto não

se conseguir que um homem dobre os joelhos em prece e se erga então para falar, nada realmente dele se conseguiu". O cônego Bryan Green diz: "O futuro do cristianismo e da evangelização do mundo está nas mãos dos homens e mulheres comuns e não primariamente naqueles ministros cristãos profissionais".<sup>(1)</sup>

Esses comentários nos vêm da Inglaterra. Na América o evangelismo se move da margem para o centro da vida das igrejas, e isso inclui os pastores. O Evangelismo se volta para o que é seu - especialmente o evangelismo leigo. Um negociante de St. Louis separou um dia da semana para visitar pessoas que desejava ganhar para Cristo. Ele e sua esposa ganharam 120 no primeiro ano. Em qualquer idade pode-se ganhar outros - uma menininha de dez anos de idade ganhou dezoito outras crianças. Um jovem de dezessete disse a um advogado de oitenta: "A que equipe de evangelismo o senhor pertence?" O advogado respondeu: "Ora, ora, eu não pertencço à igreja". O rapaz replicou: "Por que não se une a ela agora? O senhor não tem muito tempo para fazê-lo". Foi o bastante. No domingo seguinte o advogado caminhou pela nave da igreja com o jovem e entregou-se a Cristo e à Igreja - o octogenário e o adolescente de dezessete anos!

A primeira coisa que se tem a gravar na mente é: "Qualquer um pode fazê-lo. Então eu o farei!".

2. *Todos foram feitos para a conversão.* No âmago da estrutura de seu ser o homem foi feito para a conversão e dela necessita - e nas profundezas de sua alma ele a deseja - para a sua própria realização. Todas as pessoas sentem um quê de incompleto, de frustração, de carência do sentido da vida, até que a conversão opere. Uma garotinha, num acampamento, saudosa do lar do qual se separara pela primeira vez, foi descoberta pela conselheira chorando em sua cama à hora de dormir, e esta lhe perguntou: "Você está sentindo falta de casa?" "Não, replicou a menininha. Não sinto falta de casa. Sinto falta daqui". Nas profundezas de cada alma, quer reconheça isto ou não, há uma "falta daqui" - uma nostalgia por Deus, a pátria de sua alma. Isto não é algo que se impõe à alma - está arraigado na própria estrutura. A marca d'água no papel não é nele estampada - é uma parte de sua estrutura verdadeira. Assim nós somos criados por Cristo, para Cristo, e quando O encontramos, encontramos a nós mesmos". "Tudo foi criado por meio dele (Cristo) e para ele" (Cl 1.16). O contato de Cristo está em toda a criação e tudo que foi criado na sua estrutura interior para operar no Caminho; quando isso ocorre, tudo se opera ritmicamente,

harmoniosamente, para o melhor. Quando corre de outra forma, corre para a ruína. Somos incuravelmente inclinados para Cristo. O queremos ainda mesmo quando pensamos que estamos querendo qualquer outra coisa.

Quando você procura uma pessoa para ganhá-la para Cristo, para a conversão, lembre-se de que tem um aliado no próprio coração daquele com quem fala, que tomará o seu lado. São dois contra um - sempre.

3. *São três contra um na verdade.* O Espírito Santo está operando com toda a pessoa viva. Age através da consciência, da pressão de ideais elevados, do impacto de pessoas melhores sobre nós, e do próprio Espírito Santo operando. Lá Ele estava antes de você. "Convencerá o mundo do pecado" - convencer-nos-á daquilo que não fomos e nem fizemos; "do juízo" - convencerá o mundo da última palavra de Deus - juízo. O Espírito Santo é fiel aliado. São três contra um: você, o Espírito Santo e a inata aspiração do homem! É fácilimo, exceto nos casos de endurecimento, e até mesmo esses são freqüentemente frágeis, facilmente quebráveis.

4. *Assim, procure a pessoa com uma esperança positiva de ganhá-la.* Não vá com desculpas, hesitações, ensaios - seja positivo sem ser rude. Fui a uma loja e pedi um certo tipo de colarinho e o pedi da seguinte forma: "O senhor não tem o tipo de colarinho que eu quero, tem?" O balconista replicou: "Por que é tão negativo? Sim, eu tenho". Francisco de Assis costumava simpatizar com os ladrões e gatunos, dizendo-lhes que se entristecia por eles, pois eles não podiam expressar a santidade de seu interior. E como eles reagem positivamente!

5. *Não se iniba por um sentimento de sua própria indignidade.* Certamente você é indigno, quem não o é? Você não está convidando ninguém para segui-lo, mas para seguir a Cristo. Somos testemunhas imperfeitas de um Salvador perfeito. Como D. T. Niles diz: "O Evangelismo é apenas um mendigo contando a outro mendigo onde encontrar pão". Você não é a fonte - Ele é! Você não precisa ser um santo para fazer este trabalho, mas tem que ser sincero. Esforcei-me por realizar trabalho pessoal quando era membro de igreja sem ser convertido e defrontei-me com esta resposta: "Você só é religioso durante os reavivamentos". Era verdade. Nunca mais me esforcei até me converter. A primeira pessoa a quem falei, se converteu - minha avó, com oitenta e dois anos de vida. Ela queria possuir o que eu havia

descoberto. O mendigo é ainda mendigo, mas deve ser capaz de contar onde se encontra o pão.

6. *Não se surpreenda se parece haver uma resistência inicial.* Mas você deve ter ilimitada fé de que ganhará a pessoa. Nós não abrimos facilmente nossas vidas aos outros. Há uma tendência de nos fechar. O fato é que há dois instintos dentro de nós. Um é o de fechar contra qualquer intruso, e o outro é o de nos abrir a alguém capaz de simpatizar conosco e compreender-nos. Se lhe ocorre a manifestação do primeiro instinto quando em trabalho de evangelização, não desista e qualifique a pessoa de impossível. Fique ao seu lado até que o segundo instinto comece a operar. Porque no âmago de cada pessoa há um desejo profundo de contar a alguém compreensivo os maiores anseios e necessidades de sua alma.

7. *Se alguém lhe revela suas necessidades, não se desvie para uma necessidade marginal* - a necessidade de endireitar isso, aquilo, ou aquele outro. A necessidade real é de conversão. Muitas vezes a pessoa tentará despistá-lo com o reformar-se ao invés de transformar-se. Uma mulher que tinha certos "problemas" estava se aconselhando com uma amiga. Quando ela começou a contar-lhe os problemas, a amiga gentilmente lhe interrompeu: "Antes de entrarmos nos seus problemas, posso perguntar-lhe se já entregou a Cristo?" A outra respondeu: "Não, penso que não". "Então", disse-lhe a amiga, "vamos acertar isto primeiro". Ajoelharam-se e a infeliz ergueu-se transformada e alegre. "Agora", disse-lhe a conselheira, "pode falar-me sobre seus problemas". Rindo, a transformada respondeu: "Não tenho mais. Era isto". Relatando o fato, a conselheira disse: "Descobri como poupar tempo ao lidar com as pessoas - levo-as a conversão primeiro, e então discuta seus problemas. Quando fizer isso, seus problemas, em geral, deixam de existir".

8. Isto conduz a outro passo. *Tenha em mira a entrega do "ego", não a entrega de uma coisa, ou outra qualquer.* Podemos entregar tais coisas em vez de entregar o ser. Mas o ponto crucial verdadeiro é a entrega do "ego", do ser. Enquanto isso não se der, nada se dá. Em geral a pessoa se sente feliz nas profundezas de seu ser quando se liberta de seu próprio ser, pois o ser em suas próprias mãos é problema e sofrimento. Nas mãos de Deus é uma possibilidade e um poder.

9. *Em vez de entregar seu ser a Deus, a pessoa começa a erguer esta ou aquela questão religiosa.* Pode querer discutir pontos de religião

e doutrina. Não morda esta isca, pois você ficará preso em assunto à margem. O fim em vista não é discussão, mas decisão. A única e verdadeira decisão é a decisão de entrega do ser.

10. *Quando chegar ao ponto da decisão leve a pessoa a ajoelhar-se.* Assim conduzido o assunto, você está declarando que ele não terá que ser resolvido entre o conselheiro e o que está sendo aconselhado, mas entre esse e Deus, somente.

Ao ajoelhar-se, sugira que você orará primeiro e a pessoa depois. Em sua oração você poderá preparar o terreno para entrega e fé por dizer a Deus que lhe é grato pelo que se dará. Então convide o interessado a orar em voz alta, com clareza, mas se ele ou ela hesitar e disser: "Eu não sei orar", então lhe sugira que repita frase por frase a oração que você vai fazer. Ore empregando o pronome na primeira pessoa do singular, como se o indeciso a estivesse fazendo: "Amado Senhor, eu venho a Ti assim como estou". A seguir, após ter feito a oração do arrependimento, da entrega e da fé, que culmina com a nota da certeza de que a aceitação se deu, então dirija uma oração de graças a Deus pelo grande milagre, por ela ou ele ter aceitado a Cristo e a Ele pertencer.

Ao se erguer, tome as mãos da pessoa e a cumprimente, repetindo um verso como este: "Tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco" Marcos 11.24. Chama a atenção para "recebestes", não "receberás".

Inste depois com o que se converteu - não olhe para si mesmo, ficará desanimado; não olhe ao redor, você se distrairá; não olhe para trás, você ficará paralisado; olhe para Jesus, e terá paz e segurança.

Diga-lhe que a emoção é um subproduto da entrega e fé e obediência, muito semelhante à espuma das ondas agitadas pelo navio a singrar as águas, para a frente. O importante é seguir para frente com Ele, a emoção cuidará de si.

11. *Faça-o registrar sua decisão na folha em branco de sua Bíblia.* "Neste dia \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ abandonei meus velhos caminhos de vida; entreguei-me a Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador; sou dEle para sempre; e por palavra e pelo viver, serei sua testemunha diante dos outros". Então peça-lhe que a assine.

A parte final é importante. "Serei sua testemunha diante dos outros". O livro do Apocalipse diz: "Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram". Por duas coisas, pelo que Ele fez por eles: "o sangue do Cordeiro", dádiva de Si mesmo; pelo que eles fizeram por Ele: "a palavra do testemunho que deram". Sua resposta à dádiva de Si mesmo. Não podiam senão falar dela.

12. *Auxilie o convertido a endireitar sua vida em todas as suas relações.* Impressiono-o com a necessidade de dizer: "Peço que me desculpe, lamento muito". É uma catarse.

Um pastor no Japão, estava em dificuldades no lar. Sua esposa e seu pai se desentenderam. Ela decidiu voltar para a casa dos seus próprios pais. O marido lhe disse: "Não posso dizer-lhe que vá ou que fique, mas vou jejuar e orar para ver o que Deus responde - que orientação Ele me dará". Ela vestiu suas melhores roupas e tornou a metê-las na gaveta. No fim do dia ela disse: "Como, você não é o responsável, a história é entre mim e meu sogro". O pastor reuniu a família e disse: "Deus me falou hoje, dizendo: "Você é o chefe desta casa e o responsável pelo que está acontecendo. Você é a chave. Por isso me arrependo. Tudo é por minha culpa". A esposa falou: "Não, é minha falta. Nunca amei meu pai e transferi esse ódio para meu sogro". O irmão então falou: "Não, eu sou o culpado. Pedi algo a meu irmão e ele recusou. Fui então ao papai e ele atendeu-me, contrariando a ordem de meu irmão. Minha cunhada soube disto, o que, logo mais, provocou a discórdia entre os dois". Mas a empregada insistiu: "Não, eu sou a culpada. Eu queria a simpatia do pai e da esposa. Então ia para o pai e inventava histórias sobre a esposa e depois vinha para a esposa e inventava histórias sobre o pai, a fim de ganhar o favor de ambos". O pai confessou: "Não, é minha a culpa. Disse a mim mesmo: Sou o mais velho, portanto a família me pertence e deve me servir e me obedecer. Mas nesta manhã li: "O maior dentre vós seja aquele que vos sirva. De agora em diante vou ser o servo de todos". Tudo afinal se ajustou. Não tenha medo de dizer: "Perdão, eu fui o culpado".

13. *Consiga que eles se unam a Igreja como membros vitais e contagiantes.* Se eles já são membros, inste com eles agora para se tornarem "vitais e contagiantes". Se eles não são, então inste para que o sejam. Porque a igreja é o lar natural do convertido. É verdade que muitas vezes induzir um convertido a entrar em alguma igreja é o mesmo que "meter um pintainho sob as asas de uma galinha morta". Um

pastor anunciou do púlpito que a igreja devia homenagear a ratinha da igreja pois que havia criado quatro outros dentro da igreja e isto era muito mais do que o resto dos membros haviam feito. Mas na maioria das vezes esses fatos não correspondem à verdade. A igreja cristã, com todas as suas falhas, é a maior instituição a prestar serviços sobre a terra. Tem muitos críticos, mas não tem rivais no trabalho de redenção humana. Não há uma porção de terra, desde os gélidos pólos às ilhas tropicais dos mares, onde não levamos escolas, hospitais, asilos para leprosos, lares para os órfãos, igrejas, o Evangelho - tudo que ergue a alma, a mente e o corpo - a vida integral da raça humana. Nenhuma outra instituição fez qualquer coisa como isso - nenhuma, absolutamente nenhuma. O fato de a igreja ter sido capaz de sobreviver ao peso morto de uma grande proporção de seus membros não convertidos é uma prova de sua saúde e vitalidade inerente. Uma minoria convertida conserva a alma da igreja com vida. Devemos aumentar essa minoria para a maioria.

Quando um homem disse a Moody que ele podia viver vida cristã separada da igreja, Moody simplesmente respondeu, retirando uma brasa viva do resto das brasas na lareira e conservando-a separada sobre a soleira. Morreu. O homem disse: "Vejo o seu ponto de vista". A vida cristã não pode ser vivida separada da Igreja cristã. Portanto, leve seu convertido à igreja como parte de uma saudável comunhão.

14. *Lembre-se de que nesse processo todo desde a aproximação inicial até a consumação final de levar a pessoa a unir-se à igreja e a conquistar outros para Cristo, o Espírito Santo lhe ensina o que deverá dizer e fazer em cada situação ou necessidade.* Foi-me dado um verso, quando iniciei meu trabalho missionário entre os intelectuais da Índia, que se tornou um verso para a vida. "E, quando vos entregarem, não cuideis em como, ou o que haveis de falar, porque naquela hora vos será concedido o que haveis de dizer: visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós" Mt 10.19-20. Foi literalmente cumprido. Será cumprido com você. Deixe todo o seu peso cair sobre ele.

Uma amiga tinha tido pouca ou nenhuma experiência em lidar com uma pessoa de outra religião, contudo foi guiada pelo Espírito para trabalhar com uma judia sofisticada. Esta lhe contou que descobrira que o marido estava vivendo em duplicidade. Ficou furiosa com ele; queria deixá-lo e vingá-lo, arruinando-o. A amiga prudentemente conduziu a mulher ao seu real problema de ressentimento e ódio. Pediu-lhe a seguir

que orasse ao seu próprio Jeová. "Mas Ele está tão distante e é tão impessoal!", replicou a mulher. Sabiamente, a amiga lhe falou, então, de Jesus que revelou a Deus e que estava muito perto e cheio de amor. "Mas, disse a amiga, não quero que você abandone sua fé e nem quero impor-lhe a minha. Vá e consulte a Deus se ele faz objeção de você aceitar a Cristo". Assim prometeu a judia. Na manhã seguinte, a mulher subiu as escadas correndo e irrompeu pelo quarto da amiga, dizendo: "Eu fiz. E Deus disse que não faria qualquer objeção em eu aceitar Seu Filho. Estou muito feliz. Encontrei o Salvador. E não vou abandonar meu marido, nem tentar destruí-lo. Vou amá-lo e tentar restaurá-lo".

Foi dito a esta amiga nessa hora o que deveria dizer. Era o método perfeito de lidar com uma pessoa de outra crença. Você se tornará hábil com Sua habilidade, amando como Ele ama, e sendo sábio como Ele é sábio.

### **CITAÇÃO:**

1) Oreen, op. cit., p. 246.

## **Capítulo XIV**

# **O ESPÍRITO SANTO NA CONVERSÃO**

Quando destacamos a conversão, como fizemos neste livro, soa como se fosse trabalho dos homens. Conversão é palavra formada de "*cum*" e "*vertere*" – virar, virar com. A intensidade parece estar na volta do homem. Isso é importante. "A escolha é sempre nossa". Mas a palavra "com" é também importante - não é "voltar", mas "voltar com". A palavra "com" nos leva ao Espírito Santo. O elemento do Espírito Santo na conversão torna a conversão realmente um novo nascimento. Não é bastante voltar ao redor, você precisa voltar-se no seu interior, ser nascido de novo justamente na estrutura de sua constituição.

Isto ocorre fisicamente com os bebês quando têm Rh incompatível. Há uma troca de sangue. Retira-se parte do sangue ao mesmo tempo em que igual quantia é injetada no recém-nascido. Proceda-se dessa forma até que todo o sangue é removido pelo novo, que não provoca desordens.

Isto também se dá no sentido espiritual. Temos uma transfusão de sangue do Filho de Deus. Na verdade, nós nos tornamos participantes da natureza divina. "Pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-nos da corrupção das paixões que há no mundo" 2 Pedro 1.4. Não nos tornamos Deus, mas participamos de sua "natureza". O Rh espiritual incompatível, introduzido na natureza humana como "corrupção das paixões que há no mundo", é repostado pela "natureza divina" que é compatível. Esta mudança de sangue, no qual nosso sangue corrupto e pecador, vindo através das "paixões do mundo", é trocado pelo puro sangue do Filho de Deus, é geralmente acompanhado de duas grandes transfusões de sangue: o novo nascimento do Espírito e o batismo do Espírito. Um apresenta a você a nova vida e o outro introduz nova vida em você, instila-a em cada porção de seu ser. Então, você se enche do Espírito.

Quão profundamente esse instilar da "natureza divina" atinge? Que vai até o consciente, nós sabemos. Alcança também o subconsciente? Poderemos ter novamente subconsciente? A questão mais importante para a teologia é: Pode o subconsciente ser redimido? Porque a psicologia nos fala que somos grandemente limitados pelo subconsciente. O Dr. Arnold A. Hutschnecker coloca a questão dessa forma: "Ele (Freud) mostrou como a razão muitas vezes segue docilmente, apressando-se com explicações e justificações - chamaríamos de racionalizações - os atos e as opiniões determinadas sobre a esfera do subconsciente".<sup>(1)</sup> O Dr. Menninger mais adiante declara: "Muitos que sofrem de conflitos emocionais aceitariam de boa vontade, avidamente até, colocar-se na altar da mesa de operação e sacrificar uma parte de seu corpo aos terríveis complexos de culpa que inconscientemente o dominavam". O diretor do Hospital de Senhoras da Universidade de Tübingen diz: "Sua enfermidade é um conflito psíquico navegando sob a bandeira ginecológica". Esse conflito situa-se grandemente no subconsciente. O Dr. Hutschnecker logo adiante declara: "Manifeste-se o achaque em fadiga, insônia, indigestão, colite, prisão de ventre, diarreia, ou alergia de uma ou outra espécie, atrás disso tudo, em geral, repousa a ansiedade".<sup>(2)</sup> A sede dessa ansiedade está no subconsciente. Essa ansiedade no subconsciente produz tensão na pessoa toda.

Em tensões prolongadas a corpo se mantém num constante estado de mobilização. As reservas de energia se consomem ininterruptamente, as tensões se sustentam impiedosamente, e órgãos como o coração e os que se envolvem em processos químicos complexos são levados à sua máxima capacidade sem pausa. Em tensões prolongadas disparamos um motor de alta potência à velocidade extrema - em ponto morto. Queimamos combustível. Nos consumimos. Mas não vamos a parte alguma. Eis a efeito destrutivo das tensões prolongadas.<sup>(3)</sup>

A sede dessa "tensão" é um subconsciente perturbado.

Pela conversão a consciência recebe um novo sentido de purificação, nova lealdade, novo amor. Esse instilar é tão real, tão agradável, tão decisivo para a conduta, que o convertido pensa que a batalha terminou, que a vida agora é apenas uma jubilosa canção de vitória. Esses dias de lua de mel chegam ao fim, em geral, dentro de um ano.

Os impulsos do subconsciente, que têm estado sufocados no

fundo, aparentemente aturdidos em insensibilidade pelo instilar dessa nova, diferente e autoritária vida na mente consciente, começam agora a reafirmar-se. Gênios, temperamentos, temores, que julgávamos destruídos para sempre, erguem suas cabeças dos abrigos contra a tempestade do subconsciente, e lutam entre seguir o consciente ou o subconsciente. Paulo chama-a de guerra entre o "espírito" e a "carne". Goethe assim se expressa:

Duas almas, ai! ai! se aninham em meu peito,  
e aí lutam  
por reino indivisível.

Muitos presumem que esse empate é o melhor que a fé cristã oferece. Por isso se acomodam à condição de se neutralizarem por esse conflito inevitável. O sétimo capítulo da epístola aos Romanos é sua fuga e desculpa - Paulo tinha esse conflito, por que não teremos nós? Se o sétimo capítulo aos Romanos fosse o único Evangelho que Paulo tivesse para pregar, nunca mais teríamos ouvido falar dele outra vez. Mas o sétimo aos Romanos é pré-cristão e sub-cristão - um homem sob a lei lutando com o pecado em seu subconsciente, sem os recursos de Cristo à sua disposição. Retrata a experiência do mundo todo, sem Cristo. A fé cristã oferece uma saída para esse dilema? Ela só o fará, se conseguir a conversão do subconsciente, e isso ela faz justamente. A área de trabalho do Espírito Santo está em grande parte, se não inteiramente, no subconsciente. Quem criou o subconsciente fez planos para a sua redenção, sua conversão, sua santificação. Que espécie de Criador seria Ele se, criando o subconsciente, não proporcionasse a sua redenção no caso do mal invadi-lo? E o mal o invadiu. O anelo do ser transformou-se em egoísmo; o impulso do sexo se tornou sexualismo; o instinto gregário transformou-se em subserviência às massas - fazendo da pessoa uma dominada pela massa. Tudo isso com o nosso consentimento. Um cavalo de Tróia se introduziu em nosso subconsciente e em momentos de crise seus habitantes escondidos saltam e assumem o comando de ações e reações. Uma guerra civil resulta entre a mente consciente convertida e a subconsciente não convertida. Uma mulher assim expressa o fato: "Sou a pior personalidade do mundo. Dou pontapés nas pessoas, nas canelas, e sou a primeira a fazê-lo". Obviamente em sua mente consciente repugnava-lhe ser "a pior personalidade do mundo" e contudo em seu subconsciente ela era o que lhe causava nojo.

Uma garotinha de quatro anos num lar missionário levantava-se sempre da mesa e ia para a outra sala enquanto sua irmã mais velha lia

as passagens da Bíblia. Por quê? Ela sempre queria fazer o que a irmã mais velha fazia, e quando não podia ler como a irmã fazia, retirava-se da situação, fugia. Frequentemente à vontade de fugir, à vontade de escapar, à vontade de fracassar, reside no subconsciente, e fugimos em vez de enfrentar as situações desagradáveis. A menos que o subconsciente possa ser purificado e convertido e consagrado aos novos objetivos, a pessoa com um subconsciente não-convertido está quase vinculada a ser meia-pessoa com meio-rendimento.

É, portanto, boa nova saber que o trabalho do Espírito Santo se destina a converter o subconsciente e especialmente para o converter. "O Espírito da verdade... habita convosco e estará em vós". Ele passa de "com" para "em". Ele não pode redimir-nos do exterior. Essa é uma tarefa do interior. Nenhuma exortação ou repetição de conselhos piedosos do exterior pode tocar tais profundezas interiores. Força dinâmica, redentora, deve mover no íntimo e assumir a direção desses impulsos, com o nosso consentimento, e purificá-los e controlá-los. Essa Força redentora é o Espírito Santo.

Antes do Pentecoste o Espírito Santo está "com" os discípulos, mas não "em" neles. Eis porque vemos erguerem-se à superfície sinais do subconsciente não convertido: 1) Egoísmo obstinado: disputavam os primeiros lugares; 2) Justiça própria: "Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim"; 3) Ressentimentos: "Queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?"; 4) Falta de poder espiritual: "Por quê motivo não pudemos nós expulsá-lo!"; 5) Crítica: Para que este desperdício?"; 6) Intolerância de grupo: "Nós lho proibimos, porque não seguia conosco"; 7) Preconceito racial: "Despede-a, pois vem clamando atrás de nós"; 8) Avidez egoísta: "Eis que nós tudo deixamos e te seguimos... que será de nós?"; 9) Aversão por auto-sacrifício: "Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá"; 10) Medo: "Trancadas as portas da casa... com medo".

Assim como as borbulhas surgem à superfície do lago, vindas do lodo no fundo, mostrando que há podridão ali, assim essas dez borbulhas se ergueram do subconsciente dos discípulos e revelaram que esse não havia ainda sido redimido - havia podridão ainda operando nas profundidades. Todas essas coisas desapareceram quando o Espírito Santo operou no interior e assumiu a direção.

As mesmas coisas se manifestaram entre os cristãos primitivos. Eram cristãos de mentes conscientes, convertidas, mas Paulo podia

dizer: Temo, pois, que, indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero; e que também vós me acheis diferente do que esperáveis, e que haja entre vós contendas, invejas, iras porfias, distrações, intrigas, orgulho e tumultos" 2 Co 12.20. Entre as setes coisas, bem no meio está "porfias", a insubmissão do ser. Sempre está no centro de um subconsciente não convertido. O ser insubmisso era a raiz e a "contenda", o fruto. Um era a causa e o outro o efeito.

Nós racionalizamos essas atitudes e atos errados, mas no fundo são as mesmas manifestações de um subconsciente não convertido. Uma garotinha disse: "Mamãe, quando a coisa é comigo, é o mau gênio, mas quando é com a senhora, são os nervos". Em ambos os casos agia o subconsciente não convertido. Um pastor assim definiu: "As pessoas que vivem para si mesmas estão constantemente com a sensibilidade ferida". Esta sensibilidade é o aflorar de um subconsciente não convertido.

Quando o Espírito Santo desceu e assumiu a direção das vidas dos discípulos, cada um dos dez frutos repulsivos do subconsciente inconverso desapareceu. Em vez de avidez egoísta houve auto-entrega; auto-retidão foi substituída por profunda humildade baseada na graça; os ressentimentos se dissolveram; a falta de poder espiritual se transformou em suficiência espiritual; a crítica deu lugar à apreciação; fanatismo de grupo se tornou cooperação do grupo; preconceito racial se transformou em fraternidade humana; cobiça egoísta se transformou na mais surpreendente explosão de caridade de que o mundo jamais ouviu falar; a aversão à auto-sacrifício se transformou em auto-sacrifício, que nunca foi igualado; o medo se transformou em coragem que com alegria segue o caminho da perseguição e da morte.

Tudo isso se fez com desembaraço, não porque os discípulos o estivessem fazendo, mas porque eles estavam permitindo que o Espírito Santo dentro deles o fizesse. Isso soa trivial, mas é a mais importante diferença no mundo, do motivo e da dinâmica humanas para a conduta. Pois isso reduz ao subconsciente a base de nosso viver, aonde podemos fazer as coisas ou não fazê-las. Se o Espírito Santo pode assumir o comando do subconsciente, com o nosso consentimento e cooperação, então nós temos altíssimo Poder operando no alicerce de nossas vidas, podemos realizar qualquer coisa que devemos realizar, ir a qualquer lugar onde devemos ir, e ser aquilo que devemos ser. A vida é suprida de fundamento suficiente.

Sem esse fundamento tateamos desajeitadamente a vida. Há o que é conhecido como "casa de força". Está sua casa suprida de energia suficiente, para fazer trabalhar todas as coisas de que precisa, para empregar em um viver adequado? Se não, então você está constantemente queimando fusíveis quando uma carga muito pesada é lançada na "casa de força". Isso ocorre em nossas vidas pessoais. Quando exigências muito pesadas se lançam sobre nossa "energia pessoal", nós queimamos o fusível, "com os nervos à flor da pele", dizemos. É um sinal de frustração, de insuficiência para enfrentar as exigências da vida. Não somos maus, somos apenas insuficientes. Nada há no subconsciente a não ser nossos acionamentos básicos, somente controlados pela mente consciente que os reprime. Isso quer dizer que há uma tensão básica entre o consciente e o subconsciente - somos basicamente tensos. Paulo assim se expressa: "Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que porventura seja do vosso querer" (Gl 5.17). O Espírito controla a mente consciente, mas a carne, os desejos elementares, controla os do subconsciente e aí está o conflito básico, e a tensão conseqüente, resultando em que você não faz o que porventura seja de seu querer.

Com a entrega do subconsciente ao Espírito Santo, entrega de "tudo que sabemos", o consciente, e "tudo que não sabemos", o subconsciente, Ele invade o subconsciente e assume a direção desses impulsos básicos. O anseio do ego ele purifica do egoísmo e dedica-o ao reino de Deus; o do sexo Ele purifica do sexualismo e dedica essa força criadora em novos movimentos criadores, novas esperanças, almas renascidas, vida nova. O anelo de agregação Ele purifica da subserviência "ao mundo" e o entrelaça ao reino de Deus, a mais elevada e sublime aliança social. Esses anelos não são expurgados, porque não podem ser expurgados, eles são uma parte de nós mesmos. Só podem ser dedicados a fins elevados.

Eis que as mentes consciente e subconsciente estão sob um único controle e uma única redenção - o Espírito Santo. Você se torna uma personalidade unida.

Que o Espírito Santo consagra esses impulsos não somente de início, mas Ele continua a consagrá-los, é algo mais de boas novas. Ele é o Espírito de consagração, "pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus", Hebreus 9.14. O eterno Espírito era o poder por trás da oferta de Cristo sobre a cruz. Ele conserva

eternamente nossas forças e impulsos consagrados desde que consentimos. Não há necessidade de nos erguermos nervosos e tensos junto ao altar da consagração para conservar as energias e anelos "diante do altar". O Espírito Santo realiza a consagração. Isso abate a tensão de ansiedade interior. Abandone-se e deixe Deus, o Espírito Santo tomar a direção das profundezas centrais de seu ser, o subconsciente. Assim poderá abandonar nEle o peso total. Pode realmente se relaxar.

Eis que seus sonhos, que são os afloramentos do subconsciente, se transformam em sonhos cristãos. A psiquiatria pagã não tem noção do controle do subconsciente pelo Espírito Santo e, portanto, nenhuma noção de um sonho cristão. Quando um cristão inteiramente submisso a Deus sonhou que alguém lhe havia feito o pior que se possa fazer contra o próximo, e, ainda em sonhos, apossou-se do inimigo pela garganta com ambas as mãos e disse: "Poderia sufocá-lo até a morte, mas eu o perdôo", um psiquiatra pagão, em vez de ver nisso o sonho de um cristão verdadeiro diante da reação ao mal, deu uma interpretação fantásticamente pagã ao sonho.

Isso me leva a declarar que nossas reações se tornam cristãs quando o Espírito Santo controla o subconsciente. A mente consciente determina as ações, nosso subconsciente determina as reações. E as reações são tão importantes quanto às ações. Muitos cristãos são cristãos nas suas ações - não mentem, não roubam, não cometem adultério, não se embebedam, mas reagem mal ao que lhes sucede - reagem com rancor, mau gênio, auto piedade, ciúmes e inveja. Se ações impróprias deixam a pessoa desolada - e deixam mesmo - então as reações impróprias deixam a pessoa igualmente desolada. Casos de reações impróprias podem ser retratados assim: "Vejam o que me fizeram". "Vejam o que me aconteceu". Quer a reação imprópria tenha uma causa ou não, os resultados são os mesmos - uma personalidade desolada. Quando as profundezas são dominadas pelo Espírito Santo então as reações são cristãs.

Em um de meus livros contei a história da reação de uma mulher à morte do marido. Aceitou-a sem uma lágrima. Não era uma reação fortuita, uma aberração moral, era uma atitude inalterável. Ela conta a mesma vitória por ocasião da morte de seu pai: "Meu pai estava sofrendo de câncer de pulmão. Cheguei lá às 13 horas e ele morreu às 19h15. Fui grata a Deus por ter chegado a tempo, pois minha madrastra realmente precisava de mim. O quarto estava cheio de gente, e eu sabia



que não havia um ministro presente, então eu mesma dirigi a prece. Envolvei minha madrastra com meu braço e agradei a Jesus em voz alta pela vida de papai e pela nova vida dele na glória. Disse que nós entregávamos sua vida nas mãos de Jesus e que afinal ele alcançava a Terra Prometida! Pedi a Jesus que confortasse e ajudasse a mamãe a viver sem a presença física do papai em sua vida e que todos naquele quarto amassem a Jesus mais do que à própria vida, porque Ele é Vida. Parece que minha prece ajudou a todos. Fiquei tão feliz, porque papai estava salvo e por saber que ele na verdade tinha atravessado a Grande Linha Divisória. Tinha vontade de gritar: Aleluia, Jesus é Senhor! Mas por amor a eles deixei que meu semblante refulgisse a vitória, cuja Alegria minha alma mal podia conter!" Eis aqui a reação à morte do marido e do pai - reação idêntica de Alegria! Isso não poderia manifestar-se, a não ser através de um subconsciente convertido. Relatam os Evangelhos que Jesus: "Na mesma hora ele (Jesus) regozijou-se no Espírito Santo". Quando você não pode regozijar-se diante das circunstâncias, das coisas que ocorrem em sua volta e a você, você pode sempre regozijar-se no Espírito Santo. Ele habita nas profundezas do subconsciente e é sempre manancial de alegria. "Habitará convosco para sempre", a Constante única no meio de um mundo de incertezas e mudanças.

O Espírito Santo então faz três coisas, Ele purifica e consagra os impulsos do subconsciente e harmoniza o íntimo. Ele nos ajuda a reagir às coisas que nos ocorrem, ajuda-nos a reagir de maneira cristã.

A soma total disso significa que há agora poder em nossas vidas. Não somos agora impelidos de um lado para outro pelas circunstâncias - adversário desdenhável para a tentação e para o mal. Sabemos onde queremos ir, temos poder para nos mover em direção ao alvo. Retiramos do capítulo sete de Romanos para o oitavo: "A lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte". Esta lei sublime do "Espírito da vida em Cristo Jesus" cancelou a lei inferior do pecado e da morte. Assim como um pássaro em vôo tira vantagens da lei de elasticidade do ar e desse modo se ergue acima da lei da gravidade, assim nós vivemos por essa sublime lei que sobrepuja à lei do pecado e da morte. Citei Freud ao dizer: "Forças de trevas, de insensibilidade e de carência de amor determinam o destino da humanidade". Ele descobriu o subconsciente e caiu em seu fatalismo. Cristo fez o subconsciente ("Todas as coisas foram feitas por intermédio dele") e supriu o meio para a sua restauração - supriu nada menos do que o Espírito Santo, o Espírito da Criação e o Espírito da Recriação - para habitar em nós e

restaurar-nos, não por mandamentos e exortações, mas pela companhia e experiência. É operante, porque Ele opera - do interior.

A doutora Henrietta Mears tem sido aproveitada poderosamente em ajudar a mocidade a seguir nova vida. Ela nos conta o segredo. Era uma cristã, mas sentia necessidade de poder. Disse a Deus: "Senhor, tudo abandonei por Ti e a ninguém mais me apego. Quero que meu corpo todo seja apresentado a Ti como sacrifício vivo, cheio até a plenitude do poder do Espírito Santo". Então no íntimo de seu coração veio-lhe esse verso: "Quanto mais vosso Pai que está nos céus dará o Espírito Santo aos que lho pedirem". Nesse minuto exato entendeu ela que tudo fora ajustado. Disse: "Obrigada Senhor. Aceito pela fé o encher-me do Espírito e seu poder, do mesmo modo como aceitei a Cristo, meu Salvador". O Espírito Santo moveu as profundezas de seu ser - operou no subconsciente.

Sentei-me numa estreita garganta no alto de uma montanha num dia de manhã. A medida que o dia ia surgindo, o sol inundava o cume da montanha, mas a garganta mais abaixo estava coberta de sombras e neblinas. Porém, à medida que o dia chegava ao meio, a luz do sol desceu das colinas e invadiu as profundezas da garganta também. Com a conversão da mente consciente o dia começa a romper - a luz se encontra no alto da mente consciente. Mas ainda os abismos - o subconsciente - estão ocultos pela neblina e treva. Então constatamos as cortinas da neblina e das trevas do subconsciente e convidamos a luz para que invada os abismos. E isso se dá. "Se teu olho for simples" - se tua personalidade estiver sob um controle, do Espírito Santo - "todo o teu corpo será luminoso" (Mt 6.22) - a personalidade se ilumina com Ele, sem nenhuma sombra ou escuridão. E assim você está realmente, realmente redimido, realmente convertido.

### **CITAÇÕES:**

- 1) The Will to Live, 1958 Prentice-Hall, Inc..
- 2) Ibid, p. 67.
- 3) Ibid, p. 181.

## Capítulo XV

# A CONVERSÃO E O REINO DE DEUS

Nos relatos de conversão registrados neste livro, muito da ênfase se deu sobre do que a conversão salva: preocupação, auto-centralizada, temores, ressentimentos, conflitos íntimos, orgulho, mau gênio, falta de caridade, culpas, impureza, ociosidade, o vazio de uma vida sem sentido, frustrações, tensões, fugas, materialismo, cobiça. A lista é longa e importante. A conversão salva de. Mas talvez a pergunta mais importante é: Para que a conversão salva? Se a ênfase da conversão se der no *de* que ela nos salva, significará uma volta - olhar para o passado na religião. Jesus disse: "Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás, é apto para o reino de Deus". As reuniões de testemunho e as de classe de algumas gerações no passado morreram por olharem para trás, do recontar o que se deu com a conversão no passado. Hal Luccock diz que se ele morrer na rua atropelado, poder-se-á dizer dele: "Morreu porque estava olhando o lugar errado". Muitos movimentos e indivíduos morreram espiritualmente por estarem olhando para o lugar errado - para trás. Provaram que não eram aptos para o Reino de Deus.

Se muitos morreram espiritualmente por olhar para trás, muitos outros morreram por olhar para adiante a metas muito pequenas, muito inadequadas para metas da vida. Muitos se converteram e se uniram à Igreja como membros, o que é bom, mas não suficientemente bom. Não podem abandonar todo o seu peso sobre ela, porque se assim o fizerem se desiludem. Pois a Igreja é constituída de pessoas semelhantes a elas mesmas - inconstantes. Tantos vagueiam de grupo a grupo em busca daquela sociedade perfeita. Nunca a encontrarão, porque no momento que dela participarem, ela não será perfeita. Quando me dizem: "Há hipócritas na igreja", minha resposta é: "Entre para ela, e teremos absorvido mais um". A Igreja é a melhor sociedade sobre a terra, contém a melhor vida da humanidade, mas, mesmo assim, se você confiar inteiramente nela com sua meta de vida ela o abandonará.

Outros se convertem com a esperança de escapar do inferno e alcançar o céu. Isso está envolvido na conversão, mas se é realizada com esse alvo, também ela o abaterá. Se você busca o céu como um alvo, quando o alcançar não se ajustará a ele, porque você teve um falso motivo ao tentar alcançá-lo. O céu é um subproduto e não o alvo ou fim.

Outros ainda se convertem para escapar à infelicidade, à doença, ao fracasso. Elas se incluem na conversão, mas se a tônica estiver nessas coisas, elas também se tornam inadequadas como alvos de vida, porque se se buscá-las por si mesmas elas deslizarão de seus dedos gananciosos. São subprodutos de algo maior e melhor. O que é melhor e maior?

O próprio Jesus nunca foi maior e melhor do que ao dar esse maior e melhor. Com infalível visão indicou o Reino de Deus como aquilo para o qual os convertidos se convertem. A conversão, o novo nascimento, se fundamenta dentro da estrutura do Reino de Deus.

O arrependimento estava nessa estrutura. "Dai por diante passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos porque está próximo o Reino dos Céus!" Mateus 4.17. Você não se arrependeu somente de, você se arrependeu para, para o Reino de Deus.

A conversão estava nessa estrutura: "Se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus" Mateus 18.3. De novo aqui você não se converteu somente *de* - você se converteu *para* - para o Reino de Deus.

O novo nascimento está nessa estrutura: "Se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus" João 3.3. Aqui o recém-nascido não é nascido meramente das entranhas do passado, mas nasce para uma nova vida e um novo fundamento de relações no Reino de Deus.

O Reino de Deus é o todo e o fim do arrependimento, conversão e novo nascimento. Isso é de extrema importância porque eles o apresentam ao mais surpreendente fato individual e social do universo - o Reino de Deus.

Que queria Jesus dizer por Reino de Deus? Ele o chamou de seu Evangelho: "Percorria... pregando o Evangelho do Reino" Mateus 4.23. Foi o único fato que Ele chamou de Seu "Evangelho", e ordenou-lhes que fossem e pregassem o "Evangelho do Reino". O que Ele quis dizer

por isso? É baldado definir o Reino, porque o Reino é Ordem Absoluta entrando na ordem relativa, e nós temos que usar palavras e frases relativas para descrever o Absoluto; que, certamente, não pode ser feito adequadamente. Jesus permite que olhemos através das frinchas das sugestões e palavras para aquilo que desafia a descrição. "É melhor entrares na vida aleijado... é melhor entrares no Reino de Deus com um dos teus olhos" Marcos 9.45, 47. Aqui "Vida" e "Reino de Deus" se usam como sinônimos. Vida aqui indica vida eterna - "entrar na vida". Portanto, Vida e o Reino de Deus são uma coisa só. O Reino de Deus é vida.

"O Reino de Deus" e "o Caminho" são também usados como sinônimos. "Paulo... falava ousadamente, dissertando e persuadindo, com respeito ao reino de Deus. Visto que alguns deles se mostravam empedernidos e descrentes, falando mal do Caminho, diante da multidão" Atos 19.8-9. Aqui o "reino de Deus" é "o Caminho". Não é "o caminho" com letra minúscula - é "o Caminho". Não é meramente o caminho da salvação - é isso, Atos 19.8-9. Aqui o "reino de Deus" é "o Caminho" sem qualificativo. É o Caminho no qual se pensa, se age e se é como indivíduo ou em sociedade, para Deus e o homem. É o Caminho. Há somente duas coisas - o Caminho e anti-Caminho. O Reino é sempre o Caminho, e tudo contra o Reino ou fora do Reino é anticaminho.

O Reino é a Ordem Absoluta de Deus confrontando essa ordem relativa do homem com um imperativo: "Arrependei-vos, convertei-vos, nasci de novo, e através desses aceitai e vivei de acordo com o Reino".

É bom notar que não se "constrói o Reino", como há uma geração atrás se insistia e ainda hoje subsiste em vocabulários anêmicos - "recebe-se o Reino". "Recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça" Hebreus 12.28. "Construir o Reino" retrata ao ego insubmisso a idéia de que ele pelo seu próprio esforço pode construir o Reino. Mas "receber o Reino" revela ao ego submisso e receptivo, de mãos vazias, aceitando o dom da graça de Deus, o perdão, a conversão, o novo nascimento, e eis a questão - apresentando-o ao fato mais importante do universo, o Reino de Deus. Nele as fontes divinas para a vida humana estão à disposição daqueles que são suficientemente humildes para receber. "Bem-aventurados os humildes de espírito (suficientemente humildes e receptivos para receber) porque deles é o reino dos céus" (Mt 6.3). "Deles é o reino do Céu", eles não somente pertencem ao Reino do Céu, o Reino do Céu lhes pertence. Todas as suas fontes estão à sua disposição. Defende-os e sustenta-os, e dá-lhes

a aprovação cósmica, universal. Conduz toda a vida à coerência, ao sentido, ao alvo.

Porque os totalitarismos como o Fascismo, Nazismo e Comunismo surgiram? Percebi de um relance quando estive em Frankfurt, na Alemanha, ao ocaso da guerra, falando sobre o Reino de Deus. Nos lugares da frente estavam líderes religiosos proeminentes, entre os quais o Dr. Martin Niemöller. Eles batiam, concordes, nos bancos enquanto eu falava. Fiquei perplexo. Quando se concluíram os trabalhos eles me fizeram entender:

O Senhor compreende porque o povo alemão voltou-se para o Nazismo. Eles queriam algo que totalmente os comandasse e conduzisse a vida em coerência e sentido. A vida se achava desagregada, separada em compartimentos. O Nazismo reuniu tudo sob uma filosofia integral de vida. Por algum tempo parecia ser a Tal. Era, contudo, um falso totalitarismo e os abateu. O que realmente eles buscavam era o totalitarismo de Deus, o Reino de Deus e não o sabiam. Equivocados, tomaram o Nazismo pela coisa real.

A mesma desilusão vai ocorrer com outro totalitarismo - Comunismo. Eles também buscam algo que trará sentido à vida toda e a dirigirá a nobres alvos. Mas é o substituto do homem ao totalitarismo de Deus e os abaterá. A desilusão virá - vem vindo.

Os psicólogos nos dizem que há três necessidades básicas da personalidade humana - o pertencer, o ter importância e o ter segurança. Observem que a primeira necessidade básica é "pertencer". Sentindo essa necessidade de pertencer, os homens firmam lealdade às coisas erradas e essas coisas os frustram. Somente quando prometem lealdade suprema e absoluta ao Reino de Deus sentem eles como o negociante mencionado neste livro: "Agora sei. Meu problema terminou".

Desde que a conversão nos apresenta ao Reino de Deus como uma Ordem Absoluta que exige obediência total na vida total - individual e social, ela também determina o conteúdo dessa conversão. O conteúdo dessa conversão é pessoal. Ela une o indivíduo à pessoa de Cristo na lealdade suprema e amor. Ele é o portão para o Reino. A verdade é que o Reino a Ele se incorpora. "Por amor a mim" e "por amor ao Reino" Ele o fez intermutável. Eram um. Ele disse: "Eu sou o Caminho". O Reino de Deus se chama "o Caminho". E coisas iguais às mesmas coisas são iguais entre si. Ele é o Reino personalizado.

Portanto, na conversão você não se une primeiramente a uma ordem, a uma instituição, a um movimento, a um conjunto de crenças, a um código de ação - você se une primeiramente a uma Pessoa, e em segundo lugar a essas outras coisas. "Chamados a pertencer a Jesus Cristo". Você não é chamado para ir ao céu, a ser bom, a fazer o bem - você é chamado a pertencer - a pertencer a Jesus Cristo. Fazer o bem, ser bom, alcançar o céu são subprodutos desse pertencer. O centro da conversão é o pertencer de uma pessoa a uma Pessoa.

Incorporado a essa Pessoa está o Reino, por isso quando você se une a essa Pessoa você tem relações com esse Reino. Mas a natureza desse Reino é social - a vida integral, individual e social, se sujeita ao seu domínio. Exige obediência total na vida total. A entrada para o Reino é pessoal, mas a natureza do Reino é social. Por isso o conteúdo da conversão é por sua própria natureza tanto individual como social, não uma hora individual e outra social - é ambas as coisas e uma só ao mesmo tempo. Isso está de acordo com a própria textura do indivíduo como indivíduo. Ele não é ora individual e ora social. Ele é ambos ao mesmo tempo. "Ser é ser em relações". Você não pode "ser" sem ser "em relações". Assim como o homem pela sua própria natureza é ao mesmo tempo pessoal e social, assim também a conversão pela sua própria natureza são ambas as coisas. Desapareceu a divisão entre o evangelho individual e social. Separá-los é separar o que Deus ajuntou na Encarnação quando a Palavra se tornou carne.

Desde que a conversão converte ao Reino de Deus, então a área de operação-conversão é a vida integral, individual e social. Jesus deu o conteúdo do Reino quando pronunciou Seu manifesto na pequena sinagoga de Nazaré, no começo de seu ministério: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me a proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e evangelizar os pobres (os economicamente deserdados); enviou-me para proclamar libertação aos cativos (os social e politicamente deserdados) e restauração da vista aos cegos (os fisicamente deserdados); para pôr em liberdade os oprimidos (os moral e espiritualmente deserdados, os que se contundiram nas leis moral e espiritual), e apregoar o ano aceitável do Senhor (ou o ano do Jubileu do Senhor - o Ano do Jubileu no qual todos os escravos eram libertos, todas as dívidas canceladas e toda a terra redistribuída e a nação começava sobre uma base de íntima aproximação à igualdade. Isso o que Jesus anunciou era o Ano do Jubileu do *Senhor* - um mundo recém-começado.

Aqui estava uma reconstrução que havia de refazer econômica, social, política, física, moral e espiritual, e coletivamente o mundo. Isso era um esboço do objetivo do Reino e, portanto, o conteúdo da conversão a esse Reino. Desde que o Reino é o Caminho, sem qualificativo, assim a conversão ao Reino é o converter-se à conversão, sem qualificativo. A vida total é a área de operação. Conversão, qualificada, é conversão cancelada a esse ponto.

Uma conversão viva, que se desenvolve é conversão que alcança maiores e maiores áreas da vida. Uma conversão que não se desenvolve está se aniquilando. Degenera em formas e frases mortas cujo conteúdo desapareceu. Nesse vazio os espíritos do mal entram e dominam. A conversão é pervertida. Queimava-se uma cruz em frente à casa de um negro, e um meninozinho judeu perguntou ao pai o que aquilo significava. O pai vagarosamente replicou: "Os cristãos perderam o Caminho". Uma cruz a queimar é uma cruz que se queima com ódio e preconceito - uma cruz pervertida - em vez da cruz de Jesus que se queima com amor pelos inimigos. Os cristãos que a queimaram ou aprovaram o que por trás se achava - ódio racial - perderam o Caminho.

Esse abastecer da conversão com conteúdo mais e mais profundo e com alcance de áreas mais e mais amplas se pode perceber nessa carta de Paulo Santamurti, da Índia. Ele era um brâmane da casta nobre do Sul da Índia e como um hindu em revolta contra as castas dirigiu-se ao bairro dos párias de Madras, pediu que as moças disponíveis fossem dispostas em linha, escolheu a mais escurinha delas todas e disse: "Vou casar-me com você". E assim fez. Quando ela morreu, ele casou-se com sua irmã. A nobreza não somente se uniu a uma criatura dos párias, mas, entre essas, à mais humilde de todas elas. Isso era completar seus princípios de fraternidade com vingança. Como ardente nacionalista foi preso durante o movimento de Gandhi por libertação. Mahatma Gandhi enviou-lhe um Novo Testamento para que ele o lê-se na prisão. Gandhi, que não acreditava na conversão, foi o instrumento para a conversão de Santamurti. Ele se converteu lendo o Novo Testamento, e foi batizado. Enviei-lhe meus livros à medida que iam sendo publicados, e o último, Maturidade Cristã, provocou esse comentário:

"O recebimento desse livro é um ponto decisivo em minha vida íntima em Cristo. É um marco. Quando aceitei o Senhor Jesus como meu Mestre e Líder aceitei-O porque Ele me deu autoridade decisiva para rebelar-me contra os erros sociais e os rituais supersticiosos da religião; Ele deu autoridade devido à liberdade, igualdade e fraternidade

que Ele instilou em meu coração. Aceitei-o por causa de seu martírio e coragem. Não fazia idéia da salvação e pouco cuidei dela. Jesus Cristo era o mais puro, o maior dos heróis e libertadores do mundo, e eu marcharia sob Sua bandeira e de mais nenhum outro. Então, depois de entrar em contato com o senhor e com os seus livros, o lugar do programa do Reino de Deus inaugurado pelo Mestre se firmou em mim como a campanha para a emancipação universal da humanidade, resolvendo todos os problemas do fanatismo religioso, da injustiça social, dos desajustes econômicos, e do obscurantismo político. Quando eu quis dar meu coração inteiramente a esse programa, descobri que era impossível a qualquer um que não levasse uma vida cristã a realizar o programa cristão. Dediquei-me de novo a Cristo e prometi-lhe inteira lealdade, a Ele somente como o Senhor e Mestre Supremo, e afirmei que lutaria dia a dia, por apropriar-me da semelhança de Cristo e a trabalhar pelo Seu Reino. Assumi a tarefa sem contar com o custo ou o preço a pagar. Todos os meus esforços culminaram em fracassos - quanto maior o esforço, tanto maior o fracasso. Estava em desespero. Foi nesse momento que seus livros *Vida Abundante*, *O Caminho*, *O Caminho ao poder e ao Equilíbrio*, *Como Ser uma Pessoa Transformada*, *Crescendo Espiritualmente*, e *Mestria* revelaram-me que eu nada poderia fazer por mim mesmo, que eu devia submeter-me e entregar meus defeitos a Cristo. Tinha aprendido o caminho da fé, da oração e da luta, mas não o da entrega. O caminho, embora novo para mim, tornou-se perfeitamente familiar em alguns meses, com exceção de um ponto. Não era possível dominar meu gênio e controlar-me e evitar de desejar ou proferir, todas as más coisas contra aquelas pessoas que, de acordo com o meu julgamento, tinham errado. No momento que o mal surgia em minha mente, ou palavras de injúrias subiam à minha boca, verificava que fora de encontro ao meu juramento a Cristo e me arrependia e orava. Não era possível amar as pessoas que eram o flagelo da humanidade. Assim pensava eu. Seu novo livro abriu meus olhos. Até esse momento não ouvira falar do amor ágape, embora eu estivesse lutando por obedecer ao programa de Rearmamento Moral - absoluto amor. Todo o amor que eu tinha era do tipo eros, e quando os homens falhavam, meu amor por eles falhava. Por isso comecei a submeter meu amor também a Cristo pedindo-Lhe que transforme todo meu amor Eros em amor Ágape. Ore por mim, por favor".

Aqui se vê uma história ilustrativa da ampliação do sentido da conversão: 1) Conversão significa conversão a um Líder de reforma social. 2) Conversão ao Reino de Deus. 3) Conversão à entrega. 4)

Conversão do amor tipo Eros ao amor tipo Ágape.

Cristo tomou-o no ponto de seu mais sublime interesse - um ardente e sincero nacionalista que desejava a reforma social e política da estrutura de seu país. Jesus era um Líder da reforma social, por isso ele seguiria sob Sua bandeira. Então foi conduzido ao Reino que embora incluía a reforma social, era muito mais - era um modo integral de vida. Descobriu que não podia viver esse modo total de vida sem auto-entrega. O que de mais profundo se deu nessa auto-entrega foi a conversão do seu amor básico de Eros para Ágape. A conversão atuou da periferia ao centro. O centro da conversão é a conversão de nosso amor.

Aqueles que vivem no Ocidente provavelmente fariam o percurso de outra maneira. 1) O clima básico conosco é o individualismo. Por isso a conversão começaria com um desejo por salvação individual dos conflitos íntimos, das culpas, temores, ressentimentos, da preocupação auto centralizada. Desejamos paz, reconciliação, inteireza. 2) Se a conversão operar-se em verdade conduzir-nos-á à auto-entrega. 3) No centro dessa auto entrega está a conversão de nosso amor - conversão do amor tipo Eros que é amor que quer receber, ao tipo Ágape que é amor que se dá. 4) Isso nos conduzirá à conversão ao Reino de Deus, que é a conversão à ordem total, trazendo a vida integral, individual e social, sob um caminho total de vida por uma completa entrega e completa obediência ao Reino. "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" Mateus 6.33.

Se buscarmos primeiramente o Reino de Deus, todas as coisas de que necessitamos nos serão asseguradas eis o penhor que temos.

O convertido que se converte ao Reino retirará de seus ganhos aquilo de que necessita e conservará o restante para, sob a direção de Deus, ser distribuído em benefício dos que dele têm necessidade. Suas próprias necessidades serão sujeitas a princípios tais como este: Cada um tem direito àquilo de essencial que o torne física, mental e espiritualmente apto para o Reino de Deus. Tudo o mais pertence às necessidades dos outros.

A base do Novo Testamento é "necessidade" - não a ganância. "E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades" (Fp 4.19). "Distribuído o

produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade" Atos 2.45. "Vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas" Mateus 6.32. "E se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles. E logo os enviará" Mateus 21.3. A necessidade é a base cristã.

Os leigos - e os ministros - seguirão seus negócios ou vida profissional com uma sensação de dedicação, dedicação ao Reino - e estarão em serviço cristão de tempo integral, usando seus negócios ou profissão como instrumentos de demonstração do Reino. Juntamente com isso sentirão que eles têm direito a ver suas necessidades e as necessidades de seus queridos dependentes supridas. Então terão o privilégio de ser mordomos do remanescente a fim de distribuir, de suprir as necessidades dos outros. Isso dará à vida total coerência e *foco*, e dar-lhe-á um senso de missão. A falsa divisão entre o secular e o sagrado será dissipada. O todo da vida será sagrado, porque empregado sem fins sagrados - em fins do Reino de Deus.

À medida que colocam seus bens materiais e seus ganhos à disposição do Reino de Deus, assim colocam seu tempo, talentos e influência a serviço do mesmo Reino. Isso inclui seu testemunho pessoal.

A conversão é conversão ao Reino de Deus.

## EPÍLOGO

Ao falar do novo nascimento e da conversão Jesus empregou uma palavra muito decisiva em ambos os casos - "Se". "Se alguém não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus". "Se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus". Será esse "se" muito dissonante, muito estreito, muito dogmático, muito importuno? Estaria Ele erguendo algo fora do coração da realidade? Estará a vida dizendo a mesma coisa? Sim - inequivocamente sim.

Lembre-se de que Stanley Hall, o psicólogo, disse: "Se a igreja permitir que isso (a conversão) se fossilize, a psicologia, quando se tornar verdadeiramente biológica, o pregará". Essa profecia proferida há uma geração passada está sendo agora cumprida - a psicologia prega isso - das necessidades profundas, sombrias da natureza humana ela proclama a conversão. A medicina prega isso também. O diretor de uma Faculdade de Medicina disse-me: "Se os ministros não podem produzir conversão, nós, os médicos, teremos que fazê-la, pois a vida assim o exige".

A necessidade de conversão se estende dos elementos mais elevados que o homem pode produzir ao extremo inferior de que é capaz o pecado - todos os altos e baixos de toda a escala da vida, toda a natureza humana necessita de conversão - não alguns - todos. Não há exceção a esse "se".

O que de melhor a religião pode produzir à parte da conversão não é suficientemente bom. A religião se subordina a esse "se não vos converterdes". Santa Teresa foi durante muitos anos uma irmã desconhecida fazendo fria e mecanicamente sua rotina de deveres e repetindo suas orações. Um dia entrou na capela como havia feito regularmente durante dez anos. Nesse dia, contudo, foi diferente. Ao se fixarem seus olhos sobre a cruz, ela compreendeu realmente o amor de Deus por ela. Caiu de joelhos, entregou-se inteiramente, e ergueu-se para começar nova vida. Suas palavras dessa época em diante foram palavras de vida. Onde as declarações de outros caíam sobre corações insensíveis que não respondiam ao apelo, as palavras dessa irmã reavivavam as almas daqueles que a ouviam. Foi o Espírito Santo que a despertou para o sentido da cruz, e foi o Espírito Santo que transformou seu ministério num instrumento vibrante e poderoso de redenção. Uma irmã devotada e dedica precisou da conversão.

Pastores cristãos devotados precisam da mesma conversão. Um jovem e zeloso ministro que, porém, se sentia abatido e vazio, passou por uma igreja com esse aviso no quadro: "Jesus Cristo está neste lugar. Tudo pode ocorrer aqui". Feriu-o. Ele entrou, ajoelhou-se diante do altar de oração e entregou sua frustração e solidão. Jesus Cristo estava naquele lugar, e o encontrou. Um novo homem saiu daquela igreja e seu ministério é agora esplendidamente fecundo.

Essa necessidade por conversão se estende dos elementos mais elevados aos piores que há. O presidente dos Alcoólatras Anônimos, sociedade que tem sido útil na redenção de dez mil alcoólatras, falando perante a Associação Psiquiátrica Americana, confessou que depois de um longo período em que ele era incapaz de abandonar o vício, pensou: "Se há um Deus Ele se revelará". "O resultado, disse ele, foi instantâneo, elétrico, indescritível. O lugar se iluminou, ofuscando pela brancura. Senti-me em êxtase e parecia que me encontrava numa montanha. Um grande vento soprou, envolvendo-me e impregnando-me. Não era de ar, mas do Espírito. Qual lampejo veio-me o pensamento tremendo: "Tu és um homem livre" . O êxtase desapareceu. Uma grande paz se apossou de mim". Era um homem livre e então começou o trabalho maravilhoso de libertar os outros.

Estive com um redator de projeção na Costa do Pacífico, e quando ele me disse que tinha sido um bêbado, mal pude acreditar. Não havia sinais disso em sua fisionomia. "Sim", disse ele, com dignidade sincera, "o álcool apossou-se do melhor que havia em mim - gradualmente tomou conta total de mim. Lutava, mas sabia que estava vencido. Fui a uma instituição para ver se a ciência poderia ajudar-me. Para essa instituição levaram um homem em condições muito precárias. Então eu disse ao médico: "Esse homem está em condições muito graves, não é?", "Sim, respondeu o médico, mas dentro de um ano ele estará bom. Mas você dentro de um ano não estará curado". Aquelas palavras percorreram meu cérebro como um ofício fúnebre. Retirei-me sob um céu estrelado naquela noite, sentindo-me abandonado e derrotado. Aí lembrei-me do que um leproso disse a Jesus: "Ó Jesus, se tu quiseres tu podes tornar-me limpo". A resposta foi rápida: "Eu quero, fique limpo". Nesse momento o poder do álcool sobre minha vida rompeu-se. Nunca mais bebi desde então. Foi-se". Aquele grande redator abriu uma gaveta de sua mesa e mostrou-me as notas que tinha para os editoriais e então abriu outra e mostrou-me a Bíblia. "Esse livro é a base de minha vida e meus editoriais".

Nada, a não ser a conversão, podia ter transformado aquela irmã e o jovem ministro, ambos dedicados e devotados elementos igualmente necessitados; nada, a não ser a conversão pode transformar o presidente da Sociedade de Alcoólatras Anônimos e aquele redator, no extremo oposto da decadência, igualmente necessitados da conversão. Nada, a não ser a conversão, pode transformar as pessoas dentro das igrejas ou fora delas que representam o grupo de permeio aos dois extremos.

A conversão converte tudo - do alcoolismo às atitudes e tudo de permeio. Não há substituto para a conversão. Se a Igreja perder seu poder de converter, perde seu direito de chamar-se cristã.

Nesta idade esfalfada, a perder-se de nervos e a voltar-se para os substitutos, chegam as boas novas da conversão de tudo para Tudo.

